



CHRISTIAN JACQ

O Faraó

NEGRO

B
BERTRAND BRASIL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O FARAÓ NEGRO

Christian Jacq

Tradução de Maria do Carmo Abreu

E a terra iluminou-se para um novo dia...

Estela de Piankhi

Os acontecimentos se desenrolam por volta de 730 a.C.

Quando viu o marido regressar do templo, a esposa do chefe da aldeia forçou-se a acreditar que trazia no ombro um saco de trigo. Na véspera, o casal de camponeses tinha festejado o aniversário da filhinha, que estava encantada com o presente que recebera: uma boneca de pano que o pai lhe fizera. Com as amigas da sua idade, brincava no meio da estrada que atravessava a Colina dos Pássaros, uma aldeia da província de Heracleópolis, no Médio Egito.

O homem atirou o saco vazio ao chão.

— Não há mais nada. Os próprios sacerdotes se arriscam a morrer de fome e os deuses não tardarão a regressar ao céu, pois ninguém pensa em respeitar as leis dos nossos antepassados. Mentira, corrupção, egoísmo: eis os nossos novos senhores.

— Dirige-te ao vizir e depois ao faraó, se for preciso!

— Já não há faraó, apenas chefes de clã que se batem entre si e pretendem exercer o poder supremo. O norte do país está sob o jugo dos príncipes líbios que se comprazem na anarquia e nas suas querelas internas.

— E o faraó negro?

— Ora, esse! Deixou um exército em Tebas para proteger a cidade santa do deus Amon, onde reina a irmã, a Divina Adoradora, e encerrou-se na sua capital, Napata, nos confins da Núbia, tão longe do Egito que já o esqueceu há muito tempo!¹

— Tenho a certeza que nos ajudará!

— Desengana-te, é incapaz disso. Embora se afirme rei do Alto e do Baixo Egito, apenas controla a sua província lá dos confins e o sul do vale do Nilo. Abandona o resto do país à desordem e à confusão.

— Era necessário preveni-lo que estamos mergulhando na miséria, que...

— É inútil — afirmou o chefe da aldeia. — O faraó negro contenta-se com o seu falso reino. Para ele, nós não existimos.

— Ainda tenho peixe seco, mas apenas para alguns dias...

— Vão considerar-me responsável pela fome. Se não encontrar uma solução, morreremos todos. Não me resta mais do que suplicar ao príncipe de Heracleópolis que nos socorra.

— Mas ele é fiel ao faraó negro!

— Se também ele me falhar, irei até mais ao norte.

A mulher agarrou-se ao marido.

— Os caminhos não são seguros, as milícias líbias prender-te-iam e cortar-te-iam o pescoço! Não, não debes partir. Aqui, na Colina dos Pássaros, estamos em segurança. Os nortistas nunca ousariam aventurar-se tão longe.

— Então, morramos de fome...

— Não, pára de receber os impostos, racionemo-nos e partilhemos o que nos resta com as outras aldeias! Assim, aguentar-nos-emos até à cheia.

— Se for má, estamos condenados.

— Não desesperes, rezemos dia e noite à deusa das colheitas.

O homem olhou ao longe.

— Que futuro nos resta? Os tempos felizes desapareceram para sempre e viver tornou-se um fardo. Como podemos acreditar nas promessas dos homens de poder? Só têm como objetivo o enriquecimento pessoal e as suas belas palavras só a eles próprios seduzem.

As garotas brincavam com as bonecas, num universo maravilhoso de que só elas possuíam a chave. Ralhavam e tornavam a ralar, porque as marotas das bonecas desobedeciam constantemente.

A camponesa sorriu.

Sim, a esperança existia. Existia nos risos das crianças e na sua instintiva recusa da tristeza. O vento do norte levantou-se, arrastando uma nuvem de pó que cobriu o limiar das casas. Com o olhar triste, o chefe da aldeia sentou-se num banco de pedra colocado em frente da parede da sua casa.

No instante em que a mulher agarrou numa vassoura, o solo tremeu.

Um ruído surdo, ainda distante, vinha da estrada de Mênfis, a cidade mais populosa do país e o seu principal centro econômico. Mênfis ignorava o medíocre reinado do faraó negro e adaptava-se cada dia mais à ocupação líbia.

Formando uma roda, as garotinhas explicavam às bonecas que tinham que ser muito obedientes para crescerem e usarem lindos vestidos.

Uma nova nuvem de pó subiu até ao céu e o ruído surdo transformou-se num estrépito semelhante ao que seria provocado pela carga de uma manada de touros enfurecidos.

A camponesa avançou, olhando para norte, mas ficou encandeada. Os raios do sol refletiam-se em superfícies metálicas que os transformava numa luz branca que cegava.

— Carros, — constatou o chefe da aldeia, saindo do seu torpor. — Carros, soldados com capacetes e couraças, escudos, lanças...

Vindo do Delta, o exército nortista abatia-se sobre a Colina dos Pássaros.

A camponesa gritou, mas as miúdas não a ouviram, porque o galope dos cavalos e o chiar das rodas dos carros cobriram a sua voz.

Intrigadas por fim, as crianças voltaram a cabeça na direção dos invasores sem verem o chefe da aldeia e a esposa correrem para elas gritando-lhes que se refugassem no palmar.

Fascinadas por aquela vaga furiosa, irreal, apertaram as bonecas ao peito.

E a vaga passou, esmagando crianças e adultos apanhados pelas rodas dos carros e as patas dos cavalos, primeiras vítimas de Tefnakht, chefe da coligação líbia do Norte cujos soldados de infantaria massacraram o resto dos habitantes da Colina dos Pássaros e queimaram as pequenas casas brancas.

O que importavam alguns cadáveres, quando se preparava para se tornar senhor das Duas Terras, o Baixo e o Alto Egito? Para o general Tefnakht, chegara a hora de esmagar o faraó negro.

Tefnakht e, reconhecido como o grande chefe dos líbios, soberano do oeste do Delta, administrador dos domínios do Baixo Egito, estendeu o mapa do Médio Egito desenhado num papiro de primeira qualidade.

— Mênfis é nossa, — declarou perante a assembléia dos confederados do Norte — Conquistamos El-Lisht e aproximamo-nos da cidade de Heracleopólis. Meus amigos, o nosso avanço foi fulminante! Não vos tinha predito esta série de vitórias? Para ir mais longe, temos de reforçar a nossa aliança. É por isso que vos peço que me nomeiem chefe de todo o país.

Originário de Saís, no Delta, Tefnakht era um homem robusto, de olhos negros muito vivos, profundamente enterrados nas órbitas. Pouco atraente e ossudo, o seu rosto traduzia uma vontade orgulhosa; uma profunda cicatriz, recordação de um combate feroz corpo a corpo, marcava-lhe a testa.

Tefnakht infundia medo desde a adolescência. Habitado a comandar, não suportava nem os indecisos nem os medrosos, mas fora obrigado a aprender a ser menos inflexível com os que pretendiam ser seus aliados. No entanto, disfarçava mal a sua impaciência e tivera que mostrar-se ameaçador para arrastar os príncipes do Norte a uma guerra de reconquista do Sul.

Akanosh enfrentou Tefnakht como porta-voz dos chefes das tribos líbias que reinavam nas províncias do Delta depois de as terem invadido. Tal como os seus compatriotas, tinha os cabelos de comprimento médio trançados, com uma pluma de avestruz espetada, e o queixo era adornado por uma fina barba pontiaguda. Pulseiras nos punhos, tatuagens guerreiras representando arcos e punhais nos braços e no peito. Akanosh envergava um longo manto vermelho preso no ombro esquerdo e adornado com motivos florais e cuidava da sua elegância. Com sessenta anos, ter-se-ia contentado de boa vontade com o poder que exercia sobre o seu território de Sebennytos, mas deixara-se convencer a participar na aventura militar defendida por Tefnakht.

— Felicitamos-te por nos teres conduzido até aqui, — disse Akanosh num tom calmo — mas a cidade de Heracleopólis é fiel ao nosso inimigo, o núbio Piankhi, que se considera o verdadeiro soberano do Egito. Até agora não reagiu porque o nosso ataque o apanhou de surpresa.

— O faraó negro vegeta no seu longínquo Sudão, a centenas de quilómetros daqui!

— É verdade, mas as suas tropas estacionadas em Tebas não tardarão a intervir.

Tefnakht sorriu.

— Consideras-me um pobre de espírito, meu amigo? É evidente que, mais cedo ou mais tarde, receberão ordem para atacar. Mas não estamos preparados para as enfrentar?

Akanosh fez má cara.

— Alguns de nós consideram que a nossa aliança é frágil... És um verdadeiro chefe de guerra, Tefnakht, mas somos vários a exercer uma forma de soberania que desejamos manter. Ir mais longe poderia conduzir-nos à ruína.

— Será o imobilismo que nos arruinará e privará de todo o poder! Tornar-se-á necessário descrever o caos em que nos encontrávamos antes de eu encabeçar esta coligação?

Quatro pseudo-faraós no Delta e uma boa dezena de pretendentes ao trono! O mais insignificante chefe de tribo considerava-se um monarca absoluto e todos se sentiam satisfeitos

com essa anarquia entrecortada por confrontos sangrentos.

— É verdade — reconheceu Akanosh — e tu devolveste-nos a noção da honra... Mas é preciso saber manter a razão. Visto que presentemente possuímos metade do país, não será conveniente que repartamos os territórios conquistados em vez de correremos riscos insensatos?

Tefnakht sentiu desejos de estrangular o cobarde, mas conseguiu conter a sua fúria. Ainda não dispunha de forças armadas suficientes para agir sozinho e tinha que transigir com aquele bando de bárbaros de vistas curtas.

— Compreendo a tua prudência, Akanosh. Até hoje, mantínhamo-nos no norte do país e deixávamos o Sul para Piankhi, considerando o Médio Egito como uma zona neutra. Para gozar de felicidade e prosperidade, o Egito deve estar unido e governado por um autêntico faraó. Pensar que possamos continuar a viver divididos é um erro fatal. Perderemos o que possuímos! Não existe outra solução a não ser a conquista do Sul e a eliminação das tropas do faraó negro.

— É essa a tua opinião e respeito-a, Tefnakht. Mas tens perante ti diversos soberanos independentes que dirigem os seus principados como muito bem entendem.

— Por que hão de contestar a minha a autoridade, quando estamos no caminho de uma grande vitória?

— Uniste-nos numa federação, — admitiu Akanosh — mas não te foi concedido o poder supremo. Queríamos tentar uma experiência, sair do Delta, apoderarmo-nos de Mênfis que caiu nas nossas mãos como um fruto maduro e conquistar algumas províncias do Médio Egito. Tendo conseguido o resultado esperado, não deveremos contentar-nos com ele?

— Tefnakht ordenou ao seu escanção que servisse cerveja forte aos príncipes líbios. A maior parte deles apreciaram essa diversão, mas Akanosh recusou-se a beber.

— Vencemos sem combater — lembrou. — As aldeias que atravessamos não podiam opor-nos a menor resistência. Heracleópolis é uma cidade fortificada que será defendida por uma guarnição formada por soldados experientes. A quantos homens se elevarão as nossas perdas e estaremos todos de acordo para consentir em semelhante sacrifício?

— É esse o preço de uma conquista — declarou Tefnakht. Negá-lo seria mentir, mas recuar seria uma derrota.

— Desejamos refletir e discutir o assunto.

Tefnakht ocultou a sua decepção. As reuniões dos chefes líbios perdiam-se sempre em palavreados intermináveis que não conduziam a nenhuma decisão concreta.

— Nesse caso, respondam claramente à minha pergunta: concedeis-me ou não plenos poderes para empreender a conquista de todo o Egito?

Akanosh ergueu-se e retirou-se para a sua tenda, seguido pelos outros chefes líbios. Iniciava-se para Tefnakht uma longa espera.

Enraivecido, quebrou o ramo baixo de uma tamargueira cujos pedaços atirou para longe. Depois, seguiu em passo apressado até à sua própria tenda onde o esperavam os seus dois inseparáveis conselheiros, Yegeb e Nartreb, dois semitas que formavam um estranho par.

Yegeb era grande, tinha braços intermináveis, um rosto todo em comprimento e tornozelos inchados; Nartreb era pequeno, gorducho, tinha os dedos das mãos e dos pés gordinhos como os de um bebê, um rosto redondo e pescoço forte.

Astuto e calculista, mais velho do que Nartreb, Yegeb dava-lhe os conselhos de que

necessitava para agir, visto que o seu cúmplice dispunha de uma energia inesgotável e não hesitava em utilizar fosse que meio fosse para enriquecer. Embora tão corrupto como Nartreb, Yegeb afirmava constantemente a sua perfeita honestidade; vestia-se com roupas velhas, comia pouco e pretendia ser muito desligado das coisas materiais. Uma única paixão o dominava: o gosto pela manipulação e pelo poder oculto. Com o apoio de Nartreb, incitava Tefnakht a tornar-se o soberano incontestado das Duas Terras, convencido que os recompensaria se tal acontecesse.

— Corre tudo bem? — perguntou Nartreb, ocupado a mastigar uma haste de papiro.

— Aqueles imbecis decidiram discutir — revelou Tefnakht.

— Não podia acontecer nada pior — reconheceu Yegeb, coçando o nariz. — O resultado das deliberações não oferece qualquer dúvida: a ofensiva será interrompida e regressaremos ao norte.

— Qual é a vossa proposta?

— Há muitos anos que aprendemos a conhecer esses medíocres déspotas líbios e não nos faltam meios de ação.

— Utilizem-nos — ordenou Tefnakht.

O jovem núbio mergulhou no Nilo em perseguição dos búfalos que brincavam na corrente e corriam o perigo de se afogar. Era pelo menos o que Puarma tinha declarado, com convicção, para as deslumbrar, a três lindíssimas moças, de pele acobreada. Nuas, preparavam-se para se deliciarem numa bacia natural, entre dois rochedos, quando os búfalos cheios de calor galoparam para o rio. Pertenciam a um primo de Puarma, decidido a apanhar os fugitivos sob o olhar das moças fascinadas.

Musculoso, excelente nadador, o rapaz tinha a intenção de conquistar todas três. Visto que não tinham fugido, isso não equivalia a dar o seu consentimento de forma implícita?

No entanto, a rude região da quarta catarata do Nilo não fazia sonhar com o amor. Correndo surpreendentemente de nordeste para sudoeste, o rio exibia a sua força selvagem, abrindo com dificuldade passagem por entre os blocos de granito ou de basalto e as ilhotas inóspitas que tentavam travar o seu curso. Nas margens hostis, a areia e as pedras concediam apenas um pequeno espaço para as fracas culturas; e os ueds² que penetravam no deserto ficavam secos durante quase todo o ano. Vigorosas palmeiras-tamareiras agarravam-se a encostas abruptas que, aqui e além, se transformavam em falésias escuras.

Para os viajantes que passavam na região da quarta catarata, esta revelava-se como uma antecâmara do inferno. Mas Puarma vivera naquela solidão uma infância maravilhosa e conhecia o menor recanto daquele labirinto rochoso.

Com perfeito controle, atraiu os búfalos para uma espécie de canal onde poderiam refrescar-se em perfeita segurança.

— Venham!, — disse ele às três beldades. — Já não há perigo nenhum!

Elas consultaram-se com o olhar, trocaram algumas frases risonhas e depois saltaram com agilidade de rocha em rocha para se irem juntar ao rapaz.

A mais audaciosa saltou para o dorso de um búfalo e estendeu os braços em direção de Puarma. Quando ele tentou agarrá-la, recuou e deixou-se cair para trás. Nadando por baixo de água, as duas companheiras agarraram o rapaz pelas pernas e puxaram-no para si antes de voltarem à superfície.

Encantado por tornar-se seu prisioneiro, Puarma acariciou um seio admirável e beijou uns lábios ardentes. Nunca agradeceria suficientemente aos búfalos do seu primo por terem tido a idéia de fugir.

Entregar-se aos jogos do amor com uma jovem núbia flexível como uma liana era um momento de graça, mas tornar-se o brinquedo de três amantes ávidas e inventivas assemelhava-se a um impossível paraíso... Na água, Puarma fingiu lutar para conservar uma relativa autonomia mas, quando elas o arrastaram para a margem, cessou qualquer resistência e abandonou-se aos seus mais audaciosos beijos.

De repente, a que se tinha estendido em cima dele soltou um grito de susto e levantou-se. As duas companheiras imitaram-na e todas três debandaram como gazelas.

— Mas o que é que vos deu?... Voltem!

Despeitado, Puarma levantou-se por sua vez e voltou-se.

Em pé sobre um rochedo que dominava o ninho de amor estava um colosso de um metro e

noventa, com a pele de um negro de ébano que brilhava sob o sol ardente. Com os braços cruzados, usando um saiote de linho branco imaculado, o pescoço adornado por um fino colar de ouro, o homem tinha um olhar de rara intensidade.

Puarma ajoelhou e tocou com a testa no solo. — Vossa Majestade... Ignorava que estáveis de regresso.

— Veste-te, capitão dos arqueiros.

Puarma era um valente que não hesitava em bater-se a um contra dez, mas suportar o olhar do faraó negro ultrapassava as suas forças. Tal como os outros súbditos de Piankhi, sabia que uma força sobrenatural animava o soberano e que só ela lhe permitia reinar.

— Majestade... Estará prestes a rebentar algum conflito?

— Não, sossega. A caça foi excelente e decidi regressar mais cedo do que estava previsto.

— Piankhi tinha o costume de meditar naquele caos rochoso de onde contemplava o seu isolado país que tanto amava. Rude, hostil, secreta, aparentemente pobre, a Núbia profunda, tão distante do Egito, formava almas fortes e corpos vigorosos. Aqui se celebravam todos os dias as núpcias do sol e da água, aqui soprava um vento violento, ora glacial ora ardente, que modelava a vontade e tornava os seres capazes de enfrentar as provações quotidianas.

Embora tivesse o título de rei do Alto e do Baixo Egito, Piankhi não saía da sua capital, Napata. Coroado aos vinte e cinco anos, o faraó negro reinava há vinte anos, consciente das fraturas políticas e sociais que tornavam o Egito fraco como uma criança. No Norte, os ocupantes, os guerreiros líbios, digladiavam-se constantemente para conseguirem mais poder; no Sul, a cidade santa de Tebas, onde estavam instaladas as tropas núbias, encarregadas de proteger o domínio do deus Amon contra qualquer agressão. Entre o Norte e o Sul, o Médio Egito, com dois fiéis aliados do faraó negro, os príncipes de Heracleopólis e de Hermopólis. Bastava a sua presença para dissuadir os nortistas de saírem da sua zona de influência.

É verdade que esta situação não agradava a Piankhi. Mas contentava-se com o bem-estar de Tebas e com o embelezamento da sua própria capital onde mandara construir um soberbo templo em glória de Amon, verdadeira réplica do seu santuário de Karnak. Ser um construtor, seguindo o exemplo dos grandes monarcas do passado, era a única ambição de Piankhi. E os deuses tinham-lhe oferecido uma terra mágica onde a voz de Maât, a deusa da justiça e da verdade, continuava a fazer-se ouvir. Bater-se-ia até ao limite das suas forças para preservar esse tesouro.

— Tens treinado os teus homens ultimamente?

— Com certeza, Majestade! Os meus arqueiros estão sempre em pé de guerra. Caso contrário, amolecem. Ordena e combateremos!

Piankhi apreciava a coragem de Puarma. E este último estava convencido que aquele encontro nada tinha a ver com o acaso.

— Majestade... Devemos preparar-nos para um conflito?

— Não... Ou, pelo menos, não sob a forma que imaginas. O inimigo nem sempre ataca onde esperamos. Na minha própria capital, há quem deseje que eu me ocupe menos dos deuses e mais dos seus privilégios. Reúne os teus homens, Puarma, e coloca-os em estado de alerta.

O capitão dos arqueiros curvou-se perante o seu rei e partiu a correr para Napata, enquanto Piankhi continuava a contemplar a paisagem atormentada da catarata. Da fúria das águas e da eternidade implacável da rocha, o faraó negro absorvia a energia indispensável para cumprir a

sua missão.

A felicidade... Sim, Piankhi tinha a sorte inestimável de saborear a felicidade. Uma família feliz, um povo que comia o que queria e se alimentava também dos dias tranquilos que se escoavam ao ritmo das festas e dos rituais. E ele, o faraó negro, tinha o dever de preservar essa serenidade.

A pureza do ar tornava perceptível o menor ruído. E Piankhi conhecia bem aquele: o choque regular dos cascos de um burro no carreiro. Um burro que transportava Cabeça-fria, escriba de elite e conselheiro de Piankhi. Um burro que se alegrava por ter um dono leve, dado que Cabeça-fria era um anão de rosto severo e busto admiravelmente proporcionado.

O escriba habitualmente não se afastava do seu gabinete, o centro administrativo da capital. Se tinha empreendido aquela viagem, a razão devia ser séria.

— Até que enfim que vos encontro, Majestade!

— O que se passa?

— Um acidente no estaleiro, Majestade. Um acidente grave.

Dominando Napata, a capital do faraó negro, os mil metros da montanha pura, o Gebel Barkal, abrigavam o poder invisível do deus Amon, “o Oculto”, que estava na origem de toda a criação.

Situada quinze quilômetros para jusante da quarta catarata e rodeada de desertos, Napata encontrava-se no entanto no meio de uma planície fértil à qual iam dar diversas pistas de caravanas. Desta forma, os súditos de Piankhi não tinham falta nem de produtos de primeira necessidade, nem de iguarias requintadas, nem mesmo de artigos de luxo.

Mas os caravaneiros não estavam autorizados a instalar-se em Napata, a não ser que mudassem de profissão. Apenas eram admitidos para uma breve estadia, o tempo de vender as suas mercadorias e repousar um pouco. Todos sabiam que Piankhi dispunha de imensas riquezas, mas eram reservadas para o embelezamento dos templos e manutenção do bem-estar da população. Os raros casos de corrupção tinham sofrido pesadas penas, indo até à condenação à morte. O faraó negro não tolerava as faltas graves à regra de Maât e muito poucos imprudentes se arriscavam a sofrer a sua cólera.

Montanha isolada em pleno deserto, o Gebel Barkal fascinava Piankhi desde a infância. Quantas horas tinha passado junto das falésias abruptas que dominavam a margem direita do Nilo! Com o correr dos anos, formara-se no seu coração um projeto insensato: fazer falar a montanha pura, talhar o pico isolado, num dos seus ângulos, para fazer dele o símbolo da monarquia faraônica.

O empreendimento apresentava-se como perigoso, mas Piankhi entregava-se a ele há dois anos com a colaboração de voluntários. Como o pico estava separado da massa da montanha por uma ravina com a largura de doze metros e a profundidade de sessenta, fora necessário escavar buracos na rocha para enfiar traves e montar um gigantesco andaime com o auxílio de aparelhos de elevação rudimentares mas eficazes.

Seguindo as indicações do faraó mestre-de-obra, os escultores, sentados em estreitas plataformas, tinham talhado o pico do Gebel Barkal De leste, as pessoas julgavam ver um enorme uraeus³, a cobra fêmea erguida e adornada com a coroa branca; de oeste, a coroa vermelha e o disco solar.

No extremo do cume tinha sido gravada uma inscrição hieroglífica em honra de Amon. Um ourives fixara também um painel coberto de folhas de ouro para refletir a luz da madrugada e evidenciar de forma deslumbrante, todas as manhãs, o triunfo da luz sobre as trevas. Por baixo do painel, um nicho guardava uma serpente uraeus em ouro.

Os trabalhos estavam a chegar ao fim e tinham sido içados os últimos cestos de pedras e argamassa destinados a modelar a montanha para lhe dar o aspecto pretendido.

— Conta-me o que se passou — pediu Piankhi a Cabeça-fria.

— Um escultor quis contemplar a sua obra de perto e não respeitou as regras de segurança. A meia altura, escorregou numa viga.

— Queres dizer...?

— Morreu, Majestade. E o seu assistente não é melhor do que ele: lançando-se de forma estúpida em socorro do patrão, foi dominado pelas vertigens e não pôde fazer um gesto.

Piankhi ergueu os olhos e viu um rapaz encostado à parede, com as mãos agarradas a uma saliência e os pés apoiados num pedaço de rocha friável. Para avançar mais depressa, o rapaz não tinha seguido pelo caminho formado por escadas e cordas, julgando-se capaz de escalar a parede com as mãos nuas. Quando vira o escultor cair, fora invadido pelo pânico. Impotentes, com os braços caídos, os seus camaradas esperavam o desenlace fatal.

— Que idade tem esse rapaz? — perguntou Piankhi.

— Dezessete anos.

— Quanto pesa?

— Não sei exatamente, — confessou Cabeça-fria — mas é um magricela.

— Escolhe dois homens para me acompanharem.

— Majestade, não ides...

Por cima dele as paredes aproximam-se.

— Se conseguir arranjar uma posição estável e agarrar-lhe a mão, tem uma hipótese de sobreviver.

Cabeça-fria tremia.

— Majestade, em nome do reino, suplico-vos que não correis semelhante risco!

— Considero-me responsável pela vida desse rapaz. Vamos, não há um segundo a perder.

Dois talhadores de pedra de ombros fortes e pés seguros precederam Piankhi subindo a escada estreita que conduzia à primeira plataforma, formada por sólidas vigas de madeira de acácia.

— Aguenta-te — disse Piankhi com uma voz forte que ressoou por toda a Montanha sagrada. — Já vamos aí!

O pé esquerdo do assistente de escultor deslizou e ficou por instantes suspenso no vácuo. Com um esforço de que já não se julgava capaz, o rapaz reencontrou o equilíbrio e conseguiu encostar-se de novo à parede.

— Tenho que subir mais — considerou o rei.

— Deveis utilizar esta corda com nós, Majestade — disse um dos talhadores de pedra.

Piankhi trepou sem dificuldade e imobilizou-se numa saliência, por cima do infeliz cujos dedos começavam a ficar roxos à força de se agarrar ao rochedo.

O monarca estendeu o braço direito, mas faltava-lhe ainda cerca de um metro para atingir aquele que pretendia salvar de uma morte horrível.

— Uma escada! — exigiu o monarca.

Os dois talhadores de pedra ergueram uma. Era tão pesada que todos os seus músculos se contraíram. Isso significava que aquilo que Piankhi tencionava fazer exigiria uma força hercúlea: colocar a escada em posição horizontal e encaixá-la entre as duas paredes.

Lentamente, com uma concentração extrema, os dedos crispados no degrau central, o rei fê-la girar. Quando uma das extremidades tocou na rocha, soltaram-se alguns fragmentos que passaram a raspar a cabeça do rapaz, o qual soltou um grito abafado.

— Aguenta-te, rapaz!

A escada estava encaixada.

Piankhi avançou pela passarela improvisada; a madeira gemeu. Um dos degraus teve um rangido sinistro, mas suportou o peso do atleta negro. Com agilidade, este estendeu-se sobre a escada.

Estou muito perto de ti, meu rapaz. Vou estender o braço, tu vais agarrar o meu pulso e vou içar-te para esta escada.

— Não... não agüento mais!

— Tens de voltar-te para veres o meu braço.

— É impossível... Impossível!

— Respira calmamente, concentrando-te na respiração, apenas na respiração, e gira sobre ti mesmo.

— Vou esmagar-me no chão, vou morrer!

— Principalmente, não olhes para baixo mas apenas para cima, para o meu braço estendido! Está mesmo por cima da tua cabeça.

A escada gemeu de novo.

— Gira sobre ti mesmo e volta-te! — ordenou Piankhi em tom imperioso.

Tetanzado, sem respiração, o assistente do escultor obedeceu. Desajeitados e incertos, os pés deslizaram contra sua vontade.

No instante em que ia encontrar-se face ao vácuo, o jovem escorregou.

De olhos esbugalhados, oscilou no abismo.

Estendendo-se até quase deslocar o ombro, Piankhi conseguiu agarrar o pulso esquerdo do rapaz.

O choque foi violento, mas o rei conseguiu içá-lo para escada.

— Majestade... — murmurou ele com dificuldade, desfazendo-se em lágrimas.

— Se fosses mais pesado, meu filho, estaríamos os dois mortos. Condeno-te a trabalhar um mês com as lavadeiras por teres violado as regras de segurança.

Na base do pico, os camaradas do rapaz que acabara de ser salvo felicitaram-no, depois de terem aclamado o rei.

Cabeça-fria continuava a parecer pouco satisfeito.

— O rapaz está vivo, não é o essencial?

— Não vos disse tudo, Majestade.

— O que há mais?

— Devo confirmar-vos os meus receios; alguns membros da vossa corte, e não dos menos importantes, põem em causa a vossa legitimidade.

O faraó negro ergueu os olhos para o pico do Gebel Barkal.

— Como vê, Cabeça-fria, esta obra sobreviver-me-á. Só o que está gravado numa pedra viva atravessará os anos.

Convencido que o rei não detectara a gravidade das suas informações, o escriba julgou seu dever insistir.

— Não se trata de recriminações vulgares, Majestade, mas de um verdadeiro ataque contra a vossa pessoa. Para ser franco, julgo mesmo que uma das vossas esposas secundárias está metida nisto.

— Temos de nos preocupar com tanta mediocridade?

— O caso é sério, Majestade.

Cabeça-fria merecia o seu nome. A sua perseverança provava que não tinha investigado superficialmente.

— Perder o meu trono... Será assim tão catastrófico?

— Para o vosso povo e para o vosso país, sim! O que se prepara para vos suceder não tem as mesmas preocupações que o vosso pai e vós mesmo. Só sonha apoderar-se do ouro da Núbia e gozar a sua fortuna.

O argumento tocou Piankhi. Importava-lhe pouco retirar-se, mas ver destruir a obra de várias gerações era-lhe insuportável.

— Vou ao templo. O meu pai Amon guiar-me-á.

Cabeça-fria teria preferido que o monarca reunisse a corte o mais rapidamente possível e cortasse a direito com a sua autoridade habitual. Mas sabia que o soberano não voltaria atrás na sua decisão.

Construído no sopé da Montanha Pura e sob a sua proteção, o templo de Amon era o orgulho do faraó negro. Longe de Tebas, tinha reconstituído o domínio do senhor dos deuses: uma álea de carneiros, encarnação de Amon, um primeiro pilone cujos dois maciços simbolizavam o Ocidente e o Oriente, um primeiro pátio de colunas onde eram recebidos os dignitários na altura das festas, um segundo pilone, uma segunda sala de colunas, depois o templo coberto rodeado de capelas e terminando no santuário onde apenas o faraó podia penetrar para abrir de madrugada as portas do naos que continha a estátua divina, expressão concreta do seu poder imaterial. Piankhi saudava-a, perfumava-a, renovava os tecidos que a cobriam, oferecia-lhe a essência dos alimentos e tornava a colocá-la no interior da pedra primordial, no coração do mistério da origem.

Durante a tarde, o templo estava mergulhado em silêncio. Os ritualistas limpavam os objetos de culto nos gabinetes que lhes eram reservados e as figuras divinas gravadas nas paredes dialogavam entre si.

Um sacerdote de Karnak ter-se-ia julgado em casa se tivesse penetrado no domínio sagrado pacientemente construído por Piankhi e que este embelezava constantemente a fim de honrar a memória dos prestigiosos faraós que tinham trabalhado aqui, em Napata, para fazer brilhar a mensagem de Amon. No interior do templo estavam conservadas as esteias de Tutmósis m, o modelo do faraó negro, e de dois outros reis do Egito que ele venerava, Seti I e Ramsés II. Para

ele, esses três monarcas encarnavam a grandeza das Duas Terras, em harmonia com a vontade divina, e tinham exercido a função suprema com um rigor e um amor incomparáveis. E o pequeno santuário de Tutankhamon tinha sido piedosamente conservado, tal como as estátuas dos deuses cuja presença era garante da transmissão do espírito.

À medida que se avançava para o interior do templo, o espaço reduzia-se e a luz diminuía, até se concentrar no naos cuja claridade secreta só era visível para os olhos do coração. O mistério da vida nunca seria explicado, mas podia ser vivido e partilhado.

Piankhi imobilizou-se em frente de um enorme leão de calcário, cujos traços eram de uma extrema delicadeza. Na Núbia, Amon gostava de tomar a forma dessa fera, porque o nome do leão em hieróglifos era mai, “aquele que vê”. E nem o homem que se escondia no canto de um compartimento escuro escapava ao olhar do Criador. Na base da estátua, uma inscrição: “O deus que reconhece o seu fiel, Aquele cuja aproximação é doce e vem ao encontro do que a implorou”.

Por cima da fera de pedra, um baixo-relevo evocava a oferenda do arco.

O senhor divino abra o caminho: era necessário continuar a lutar.

O fim da tarde era de uma inefável doçura. Era o momento em que os pastores tocavam flauta, em que os escribas pousavam os pincéis, em que as donas de casa concediam finalmente repouso a si próprias, contemplando o sol poente. A faina terminava, as fadigas do dia eram esquecidas durante esses instantes mágicos que os velhos sábios consideravam a expressão da plenitude.

Quando Piankhi penetrou no quarto da sua esposa principal, mergulhado na obscuridade, julgou a princípio que ela estava ausente; depois viu-a na varanda, absorvida pelo espetáculo único e sempre renovado que lhe ofereciam os últimos clarões do astro da vida.

Com trinta e cinco anos, Abilé estava no auge do seu esplendor. Alta, esguia, de rosto ovalado semelhante ao de Nefertiti e pele acobreada, tinha um porte real. Piankhi afastara as pretendentes oficiais para desposar aquela filha de um sacerdote sem fortuna mas especialista dos rituais egípcios e que soubera transmitir-lhe os seus conhecimentos.

O tempo não tinha qualquer efeito sobre a suntuosa núbia. Pelo contrário, a maturidade embelezara-a e aperfeiçoara-a e as mais belas sedutoras de Napata tinham renunciado a desafá-la.

Como única indumentária, Abilé envergava uma longa camisa de linho transparente. Soltara os cabelos perfumados e deixava que os últimos fulgores do poente dançassem sobre o seu corpo de deusa.

Quando a noite se estendeu sobre o reino de Piankhi, voltou-se para vestir mais qualquer coisa. Foi então que o viu.

— Estás aqui há muito tempo?

— Não ousei interromper a tua meditação.

Tomou-a apaixonadamente nos braços, como se tivessem estado separados há longos meses. Mesmo que estivesse furiosa com ele, Abilé não teria conseguido resistir à sua magia. Sentir-se protegida, amada por aquele rei simultaneamente forte e sensível, enchia-a de uma alegria que as palavras não eram capazes de descrever.

— A caçada foi boa?

— A corte não terá falta de carne... Mas isso não a impedirá de murmurar.

— Tens receio dela?

— Quem negligenciar uma conspiração não merecerá reinar.

Abilé pousou a face no ombro de Piankhi.

— Uma conspiração... É assim tão grave?

— Estará a rainha do Egito mal informada?

— Julgava que esses rumores não tinham fundamento.

— Não é a opinião de Cabeça-fria.

— Cabeça-fria... Dás sempre ouvidos aos conselhos desse escriba?

— Censuras-me por isso?

Abilé afastou-se de Piankhi.

— Tens razão, meu amor. Cabeça-fria não te trairá. Uma das tuas esposas secundárias, alguns sacerdotes invejosos, uma dezena de cortesãos estúpidos e um ministro demasiado ambicioso... Como levá-los a sério, quando reinas há vinte anos e o mais humilde dos teus súditos se deixaria matar por ti!

— A vaidade é um veneno incurável, Abilé. Conduz à pior das mortes, a da consciência.

— O que tencionas fazer?

— Implorei a Amon que iluminasse o meu caminho e ele respondeu-me.

A noite estava amena e Tranan, o diretor do Tesouro, saboreava a sua boa sorte. Sentado por baixo da palmeira mais alta do seu jardim, via aproximar-se o triunfo. Aos cinquenta e quatro anos, ocupava um dos postos mais em evidência do governo de Piankhi e vivia numa magnífica Villa no centro da cidade que um rico nobre tebano não teria desdenhado. Esposo feliz, pai de cinco filhos, tinha feito toda a sua carreira na administração de Napata e deveria satisfazer-se com a sua confortável situação.

Mas era um dos raros dignitários a conhecer os verdadeiros recursos do reino de Piankhi, cuja pobreza era apenas aparente. Modestas culturas ao longo do Nilo, produtos da pesca e da caça, tâmaras... O inventário das riquezas naturais fazia-se depressa e podia-se concluir que Napata era a capital de uma região miserável.

Seria esquecer a maravilha que o país núbio oferecia ao seu soberano: o ouro. Um ouro abundante e de bela qualidade. Se outrora os reis do Egito tinham colonizado a Núbia, fora com a intenção de se apoderarem do precioso metal.

Atualmente, era o soberano negro que exercia a sua soberania sobre a exploração mineira e que possuía a totalidade da produção: assim eram suprimidas rivalidades e cobiças. Mas como utilizava Piankhi essa fortuna colossal? Dava-a ao templo de Amon e servia-se dela para prover ao bem-estar da população.

O diretor do Tesouro já não suportava aquela política. Um soberano que se esquecia de enriquecer era um fraco que, mais cedo ou mais tarde, merecia ser eliminado. No seu lugar, Tranan teria dado ao povo o mínimo e levado uma grande vida em companhia dos seus próximos. Como a mulher começava a envelhecer, proporcionaria a si próprio jovens cortesãs e viajaria muito para ser admirado por príncipes estrangeiros durante faustosos banquetes.

Com Piankhi, o futuro estava bloqueado. Agarrado à sua Montanha Pura, ao seu templo de Amon e à sua capital, o faraó negro não tinha espírito empreendedor nem qualquer sentido comercial. Chegara a hora de proceder a uma mudança radical de política.

O mordomo de Tranan trouxe-lhe uma taça de vinho fresco e bolos de mel.

— A vossa esposa espera-vos para o jantar, senhor.

— Ela que jante com as crianças e não me aborreça. Quando o meu visitante chegar, trá-lo para a sala de massagens e que ninguém nos interrompa.

Tranan não podia agir só. É verdade que tinha o apoio de alguns cortesãos, mas farejariam o chão em frente de Piankhi se este elevasse a voz. Em contrapartida, uma das esposas secundárias, posta de parte pelo seu real esposo, sonhava vingar-se e estava suficientemente enraivecida para querer satisfazer a sua paixão destruidora. E Tranan disporia de um apoio ainda mais precioso: o do obeso personagem que acabava de entrar na sala de massagens.

Coberto de colares e de anéis de ouro maciço, Otokou pesava cento e sessenta quilos e mesmo mais depois das suas orgias de carnes, molhos espessos e pastéis de creme. Até a sua túnica era bordada de ouro e ninguém tinha o direito de lhe tocar sob pena de receber uma pancada fatal da sua maça de ouro. É que Otokou era o chefe da mais longínqua tribo da Núbia a maior parte de cujos membros se ocupava da extração de ouro de primeira qualidade de uma gigantesca mina. Há já muito tempo que jurara felicidade ao faraó negro. Com o tempo, o seu juramento perdera o brilho.

Tendo em consideração o caráter colérico de Otokou, o diretor do Tesouro tinha-o abordado por meio de pequenos toques, com a mais extrema prudência, para conquistar progressivamente a sua confiança. Felizmente, o obeso apreciava presentes, em particular os cofres de madeira de ébano e as echarpes de lã que enrolava no pescoço de touro quando as noites refrescavam. A verdadeira tentação de Otokou eram as massagens. Durante várias horas por dia, entregava o corpo rotundo a mãos hábeis que o faziam estremecer de bem-estar. Quando Tranan lhe contara que tinha acabado de contratar uma massagista de notável talento, o obeso não descansara enquanto não a conhecesse.

O costume da sua tribo exigia que Otokou não pousasse o pé em terra na presença de um inferior. Como o seu único superior era o faraó negro, o obeso foi introduzido em casa de Tranan numa cadeira de madeira dourada transportada com dificuldade por quatro robustos rapagões.

— A vossa visita honra-me ao mais alto ponto, senhor Otokou declarou Tranan, que sabia a importância que o seu visitante dava aos sinais de consideração.

— Tanto melhor, tanto melhor... Tenho dores nas costas. Ocupem-se de mim imediatamente.

Era necessário subir três degraus que exigiram um rude esforço dos transportadores. Foi com uma certa graça, comparável à de um elefante a ajoelhar-se, que o seu senhor conseguiu deitar-se de barriga para baixo, enquanto um servidor lhe colocava uma almofada dourada por baixo do estômago.

— Onde está essa massagista que me prometeste?

— Ei-la, senhor.

Uma frágil síria, de cabelos curtos alourados, trepou para os rins do obeso e, com mão ágil, espalhou sobre a massa de carne um óleo morno e perfumado.

— O que é esta delícia? — perguntou Otokou, agradavelmente surpreendido.

— Óleo de festa proveniente de Tebas, senhor. Disseram-me que acalmou as dores de Ramsés o Grande em pessoa.

Ágeis e precisas, as pequenas mãos da massagista desfizeram uma a uma as contrações musculares do gordo, que resmungou de contentamento.

Tranan não quis interromper o tratamento. Não ficava Otokou a ser seu devedor?

— Perfeito, pequena, perfeito. Vão dar-te um saco de ouro em pó.

Enquanto a síria se eclipsava, o chefe de tribo retomou o seu lugar na cadeira.

— Então, meu amigo Tranan, por que me fizeste vir à capital?

— Esta pequena massagista...

— A tua síria é muito dotada, mas falemos de coisas sérias. Sabes que tenho horror às viagens e que detesto afastar-me da minha aldeia.

Nervoso, Tranan andou de um lado para outro.

— O caso é grave, senhor. És o principal produtor de ouro do reino e eu o diretor do Tesouro. Juntamente com Piankhi, somos os únicos a saber a extensão da fortuna que a Núbia oferece. Devo ser-te sincero: na minha opinião, Piankhi faz mau uso dele.

— Estás a acusar o faraó de desonestidade?

— Não, mas de conformismo! A nossa capital adormece na sua riqueza porque Piankhi teima em respeitar tradições ultrapassadas. Muitos dignitários pensam como eu... Há vinte anos que ele

reina e esquece exigências do futuro. Se tu e eu não interviermos, Napata corre para a sua ruína.

Os olhos de Otokou tornaram-se minúsculos.

— E interviremos de que forma?

— Uma parte da corte está decidida a pôr em causa a legitimidade de Piankhi. Os mesmos que o elegeram sonham com um sucessor.

— Um sucessor que se chamaria... Tranan?

— Unicamente se o senhor Otokou aceitar tornar-se o novo diretor do Tesouro e ser honrado como merece.

— Receberei uma parte maior do ouro que a minha tribo extrai das entranhas da terra?

— É evidente!

O obeso personagem ronronou, o que nele era um sinal de profunda satisfação.

Tranan sabia que ia conseguir: nunca se aposta em vão sobre a cupidez. A partir de agora, os dias de Piankhi estavam contados.

Otokou esticou-se como um felino e agarrou Tranan pela nuca.

— Há já muito tempo que te considero um pequeno crápula, indigno da função que o Faraó te confiou. Esqueceste um pormenor, Tranan: Piankhi e eu somos amigos há mais de vinte anos e os verdadeiros amigos não se traem nunca.

Tranan não sairia da mina de ouro onde trabalharia até ao fim dos seus dias. Mas Otokou não se sentia mais sossegado por isso; apenas tinha esmagado uma vespa com o apetite maior do que o ferrão, enquanto que pesava sobre Piankhi uma ameaça séria.

Formado pelos Amigos e pelos Apoiantes do rei, pelos Anciãos e pelos Ritualistas, o grande conselho que tinha eleito Piankhi por unanimidade vinte anos antes parecia decidido a formular graves reservas sobre o comportamento do faraó negro.

Baseavam-se em relatórios falsificados de Tranan, boatos espalhados por uma das esposas secundárias de Piankhi, palavras insidiosas de sacerdotes acusando sem razão o faraó negro de ter falta de devoção por Amon. Se Otokou tivesse tomado consciência a tempo do perigo, teria de boa vontade estrangulado por suas próprias mãos todos aqueles mentirosos; mas o grande conselho, com o seu rigor habitual, desencadeara um mecanismo que já ninguém podia deter.

É evidente que Piankhi não teria qualquer dificuldade em refutar aquelas ignomínias, mas o seu bom nome seria afetado e, sobretudo, era capaz de renunciar à coroa para se retirar para o templo de Amon! Otokou conhecia bem o amigo e sabia que este não se agarraria ao poder se as circunstâncias lhe oferecessem uma ocasião para se afastar. Mas sabia também que ninguém estava preparado para substituir Piankhi e que a sua abdicação seria uma catástrofe para Napata, para a Núbia e para o Egito.

Em vez de preparar a sua defesa, o rei galopava no deserto para proporcionar a Valoroso, o seu cavalo preferido, os grandes espaços que o soberbo animal amava devorar. E o homem e a sua montada não estariam provavelmente de regresso antes do grande conselho.

A mais jovem das esposas secundárias de Piankhi, de dezessete anos, não havia meio de acalmar. É verdade que quando o pai a conduzira à corte de Napata lhe tinha explicado bem que nunca veria o faraó e que aquele casamento diplomático era indispensável para selar a unidade do monarca com a tribo do sul da quarta catarata de que ela era a herdeira.

Mas a jovem não entendia assim as coisas: pois não era a mais bela do palácio, não merecia partilhar o leito do soberano e expulsar dele as suas rivais?

Impulsivamente, tentara abrir à força as portas que a teriam conduzido até Piankhi, mas as suas tentativas desordenadas tinham-se saldado em fracassos. Os que rodeavam o rei, e particularmente o seu maldito escriba anão, impediam qualquer importuno de perturbar a sua serenidade.

Ela, filha de chefe de clã, esposa secundária, considerada como uma importuna! Furiosa por ter sido alvo de uma tal afronta, tinha decidido vingar-se daquele déspota incapaz de apreciar a sua beleza, revelando ao grande conselho que Piankhi era corrupto e que desviava riquezas em seu proveito.

Quando fosse nomeado um novo faraó, não deixaria de reparar nela e de lhe conceder o seu verdadeiro lugar.

De momento, experimentava um colar de pérolas azuis, jaspe vermelho e cornalina, separadas por finos discos de ouro.

— Prende-o — ordenou à serva.

— Este colar é digno de uma rainha... E tu não o és.

Irritada, a jovem voltou-se e ficou face a face com Abilé, a esposa principal de Piankhi!

— Este palácio recebeu-te, minha jovem, e tu traíste a sua confiança. Pior ainda, caluniaste o Faraó e tentaste tornar-te a alma de uma conspiração.

Assustada, a filha do chefe de clã ergueu-se e não conseguiu senão balbuciar um fraco protesto.

— Semelhante falta é passível de uma longa pena de prisão, mas não passas de uma criança já de coração azedo. Não te lembres mais de sujar o nome de Piankhi, caso contrário a minha indulgência desaparecerá e tornar-me-ei mais feroz do que um tigre.

— Que ides fazer de mim?

— Vais voltar para a tua tribo onde as matronas te ensinarão a trabalhar e a cuidar de uma casa. Dá-te por muito feliz.

Aos noventa e sete anos, Kapa, o decano do grande conselho, mantinha o olhar vivo e a palavra clara. Muito magro, apenas fazia uma refeição frugal por dia no decurso de toda a sua existência, não bebia álcool de tâmaras e dava um passeio quotidiano. Os que o rodeavam recebavam o seu caráter rabugento, acentuado pela idade. O contraste que formava com Otokou, amador da boa carne, era surpreendente. O obeso não sabia como abordar aquele velho rezingão que recusava até uma taça de cerveja fresca.

— À tua saúde.

— Não te preocupas mais com a minha saúde, Otokou, do que eu me preocupo com a tua. Onde se esconde o teu amigo, o rei?

— Foi para longe, a cavalo.

— Os membros do grande conselho comunicaram-me as suas conclusões e eu examinei-as com atenção.

— Constataste então que não passavam de disparates!

— Atraves-te a criticar o trabalho de personalidades dignas de respeito?

— As informações que receberam são aberrantes e mentirosas! É evidente que alguns invejosos pretenderam prejudicar Piankhi e é conveniente que sejam castigados como merecem!

— Segundo ouvi dizer, ocupaste-te pessoalmente de Tranan, o ex-ministro das Finanças.

— Pu-lo a trabalhar. Piankhi é por vezes demasiado indulgente. Compete aos seus amigos livrá-lo das ovelhas ranhosas.

— Sou o superior do grande conselho e não me deixarei influenciar. Quer agrade ou não ao rei, tem de comparecer perante nós o mais depressa possível.

Com cinco anos, em plena força, capaz de lançar sem fadiga os seus quinhentos quilos de músculos em longas corridas, Valoroso era o melhor cavalo que Piankhi já tivera oportunidade de treinar. Entre o homem e o animal, a amizade brotara desde o primeiro olhar e o rei não tivera que fazer quaisquer esforços para se fazer compreender pelo corcel, altivo, mesmo bravo, mas desejoso de satisfazer aquele a quem tinha concedido a sua total confiança.

Valoroso era um cavalo baio de crina fulva, brilhante e sedosa, de patas altas, boca risonha, olhar direto e porte altivo. Os cavaleiros do exército de Piankhi olhavam-no com admiração e inveja, evitando aproximar-se muito perto. Todos sabiam que Valoroso apenas obedecia a

Piankhi e que se tornava selvagem quando qualquer outro tentava montá-lo.

O rei levava-o a descobrir grande quantidade de pistas partindo de Napata e o cavalo tinha-as memorizado de forma surpreendente, sem nunca hesitar. Para regressar à sua cavalaria particular, onde o próprio Piankhi tratava dele, Valoroso seguia sempre pelo caminho mais curto. À força e à resistência, o cavalo aliava uma aguda inteligência.

Do cimo de uma alta duna, o faraó negro contemplava as vastidões desérticas.

— Estás a ver, Valoroso, nenhum imperador queria um país como este. Mas é ele que tu e eu amamos porque nunca mente, porque nos obriga a ser implacáveis conosco próprios e a venerar a luz toda-poderosa. O deserto e a terra cultivada são estranhos um ao outro, não se casam e, no entanto, um faz compreender a necessidade do outro.

Grous coroados sobrevoaram o cavaleiro e a sua montada. Ao longe, no cimo de outra duna, um oryx de longos cornos observava-os, imóvel. Se Piankhi tivesse tido necessidade de uma nascente de água, bastar-lhe-ia segui-lo.

— Esperam-me na capital, Valoroso, e os que me desejam ver são-me hostis. Se perder tudo, dois seres seguir-me-ão até ao fundo do abismo: a minha esposa e tu. Não sou o mais feliz dos homens?

O cavalo apontou o focinho para Napata e lançou-se num veloz galope. Tal como o seu senhor, não receava a prova.

Tefnakht sabia que apenas a guerra lhe permitiria alcançar o poder supremo, mas não gostava nem de combater nem de manejar as armas. Deixava para outros o treino intensivo no tiro ao arco ou no lançamento do dardo: todos os chefes líbios se orgulhavam da sua força física, o federador não se preocupava com isso.

Para enganar a angústia, Tefnakht refizera cem vezes o plano de batalha e de reunificação das Duas Terras. Tinham-lhe trazido moças de prazer que recusara e não tocava no jarro de vinho nem no de cerveja. Aqueles prazeres lenificantes distraíam-no do seu único objetivo: ser reconhecido como o chefe supremo da coligação líbia, aniquilar as tropas de Piankhi, reduzir a Núbia à impotência e fazer-se coroar como faraó em Tebas, no Sul, e depois em Mênfis, no Norte.

A vitória estava ao alcance da mão desde que agisse depressa, antes de o faraó negro tomar consciência da determinação de Tefnakht e da sua verdadeira ambição. Até agora, apenas o considerava como um príncipe líbio mais poderoso do que os seus congêneres, é verdade, mas tão medíocre e venal como eles.

Piankhi estava enganado.

De pai líbio mas de mãe egípcia, Tefnakht estudara o glorioso passado do Egito e alcançara uma certeza: este só recuperaria a sua grandeza no momento em que as Duas Terras, o Alto e o Baixo Egito, estivessem de novo reunidas. Um projeto grandioso que Piankhi era incapaz de concretizar e do qual os reininhos líbios faziam troça. Tefnakht sentia-se capaz de ir até ao fim desse difícil caminho e de retomar a chama que os sucessores de Ramsés o Grande tinham deixado extinguir.

Infelizmente, dependia da boa vontade de uma cambada de pequenos tiranos de vistas curtas, agarrados aos seus medíocres privilégios. Quando tivesse alcançado o poder supremo, Tefnakht poria fim à anarquia que esgotava o país. Todas as províncias, quer fossem do Norte ou do Sul, ficariam sob a autoridade única do Faraó.

Tefnakht não agia para sua glória pessoal mas para devolver ao Egito o seu esplendor de outrora e, melhor ainda, fazer dele o centro do novo mundo mediterrâneo que, sob a influência da Grécia e da Ásia Menor, começava a tomar forma.

Ninguém podia compreender aquela visão e o peso da solidão era difícil de suportar. Via-se mesmo obrigado a recorrer aos serviços de Yegeb e de Nartreb, dois seres sem fé nem lei, para atingir os seus fins. Mas se Tefnakht vencesse, esses períodos de dúvidas e de sofrimento seriam rapidamente esquecidos.

Desenrolou um papiro de contabilidade datando da XIX dinastia, a de Ramsés, e recordando as riquezas de Mênfis naquela época: campos luxuriantes, canais cheios de peixes, armazéns regurgitando de mercadorias, visitas incessantes de numerosos embaixadores... Hoje, a grande cidade estava adornada, na expectativa de um autêntico monarca que lhe devolvesse as forças necessárias para assumir o seu papel de “Balança das Duas Terras”, isto é, o pólo de equilíbrio entre o Norte, aberto ao exterior, e o Sul, tradicionalista.

— Posso falar-vos, senhor? — perguntou Nartreb com uma voz onde se detectava a excitação.

— Boas notícias?

— Excelentes... Mas estou a morrer de sede.

Com as mãos gorduchas, o semita serviu-se de uma taça de vinho branco mantido fresco num jarro que apenas os oleiros do Médio Egito sabiam fabricar.

— Os governadores de província votaram a meu favor?

— A situação é um pouco mais complicada, senhor... Para dizer a verdade, nestes últimos dias estava mais a evoluir no mau sentido e só tínheis opositores. Se eu e Yegeb não tivéssemos intervindo, o voto teria sido negativo e teríeis sido forçado a regressar ao vosso principado de Saís.

— Como os haveis convencido a mudar de opinião?

— Não foi fácil... Mas soubemos encontrar os argumentos certos.

— Quero saber quais foram, Nartreb.

— Será necessário, senhor? Pagais-nos para fazermos um trabalho e nós fazemos. Os pormenores pouco importam.

— Não é essa a minha opinião!

Sentindo crescer a cólera de Tefnakht, Nartreb curvou-se.

— Há vários anos que Yegeb e eu reunimos mil e uma informações sobre os governadores das províncias do Norte, graças à cumplicidade de funcionários locais que vendem de boa vontade as suas confidências, com a condição do seu nome não ser pronunciado. Hoje, beneficiamos desse trabalho de formiga. Como esses reizinhos são todos mais ou menos corruptos e cometeram contra os seus próprios aliados faltas mais ou menos graves que cada um deles deseja ver mergulhadas num profundo esquecimento, não tivemos muita dificuldade em negociar a sua aprovação. Só subsiste um pequeno problema...

— Akanosh?

— Não, é um medroso... associou-se à opinião da maioria. Estou a falar do velho chefe que reina nos pântanos do Delta e controla as pescas. Um imbecil e um teimoso... Recusa qualquer conflito com o faraó negro. Infelizmente, a sua palavra ainda tem muito peso e impede o fim das conversações. Pode mesmo pôr a nossa vitória em causa.

Com o estômago vazio, Nartreb engoliu algumas tâmaras.

— Como tencionas resolver esse problema?

— Yegeb encarregou-se disso... Precisamente. Ei-lo que chega.

O rosto alongado de Yegeb parecia iluminado por uma profunda satisfação.

— Posso sentar-me, senhor? Tenho as pernas pesadas.

— Conseguiste?

— O destino é-vos favorável. O velho chefe dos pântanos acaba de entregar a alma.

Tefnakht empalideceu.

— Tu...?

O vosso irredutível adversário morreu durante a sesta... Uma morte perfeitamente natural que prova a vossa sorte.

— A verdade, Yegeb!

— A verdade é que vai ser realizado um cortejo fúnebre e que em seguida os chefes libios

vos concederão plenos poderes.

Quando Akanosh regressou à sua tenda, a esposa, cinqüenta anos bem conservados, notou imediatamente que estava contrariado. Depois de trinta anos de casamento, detectava os sentimentos do marido sem que este pronunciasse uma palavra.

— É... a guerra?

— Mudaram todos de opinião e o nosso decano já cá não está para os convencer que cometem um erro fatal ao escolherem Tefnakht como chefe supremo. Sim, é a guerra. Preparamo-nos para atacar Heracleópolis.

— Tens medo por mim, não é verdade? Akanosh apertou as mãos da mulher entre as suas.

— Somos os dois únicos a saber que és de origem núbia... E ninguém se atreverá a atacar a minha esposa.

Embora tivesse a pele branca, bronzeada pelo sol, das egípcias do Norte, a mulher de Akanosh tinha pai núbio. Durante muito tempo, o príncipe líbio sonhara com uma aliança com Piankhi que teria feito dele um negociador por excelência com os seus compatriotas do Delta.

— É Tefnakht que me inquieta confessou Akanosh. É inteligente, manhoso e persistente... Para realizar o seu sonho, porá o Egito a ferro e fogo.

— Mas deves obedecer-lhe, como os outros, e ordenar aos teus soldados que o sigam.

— Não tenho outra alternativa, com efeito. A minha consciência impõe-me no entanto que previna Piankhi.

— Tem cuidado, meu querido! Se és acusado de traição...

— Tefnakht matar-me-á com as suas próprias mãos, eu sei. Está descansada: sei como fazer as coisas permanecendo na sombra.

Sob a presidência do decano Kapa, o grande conselho tinha-se reunido em frente do primeiro pilone do templo de Amon de Napata, no lugar onde se “dizia Maât”, a verdade e a justiça. Sentados de um lado e outro do decano, os Amigos do rei e os seus Apoiantes, os Anciãos e os Ritualistas apresentavam um semblante severo.

O faraó negro chegou a cavalo e desmontou a poucos metros de Kapa, que permaneceu impassível. Piankhi tinha a coroa característica dos reis núbios, uma espécie de boné acompanhando a forma do crânio e rodeado por um diadema de ouro de onde surgiam duas cobras erguidas, em postura de ataque. Nos pulsos e em redor dos biceps, pulseiras de ouro com o seu nome. No saiote dourado, uma minúscula cabeça de pantera de onde brotavam raios de luz.

À vista do monarca, cujo aspecto físico era imponente, a maior parte dos membros do grande conselho sentiu desejo de desaparecer dali. Mas contentaram-se em inclinar-se respeitosamente, a exemplo do velho Kapa, que tomou imediatamente a palavra para evitar uma debandada.

— Majestade, o grande conselho elegeu-vos faraó do Alto e do Baixo Egito há vinte anos. Nenhum dos seus membros teve razão de queixa da vossa ação, mas dolorosos acontecimentos vieram perturbar a serenidade da corte. Examinamos as queixas que nos foram transmitidas por vias mais ou menos desviadas e...

— Por que não se mostram os meus acusadores de rosto descoberto? Aprovamos a condenação do diretor do Tesouro, Majestade, e a expulsão da esposa secundária que tentava fomentar uma conspiração. Por meu lado, considero mesmo essas medidas demasiado indulgentes.

— Nesse caso, o que me censuram ainda?

A maioria do grande conselho esperava que Kapa se contentasse com aquele breve confronto, mas o velho núbio tinha um sentido agudo da magia dos seres, dos lugares e dos momentos. Para ele, tratava-se de uma forma de governo mais importante do que a escolha dos ministros ou de uma política. Quem não estava em ressonância com a harmonia secreta do mundo não tinha qualquer hipótese de dirigir corretamente um país.

— Durante vinte anos — lembrou o decano — o vosso poder permaneceu intacto. Se indivíduos ignóbeis tentaram sujar o vosso nome, não existirá uma razão grave, por exemplo o enfraquecimento da vossa capacidade de reinar?

Diversos membros do grande conselho consideraram que o velho Kapa ia demasiado longe e recearam a cólera de Piankhi. Mas o faraó negro não perdeu a calma.

— A luz divina colocou o rei na terra dos vivos para julgar os seres humanos e satisfazer os deuses — disse com voz grave, citando o texto da coroação — para colocar a harmonia de Maât no lugar da desordem, da mentira e da injustiça, proteger o fraco do forte, fazer oferendas ao invisível e venerar a alma dos defuntos. Foi para essa tarefa que Amon me designou. “Sê coroador”, — ordenou, — pois foi Amon que decidiu o meu destino. Deus faz o rei, o povo proclama-o. E adotei os nomes de coroação do meu glorioso antepassado Tutmósis⁴: “o pacificador dos dois países”, “o unificador das Duas Terras”, “Poderosa é a harmonia da luz divina”. Como ele, o filho de Thot, procuro a sabedoria e o conhecimento. Não está escrito no Livro de sair para a luz que é o conhecimento que afasta o mal e as trevas, vê o futuro e organiza

o país? Mas tens razão, Kapa: talvez a minha capacidade de reinar tenha enfraquecido. Talvez tenha chegado o momento de me retirar. Não me compete a mim responder, mas a Amon. E ele manifestar-se-á por um sinal.

Do alto do terraço do seu palácio rodeado de palmeiras, hibiscos e loendros, Piankhi contemplava a sua cidade e, ao longe, o deserto. Como este parecia sereno na doçura da noite, quando vagueava por lá uma multidão de demônios prontos a devorar o viajante imprudente! Por diversas vezes, o faraó negro tivera de enfrentar os perigos do deserto, as suas cintilações enganadoras, as suas pistas ilusórias que não conduziam a parte nenhuma, as suas dunas tentadoras das quais o olhar nunca se saciava.

Estendida de encontro a ele, Abilé acariciou-lhe a face. Como amava aquela mulher que, por si só, encarnava a beleza e a nobreza da Núbia! Envergando um vestido feito apenas de uma fina malha semelhante à rede de um pescador e deixando a maior parte do corpo à vista, com o pescoço adornado por um colar de ouro com pérolas de turquesa, Abilé era a própria sedução. Dera a Piankhi um filho e uma filha e essas maternidades ainda tinham realçado mais o brilho da sua feminilidade.

— Estamos a viver as nossas últimas noites neste palácio? — perguntou ela com voz clara, desprovida de inquietação.

— Sim, se o deus Amon me retirar a sua confiança.

Abilé abraçou o marido.

— Se não desses ouvidos senão ao meu amor por ti, suplicaria a Amon que permanecesse silencioso. Poderíamos retirar-nos para um palmar e viver lá calmamente com os nossos filhos. Mas não lhe dirigirei essa prece porque tu és o único garante da felicidade de todo um povo. Sacrificá-lo à nossa própria felicidade seria uma traição imperdoável.

— Não estás a conceder-me demasiada importância?

— Podes duvidar do teu poder, mas compete-me a mim reconhecê-lo como tal. Não é o primeiro dever de uma rainha do Egito?

— Amon enviou-me a mensagem do arco.

— Não é a Núbia “a terra do arco”? Revela-te assim que deves continuar a reinar.

— O arco também é o símbolo da guerra... Mas não há nenhum conflito iminente.

— Não receias as turbulências provocadas pelos do Norte?

— Estão demasiado ocupados a entreatar-se e nenhum príncipe líbio é capaz de se impor aos outros.

Há já muito tempo que o velho Kapa não dormia mais de duas ou três horas por noite. A existência tinha-se escoado demasiado depressa, na sua opinião, e, antes de ir reunir-se com a deusa do Belo Ocidente, que adornava a morte com um sorriso encantador, queria aproveitar cada momento.

Kapa nunca saíra do seu país natal, aquela terra ardente e áspera cujos atrativos conhecia melhor do que ninguém. Ela só se oferecia a amantes apaixonados, de desejo inesgotável: por isso Piankhi era um excelente soberano. Mas o velho agira de acordo com a sua consciência e não o lamentava. Privado de magia, mesmo um colosso se tornava uma presa fácil para as forças das trevas.

Se os deuses desaprovassem Piankhi, a Núbia e o Egito do Sul sofreriam uma grave crise de

desenlace incerto. Só mediócras sonhavam suceder-lhe e transformariam em desastre uma situação difícil.

No coração da noite, num céu de lápis-lazúli, as estrelas exibiam os seus fulgores. Portas que se abriam para deixar passar a luz que nascia a cada instante nos confins do universo, ensinavam ao homem que o olhar criador é o que se eleva e não o que desce.

De repente, uma estrela abandonou a comunidade e atravessou o céu à velocidade de um galgo em plena corrida. Como se fosse irresistivelmente atraída pela terra, precipitava-se para ela, seguida de um rasto de fogo.

Não, Kapa não era vítima de uma alucinação! A estrela dirigia-se para a Núbia, para a capital, para o palácio real que desapareceu num clarão.

Os insones tinham visto uma bola de fogo abater-se sobre o terraço do palácio real e todos pensaram que a cólera do céu tinha aniquilado o faraó negro. A resposta de Amon tinha sido terrível.

Tão depressa quanto lhe permitiam as suas velhas pernas, Kapa dirigiu-se para o local do drama em torno do qual começava a agrupar-se a população da capital, despertada pelos gritos das testemunhas da catástrofe.

O capitão dos arqueiros, Puarma, ordenara à guarda pessoal do rei que proibisse o acesso aos seus aposentos.

— Não será necessário socorrer Sua Majestade? — inquietou-se Kapa.

— Não sei — confessou o oficial, incapaz de tomar uma decisão, de tal forma estava perturbado.

— Eu vou lá — afirmou Cabeça-fria, com os olhos ainda inchados de sono.

— Acompanho-te — decidiu o decano do grande conselho.

A um sinal de Puarma, os arqueiros deixaram passar o anão e o velho, que subiram uma escadaria decorada com ornamentos florais e se aventuraram nos domínios privados de Piankhi.

— Majestade... Sou eu, Cabeça-fria! Podeis falar? Ninguém respondeu.

O quarto, a ampla sala da água, a sala de mensagens, o gabinete, a sala de recepção para os visitantes privilegiados, a biblioteca... Tudo... compartimentos vazios.

— Falta o terraço — observou Kapa.

Cabeça-fria sentiu vontade de chorar. No interior, Piankhi poderia ter escapado aos efeitos devastadores da estrela caída do céu. Mas no terraço...

— As minhas velhas pernas já não me levam — confessou o decano do grande conselho.

— Descansa, eu vou lá sozinho.

Com o coração apertado, o anão subiu lentamente o lance de degraus que iam dar ao terraço. E viu-os à luz da lua.

Piankhi e a esposa estavam deitados lado a lado e Abilé pousara a cabeça no peito do marido.

Tinham portanto morrido no mesmo instante, unidos no seu amor.

— O que fazes aqui, Cabeça-fria?

O anão sobressaltou-se, tremendo com todos os seus membros. Era a voz grave do deus Amon, a voz celeste que ia castigar a sua audácia!

— Ter-se-á verificado algum acontecimento grave na minha capital? — perguntou Piankhi, erguendo-se.

Cabeça-fria julgou contemplar um fantasma.

— Sois vós, Majestade?... Sois bem vós?

— Terei mudado assim tanto?

A estrela caída do céu, a bola de fogo...

— Onde vês vestígios de incêndio? A rainha acordou.

— Sonhei com um fogo celeste... Rodeava-nos como um halo protetor. Estávamos no centro de um sol que brilhava na noite.

— Milagre! — gritou Cabeça-fria precipitando-se para a escada. — Milagre, o deus Amon transformou em luz o par real!

A decisão do grande conselho, a opinião dos sacerdotes e o sentimento do povo eram unânimes: fora Amon que escolhera manifestar-se sob a forma do fogo celeste, Amon que habitava a Montanha Pura e reconhecia Piankhi como seu filho e legítimo faraó.

Quando o sol se erguia sobre o Gebel Barkal cujo cume tomava a forma de uma coroa, os Amigos do rei, os seus Apoiantes, os Ritualistas e os Anciãos, pela voz do seu decano, confirmaram Piankhi na sua função de chefe de Estado.

— Somos os teus servidores — declarou o velho Kapa. — Ordena e obedecer-te-emos, pois é o pensamento do Criador que guia o teu.

O rosto de Otokou exibiu um grande sorriso. O obeso personagem pensava já no faustoso banquete que tinha organizado para celebrar a segunda coroação do faraó negro. Tendo em consideração a abundância e a qualidade dos pratos, marcaria uma data na história da gastronomia núbica.

— Não há nada mais urgente do que honrar os antepassados — decretou Piankhi. — Sem eles, não existiríamos. Não estão atrás de nós mas à nossa frente, pois conhecem simultaneamente a vida e a morte.

Piankhi subiu para a barca real cuja proa tinha a forma de uma cabeça de carneiro, o animal sagrado de Amon. Sentou-se no seu trono, a rainha Abilé tomou lugar a seu lado, e o faraó deu o sinal de partida em direção a El-Kurru, a jusante de Napata. Seguiu-o uma imponente frota onde não faltava um único dignitário.

El-Kurru era o cemitério dos soberanos núbios onde repousava o pai de Piankhi. Modestos túmulos, dotados de um nicho de oferendas, encontravam-se lado a lado com os poços funerários e sepulturas semelhantes às moradas de eternidade do Antigo Império, com as paredes de belo calcário brilhante e a capela aberta na fachada para permitir aos vivos dialogar com os defuntos por intermédio da oferenda.

Piankhi, cujo nome significava “o Vivo”, constatou que o seu próprio túmulo estava quase terminado. Tinha escolhido a forma de pirâmide, no interior da qual fora preparada uma galeria conducente a uma câmara funerária coberta por uma cúpula em corbelha. Perto, a última residência da sua esposa, que continuaria a ser a sua companheira no Além.

Na pirâmide de Piankhi encontravam-se já dois amigos fiéis: os seus dois primeiros cavalos que tinham sido mumificados e colocados de pé, em fossas profundas, depois de terem beneficiado dos rituais de abertura da boca, dos olhos e das orelhas, e da substituição do seu coração mortal por um coração imorredouro.

Piankhi ofereceu aos seus antepassados flores, perfumes, pão fresco, vinho, leite, cerveja, óleo de festa, tecidos e colares de ouro.

— Os vossos nomes estão gravados na pedra — declarou — e nunca serão esquecidos. Dou-lhes a vida e assim fará o filho do meu filho. Em verdade, é um homem digno desse nome aquele que perpetua a memória dos seus antepassados e adorna as suas tábuas de oferendas.

Abilé estava deslumbrante. Tal como o seu esposo, considerava que os egípcios das Duas

Terras esqueciam cada vez mais a sua tradição e se desviavam da lei de Maât. Em breve, até mesmo a cidade santa de Tebas negligenciaria os seus deveres sagrados para se deixar enfeitiçar pelas miragens do lucro e da ambição individual.

Era aqui, em Napata, nesta terra longínqua e selvagem, que o faraó negro continuava a fazer viver os rituais autênticos, a ler os antigos textos, a prolongar a sabedoria do tempo das pirâmides e a obra de Tutmósis, de Seti I e de Ramsés.

Um dos participantes na cerimônia sentia um grande orgulho: Cabeça-fria, o escriba rigoroso que defendia a utilização de uma escrita hieroglífica conforme com os modelos das primeiras eras e exigia a prática de uma língua clássica, desprovida de qualquer barbarismo e de palavras estrangeiras, que invadiam a linguagem abastardada dos do Norte. Ver ressuscitar a forma piramidal, raio de luz inscrito na pedra, recordava-lhe a idade de ouro dos faraós.

Piankhi plantou uma tamargueira no jardim que precedia a capela funerária de seu pai. E nesse instante de comunhão com o invisível, uma visão continuava a assaltá-lo: a do arco que Amon lhe indicara. De que ameaças seria portador?

Tefnakht tinha lançado a totalidade das suas tropas contra a cidade de Heracleópolis, “a cidade do filho real”, antigo aglomerado populacional fiel ao faraó negro. O novo general-chefe do exército nortista ficara surpreendido com a obediência dos chefes de clã, executando o seu plano sem protestar.

Os líbios tinham atacado em quatro pontos ao mesmo tempo, provocando surpresa e pânico entre os defensores. O príncipe Pefteu, um escriba sexagenário herdeiro de uma grande família local e rico terratenente, não soubera reagir perante tanta violência. Apesar de bem treinados, os seus soldados não estavam habituados a travar um combate de tal importância.

Bastara meia hora para o exército nortista se apoderar de uma poterna, abrir uma porta fortificada e penetrar no interior da cidade. Do alto das muralhas, os arqueiros de Pefteu tinham tentado travar o fluxo devastador, mas os maneja-dores de fundas líbios haviam-nos exterminado rapidamente.

Alguns civis tinham-se lançado corajosamente na batalha, mas os nortistas, superexcitados pela sensação de triunfo, aniquilaram-nos.

Receando que o prosseguimento da luta se traduzisse por um massacre da população, Pefteu saiu do palácio, rodeado da sua guarda pessoal, e pediu aos seus homens que depusessem no chão espadas e escudos.

Tefnakht avançou para o vencido.

— Aceitas render-te sem condições?

— Somos teus prisioneiros, mas poupa os habitantes desta cidade!

— Concedido, se todas as armas, sem qualquer exceção, forem depositadas na praça principal.

— Tens a minha palavra.

Pouco a pouco, a fúria extinguiu-se. Heracleópolis obedeceu ao seu príncipe, as mulheres e as crianças comprimiram-se umas de encontro às outras, assustadas pelos olhares cruéis dos vencedores. Um soldado que tentava fugir foi apanhado por quatro invasores que o espezinharam antes de lhe cravarem uma lança nas costas.

A cena, de uma inaudita brutalidade, desfez as últimas veleidades dos defensores de Heracleópolis. As armas foram depostas em todos os bairros.

— Não és o príncipe de Saís? — interrogou Pefteu, estupefato.

— Hoje sou o chefe da coligação do Norte. Amanhã, reunificarei as Duas Terras — afirmou Tefnakht.

— Ignoras que o único faraó legítimo é Piankhi e que esta cidade lhe pertence?

— Escolhe, Pefteu: ou te tornas meu vassalo ou morres.

O príncipe de Heracleópolis compreendeu que Tefnakht não estava a brincar. O seu olhar era o de um conquistador implacável. Pefteu curvou-se.

— Reconheço-te como soberano.

— Renuncias a servir Piankhi?

— Renuncio... Mas quais são os teus projetos?

— Heracleópolis era apenas uma etapa.

— Uma etapa... Não pensas avançar mais profundamente pelo Sul? Tefnakht olhou em seu redor.

— Um terço dos teus soldados foi morto ou ferido... Portanto, restam dois terços de combatentes experimentados que se vão juntar às minhas tropas para atacar e conquistar outra cidade controlada por Piankhi.

— Heracleópolis é uma magnífica conquista fez notar Pefteu e a tua nova fama bastará para aterrorizar os núbios... Porque queres mais?

— Não passas de um medíocre, Pefteu, e não vês para além das muralhas da tua cidade. Contenta-te em obedecer-me cegamente e conservarás os teus privilégios.

Tefnakht abandonou o vencido e reuniu os chefes de clã líbios na sala de audiências do palácio. Alguns já estavam bêbados, outros cobertos do sangue das suas vítimas, e todos gritavam o nome do seu general que os conduziu a uma vitória brilhante e rápida, quando a maior parte recebera uma resistência feroz da parte da milícia de Heracleópolis e da sua população. Tefnakht acabava de lhes demonstrar as suas capacidades de chefe de guerra e abrir caminho para um futuro inesperado. Acordara neles o desejo de combater e exterminar os egípcios, os inimigos hereditários que, durante séculos, tinham humilhado a Líbia.

Tefnakht tinha intenção de tirar as conclusões daquela primeira intervenção militar, mas o estado dos seus subordinados dissuadiu-o disso.

Aborrecido com tanta mediocridade, o general abandonou os chefes de clã à sua embriaguez. Ao sair do palácio, esbarrrou com Akanosh, envergando uma longa túnica vermelha de riscas.

— Porque não participaste no assalto? — perguntou Tefnakht.

— Sou o porta-voz das tribos e não um soldado encarregado de forçar as linhas inimigas.

— Desaprovas a minha ação?

— Conseguiste uma brilhante vitória, Tefnakht, e a tua autoridade já não pode ser contestada. Transmitirei pois as tuas ordens com o maior rigor.

— Aqui tens uma, Akanosh: manda reforçar as fortificações de Heracleópolis e organizar turnos de guarda.

Tefnakht partiu em busca de Nartreb e Yegeb. Encontrou este último entre os que saqueavam a casa do capitão dos arqueiros de Heracleópolis, abatido durante o assalto. Apesar dos seus tornozelos dolorosos e da dificuldade em deslocar-se, o semita mostrava-se o mais ativo de todos e enchia um grande saco com taças de ouro.

Sobressaltou-se quando viu Tefnakht.

— Senhor... Estou a vigiar esta gente, não vos preocupeis! Só levarão o que lhes é devido.

— Confio em ti. Onde está Nartreb?

— Lá em cima — respondeu Yegeb com um estranho sorriso. — Mas creio que está ocupado...

Tefnakht subiu a escada. Do andar de cima chegavam os gritos de uma mulher que Nartreb violava com ferocidade, esbofeteando-a ao mesmo tempo.

— Basta, Nartreb!

O bruto continuou.

— Não passa da filha de um oficial a soldo de Piankhi e estou convencido que nunca conheceu um homem como eu!

Tefnakht deu um pontapé no flanco de Nartreb.

— Magoaste-me, senhor!

— Vai ter com Yegeb e informem-se sobre Pefteu, o príncipe de Heracleópolis.

Nartreb atou o saiote, indiferente à jovem que o fitava com um olhar de ódio.

— Duvidais da fidelidade dele, senhor?

— Quero saber tudo a seu respeito e depressa.

O violador voltou-se para a sua vítima antes de descer a escada.

— Voltaremos a ver-nos, pequena.

A egípcia tapou o ventre e os seios com os farrapos do vestido.

— Como te chamas? — perguntou Tefnakht.

— Aurora. Sois vós o general libio?

— Sou o novo senhor desta cidade.

— Haveis morto o meu pai; hei de matar-vos.

Na proximidade do templo de Amon, o palácio do faraó negro era construído sobre um soco de dois metros de altura e rodeado de um muro de cerca. Os dois batentes da grande porta de acesso tinham sido abertos para deixar entrar Napata em peso, convidada para um banquete oferecido em honra de Piankhi. Como o mestre de cerimônias era Otokou, bom garfo e guloso, todos esperavam um serão extraordinário.

Para o capitão dos arqueiros Puarma, o mais difícil fora escolher uma acompanhante entre a dezena de soberbas moças que lhe tinham suplicado que as levasse. Só um tirar à sorte e longas e confusas explicações, acompanhadas de presentes que aumentavam as suas dívidas, lhe permitira sair daquele impasse.

Por sorte, era a menos faladora que se pendurava no seu braço e devorava com os olhos o espetáculo que ia descobrindo. Tochas espetadas nos jardins iluminavam as palmeiras, as tamargueiras e os sicômoros, bem como os espelhos de água onde desabrochavam lótus brancos e azuis e que as luzes faziam cintilar. Servos ofereciam aos convidados toalhas perfumadas e uma taça de vinho branco fresco, enquanto estes admiravam as colunas do palácio em forma de haste de papiro.

O par subiu a escada de honra em granito rosa cujos lados eram decorados com figuras de inimigos derrotados e vencidos. A grande sala de recepções com colunas, já invadida por numerosos cortesãos, era um novo deslumbramento: placas de cerâmica esmaltadas de amarelo, verde, azul e violeta, cornijas de estuque dourado, baixos-relevos representando touros selvagens, panteras e elefantes.

No fundo da sala estava erguido um dossel ladeado por dois leões de calcário. Protegia dois tronos de madeira dourada nos quais se instalavam Piankhi e Abilé nas audiências oficiais. Vendo o estado de pasmo da sua companheira, estupefata por tantas maravilhas, o capitão dos arqueiros nem sequer lhe revelou que, por baixo da zona central do palácio, tinha sido embutido um gigantesco bloco de ouro nativo, símbolo da luz oculta nas trevas.

Alguém empurrou Puarma.

— Mas quem... Ah, és tu, Cabeça-fria! Mas não envergaste o teu traje de festa.

— Tenho preocupações demais — replicou o escriba, visivelmente à beira de uma crise de nervos.

— O que se passa?

— É a evacuação das águas de consumo! Apesar das indicações que lhes dei, os operários fizeram as coisas não sei como. E, no entanto, é simples... É necessário forrar com cobre as bacias de pedra, abrir uma abertura suficientemente grande que se tapa com um tampão metálico e calcular corretamente o diâmetro dos canos feitos com folhas de cobre marteladas e enroladas em cilindro. Bem lhes mostrei os planos e lhes dei as medidas corretas, mas a rede que serve a ala esquerda do palácio está outra vez entupida... Resultado, não há festa para mim e tenho que ir acordar um bando de incapazes!

O ano desapareceu resmungando, ao mesmo tempo que a orquestra entrava na grande sala. Duas tocadoras de harpa dedilharam uma melodia encantadora, acompanhadas depois por um flautista, dois tocadores de oboé e um clarinetista.

No fim do concerto, um mordomo pediu aos convidados que passassem à sala do banquete. A

companheira do capitão dos arqueiros quase desmaiou em frente das soberbas mesas baixas de madeira de ébano, das toalhas com acianos e mandrágoras, das lâmpadas de óleo colocadas em pilares altos de madeira dourada, mas, sobretudo, perante a loiça... Travessas, copos, pratos, taças, lava-dedos, era tudo de ouro!

Manejadores de leques, uns em forma de lótus e feitos de vimes e outros de plumas de avestruz, proporcionavam uma agradável frescura aos convivas, confortavelmente sentados no amplo compartimento onde pairavam perfumes subtis.

Com os seus colares de seis fiadas, de ouro e de pedras semi-preciosas, as belas mulheres faziam uma parada de elegância. A amante de Puarma nunca tinha visto semelhante exibição de cornalina, jaspe, turquesa e lápis-lazúli. E que dizer dos brincos de ouro a que os ourives tinham dado as mais variadas formas!

— Estou suficientemente bem arranjada? — inquietou-se a jovem.

— Estás perfeita — afirmou o capitão dos arqueiros, que não possuía meios para cobrir de jóias aquela companheira de uma noite.

Quando Piankhi e Abilé apareceram, as gargantas contraíram-se de admiração. Aliança do poder e da beleza, o par real eclipsava aqueles e aquelas que tinham esperado rivalizar com ele. O contraste entre o fulgor do ouro dos colares e pulseiras, a pele negra de Piankhi e a acobreada de Abilé traduzia uma harmonia quase sobrenatural. As jóias que os soberanos tinham escolhido eram de tal perfeição que poderiam ter sido oferecidas aos deuses. Todos foram novamente tocados pela colossal força que emanava de Piankhi e pela nobreza inata da sua esposa. Era necessário que ela também possuísse força para ocupar o seu lugar ao lado de um monarca tão imponente!

Piankhi elevou uma enorme pérola sobre a qual se concentraram os olhares dos convidados.

— Contemplem esta obra-prima da natureza. Não é o símbolo visível da esfera da criação, do ventre transparente da mãe celeste na qual renasce todas as manhãs um novo sol? Venerem esta luz que se vos oferece com profusão, esta vida generosa que assume por vezes o aspecto da morte para melhor nos despertar para a eternidade.

O rei pegou numa taça de ouro, cujas gravuras evocavam um lótus com as pontas das pétalas arredondadas. Assim era ilustrado o processo da ressurreição, o renascimento da alma inscrita no lótus que surge do oceano primordial. E o vinho contido na taça não era uma homenagem a Hátor, a deusa das estrelas e do amor criador, a que fazia dançar de alegria as constelações quando a embriaguez divina enchia o coração do ser?

Piankhi bebeu um gole e a rainha imitou-o.

A festa podia começar.

Estar de guarda numa noite daquelas era deprimente. Mas o oficial e os seus homens, encarregados de garantir a segurança da capital, não tinham sido esquecidos pelo faraó: soldo e rações a dobrar e, a partir do dia seguinte, um cântaro de vinho tinto como bônus.

Mesmo sendo conveniente queixar-se a intervalos regulares para conseguir uma promoção e diminuir o tempo de trabalho, havia que reconhecer que a profissão de soldado, em Napata, não era demasiado exigente. Cidade rica e bem gerida, população feliz e serena, nada de conflitos internos, nenhuma guerra no horizonte... Antigamente, quando os núbios eram aliados no exército do Faraó para combater líbios e sírios em perigosas expedições, era preferível trazer consigo vários amuletos protetores e estar bem preparado para o combate.

Se fizesse o que lhe apetecia, o oficial ter-se-ia deixado mergulhar num sono reparador, sob a proteção da abóbada estrelada onde brilhavam as almas dos faraós reconhecidos “de voz justa” para a eternidade. Mas alguma das sentinelas não deixaria de notar e de o denunciar a um superior.

O oficial umedeceu os lábios e a testa com água morna e retomou a ronda, com os olhos fixos na pista do norte que ia dar ao primeiro posto de guarda fortificado da capital. Ali eram rigorosamente controlados os viajantes que desejavam entrar.

Graças a um primo que era cozinheiro no palácio, o oficial saborearia no dia seguinte alguns dos pratos que os convidados de Piankhi não tivessem consumido completamente. Falava-se, entre outras coisas, de um chamado “delícia de Ramsés”, uma receita de marinada que tinha atravessado os séculos.

Uma luz no deserto.

O oficial julgou a princípio que se tratasse do cintilar de uma estrela, mas rapidamente se rendeu à evidência: tratava-se de um sinal de alarme de um vigia.

Um sinal que este repetiu várias vezes, insistindo na iminência do perigo.

O oficial hesitava.

Devia acordar o rei ou esperar pela manhã? Arrancar Piankhi ao sono poderia provocar a sua cólera, mas não o prevenir imediatamente podia ser ainda pior. Na dúvida, decidiu consultar Cabeça-fria.

O escriba, que acabava de adormecer depois de ter conseguido fazer reparar o sistema de evacuação das águas de consumo, soltou uma longa série de resmungos antes de se soerguer na cama.

— O que me queres?

— Um incidente grave... Talvez seja melhor prevenir Sua Majestade.

— Não me digas que tentaram invadir Napata!

— Bem...

Desta vez, Cabeça-fria acordou por completo.

— Tens a situação controlada?

— Sim, o homem foi detido.

O anão franziu as sobrancelhas.

— O homem... Estás a querer dizer-me que Napata foi atacada por um único homem?

— Alguém que viaja de noite é necessariamente suspeito! O nosso dispositivo de segurança revelou-se muito eficaz e espero que os meus méritos...

— Falarei disso ao rei.

Piankhi não estava a dormir.

Durante horas tinha sido alvo das lisonjas dos cortesãos que rivalizavam em entusiasmo na expressão dos seus louvores. Todos tinham elogiado a qualidade das iguarias e dos vinhos, e Otokou, em jeito de agradecimento pelos seus talentos de organizador, recebera o seu peso em cântaros de cerveja forte.

Nem por um instante o faraó negro apreciara os luxos daquele serão. Obcecava-o uma angústia que o impedia de saborear os prazeres de um banquete de que a corte falaria durante meses. Abilé pressentira a perturbação do marido, mas evitara interromper a sua meditação.

Do terraço do palácio, Piankhi contemplava o céu. Só as estrelas possuíam a sabedoria extrema, porque transmitiam o verdadeiro poder, o da origem da vida.

Um passo leve no terraço.

— Cabeça-fria... Tu outra vez!

— Perdão por vos importunar, Majestade, mas como estais acordado...

— A esta hora, habitualmente, dormes a sono solto.

— Um homem tentou introduzir-se na cidade e os arqueiros prenderam-no. O oficial que estava de serviço gostaria de ver os seus méritos reconhecidos e beneficiar de uma promoção.

— Que fique encarregado da segurança noturna no próximo mês. Depois veremos. Esse homem disse o nome?

— Segundo o oficial, faz afirmações incoerentes. Pretende ser um servidor de Amon e ter uma mensagem confidencial para o faraó legítimo.

— Interrogaste-o?

— Não, Majestade. Pensei que desejaríeis encontrar-vos o mais depressa possível com esse estranho viajante.

— Trá-lo para a sala de audiências.

No primeiro dia do primeiro mês da estação da cheia, no vigésimo primeiro ano do reinado de Piankhi, a alvorada criou uma paleta colorida de excepcional intensidade. A luz surgiu da montanha do Oriente sob a forma de um disco solar, imagem viva do Criador de quem o Faraó era o representante na terra.

A sala de audiências do palácio de Napata estava banhada pela claridade do levante quando o viajante se apresentou perante Piankhi com os pulsos presos em algemas de madeira e ladeado por dois soldados.

— Libertem-no e deixem-nos sós — ordenou o rei.

Durante longos instantes, a visão do colosso com pele de um negro brilhante privou o visitante de voz.

— Majestade...

— Quem és tu?

— Um sacerdote de Amon.

— Qual é o teu lugar na hierarquia?

— Sou ritualista, encarregado da purificação dos vasos para o ritual da tarde.

— De que templo vens?

— De Karnak, do templo de Amon-Rá, o senhor dos deuses.

— Como te deslocaste?

— Equipei-me com um mapa e mudei diversas vezes de embarcação antes de fazer a pé a última etapa.

— Caminhar de noite é perigoso... Podias ter sido mordido por uma serpente.

— Tinha de correr esse risco para evitar a mordedura de um réptil mais perigoso que todas as cobras da Núbia, um réptil que se enrola em torno do Egito, não deixa os seus habitantes respirar e em breve os privará do sopro da vida.

— As tuas palavras são muito enigmáticas!

— O nome de Akanosh é-vos familiar?

— É um príncipe líbio do Delta.

— Com risco da própria vida, Akanosh fez chegar uma mensagem a Karnak. Fui o escolhido para vo-la transmitir.

— Dá-me o papiro de que és portador.

— A mensagem é oral.

— Então fala.

Tefnakht, o príncipe de Sais, foi nomeado general-chefe de uma coligação que agrupa os outros chefes de tribo líbios. Apoderou-se primeiro do oeste do Delta, depois de todo o Delta. Graças a um exército numeroso, assumiu o controle de Mênfis e avançou para sul. Os príncipes locais, os chefes das localidades, os administradores são semelhantes a cães presos aos seus pés e já ninguém discute as suas ordens. Até Heracleópolis, todas as cidades lhe abriram as suas portas e tornou-se o seu senhor.

— Mas o príncipe Pefteu, meu fiel súbdito, resistiu-lhe e impediu-o de avançar. Esse fanfarrão do Tefnakht voltou para trás e a coligação desfez-se.

— Lamento desiludir-vos, Majestade... Tefnakht tomou de assalto a cidade de Heracleópolis e Pefteu não foi capaz de lhe resistir.

— Foi morto?

— Não, rendeu-se.

— E a população?

— Foi poupada. Mas os soldados de Pefteu ficaram sob o comando de Tefnakht.

— Não houve qualquer movimento de revolta da sua parte?

— Ou obedeciam ou eram massacrados. Agora, são vossos inimigos.

— Afirmas que Tefnakht controla Heracleópolis?

— Sim, Majestade, e deveis concordar que se encontra à cabeça de um verdadeiro exército que avança de vitória em vitória.

— Possuis informações sobre a estratégia que Tefnakht pretende seguir?

— Está pronto para combater todos os dias e avançar mais para sul.

— Até Tebas?

— Com toda a certeza, Majestade.

O faraó negro ficou silencioso durante alguns segundos, como se estivesse esmagado por aquelas revelações. Depois, desatou a rir.

A reação de Piankhi desolou o sacerdote de Amon.

— Majestade... Não me haveis acreditado?

— És um homem de oração e de meditação e não entendes nada da guerra.

— Mas Akanosh...

— Será capaz de ter uma visão objetiva da situação? Akanosh é um chefe de guerra líbio, dominado por esse fanfarrão do Tefnakht. Tais acontecimentos não têm qualquer caráter de gravidade.

— Mas, Majestade, todo o Médio Egito estará em breve sob o controle de Tefnakht!

— Hermopólis, a cidade do deus Thot, permanecer-me-á fiel. Tefnakht não ousará atacá-la.

O sacerdote de Amon estava consternado.

— Ides ficar sem reagir?

— Vou reunir o meu conselho de guerra. Descansa: vais ser bem alojado e alimentado. O templo de Amon está aberto para ti e poderás assim cumprir os teus deveres sagrados.

— Tenho um pedido a fazer-vos, Majestade.

— Estou a ouvir-te.

— Autorizais-me a residir na vossa capital? Afirmam que é possível encontrar nela as mais antigas tradições.

— Se é essa a tua escolha, será respeitada.

O conselho de guerra do faraó negro era composto pela sua esposa principal, Abilé, pelo escriba Cabeça-fria, pelo capitão dos arqueiros Puarma e pelo chefe da exploração das minas de ouro, Otokou. Piankhi confiava neles, sabendo que as suas palavras não seriam nem enganadoras nem mentirosas.

Ministros e cortesãos só eram bons para discorrer interminavelmente, tendo como única preocupação a salvaguarda dos seus interesses pessoais. Assim, mais valia tomar as decisões fundamentais em assembléia restrita e anunciá-las depois à corte.

Piankhi reunira os seus próximos na parte mais sombreada do jardim. No centro, um lago no qual o rei nadava muitas vezes. O calor do fim de Julho, sufocante mesmo para os núbios, alegrava Piankhi. Pois não libertava ele a força da terra, submetendo os organismos a rude prova? Dominá-lo fazia parte da condição humana.

Não era essa a opinião de Otokou, com os pés numa bacia de água fresca e a testa coberta por um pano úmido perfumado com mirra. Quanto a Cabeça-fria, bebia litros de cerveja doce para lutar contra a canícula com a qual não parecia sofrer a rainha Abilé, abrigada por um guarda-sol e simplesmente vestida com uma rede que nada ocultava das suas formas admiráveis. Puarma, o capitão dos arqueiros, estava nu, pouco apressado em cobrir-se com a couraça de treino.

— Desfizei-me uma dúvida, Majestade— disse Otokou, que esfregava o corpo com um unguento à base de incenso e de junca odorífica. — Esta reunião é puramente amigável, não é verdade?

— Desengana-te. Tal como adivinhaste, trata-se realmente de um conselho de guerra.

O obeso enxugou a testa.

— Ter-se-á revoltado alguma tribo?

— O incidente parece mais sério. Um príncipe líbio, Tefnakht, terá conseguido federar os seus aliados para formar um exército.

— Isso é ridículo — considerou Puarma. — Não há pior inimigo de um líbio do que outro líbio! Nunca conseguirão escolher um chefe.

— Pois Tefnakht conseguiu fazê-los dar ouvidos à razão e as províncias do Norte nomearam-no general-chefe. A partir de agora, estão submetidas à sua vontade.

— Isto tinha que acontecer — admitiu Cabeça-fria. — O Norte está submetido a condições económicas terríveis: há milhares de pessoas sem trabalho, os deuses deixaram de ser venerados, a injustiça e a corrupção reinam como soberanas incontestadas... Não havia senão uma saída possível: o aparecimento de um tirano, suficientemente hábil para se apoiar num exército bem equipado.

— Bem equipado? É impossível! — protestou o chefe dos arqueiros. — O Norte tornou-se demasiado pobre para arranjar tropas capazes de combater.

— Tefnakht controla Mênfis — revelou Piankhi — e apoderou-se de Heracleópolis.

As palavras do faraó negro mergulharam os seus interlocutores em profunda perturbação.

— Onde haveis obtido essas informações, Majestade? — perguntou Otokou.

— Trouxe-mas um sacerdote de Amon, que fez uma longa viagem para nos avisar.

— Não o levaste a sério — observou a rainha Abilé.

— É verdade — admitiu Piankhi. — Na minha opinião, esse Tefnakht queria fazer um brilharete para solidificar o seu poder sobre os governadores das províncias do Norte. É já uma grande façanha que se tenha apoderado de Heracleópolis, mas não ousará ir mais longe, porque não tem capacidade para tal. Um chefe de bando não se transforma de um dia para outro em senhor de guerra.

O chefe dos arqueiros aprovou com um abanar de cabeça.

— No entanto, há que considerar represálias avançou Otokou.

— Deixar esse perturbador agir impunemente só serviria para o encorajar!

— Sou mais pessimista do que vós — confessou Cabeça-fria.

A intervenção do anão fez perpassar um vento frio na assembléia. Todos apreciavam a sua notável inteligência e levavam a sério as suas opiniões.

— O que receias? — perguntou Otokou, preocupado.

— Uma mudança radical na atitude dos nortistas. Até agora, as suas rivalidades tornavam-nos impotentes. Não vivemos a mesma anarquia na Núbia? A partir do momento em que aceitaram a soberania de um chefe e a sua estratégia, já não são os seus defeitos que se somam, mas as suas qualidades. Não é na ação que um condutor de homens se revela? Apesar da sua importância, Mênfis está há muito tempo privada de cabeça pensadora e não podia ter qualquer veleidade de resistência perante um conquistador, mesmo mediocre. Heracleópolis, em contrapartida, era um ferrolho, uma praça forte dotada de uma guarnição experiente e comandada por Pefteu, um notável fiel a Piankhi. Apoderar-se dela não era tarefa fácil e

Tefnakht pode orgulhar-se de um formidável êxito que reforça o seu prestígio.

— Procuras afligir-nos ou provocar-nos? — interrogou Piankhi.

— Nem uma coisa nem outra, Majestade. É este o meu pensamento.

— Não consigo acreditar que esse Tefnakht ouse desafiar-nos! — insurgiu-se Puarma. — Essa vitória, se realmente se verificou, não terá seguimento. Como ousaria um simples chefe de bando provocar a cólera do faraó Piankhi?

— Ao ouvir o relato das suas façanhas, desatei a rir — confessou o monarca — mas as conclusões de Cabeça-fria fazem-me pensar que talvez tenha feito mal. Um aventureiro que sabe utilizar a miséria do povo pode arrastá-lo para qualquer loucura — declarou a rainha. — Se Tefnakht se embriagar com o seu sucesso, perderá o controle de si próprio e não se preocupará com os cadáveres que irá deixando à sua passagem. Tal como Cabeça-fria, acredito que esta tentativa de invasão do Sul não deve ser considerada com leviandade.

— É impossível que ataque Hermópolis! — objetou Puarma. — O seu príncipe, Nemrod, jurou fidelidade a Piankhi e as suas tropas são capazes de repelir qualquer assalto.

— Era o que pensávamos de Heracleópolis — lembrou o anão. — Se Tefnakht se tornar senhor de todo o Médio Egito, o caminho para Tebas estará aberto. E depois, quem sabe...

— Inverossímil! — considerou Otokou. — Ignoras que os nossos regimentos instalados em Tebas são uma perfeita força de dissuasão?

— Esperemos que sim.

De olhos baixos, o chefe dos arqueiros dirigiu-se a Piankhi.

— O que haveis decidido, Majestade?

— Preciso refletir.

A esposa do príncipe líbio Akanosh estava tão perturbada que nem sequer se tinha maquilado.

— Anda — disse ela ao marido —, vem já ver!

— Ainda não acabei o pequeno-almoço, não fui barbeado, não...

— Anda!

Akanosh espetou uma pluma de guerreiro nos cabelos entrançados e atou precipitadamente um longo manto sobre o ombro esquerdo. Fosse como fosse, não podia sair pelas ruas de Heracleopólis sem os atributos do seu poder.

— Onde me levas?

— À enfermaria onde são tratados os civis feridos durante o assalto.

— Não é o teu lugar nem o meu!

— Fazes ou não parte da coligação comandada por Tefnakht?

— Sim, mas...

— Então, entra nessa enfermaria!

O edifício de tijolos crus era guardado por dois soldados de infantaria que impediram o acesso cruzando as lanças.

— Sou o príncipe Akanosh. Deixai-nos passar.

— Yegeb não autoriza qualquer visita.

— Como te atreves a opor-te à minha vontade, soldado? O teu Yegeb não passa de um inseto! Se teimares, tu e o teu camarada, mandar-vos-ei transferir para o pântano do Delta!

— Os dois guardas baixaram as lanças.

Logo que deu o primeiro passo no interior do edifício, um cheiro horrível agrediu as narinas de Akanosh. O sangue, a gangrena, a morte... Dezenas de homens e mulheres jaziam por terra e elevavam-se queixumes no princípio da fila. Na outra extremidade, só havia cadáveres. Dois soldados puxavam um pelos pés.

— Para onde o levam? — interrogou Akanosh.

— Vamos lançá-lo numa vala que Yegeb nos mandou cavar. Ficará mais um lugar livre... Quando tivermos tirado os mortos todos, traremos os feridos. E isto continuará até não haver mais...

— Que cuidados estão a ser prestados a estes infelizes?

— Nenhum. O melhor para eles é morrerem depressa.

O príncipe Pefteu oferecera a Tefnakht o primeiro andar do seu palácio de Heracleopólis, onde o vencedor conferenciava com os seus aliados, um por um, para os convencer da justeza da sua estratégia e da dimensão que era necessário conferir à ofensiva.

Em frente da sala de audiências ficava o gabinete de Yegeb, que filtrava os visitantes.

— Quero ver Tefnakht imediatamente — declarou Akanosh. Yegeb consultou um velho pedaço de papiro no qual escrevera a data daquele dia e nomes.

— Não haveis sido convocado. Solicitai uma audiência e esperai pela resposta do general.

A cólera de Akanosh explodiu, agarrou o semita pelo pescoço e, embora fosse mais baixo do que ele, levantou-o do chão.

— Não te metas no meu caminho, verme! És um criminoso e um carrasco e tenho que informar o teu senhor sobre a tua forma de agir. E hei de ser eu próprio a aplicar o castigo que ele decretar.

Akanosh largou Yegeb, que retomou o fôlego com dificuldade, enquanto o príncipe líbio entrava na sala de audiências de Tefnakht.

O general escrevia numa tabuinha de escriba o relatório oficial da sua primeira grande vitória sobre o faraó negro. Seria copiado em numerosos exemplares, distribuído aos oficiais superiores e lido em voz alta e inteligível aos soldados. E a notícia difundir-se-ia por todo o Médio Egito e depois até Tebas. Espalharia o medo entre os partidários de Piankhi e incitá-los-ia a render-se.

Os olhos negros de Tefnakht fitaram o intruso.

— Não te tinha convocado, parece-me.

— Devo informar-te sobre o que se passa nesta cidade!

— Está tudo tranqüilo, o nosso exército controla a situação, o príncipe Pefteu tornou-se meu vassalo: de que nos queixaríamos?

— Sabes que a enfermaria reservada aos civis é um lugar de morte e que não lhes são proporcionados nenhum cuidado? Os mumificadores contentam-se em esperar que morram e lançam os seus cadáveres numa vala comum, sem o menor ritual! E estes horrores são cometidos por ordem do teu dedicado Yegeb. Exijo que esses infelizes sejam bem tratados e que esse torcionário seja castigado.

Tefnakht atirou a tabuinha de escriba de encontro à parede.

— Não tens nada que exigir, Akanosh! Esqueces que me deves obediência total?

— Mas aqueles civis...

— Tornar-se-á um chefe de clã líbio sensível como uma viúva abandonada? Bem sabes que o Norte é pobre e o nosso exército tem falta de remédios e de unguentos. Tudo o que encontramos em Heracleopólis deve ser reservado para as nossas tropas. São essas as minhas ordens e quem as infringir será considerado traidor.

— Vamos deixar morrer esses feridos...

— Estamos em guerra, Akanosh, e temos de fazer certas opções. Não serão os bons sentimentos que vencerão os guerreiros de Piankhi.

— Tinhas prometido que a população desta cidade seria poupada!

— Estarás em desacordo com a minha maneira de agir?

Akanosh teria gostado de protestar mais, mas as palavras ficaram no fundo da sua garganta.

— Acalma-te, meu amigo, e esquece esses pormenores sem importância. Como todos nós, concentra o teu espírito num único objetivo: a reconquista do Egito. A nossa vitória trará a felicidade ao povo, podes ter a certeza.

— Esse Yegeb...

— É-me dedicado e não discute as minhas ordens. Imita-o, Akanosh, e terás uma velhice

feliz.

O chefe de clã retirou-se e passou diante de Yegeb sem o olhar.

— Quando virão os médicos tratar dos doentes e dos feridos? — perguntou a esposa de Akanosh ao marido.

O chefe de clã deixou-se cair nas almofadas.

— Não virão.

— Tu... tu não falaste com Tefnakht?

— Falei.

— Ele... recusou?

— Temos de compreender, minha querida... É a guerra. Nem tu, nem eu, nem Tefnakht podemos fazer nada.

— Tefnakht é o chefe do nosso exército e mente ao afirmar que poupa a população!

— Tens razão, mas...

A núbia fitou o marido com tristeza.

— Já não tens vontade de lutar, Akanosh.

— Sinto-me velho e incapaz de resistir a Tefnakht. Se me opuser a ele, mandar-me-á suprimir e serás arrastada na tormenta. Eu, tal como os outros chefes de clã, não passo já de um fantoche entre as suas mãos e sou o único a ter consciência disso. Tefnakht está disposto a tudo para conquistar o Egito e é um verdadeiro guerreiro... Se Piankhi não reagir muito depressa, Tefnakht conseguirá fazê-lo e imporá uma ditadura de que o país não se libertará.

Com o crânio rapado, envergando uma túnica de linho branco de primeira qualidade, descalço, o sacerdote vindo de Tebas desceu lentamente a escada que conduzia ao lago sagrado, situado na proximidade do grande templo, e encheu de água santa um vaso de ouro.

Aquela água provinha do Noun, o oceano de energia primordial onde tinha surgido a criação e na qual continuava a banhar-se. A terra não passava de uma ilha emersa desde “a primeira vez”, desde aquele instante em que o pensamento divino tomara forma e se manifestara; e se o Faraó não voltasse a ressuscitar aquela primeira vez por meio dos rituais, a ilha da terra seria submersa pelas vagas da origem. Como estava escrito, o destino da humanidade cumprir-se-ia: tinha nascido das lágrimas de Deus e acabaria por desaparecer sob o peso das suas próprias infâmias.

O papel dos servidores das divindades consistia em retardar o fim oferecendo-lhes uma morada e venerando a sua presença para que ela iluminasse o coração dos seres que tentavam seguir pela via de Maât, preferindo a verdade à mentira e a justiça à injustiça.

Napata deslumbrava o sacerdote tebano. Reencontrava um fervor que julgava perdido para sempre e um rigor na celebração dos rituais que já se não sentia em certos santuários de Karnak. Aqui, perto da quarta catarata, Amon era honrado como devia ser.

Transportando o precioso vaso cheio de água pura, o sacerdote seguiu para a sala de oferendas. Um colosso surgiu à sua passagem.

— Estás satisfeito com a tua estadia entre nós?

— Majestade... Vivo dias de encantamento!

— Surpreendes-me... Não tens saudades de Karnak?

— Como traduzir-vos a minha admiração...

— Termina o teu serviço e vem ter comigo à biblioteca do templo.

Textos das Pirâmides, Livros dos Mortos, Rituais de abertura da boca, Cerimonial do Ano Novo, Lista dos dias fastos e nefastos, e todos os outros escritos concebidos e transmitidos desde a idade das pirâmides... O sacerdote tebano estava estupefato pela riqueza da biblioteca de Napata. O faraó negro dispunha da totalidade dos elementos da ciência sagrada.

— Quando compreendi que o Norte se afastava cada vez mais das nossas tradições — explicou Piankhi — decidi reunir aqui os escritos que permitiram à nossa civilização desenvolver-se.

O sacerdote tebano ia de uma estante para outra, acariciando com uma mão emocionada os cofres de papiros arrumados com cuidado.

— Será que Karnak já não honra Amon como é conveniente? — interrogou o rei.

— Os sacerdotes permanentes adormecem um pouco, os temporários encaram por vezes os seus deveres com leviandade... E a Divina Adoradora, encarregada por vós de reinar sobre os templos de Tebas e de velar pelo seu bom funcionamento, está cansada e doente. Surgiram facções, pois alguns sacerdotes pensam mais em enriquecer do que em celebrar os rituais.

— As tuas palavras refletem bem a realidade?

O olhar do faraó negro trespassou a alma do tebano. Para convencer o monarca, só lhe

restava uma solução: o juramento.

— Pela vida do Faraó — declarou com solenidade — juro que digo a verdade. Se mentir, que a minha alma seja destruída e que as portas da vida eterna me sejam vedadas.

Tebas, a cidade sagrada, Tebas, a capital de Amon, Tebas a das cem portas povoada de templos grandiosos, de santuários e de capelas, Tebas onde fora revelado o segredo da criação... Uma profunda tristeza apertou o coração do faraó negro. Tendo vindo ao templo para meditar e pedir a Amon que o orientasse na sua ação, descobria que o seu modelo estava a ficar decrépito.

— Quem redigiu esta tabuinha? — perguntou Cabeça-fria, furioso, aos seus vinte alunos sentados de forma correta como escribas, uma perna dobrada e a outra cruzada por cima.

Usavam um saiote curto, tinham um pincel preso atrás da orelha e baixavam a cabeça, assustados com a cólera do seu mestre.

Uma vez por semana, o anão dava uma aula de formação superior àqueles que, amanhã, ocupariam os postos chave da administração. Entre os felizes beneficiários desses ensinamentos havia quatro moças.

— Repito a minha pergunta: quem redigiu este texto? Cabeça-fria brandiu a tabuinha. Os estudantes e as estudantes fitaram os joelhos.

— Não há um delator entre vós... Tanto melhor! Se alguém tivesse denunciado o seu camarada, tê-lo-ia imediatamente expulso. E não preciso de ninguém para identificar esta escrita.

O anão avançou pela álea central e parou em frente de um rapaz que fechava os olhos.

Arrancou-lhe o pincel e partiu-o.

— Levanta-te, malandro!

O aluno era o filho de um ministro que possuía várias casas na capital e dois palmares. Mas isso não preocupava Cabeça-fria.

— Admiti-te nesta escola porque me parecias dotado para a profissão de escriba, mas vejo agora que me enganei redondamente!

— Mestre, mas eu tive cuidado...

— Cala-te, pretensioso! Ah, os teus hieróglifos estão perfeitamente desenhados, não há um único erro de gramática e cada termo foi rigorosamente escolhido... Mas redigiste um imposto de propriedade sem pensares por um instante em visitar a exploração agrícola em questão e encontrares o seu proprietário para lhe perguntar se tinha dificuldades familiares ou profissionais. Continua assim, meu rapaz, e tornar-te-ás o pior dos funcionários: uma máquina inumana, unicamente preocupada em aplicar um regulamento, sem qualquer contacto com os teus administrados. Mais um erro deste calibre e expulso-te definitivamente do meu curso! No dia em que os funcionários ficarem confinados nos seus gabinetes e renegarem qualquer responsabilidade, este país será ingovernável!

Subitamente, a cólera do anão desfez-se e a atmosfera mudou.

Ninguém tinha visto entrar Piankhi na sala de aula, mas a sua simples presença era perceptível. Cabeça-fria ergueu a cabeça e descobriu o faraó negro com os braços cruzados.

— Acabou por hoje — disse o escriba. — Para a próxima vez, preparem um modelo de carta destinada a um chefe de povoação. Não estraguem papiro, utilizem pedaços de calcário e tinta velha.

Os alunos saíram em silêncio.

— Estás satisfeito com os teus alunos, Cabeça-fria?

— Não serão piores ministros do que aqueles que compõem o vosso governo atual.

O escriba lavou os pincéis e raspou a tabuinha para obter de novo uma superfície lisa, própria para a escrita. Maníaco, Cabeça-fria não gostava de desperdiçar. Tinham-lhe confiado um material de Estado e devia ter com ele o maior dos cuidados.

— Tens notícias recentes de Tebas?

— Relatórios redigidos pelo escriba da administração.

— Que informações te deram?

— Nada de novo, Majestade. Tebas é uma cidade calma que vive ao ritmo dos rituais.

— Nenhum incidente?

— Segundo os relatórios, não.

— Esse escriba da administração é um homem de confiança?

— O que me aborrece é a repetição constante das mesmas fórmulas... Tencionava precisamente falar-vos nisso, se o próximo relatório fosse outra vez uma cópia do anterior.

— Procuram sossegar-nos e adormecer a nossa vigilância, não é verdade?

— É possível, Majestade.

Do seu trabalho como contabilista numa exploração agrícola do Delta, Nartreb guardara uma lição fundamental: um bom técnico pode fazer com que os números digam o que ele quiser. É um fato que as maquilagens grosseiras de um principiante ou de um financeiro com demasiada pressa em enriquecer não enganariam muita gente, mas Nartreb não cometia esse gênero de passo em falso.

Uma rápida visita a Heracleópolis tinha-lhe provado que a cidade era rica e que abrigava, especialmente, várias famílias de proprietários de terrenos que tinham acumulado jeitosas fortunas. Como a cidade ia passar para o domínio de Tefnakht, era necessário modificar as leis impostas por Piankhi. Assim Nartreb, encarregado de executar essa delicada missão, convidara para almoçar o diretor do Tesouro de Heracleópolis, um notável de setenta anos, viúvo, e cuja reputação de escrupulosa honestidade estava de há muito firmada.

— Cordeiro assado, purê de figos, feijões com natas e vinho tinto de Imaou: a ementa agrada-vos, meu caro colega?

— Colega? — admirou-se o egípcio, a quem desagradava o rosto lunar do semita.

— Tefnakht nomeou-me responsável pelo financiamento da sua campanha. Com o meu amigo Yegeb, um excelente especialista em contas, poupamos-lhe todas as preocupações materiais para que se concentre na reconquista do Egito.

— Quais são os vossos projetos para a minha cidade?

— Gostaria de conhecer o sistema de impostos adotado por Piankhi, maldito seja ele!

— Está de acordo com a tradição. Os agricultores, por exemplo, devem à cidade metade da sua colheita, uma parte da qual é consumida no mesmo ano e a outra guardada nos celeiros em previsão de uma má cheia. Em troca, a administração fornece-lhes o material de que têm necessidade para irrigar e cultivar. Além disso, se um agricultor ultrapassar o rendimento previsto, pode adquirir terras e alargar os seus domínios.

Nartreb fez uma careta.

— Isso é tão arcaico... Há muitos lucros que escapam ao Estado.

O diretor do Tesouro insurgiu-se.

— Os agricultores estão satisfeitos e...

— Numa economia de guerra, devemos controlar a totalidade da produção. Os nossos soldados devem ser bem alimentados e dispor das melhores condições de existência para serem capazes de vencer. Faço requisição portanto de todas as explorações.

— É uma injustiça inaceitável!

— Moderai as vossas maneiras, meu caro colega! É esta a decisão de Tefnakht.

— O que restará aos camponeses?

— Estabeleceremos quotas de alimentos suficientes para essa casta inferior e virão buscar as suas rações à caserna central.

— A maior parte deles recusarão trabalhar para vós.

— Nesse caso, execução imediata por alta traição. Quando alguns tiverem sido queimados

vivos na presença da população, os recalcitrantes entrarão rapidamente na linha. Quanto aos artesãos, deverão trabalhar para o exército a fim de que os nossos soldados sejam corretamente equipados. Não tem objeções, meu caro colega?

— De que serviriam?

Nartreb exibiu um amplo sorriso e esfregou as mãos gorduchas. O velho notável começava a curvar a espinha.

— Abordemos agora a questão das grandes fortunas de Heracleopólis. Os notáveis, entre os quais vós mesmo, dispõem de bens importantes que é conveniente explorar da melhor forma. Tefnakht deve ser rico... e eu também.

— Vós sois... um ladrão!

— Vamos, vamos, meu querido colega, não vos irriteis! Tenho uma proposta que deverá seduzir-vos. Como conheceis bem as personalidades desta cidade, confio-vos a tarefa de negociar com elas. Transmitir-lhes-eis as minhas ordens, centralizareis os seus bens e recebereis em troca... digamos, dez por cento. Servir Tefnakht fará de vós um homem muito rico.

Enquanto Nartreb se empanturrava, o idoso diretor do Tesouro afastou os pratos em que nem sequer tinha tocado.

— Por quem me tomais? Fazei vós mesmo a vossa suja tarefa! Não despojarei os meus compatriotas nem vos ajudarei de maneira nenhuma. Pelo contrário, direi por toda a parte que gênero de bandidos vós sois!

Nartreb levantou-se.

— Compreendemo-nos mal... Só quero o vosso bem, respeitando as ordens que me foram dadas. Um homem com a vossa experiência deveria compreender a dificuldade da minha tarefa.

Os vossos lábios estão marcados pela mentira.

— Não desejais refletir?

— Serei vosso adversário declarado, custe-me o que me custar.

— Desculpai-me por um instante, por favor.

Nartreb passou por trás do diretor do Tesouro e fingiu dirigir-se para a cozinha. Mas voltou para trás, apertou o pescoço do velho com as suas mãos raivosas e quebrou-lhe as vértebras cervicais.

— Custa-te a vida, imbecil, e passarei bem sem ti.

— Todos os obstáculos foram afastados, meu senhor — disse Nartreb com untuosidade, inclinando-se perante Tefnakht.

— Os notáveis aceitaram o teu novo sistema de impostos?

— Por unanimidade, sem refilar e com a alegria de servir a vossa causa.

Nartreb tinha-os feito interpelar pelo exército e desfilar em frente do cadáver do diretor do Tesouro, acusado de recusa de obediência e de colaboração com o inimigo. O semita não necessitara de longos discursos e constatara que o seu método favorito, a brutalidade aliada à chantagem, dava excelentes resultados. E pela tua parte, Yegeb?

— A cidade está limpa, senhor; já não resta nem boca inútil nem elemento indesejável.

— Heracleópolis é tão rica como supunhas?

— Muitas provisões, menos armas do que previra.

Tefnakht ficou aborrecido.

— Tragam-me a filha do capitão dos arqueiros.

Yegeb pareceu pouco à vontade.

— Não sei se ainda está viva...

— Traz-ma!

Apesar dos cabelos em desalinho, da pele suja e marcada pelas pancadas, Aurora estava lindíssima e nada perdera do seu orgulho.

— Os meus soldados maltrataram-te?

— Que outra coisa seria de esperar?

— O que eu quero, consigo. E o que eu quero saber é o lugar onde o teu pai escondeu as armas.

— Como hei-de eu saber?

— Conheço as pessoas... És orgulhosa e corajosa. Estou convencido que eras a sua confidente.

— Enganais-vos.

— Preciso dessas armas, Aurora. Ou falas ou mando decapitar uma criança de hora a hora.

Era jovem, bela e ardente. Tinha dezoito anos e fazia amor como uma mulher experiente, com ingenuidades comovedoras.

Lamerskény observou-a a dormir; tinha menos vinte anos do que ele e tentara seduzi-lo com tanta convicção que acabara por ceder. Barbudo, com o crânio rapado e o corpo coberto de cicatrizes, Lamerskény não procurava as mulheres, mas as mulheres procuravam-no e ele não lhes sabia resistir.

Com a mão esquerda, acariciou-lhe a curva dos rins. “Por todos os deuses do céu e da terra”, pensou, “que fêmea!”

A mão áspera desceu um pouco mais abaixo. Tornou-se indiscreta e despertou a jovem beldade.

— O que queres, meu amor? — murmurou ela, ainda ensonada.

— Não devíamos parar por aqui... Tenho a certeza ainda não me mostraste tudo.

Ela enrolou-se em volta dele como uma liana e beijou-o com ardor; depois, pôs os lábios sobre o braço direito do amante, um braço de madeira articulado que a fascinava.

— Como perdeste o teu braço de carne?

— Um machado que não consegui evitar porque hesitei um instante antes de cortar o pescoço do meu adversário. A partir daí, nunca mais hesitei.

— É de acácia?

— Um velho pedaço de acácia de primeira qualidade, indeformável e imputrescível, que paguei muito caro... Mas há que reconhecer que o carpinteiro realizou uma obra-prima. As articulações são perfeitas e, pelo menos, não serei vítima do reumatismo neste braço.

A amante de Lamerskény endireitou-se bruscamente e ocultou os seios com as mãos.

— Há alguém a olhar para nós... Um gigante! Lamerskény agarrou na sua espada curta e levantou-se.

— Tu...

Largou a arma.

— Veste-te, pequena, e desaparece.

— Aquele gigante...

— O faraó do Egito não te quer mal. Agora deixa-nos. Assustada, a jovem desapareceu sem sequer apanhar a sua roupa.

— Uma nova conquista — constatou Piankhi. — É deslumbrante.

— Antes uma nova derrota — lamentou Lamerskény, que se serviu de uma taça de cerveja. — Não consigo resistir a este gênero de tentadoras, apesar dos meus desesperados esforços. Espero pelo menos que não seja casada. Tendes sede, Majestade?

— Preciso de um conselho.

— Vós, Majestade? É uma brincadeira de mau gosto! Tendes o hábito de decidir sozinho e não vejo como poderei ajudar-vos a governar.

— Não és um perito em matéria de combates?

Os olhos azuis claros do capitão de infantaria estreitaram-se.

— Um combate... Não estais a falar de uma verdadeira batalha, com verdadeiros soldados, com verdadeiros confrontos, com muitos mortos e feridos?

— Ainda não sei.

— Ah, eu bem desconfiava! Afinal, não é nada de sério. O reino continua tão tranqüilo como sempre e verificou-se uma mediocre desavença entre duas tribos. Vou dormir.

Piankhi empurrou as persianas de madeira para deixar entrar a luz.

— Majestade, bem sabeis que prefiro a penumbra!

— Sei que, mesmo permanecendo encerrado neste reduto para fazer amor com as mais belas moças de Napata, te manténs ao corrente de tudo e que continuas a ser o meu único perito militar digno de confiança.

— É verdade, e deveríeis ter-me nomeado general há muito tempo!

— A hierarquia não aprecia nem o teu gosto exagerado pelas bebidas fortes, nem a tua paixão pelas mulheres, nem mesmo a tua forma de comandar. A um oficial superior é exigida boa conduta.

— A única boa conduta de um guerreiro é a vitória!

Era evidente que o capitão Lamerskény não sentia qualquer gosto pelo arranjo da casa. Os seus saíotes jaziam por aqui e por ali, num caos que excluía qualquer tentativa de arrumação.

— Consideras possível uma coligação das províncias do Norte?

— Inevitável.

— Porquê essa certeza?

— Mesmo num ninho de vespas, acaba por impor-se um chefe.

— Quem desempenharia esse papel, na tua opinião?

— Não vejo senão Tefnakht, o príncipe de Saís. É ele que dispõe do território mais vasto e do melhor exército. Mais cedo ou mais tarde, tomará posse de todo o Delta e Mênfis também lhe abrirá as portas.

— E depois?

— Depois, Tefnakht embriagar-se-á com essa vitória fácil e considerar-se-á um chefe de guerra, capaz de ir mais longe e de travar uma verdadeira batalha. Então endurecerá o seu comando, eliminará os contestatários e aventurar-se-á no Médio Egito.

— És um vidente, capitão Lamerskény.

— Tudo isto ainda não aconteceu, pois não?

— Infelizmente, já. E, na tua opinião, até onde irá Tefnakht? Hesitante, Lamerskény coçou o braço de madeira.

— Se quiser continuar o seu avanço, tem de fazer saltar vários ferrolhos. Atacará primeiro... Heracleópolis.

— Porquê essa escolha?

— Porque o príncipe Pefteu tem sessenta anos e já não possui o vigor de outrora. Porque não

saberá com certeza resistir a um ataque violento e massivo.

— No entanto, as muralhas de Heracleópolis são sólidas.

— Apenas na aparência... A vigilância dos defensores enfraqueceu e julgam que basta o nome de Piankhi para garantir a sua proteção. Salvo o devido respeito, Majestade, estais muito longe do teatro das operações e um louco de guerra não se deterá com essas considerações.

— Consideras então Tefnakht capaz de se apoderar de Heracleópolis?

— Se o conseguir, o seu sonho de conquista começará a tornar-se realidade. Tefnakht o conquistador... Eis o que ele espera vir a ser e utilizará não importa que meios, mesmo os mais bárbaros, para atingir os seus fins.

— Heracleópolis caiu nas mãos de Tefnakht — confessou Piankhi.

Lamerskény pousou a sua taça de cerveja sobre uma mesa baixa.

— Troçais de mim, Majestade?

— Não. Tefnakht conseguiu-o, como previas.

— Continuou?

— Parece que está a consolidar a sua posição. Mas duvido das informações que recebo.

— Pois, consolida-a... A partir de uma boa base na retaguarda, lançará outros assaltos. A próxima etapa será Hermopólis.

— O príncipe Nemrod repeli-lo-á.

— Nemrod tem alguma capacidade, com efeito. Mas o confronto promete ser duro. E se Tefnakht está desembestado, se conseguir uma nova vitória, o caminho para Tebas está aberto.

— O que preconizas?

— É necessário alertar as nossas tropas estacionadas em Tebas e, de acordo com a evolução da situação, enviar reforços.

— Vais partir para Tebas com Puarma, o chefe dos arqueiros, e tomareis o comando dessas tropas. O vosso objetivo é deter Tefnakht.

— Majestade... Não suporto esse Puarma e sou apenas capitão... Os oficiais superiores de Tebas não aceitarão a minha autoridade!

— Terás uma ordem de missão, Lamerskény. Estarás com medo de combater?

— O braço de madeira articulado abateu-se com violência sobre a mesa baixa e partiu-a em duas.

— Parto amanhã, Majestade.

Nartreb arrancou a criança de sua mãe. O rapazinho desatou a chorar e tentou resistir, o semita esbofeteou-o e afastou a mulher com um murro. Dois homens que tentaram interpor-se foram espancados pelos membros da milícia instalada por Yegeb.

Nartreb obrigou a criança a colocar a cabeça sobre um cepo e tirou a sua espada da bainha.

— Se te recusares a responder-me — disse Tefnakht a Aurora — cortarei a cabeça desta criança. E outras se lhe seguirão.

— Sois um monstro!

— Enganas-te, quero a felicidade do Egito. Para a conseguir, devo vencer Piankhi. E, para o conseguir, preciso de armas. Fala, Aurora, ou este rapaz morrerá por tua culpa.

A jovem olhou Tefnakht de forma estranha.

— E se estiverdes a mentir?

— O que queres dizer?

— Seja o que for que eu vos diga, matareis essa criança e matar-me-eis em seguida.

Tefnakht sorriu.

— Compreendes-me mal, Aurora. E, afinal, não tens escolha: aposta no futuro.

— Qual é o futuro que quereis construir?

— Este país está dividido, impotente, cada vez mais pobre por causa desse faraó negro que pretende governá-lo permanecendo lá nos confins da sua Núbia! Como podem, tu e os teus, suportar esta tirania? Já conquistei o Delta e a grande cidade de Mênfis... Amanhã, apoderar-me-ei do Sul. Então, as duas terras ficarão de novo reunidas e o povo reconhecer-me-á como Faraó.

Nos olhos verdes da moça a dúvida sucedeu à cólera.

— Estais a ser sincero?

— Conheces agora a minha única ambição.

— Vinde comigo. Só.

Yegeb interveio.

— Não deis ouvidos a essa moça, senhor! Está a preparar-vos uma cilada.

— Consideras-me incapaz de me defender?

Aurora conduziu Tefnakht à moradia de seu pai, passou pelas cozinhas e desceu uma escada de pedra que conduzia a uma cave.

A jovem ajoelhou-se e escavou a terra com as mãos até descobrir uma pedra selada.

— As armas estão aqui por baixo.

Tefnakht soltou a pedra com o punhal e ergueu-a. Uma nova escada perdia-se nas profundezas.

O general acendeu uma tocha e penetrou num subterrâneo cheio de arcos, flechas e lanças. O conjunto era novo e de excelente qualidade. Graças àquele material, as suas capacidades ofensivas ficariam notavelmente aumentadas.

— Uma lâmina cravou-se-lhe nas costas.

— Mataste o meu pai — lembrou Aurora com voz gelada — e eu vou matar-te.

— O teu pai morreu como um soldado, acreditava poder salvar a sua cidade e considerava-me seu inimigo. Estava enganado, mas louvo a sua coragem e mandarei gravar uma Estela em sua memória. É pena... Com um pouco mais de lucidez, passaria a estar sob as minhas ordens e ter-lhe-ia confiado um posto importante no novo Egito que estou a construir. Não fui eu que matei o teu pai, Aurora, foi esta guerra. Esta guerra indispensável que é necessário levar a cabo com êxito.

— A ponta da lâmina enterrou-se mais, fazendo brotar um pouco de sangue.

— Se me matares, Aurora, lamentá-lo-ás durante toda a tua vida porque terás contribuído para a desgraça do teu povo. No fundo de ti própria, sabes que sou o único a poder salvar este país da ruína e dar um sentido à morte do teu pai.

— Como vos atreveis!

— É a verdade, Aurora. Tem a coragem de o admitir.

A lâmina hesitou e depois retirou-se docemente, milímetro a milímetro. Tefnakht encarou a jovem.

— Estás disposta a ajudar-me, Aurora?

— Ajudar-vos? Mas eu...

— Conheces bem esta região e os seus notáveis. Graças a ti, talvez evitemos sangrentos combates. Em vez de apodreceres numa prisão, não desejas tornar-te útil salvando numerosas vidas?

— Eu, ajudar-vos...

— Seja qual for a tua decisão, atacarei Hermópolis. Se conseguires convencer o príncipe Nemrod a renunciar a servir Piankhi e tornar-se meu aliado, muitos sofrimentos serão poupados à população.

Aurora mordeu os lábios. Os argumentos de Tefnakht tinham-na impressionado. Odiava-o, mas ele fazia renascer a esperança no seu coração. E ela não suportava continuar a ver-se naquele estado... Lavar-se, apagar os vestígios das pancadas e da sujidade, recomeçar a luta, evitar um massacre...

Tefnakht não podia confessar a Aurora como ela o impressionava. O príncipe de Saís estava rodeado de uma corte de cortesãs sempre desejosas de o satisfazer, mas não lhes prestava qualquer atenção, dominado pelo seu projeto de conquista. Aurora não se parecia com elas. Era orgulhosa e insubmissa, capaz de viver uma aventura fora do vulgar. Até agora, Tefnakht não se tinha sobrecarregado com uma mulher; uma vez coroado Faraó, teria de associar ao trono uma grande esposa real. Só Aurora seria digna dessa função.

Os chefes líbios não paravam de festejar. Quem poderia imaginar que se banqueteariam noites seguidas no palácio do príncipe de Heracleópolis, vassalo do faraó negro? Forçado a aceitar a sua sorte, Pefteu participava nos festejos. Ordenara aos seus oficiais e soldados que obedecessem a Tefnakht sem qualquer reticência. Visto que a autoridade suprema tinha mudado, seria vão opor-se-lhe. Yegeb observava cada um dos convivas. Se um de entre eles se preparasse para trair Tefnakht, sabê-lo-ia. Quanto a Nartreb, comia com avidez e esvaziava taças de um vinho branco dos oásis que não acrescentava com água.

— O que pensas de Pefteu, Yegeb?

— Na sua idade, procura acima de tudo evitar os aborrecimentos e preservar o seu conforto. Visto que Tefnakht é o mais forte, segue-o cegamente.

— O general não se devia ter embeaçado por essa Aurora... As mulheres enfraquecem os guerreiros. E esta nunca deixará de o odiar.

— Não tenho tanto a certeza disso, Nartreb. Tefnakht fascina-a. E afinal, não é ele o seu futuro?

— Mesmo assim, é preciso vigiá-la de perto.

— Há alguém que me inquieta mais.

— Quem?

— O príncipe Akanosh. Tem o aspecto de um homem inquieto e desiludido e não manifesta qualquer entusiasmo pela nossa guerra de conquista.

— Akanosh não contesta a autoridade de Tefnakht!

— É mais subtil... Também é necessário vigiá-lo de perto. Envergando uma couraça, Tefnakht entrou na sala do banquete.

Precisou de alguns segundos para conseguir obter silêncio. Mesmo os mais embriagados ouviram a sua declaração.

— O nosso armamento foi reforçado e as nossas tropas tiveram tempo para repousar. Chegou o momento de partir de novo para o combate. Antes de nos lançarmos mais para sul, devemos controlar a totalidade do Médio Egito e apoderarmo-nos da cidade de Hermopólis, das suas armas e das suas riquezas. Vamos tentar convencer o príncipe Nemrod a render-se. Se recusar, poremos cerco a Hermopólis.

O capitão Lamerskény estava fora de si. Organizar uma expedição para se dirigir a Tebas revelava-se uma tarefa irrealizável! Os serviços da administração recusavam tomar qualquer iniciativa e cada escriba remetia tudo para o seu superior que se declarava incompetente.

Não restava ao capitão outra solução senão forçar a porta de Cabeça-fria para conseguir explicações claras. O rei queria ou não uma intervenção armada contra Tefnakht?

No gabinete do escriba, Lamerskény teve a desagradável surpresa de encontrar Puarma, o capitão dos arqueiros. Este pôs em evidência a sua musculatura, como para provar ao rival que a força estava do seu lado.

— Lamento rever-te, Puarma.

— Por que abandonaste o teu antro? Parece que não consegues deixar de estar bêbado.

— Mais vale ser bêbado do que fanfarrão e estúpido.

— Vamos lá para fora e enfrentemo-nos com as mãos nuas!

— Basta — interveio Cabeça-fria. — É contra o inimigo que deverão bater-se, e juntos!

— Eu, estou pronto — afirmou Lamerskény, altivo. — Porque anda este incapaz a meter-me paus nas rodas?

Puarma encarou o capitão de infantaria com estupefação.

— O que estás tu a dizer? Eu recebi uma ordem: partir para Tebas. Um trejeito deformou os lábios de Lamerskény.

— Eu sei que devemos colaborar.

— Recuso-me!

— Um oficial não tem nada que recusar as ordens de Sua Majestade — cortou Cabeça-fria, irritado com o comportamento do capitão dos arqueiros. — Mais uma insubordinação deste gênero e irás defender-te perante um conselho de guerra!

O rosto desnordeado de Puarma encantou Lamerskény.

— De nós os dois, quem será o superior?

— Tendes o mesmo posto, um na infantaria e o outro no regimento dos arqueiros. Durante a viagem. Terão de entender-se. Em Tebas, entregarão a vossa ordem de missão ao comandante das nossas tropas.

— Porque não partimos imediatamente?

— Por causa de uma mensagem recente que acabamos de receber — revelou Cabeça-fria. — Parece que Tefnakht é menos ambicioso do que imaginávamos. Saiu de Heracleópolis e regressa ao Norte.

Lamerskény sentiu-se profundamente desiludido.

— Ora bem! A guerra acabou antes de ter começado... Esse Tefnakht é um menos que nada!

— No entanto, continuamos de prevenção — precisou o escriba. — Em que estado o inimigo deixou Heracleópolis? Se o príncipe Pefteu não conseguir restabelecer a ordem e proclamar de novo a sua cidade vassala de Piankhi, interviremos. O Faraó não deixará o Médio Egito

mergulhar na anarquia.

— Por outras palavras, temos ainda que esperar — lamentou-se Lamerskény.

— Os meus arqueiros vão recomeçar os treinos — afirmou Puarma.

— Com certeza que bem precisam. Quanto aos meus soldados, estão já prontos a marchar.

Chépéna⁵, a filha do faraó negro, era uma magnífica jovem de vinte anos, de tez acobreada como a mãe, esguia e soberbamente elegante. Muito jovem, tinha sido iniciada nos mistérios da deusa Mut, a esposa de Amon. Ao contrário das moças da sua idade, não passava a maior parte do seu tempo a nadar, a dançar, a fazer música e a deixar-se cortejar pelos rapazes. Nos laboratórios do templo, onde primeiro servira como assistente de um ritualista, tinha descoberto uma paixão: a fabricação de perfumes.

Tivera que passar por um temível exame, face a um velho sacerdote perfumista que a criticara severamente antes de reconhecer os seus dons. Desejoso de gozar a sua reforma numa pequena moradia oficial, à sombra do Gebel Barkal, consentira em revelar-lhe os seus segredos de profissão, fazendo-a ganhar assim anos de investigação e tentativas.

Chépéna agradecera ao especialista e aos deuses por lhe concederem uma tal graça, e sentira-se em dívida para com eles. Daí em diante, consagraria a sua existência a melhorar constantemente os perfumes destinados aos santuários a às estátuas divinas. Quando as pessoas penetrassem no templo, maravilhosos odores encantariam a alma e torná-la-iam leve como um pássaro.

Como o reino de Napata era rico e Piankhi exigia que as divindades fossem servidas da melhor forma, Chépéna tinha à sua disposição os produtos mais raros e dispendiosos, tais como a mirra do Yémen, designada por “as lágrimas de Hórus”, o incenso da região de Pount ou o óleo de moringa, suave, incolor e que nunca ficava com ranço. Acabava de receber uma importante quantidade de styrax, importado da Síria, indispensável para fixar as fragrâncias. E as suas reservas tinham abundância de óleo de linho e de balanite, de gordura de vaca, de gomas-resinas, de bálsamos, de gálbano da Pérsia, de essências de rosa e de lírio e de sal para secar as preparações.

Para a próxima festa de Amon, Chépéna decidira encher alguns esguios frascos com o mais maravilhoso dos perfumes, o kyphi, tão difícil de conseguir. Apenas os mestres perfumistas se lançavam nesta aventura que, muitas vezes, se saldava por um fracasso. De acordo com as antigas receitas, este perfume era composto por dez ou doze produtos e alguns especialistas iam mesmo até dezesseis. Chépéna escolhera bagas de zimbro, junca odorífica, mirra seca, lentisco, cascas aromáticas, resina, junco da Fenícia, styrax, orcaneta, alforva e pistácio. Depois de ter respeitado escrupulosamente as proporções exatas, esmagara demorada e cuidadosamente tudo com um almofariz e depois coara o produto para obter três quintos da massa inicial. Verificara a fineza do pó e misturara com um vinho excepcional, antes de fazer ferver mel, resina e serpentária, adicionados por fim ao pó aromatizado.

— Conseguiste? — perguntou-lhe Piankhi.

— Majestade, a tua visita é uma honra.

— Falam tão bem do teu laboratório que quis verificar por mim próprio.

Chépéna destapou um frasquinho.

— De imediato, o rei sentiu-se transportado a um mundo irreal onde não existiam nem provações nem sofrimentos. O poder do kyphi preparado pela filha ultrapassava tudo o que

conhecera até então.

— És uma feiticeira, Chépéna.

— Haverá tarefa mais exaltante do que trabalhar para dar satisfação aos deuses?

Piankhi tentou esquecer a atração do perfume.

— Talvez os pudesses servir de forma mais notável e eficaz.

Uma ruga de contrariedade vincou as faces da jovem.

— Terei de abandonar a minha profissão de perfumista?

— Claro que não... Mas terás de acrescentar-lhe outras funções igualmente exigentes.

— Pai, não te compreendo!

— A tua tia, a Divina Adoradora de Tebas, está velha e muito doente. Já não consegue dirigir como convém o conjunto dos templos de Karnak. Chegou o momento de escolher a que lhe sucederá para que ela a adote e lhe transmita os segredos e os deveres do seu cargo.

Chépéna empalideceu.

— Pai... a Divina Adoradora é uma rainha que governa uma cidade-templo e dá diretivas a milhares de pessoas! Eu aprecio a solidão e apenas reino sobre o meu laboratório, longe das preocupações quotidianas.

Piankhi envolveu Chépéna nos seus braços potentes.

— Foste tu que eu escolhi, minha filha adorada.

Ao aproximar-se dos cinquenta anos, o príncipe Nemrod estava orgulhoso de si e dos seus êxitos. A sua existência tinha sido uma longa seqüência de momentos felizes, desde a sua infância feliz num palácio maravilhoso onde fora mimado por servidores dedicados, até ao dia em que herdada do pai a rica e cobiçada cidade de Hermopólis.

Classificado em primeiro lugar na escola de escribas, excelente atirador do arco, cavaleiro emérito, dotado de uma saúde de ferro, Nemrod sempre seduzira com facilidade as mais belas mulheres. Não suportava uma amante mais de seis meses e, mesmo assim, era preciso que ela fosse silenciosa e não o importunasse. Para não chocar a moral convencional, Nemrod desposara uma aristocrata que permanecia confinada nos seus aposentos e se contentava com a sua luxuosa ociosidade.

Para dizer a verdade, o príncipe aborrecia-se. Era em Mênfis que teria gostado de reinar; lá, a vida era animada, a influência do Norte crescente e tornava-se fácil lançar-se em negócios mais ou menos turvos onde a velha lei de Maât não tinha cabimento. Aqui, em Hermopólis, a cidade sagrada de Thot, o deus que revelara aos homens o segredo dos hieróglifos e das ciências sagradas, a tradição era sufocante.

O grande templo de Thot, quase tão grande como o de Amon-Rá de Karnak, albergava sábios de alta linhagem: ritualistas que se inspiravam nos textos antigos, astrónomos e astrólogos, médicos e cirurgiões, mágicos, perfumistas e arquitetos desenvolviam dia a dia as suas investigações, que deixavam Nemrod indiferente.

Obrigado a receber os representantes desses eruditos de vez em quando, fingia ouvir com atenção os seus aborrecidos discursos, enquanto sonhava com a fêmea soberba que nessa mesma noite teria no seu leito, após um succulento repasto. No dia seguinte, passear-se-ia de carro pela décima quinta província do Alto Egito colocada sob a sua jurisdição, ou vogaria de barco pelo Nilo, bebendo cerveja doce.

Nemrod confiava todos os dias o corpo ao massagista, ao barbeiro, ao cabeleireiro, ao manicuro e ao pedicuro. Sendo o próprio a escolher as suas perucas, vestuário e perfumes, espreitava o mínimo sinal de envelhecimento. Graças aos bálsamos que uma serva aplicava sobre a sua pele com delicadeza, nenhuma ruga afligia o príncipe.

O tecnicismo dos escribas da sua administração poupava a Nemrod qualquer preocupação de gestão; a sua província era fértil, o controle das colheitas rigoroso e os impostos satisfatoriamente recebidos. Desta forma, o príncipe contentava-se com um exame superficial dos relatórios cifrados que lhe eram entregues e que não continham qualquer erro.

A única preocupação era a manutenção do regimento que Piankhi colocara sob as suas ordens. Era composto por arqueiros de elite e experimentados soldados de infantaria, capazes de repelir um assalto. A intervalos regulares, Nemrod mandava reforçar as fortificações mantidas pela engenharia.

Uma existência calma, demasiado calma... O Egito estava bloqueado. A Norte, os príncipes líbios e a anarquia; a Sul, a cidade santa de Tebas, tão fechada nas suas tradições como Hermopólis. E nas solidões da Núbia, longe da civilização, Piankhi, cuja fama bastava para assustar os seus adversários.

Quando Nemrod soubera do ataque a Heracleopólis, não acreditara. Mais uma dessas

gabarolices em que os líbios eram exímios! E, depois, a confirmação... Pefteu fora incapaz de resistir a Tefnakht.

Tefnakht... Nunca Nemrod imaginara o efervescente príncipe de Saís como chefe de coligação e brilhante estratega! E a sua avaliação era correta, pois não se atrevera a atacar Hermopólis. Depois de um período de repouso e de bebedeiras em Heracleopólis, o exército líbio não avançara para a região tebana onde as tropas de Piankhi o teriam feito em pedaços, e retomara o caminho do Delta.

Em conclusão, um episódio sem importância. Heracleopólis voltaria a estar sob a égide de Pefteu, que se proclamaria novamente súbdito do faraó negro, e o imobilismo voltaria a ser força de lei.

Nemrod continuaria a suportar as lamúrias dos camponeses e artesãos que se queixavam do aumento dos impostos e das suas condições de trabalho, cada vez mais difíceis. Responderia endurecendo a legislação e, à menor tentativa de insurreição, enviaria a polícia para restabelecer a ordem. Em suma, um aborrecimento.

Nemrod escolhia um vinho para o jantar quando o seu chefe do estado-maior lhe pediu audiência. O homem tinha sangue frio; não alteraria assim o protocolo sem um motivo sério.

— Príncipe Nemrod, estamos cercados!

— Não é possível... O exército de Piankhi, só pode ser o exército de Piankhi que nos vem proteger!

— Não são soldados núbios.

— Mas, então...

— É o exército de Tefnakht. Pus as tropas em estado de alerta.

— Somos realmente capazes de nos defendermos?

— Os assaltantes são numerosos, mas poderemos resistir. As cisternas estão cheias e as reservas de alimentos são abundantes. Como perderão muitos homens, talvez renunciem.

— Todos aos seus postos.

Quando a jovem envergando um longo vestido verde de alças e com uma peruca negra muito sóbria avançou sozinha para a grande porta fortificada de Hermopólis, os arqueiros, interditos, esperaram por ordens.

Aurora foi conduzida sob escolta ao palácio de Nemrod.

— Quem és tu?

A filha de um oficial de Heracleopólis morto por Tefnakht.

— E... Ele libertou-te?

— Sou sua embaixadora.

— Estás a fazer troça de mim?

— Os soldados de Heracleopólis estão agora sob as ordens de Tefnakht que decidiu apoderar-se da tua cidade.

— Não é presunção a mais?

— Podeis julgar isso, príncipe Nemrod, e dissuadir-vos é o objetivo da minha missão. Compreendi que Tefnakht procurava salvar o Egito da sua decadência e devolver-lhe a grandeza

de outrora. Se continuardes a servir Piankhi, a vossa cidade será destruída e desapareceréis com ela.

— Qual é a outra solução que Tefnakht me propõe?

— Abri as portas de Hermopólis e tornai-vos seu aliado. Os vossos soldados serão colocados sob o seu comando e a guerra de reconquista orientar-se-á para sul, para Tebas.

— Interessante tentativa de intimidação, minha jovem... Mas Hermopólis resistirá ao ataque.

— Tefnakht está decidido. Irá até ao fim, sejam quais forem as suas perdas. Hermopólis deve cair, Hermopólis cairá.

— Se lhe oferecer a minha cidade, Tefnakht eliminar-me-á.

— O príncipe Pefteu está bem vivo e continua a governar Heracleopólis. Porque haveis de continuar a suportar o jugo desse Piankhi que nunca sai da sua Núbia e não se interessa pelo futuro do Egito, reduzindo-o ao estado de escravo? É por causa dele que a prosperidade desapareceu e que o marasmo se acentua. Sob o reinado de Tefnakht, as Duas Terras recuperarão a unidade perdida e os que o tiverem ajudado a triunfar serão recompensados.

Nemrod refletiu. De fato, o faraó negro não passava de um tirano distante ao qual não teria, definitivamente, quaisquer contas a prestar. É verdade que tinha jurado a Piankhi permanecer-lhe fiel em todas as circunstâncias... Mas a situação de emergência libertava-o desse juramento prestado com leviandade. Tefnakht estava às portas de Hermopólis, tinha um projeto grandioso e permitiria a Nemrod sair do seu aborrecimento e iniciar outra existência, muito mais exaltante.

— És uma embaixadora muito convincente — disse Nemrod a Aurora. — O sangue não correrá, abro as portas de Hermopólis ao exército de Tefnakht e coloco-me sob o seu comando.

Tefnakht entrou em Hermopólis à cabeça das suas tropas, aclamadas pela população da cidade à qual o príncipe Nemrod se dirigira uma hora antes para lhe anunciar que evitara um sangrento conflito e que o futuro se anunciava risonho. As dificuldades quotidianas, o aumento dos impostos, a inflação, as más cheias, as doenças das crianças... Todas essas infelicidades eram causadas por um único homem: Piankhi, o faraó negro. Nemrod lutara em vão durante vários anos para escapar à sua tirania; graças a Tefnakht, o futuro faraó do Egito, o povo ia conhecer uma nova era de prosperidade.

“Porque serão estas pobres pessoas tão crédulas?”, interrogava-se Akanosh, cujo cavalo trotava ao lado dos dois outros príncipes líbios, encantados com aquela vitória fácil devida ao gênio militar de Tefnakht, cuja autoridade já ninguém pensava em contestar. Apoderando-se de Hermopólis, tornava-se senhor do Médio Egito, garantia a colaboração de escribas notáveis e aumentava de forma considerável o poderio do seu exército.

Desta vez, já não se podia falar de uma simples incursão ou de uma expedição sem futuro. Tefnakht adquiria verdadeiramente a estatura de um conquistador. E outra pergunta obcecava Akanosh: “Por que razão Piankhi não reagia?” Ou a sua mensagem não chegara até ele, ou não avaliava a gravidade do perigo.

A partir de agora, o caminho de Tebas estava aberto. Nemrod tinha reservado ao seu novo senhor um acolhimento digno de um chefe de Estado: palanque de elegantes colunas de madeira dourada para o proteger do sol, trono com patas de leão decorado com palmas, banquinho esculpido em forma de núbio deitado por terra e subjogado para pousar os pés... A mensagem era clara -, o príncipe de Hermopólis considerava o seu vencedor como o novo faraó do Egito, ao qual apenas faltavam os rituais oficiais de coroação.

Com uma bela peruca, perfumado de essência de rosas, adornado com um longo colar de turquesas sobre a túnica de linho fino e calçando elegantes sandálias, Nemrod inclinou-se perante Tefnakht.

— Esta cidade é tua a partir de agora, senhor. Ordena e obedecer-te-ei, se me concederes o imenso privilégio de continuar a governá-la.

— És um homem razoável, Nemrod. Em tempo de guerra, é uma virtude rara e preciosa. Quem melhor do que tu conhece esta antiga e gloriosa cidade?

Nemrod ajoelhou e beijou as grevas de Tefnakht, que estava vestido com uma couraça e um capacete.

— Obrigado, senhor. Podeis contar com a minha absoluta fidelidade.

— Ergue-te, vassalo.

O príncipe de Hermopólis lançou um olhar a Aurora, que se mantinha um passo atrás de Tefnakht.

— A inteligência e a beleza da vossa embaixadora...

— É muito mais do que isso, Nemrod. Aurora é a futura rainha do Egito.

Um sorriso simultaneamente surpreso e encantado iluminou o rosto da moça. A ferida provocada pela morte do pai ainda estava aberta, mas sucumbia sob o encanto daquele conquistador, convencida da justiça da sua causa. Despertara nela o mesmo fogo e, embora o

ódio não tivesse desaparecido do seu coração e rivalizasse com uma admiração próxima do amor, desejava ajudá-lo. Tefnakht não a enganara: graças à sua intervenção, milhares de vidas tinham sido poupadas. Amanhã, em Tebas, Aurora faria a mesma tentativa diplomática. Talvez a Divina Adoradora compreendesse que o faraó negro era um mau senhor e que opor-se a Tefnakht equivalia a trair o Egito.

Tornar-se rainha... Este pensamento deslizou sobre Aurora como um bálsamo. Ela que sempre vivera o momento presente sem nunca pensar no futuro, perdia repentinamente a inconsciência da infância. Um profundo receio, é verdade, mas um tal desejo de viver, de ser útil, de sentir a mesma determinação de Tefnakht!

No primeiro banquete organizado para celebrar a libertação de Hermopólis, Aurora foi colocada à esquerda de Tefnakht. Aos olhos de todos, o conquistador evidenciava o lugar atribuído à jovem. Apesar da atração que sentia, Nemrod evitou fazer-lhe a corte.

— Lamento abordar assim tão depressa as coisas sérias e aborrecidas — murmurou Nemrod ao ouvido de Tefnakht — mas no que se refere ao serviço de impostos preconizado por Piankhi... Desejas alterá-lo?

— Por agora, é a economia de guerra que prevalece. Os meus conselheiros Yegeb e Nartreb informar-te-ão das suas exigências e regularizarão os pormenores.

— No que se refere aos meus rendimentos pessoais...

— Visto que agiste bem, aumenta-os. O teu armamento, como está?

— Cuidadosamente tratado.

— Os teus soldados estão prontos para combater?

— Arqueiros de elite e soldados de carreira... Profissionais de primeira qualidade que infligirão pesadas perdas aos núbios.

— Goza a tua fortuna, Nemrod, e não te preocupes mais com nada.

A esposa núbia de Akanosh chorava.

— Yegeb e Nartreb aplicam aqui os mesmos métodos de Heracleopólis. Os velhos e os doentes são sistematicamente exterminados, tal como aqueles que se atrevem a formular qualquer dúvida sobre os projetos de Tefnakht. Mas por que é que Piankhi continua em silêncio? Devia enviar o seu exército tebano para aniquilar estes monstros!

Akanosh estava acabrunhado.

— Talvez o sacerdote tebano que o devia informar não tenha chegado a Napata. Tenho que ser eu a desempenhar pessoalmente essa missão.

Ela envolveu-o nos seus braços.

— Não, Akanosh! Não te deixarão sair desta cidade, desconfiarão de ti, serás detido e torturado!

O príncipe líbio baixou a cabeça.

— Tens razão, seria loucura. Mas há uma possibilidade: os sacerdotes de Thot não podem aceitar esta situação! Conheces algum?

— Não, mas temos de correr o risco. Vai queixar-te ao laboratório do templo. Diz-lhes que a casa que nos foi atribuída está infestada de pulgas e que precisamos de óleo essencial de poejo, a hortelã brava, para nos desembaraçarmos delas. Tendo em consideração a posição e o produto

solicitado, mandar-nos-ão um especialista.

O especialista era um sacerdote de idade madura que trazia um frasco de óleo de poejo com o maior cuidado. Deslocando-se lentamente, inspecionou os compartimentos de entrada da Villa de Akanosh.

— Príncipe, estou espantado... Esta villa parece estar em perfeito estado e não detecto a presença de pulgas.

Akanosh mergulhou de cabeça.

— Continuais a ser fiel a Piankhi?

— Responder-vos poderia custar-me a vida...

— Não desconfies de mim. Sou um chefe de clã líbio, é verdade, e obedeço a Tefnakht. Se for necessário, combaterei a seu lado. Mas não posso admitir que os seus esbirros se comportem como torcionários e martirizem a população. Parece-me portanto necessário avisar Piankhi. Talvez se trave uma guerra implacável, como espero, talvez a situação estacione de novo. Pelo menos, os civis serão poupados e a tirania de Tefnakht não se espalhará.

— Não vos tornais culpado de alta traição?

— Ouço a voz da minha consciência. O templo de Thot pode enviar uma mensagem a Piankhi para o prevenir que Hermopólis caiu nas mãos de Tefnakht?

— Tomai este frasco de óleo de poejo, príncipe Nemrod, e espalhai o conteúdo na vossa casa. Não me haveis chamado para lutar contra uma espécie prejudicial?

Piankhi abriu o frasco de vidro, um material precioso entre todos, que a filha lhe oferecera. O seu kyphi era realmente excepcional! Não respirariam os deuses aquele perfume nos paraísos do outro mundo, onde o espinho não picava, onde o crocodilo não mordida?

Abilé segurou docemente no frasco e perfumou o torso vigoroso de Piankhi.

— Este aroma é fascinante...

O corpo nu da rainha aninhou-se contra o do seu esposo. Ela era todas as flores e todas as essências, o encanto das margens do Nilo, a magia de uma terra fecunda, fascinante e ensolarada.

— Só amei uma única mulher e só amarei uma.

— Acredito em ti, porque sei que a tua palavra é verdade.

Com os seus longos dedos tão delicados como os de uma deusa, Abilé desatou o saiote de Piankhi. E o faraó negro saboreou, com a mesma emoção da sua primeira união, o perfume inimitável do corpo apaixonado.

Cabeça-fria não sabia o que havia de fazer. Os guardas não lhe tinham proibido o acesso aos aposentos privados do monarca, mas deveria despertar o rei e a rainha, nus e abraçados, para lhes anunciar uma má notícia?

Mas o anão era um escriba ao serviço do Estado e não devia ter em consideração qualquer privilégio. Portanto, tocou na cabeça do monarca.

— Majestade, despertai... Piankhi abriu um olho.

— És tu, Cabeça-fria... Mas o que fazes aqui?

— Lamento, mas é muito urgente!

O faraó contemplou o corpo admirável da esposa. Não teria o direito, como qualquer homem, de esquecer o peso do mundo na companhia da mulher que amava?

Abilé acordou e levantou-se. Com um andar de uma nobreza inimitável, sublime na sua nudez, dirigiu-se com passo ligeiro para a sala de água.

— Cabeça-fria... se me incomodaste por nada, esquecerei a nossa amizade!

— Embora seja inestimável, Majestade, sacrificá-la-ia à causa da paz se esta ainda pudesse ser salva.

— Notícias do Médio Egito?

— Infelizmente, sim!

O mensageiro mandado pelo templo de Thot era um homem jovem, de olhar directo e pernas musculadas.

— De onde vens? — perguntou Piankhi

— De Hermopólis.

— Quem te envia?

— O grande sacerdote do templo de Thot.

— Como se chama o vale onde foi construído esse santuário?

— O vale das Tamargueiras O que fabrica a oficina que fica perto da entrada do templo?

— Tabuinhas de escriba.

— Qual é o nome sagrado de Hermopólis?

— A cidade de Ogdóade, os oito deuses que criaram o mundo e repousam hoje em Tebas.

Piankhi ficou descansado: o mensageiro não era um impostor.

— Porque falaste de “catástrofe” a Cabeça-fria?

Porque o príncipe Nemrod vos traiu abrindo as portas de Hermopólis a Tefnakht.

— É difícil de acreditar... Nemrod jurou-me fidelidade e tinha capacidade para resistir.

— No entanto, é a verdade, Majestade! Nemrod arrasou as muralhas da sua cidade, esqueceu a sua palavra para se tornar vassalo de Tefnakht. Não hesitou em oferecer-lhe os tesouros de Hermopólis e colocar os seus soldados sob o comando do líbio. Perdoai o meu sentimento de revolta, Majestade, mas durante quanto tempo vos mantereis em silêncio, enquanto Tefnakht estende as suas conquistas sem encontrar ninguém que se lhe oponha? É a vossa fama que cria o vosso poder, Majestade, só ele dissuadirá os vossos adversários de devastar o Egito.

O cavalo de crina fulva levou Piankhi bem para o interior do deserto. O faraó negro devorou o espaço, alimentou-se de ar límpido e comungou com o azul absoluto do céu. Compreendendo a perturbação do seu dono, Valoroso mudava de ritmo e de direção antes mesmo de receber ordem para tal. O homem e o cavalo formavam um todo, absorvidos no esforço violento que acompanhava os vôos de íbis brancos e de grous coroados.

Finalmente, Piankhi deteve-se perto de um poço.

Deu de beber a Valoroso antes de ele próprio matar a sede e depois admirou o deserto. Nada conspurcava aquela imensidade que se oferecia ao sol e ao vento. Nenhum ser perverso podia perturbar aquela harmonia criada pelo deus oculto cuja presença se afirmava para além de qualquer inteligência humana.

Piankhi meditou durante horas.

Os seus lábios murmuraram as antigas orações que os seus predecessores tinham dirigido a Amon:

“Deus perfeito, tu dás vida a todos os seres. Eu te saúdo, o Único, o senhor de Maât, tu que atravessas em paz o longínquo céu. Tu fazes nascer a luz e a tua palavra é o Verbo. A ti, que permaneces único criando o múltiplo, deseja o meu coração acolher. Como é doce pronunciar o teu nome, porque tem o sabor da vida! Tu és o boieiro que conduz os bois para as pastagens, a porta de bronze que protege a sua cidade, o piloto que conhece os meandros do rio. Tu és Amon, o senhor do silêncio, tu revelas-te aos humildes. Tu, que dás o fôlego a quem dele precisa, salva-me, pois estou mergulhado na aflição e na incerteza.”

Quando o sol declinou, o faraó negro retomou o caminho da sua capital.

Por ordem de Piankhi, o sacerdote de Thot repetiu perante toda a corte o que tinha revelado ao rei.

Os rostos ensombraram-se, com exceção do capitão Lamerskény que entrevia amanhã alegres no decurso dos quais poderia massacrar líbios com toda a legalidade. A sua presença chocava muitos notáveis, desagradavelmente surpreendidos pela honra concedida àquele fulano sem fé nem lei.

— O que tencionais fazer, Majestade? — interrogou Otokou, subitamente sem apetite.

— Temos de render-nos à evidência: a tomada de Heracleópolis não era uma ocorrência isolada e Nemrod é um traidor da pior espécie. Oferecendo a sua cidade a Tefnakht, fez dele um inimigo temível que teremos de combater até ao limite das nossas forças.

O obeso receava ouvir aquelas palavras.

— Espero, Majestade, que não penseis sair de Napata à frente de um exército! A vossa presença aqui é indispensável e não tendes o direito de arriscar a vossa vida!

— Aprovo Otokou — declarou a rainha Abilé. — As perturbações verificadas no Médio Egito adquiriram uma dimensão inquietante por causa da traição de Nemrod, mas uma intervenção rápida das nossas tropas instaladas em Tebas deverá bastar para restabelecer a ordem.

— Acrescentar-lhes-ei um corpo expedicionário comandado pelos capitães Puarma e Lamerskény — declarou Piankhi. — Têm como missão libertar as cidades de Heracleópolis e Hermópolis, desmembrar a coligação inimiga e repelir definitivamente os fugitivos para o norte.

Otokou sentiu-se descansado. Portanto, o rei permanecia na capital e deixava aos seus soldados de elite o cuidado de acabar com uma sedição sem futuro.

Nemrod estava encantado. Não só conservava todas as suas prerrogativas, como ainda ficava livre de preocupações materiais. Nartreb e Yegeb, os dois conselheiros de Tefnakht, ocupavam-se perfeitamente dos assuntos da cidade, que tratavam de pôr sob controle com um entusiasmo trasbordante. Nenhum aspecto da vida pública lhes escapava e até tinham endurecido os métodos aplicados em Heracleópolis.

Por ordem de Tefnakht, as duas almas danadas tinham transformado Hermopólis numa gigantesca caserna onde todos os habitantes, da criança ao velho, trabalhavam de uma forma ou de outra para o exército. Os combatentes das tropas de libertação deviam ser mimados e satisfeitos os seus mínimos desejos. Que mães de família fossem obrigadas a prostituir-se e crianças de dez anos obrigadas a carregar pesados cestos com alimentos não incomodava Yegeb nem Nartreb. Os imperativos da economia de guerra não se discutiam. Tendo as bocas inúteis sido suprimidas, Hermopólis inteira estava pronta para o combate.

Tefnakht reuniu o seu conselho de guerra na sala de refeições do palácio. Assistiam a ele Nemrod, o príncipe da cidade, Yegeb, Nartreb, os chefes de clã líbios, o príncipe Pefteu de Heracleópolis e Aurora, cuja presença desagradava à maioria dos participantes. Mas ninguém criticava as decisões do general.

— Temos novidades provenientes de Tebas?

— Sim, meu senhor — apressou-se a responder Yegeb. — Os nossos partidários lá são cada vez mais numerosos. A tomada de Hermopólis fê-los compreender que a reconquista tinha começado realmente e que a esperança de reunificação das Duas Terras não era uma utopia.

— Tens espíões infiltrados?

— Temos alguns informadores dignos de confiança. Têm de mostrar-se extremamente prudentes, porque Tebas proclama ainda alto e bom som a sua fidelidade a Piankhi.

— O que souberam eles?

— O faraó negro acaba de reagir enviando um corpo expedicionário para Tebas.

Os rostos ensombraram-se.

Até agora, as vitórias tinham sido fáceis e rápidas. Enfrentar os temíveis guerreiros núbios, de lendária crueldade, não alegrava ninguém.

— E se negociássemos? — insinuou o príncipe Pefteu com voz trêmula.

— O que propões?

— Senhor Tefnakht, haveis conquistado duas grandes cidades e sois Atualmente o senhor do Médio Egito. Se Piankhi o reconhecer, porque havemos de ir mais longe? Uma troca de embaixadores ratificará esta nova situação.

— Não compreendeste o sentido do meu combate, Pefteu! Aumentar o meu território não me interessa. O que quero é um Egito unido como outrora, um Egito que voltará a ser o primeiro império do mundo mediterrâneo! Piankhi negociará comigo quando as suas tropas forem exterminadas e quando ficar condenado à solidão e à miséria, numa Núbia que o Egito controlará de novo e cujas riquezas explorará. Mas não cometerei o erro de poupar a vida a esse usurpador! Um rebelde núbio não merece qualquer indulgência.

O príncipe Pefteu não insistiu.

— Se Piankhi envia um corpo expedicionário — considerou Aurora, tomando a palavra para surpresa geral — não é nem para negociar nem para fazer a paz. Terá certamente escolhido os seus melhores homens para conduzirem à batalha as tropas estacionadas em Tebas.

— Não vai ser uma mulher que nos vai dar lições de estratégia — protestou um chefe de clã líbio.

— Porque não? Esta parece-me excelente — considerou Tefnakht.

— Vá, marchemos sobre Tebas e ataquemo-la!

— Estúpido! — cortou Aurora. — Esbarraríamos com as tropas de Piankhi e o resultado do confronto seria incerto. Pelo contrário, esperemo-las! Serão obrigadas a fraccionar-se e apenas uma parte dos seus homens tentará retomar Hermopólis, para não desgarnecer Tebas e deixá-la sem defesa. Compete-nos preparar o dispositivo militar que nos garanta a vitória. Em seguida, e apenas em seguida, tomaremos o caminho de Tebas, cujas possibilidades de resistência estarão consideravelmente diminuídas.

Os chefes de clã resmungaram, alguns encolheram os ombros, mas muitos tiveram de admitir que a análise da jovem era pertinente.

— Porque mandaste destruir parte das muralhas de Hermopólis? — perguntou Akanosh a Tefnakht.

— Para convencer o inimigo que a cidade estava devastada e que podia penetrar nela facilmente. Uma vez no interior, os soldados de Piankhi serão apanhados na armadilha.

O general desenrolou um papiro no qual estava desenhado um mapa muito preciso da região.

— O resto do corpo expedicionário será apanhado em tenaz na planície e instalaremos várias emboscadas ao longo das colinas para cortar qualquer possibilidade de retirada. Piankhi ignora tudo da arte da guerra, acredita que a força brutal basta para vencer qualquer combate. Chegou o momento de lhe dar uma boa lição.

— Não há o risco da população se revoltar contra nós? — interrogou Akanosh.

— Qual o motivo dessa inquietação? — espantou-se Tefnakht.

— Tratamo-la tão duramente!

— É a guerra, príncipe Akanosh. Qualquer sinal de fraqueza incitaria os civis a desobedecer. Os meus dois conselheiros têm feito um excelente trabalho.

Yegeb manifestou-se com um ligeiro sorriso.

— Graças a nós, essas pessoas sentem-se governadas e protegidas. O que pedimos ao povo? Que obedeça a Tefnakht e lhe conceda a sua confiança, nada mais. E todos sabem que procedemos para o seu bem, mesmo que não compreendam de imediato os sacrifícios que exigimos.

Akanosh desafiou o hipócrita com o olhar, mas não se atreveu a dirigir-lhe as censuras que lhe roíam o coração.

— Quem propõe outra estratégia? — perguntou Tefnakht.

Nenhum chefe de clã quebrou o silêncio.

— Vamos então proceder a um treino intensivo dos nossos diversos regimentos do exército nos locais onde irão intervir, a partir dos planos que vos vou mostrar. No dia do confronto, não

tolerarei a mínima hesitação. Ao trabalho.

Nartreb mascava papiro, Yegeb fazia as suas contas.

— Começamos a enriquecer, amigo. Graças aos plenos poderes que Tefnakht nos concede, desviamos legal e discretamente em nosso proveito um bom quinhão de riquezas. Casas, terrenos, vestuário, sandálias e loUças... Quando atacarmos o campo, espero deitar a mão a rebanhos inteiros. Esta guerra é uma bela guerra!

— Desde que continue — considerou Nartreb — e que a sorte das armas nos seja favorável.

— Paguei generosamente aos oficiais de Heracleópolis e Hermopólis para que eles obedeçam cegamente a Tefnakht. Enquanto ele continuar vitorioso, não levantarão qualquer problema. O que um soldado espera são ordens claras e um bom soldo. Com isso, mata sem remorsos.

— Será que todos os nossos aliados desejam verdadeiramente essa vitória?

— Pensas no príncipe Akanosh?

— Tenho a impressão que se daria por satisfeito com um cessar das hostilidades e que não aprecia a nossa forma de governar uma cidade.

— Tens razão, Nartreb. Esse Akanosh pode vir a tornar-se incômodo.

— Queres que intervenha... à minha maneira?

— Não, uma morte violenta despertará a desconfiança dos outros chefes de clã em relação a Tefnakht e abrir-se-ia uma brecha na coligação. Tenho uma idéia melhor: vamos preparar-lhe uma cilada.

Nartreb friccionou os volumosos pés com um unguento feito com folhas de acácia, folhas de zizifo, terra da Núbia, crisocólio e o interior da concha de um molusco de água doce. O semita detestava andar, que lhe fazia inchar os tornozelos.

— Aurora está a ocupar muito lugar — queixou-se. — Se a deixarmos agir, Tefnakht relegar-nos-á para segundo plano e acabará por esquecer-nos ou até dispensar-nos!

— Detesto as mulheres. Quando saem do quarto de dormir e da cozinha, não servem senão para espalhar a confusão! Quando Tefnakht reinar, aconselhá-lo-emos a proclamar uma lei que as obrigará a andar veladas da cabeça aos pés, a não trabalhar e a permanecerem fechadas em casa.

— Excelente idéia, Yegeb. Entretanto, temos de impedir essa ambiciosa de se tornar rainha... Sem pormos Tefnakht contra nós!

— Não será fácil, meu amigo, mas havemos de conseguir.

Condições de tempo favoráveis, corrente forte, barcos rápidos e excelentes pilotos: todas as condições se tinham conjugado para uma viagem fácil. Em três semanas, o corpo expedicionário comandado pelos capitães Lamerskény e Puarma atingira o seu primeiro destino, Tebas, “a Poderosa”, cidade do deus Amon.

Para não terem que dirigir a palavra um ao outro, os dois oficiais não tinham efetuado o trajeto no mesmo barco. No entanto, juntos tinham recebido as ordens do faraó negro que exigira a concretização de uma estratégia muito precisa para acabar com a ofensiva de Tefnakht. Lamerskény objetara que as condições encontradas no terreno poderiam muito bem modificar a teoria; Puarma prometera ao soberano que seria o seu braço armado e que evitaria qualquer iniciativa pessoal.

Se não houvesse ótimos combates em perspectiva, Lamerskény teria ali mesmo desancado Puarma com o seu braço de madeira de acácia. Mas o capitão conseguira controlar-se e acalmara, entre Napata e Tebas, graças ao afeto ardente de duas jovens núbias que embarcara clandestinamente, violando o regulamento. As beldades estavam tão felizes por se tornarem bailarinas numa casa da cerveja da grande cidade do Sul que se prestavam com entusiasmo a todas as fantasias do herói.

Próximo da cidade, barcos do exército barravam o rio. A flotilha núbica imobilizou-se.

Por instantes, Lamerskény julgou que Tefnakht se tinha apoderado de Tebas e que ia ter de travar uma batalha a um contra mil. Mas a presença de um oficial núbico na proa do navio almirante sossegou-o. Não querendo deixar ao capitão de infantaria o privilégio deste primeiro contacto, Puarma viera juntar-se-lhe saltando de borda em borda.

— Um acolhimento um tanto estranho, não achas?

— Os teus arqueiros estão em posição?

— Estamos em Tebas, e...

— Que estejam a postos, cabeça de martelo! Estamos em guerra acima de tudo e pode acontecer não importa o quê a qualquer momento.

Mesmo vexado, Puarma deu a ordem.

O oficial de marinha avaliou os visitantes dos pés à cabeça.

— Identifiquem-se.

— Lamerskény, capitão de infantaria. E este é o meu colega Puarma, capitão de arqueiros.

— Tenho ordem para vos conduzir ao templo de Karnak.

— Mas que história é essa? — protestou Lamerskény. — Somos soldados, não sacerdotes! Queremos ver imediatamente o comandante da guarnição.

— Aqui, quem manda é a Divina Adoradora. Ela deu-me uma ordem e eu executá-la-ei.

Puarma deteve o pulso de Lamerskény, prestes a tirar a espada da bainha.

— Muito bem, seguir-vos-emos.

Os dois capitães foram transportados num pesado barco de guerra onde tinha embarcado uma centena de marinheiros.

— Nunca mais voltas a fazer isso — disse Lamerskény a Puarma — ou parto-te o braço!

— Era para o teu bem, cabeça de martelo. Lembra-te: deves bater-te contra os nossos inimigos, não contra os nossos amigos.

A visão de Karnak pôs fim à discussão.

Estupefatos, os dois capitães descobriram o imenso domínio sagrado de Amon-Rá, o deus dos deuses, encerrado numa alta muralha ultrapassada pelas pontas dos obeliscos cobertos de ouro. É verdade que o templo de Napata era imponente, mas aquele ultrapassava tudo o que a imaginação podia conceber. Durante séculos, os faraós tinham aumentado e embelezado o santuário com o nome de “Aquele que fixa a localização de todos os templos”. A vida manifestara-se ali pela primeira vez sob a forma de uma ilhota emergente do oceano primordial e, desde então, nunca o sopro de Amon deixara de manifestar-se, inchando a vela dos barcos.

— Sangue dos deuses... mas que formidável fortaleza isto daria! — exclamou Lamerskény.

Puarma tinha os olhos fixos no pilone de acesso, simbolizando simultaneamente as montanhas de Oriente e de Ocidente e as deusas Ísis e Néftis. Entre elas e graças a elas, o sol renascia todas as manhãs.

— Foram os deuses que construíram Karnak — murmurou o capitão dos arqueiros — não os homens.

Um sacerdote de crânio rapado conduziu os emissários de Piankhi a uma porta anexa ao recinto, onde um ritualista de rosto severo lhes perguntou os nomes.

— Haveis-vos aproximado de uma mulher nestes últimos três dias?

— Certamente que não — mentiu Lamerskény. — Vimos de Napata de barco e só havia militares a bordo.

— Nesse caso, podeis franquear esta porta.

— Fomos enviados pelo faraó para lutar contra os líbios e não temos tempo a perder!

— Segui-me.

O homem do braço articulado deu um suspiro de exasperação. Estavam em Karnak e tinham de submeter-se aos caprichos dos religiosos.

Em passos lentos, outro motivo de enervamento para Lamerskény, o sacerdote levou os visitantes até ao lago sagrado. Puarma estava fascinado pelo esplendor dos templos coloridos que pareciam encaixar-se uns nos outros, enquanto Lamerskény se deixava encantar pelos suaves perfumes que lhe recordavam requintadas amantes.

O tamanho do lago deixou estupefatos os dois oficiais. Centenas de andorinhas sobrevoavam a superfície azulada sobre a qual, durante as festas, os sacerdotes faziam vogar barcos em miniatura.

— Tirai as vossas roupas — ordenou o sacerdote.

— Permitis que nademos? — interrogou Lamerskény.

— Deveis purificar-vos.

— Não temos intenção de nos tornarmos sacerdotes!

— A regra exige que qualquer pessoa recebida no templo, mesmo a título temporário, seja purificada. Despi-vos, descei lentamente até ao lago pela escada de pedra, entrai na água, permaneceu imóvel alguns instantes e recolhei-vos orientando o vosso espírito para a luz.

— Fico com a minha espada — exigiu Lamerskény.

— Está fora de questão: as armas devem ficar depositadas no limiar do templo.

— Vamos — aconselhou Puarma.

Quando Lamerskény tirou a camisa rugosa, o sacerdote não conseguiu disfarçar o seu espanto.

— É um estranho braço, hem? Antes de sair de Napata, mandei reforçar a armação de madeira com metal e o especialista dos carros untou tudo com resina.

Nus, os dois soldados purificaram-se no lago sagrado. Depois, vestiram-nos com um saiote de linho de brancura resplandecente, barbearam-nos e perfumaram-nos com incenso.

— Perante Deus — recomendou o sacerdote — não vos gabeis de possuir força! Sem ele, o braço é desprovido de vigor. É Deus que faz do fraco um forte, é ele que permite a um único homem ser o vencedor de mil.

Transformados em “sacerdotes puros”, o último escalão da hierarquia religiosa, Lamerskény e Puarma foram convidados a deitar um pouco de água santa sobre os alimentos pousados nos altares e recitar um texto ritual dirigido a Amon: “Mostra-nos o caminho, permite que combatamos à sombra da tua força.”

— Agora — disse o sacerdote — podeis penetrar na grande sala de colunas.

Os dois oficiais ficaram sem respiração.

A sala, construída por Seti I e Ramsés, era composta por gigantescos papiros de pedra sobre os quais se desenrolavam cenas coloridas que mostravam o faraó a fazer oferenda aos deuses. Pequenas aberturas feitas nas enormes lajes do teto deixavam passar os raios de luz.

E foi precisamente num desses feixes que Lamerskény viu uma aparição: uma jovem envergando um vestido branco de alças, com os seios cobertos por um xale azul pálido.

— Uma deusa — balbuciou. — É uma deusa!

— Sois os capitães Lamerskény e Puarma? — perguntou a aparição.

— Lamerskény sou eu! Sempre venerarei os deuses, sobretudo as deusas... Quanto a Puarma, é um descrente. Não é digno de vos ouvir.

A aparição sorriu. Os traços do seu rosto eram tão delicados que Lamerskény se sentiu intimidado.

— Sois a Divina Adoradora? — interrogou Puarma.

— Não, apenas a sua intendente. Sua Majestade está gravemente doente e não sai do seu quarto. Foi por isso que me pediu para vos receber e informar antes de encontrardes os vossos colegas.

— Informar-nos... Mas a propósito de quê?

— Vinde, peço-vos.

A bela sacerdotisa guiou os dois oficiais até ao domínio temporal da Divina Adoradora que compreendia uma capela, aposentos privados e gabinetes de escribas. Foi num deles que fez entrar os seus convidados.

Fascinado, Lamerskény não tirava os olhos dela.

— Como vos chamais?

— Alfazema.

— Sois casada?

— Nem a Divina Adoradora nem as sacerdotisas que estão ao seu serviço se casam. Interessais-vos por questões religiosas, capitão Lamerskény?

— Apaixonam-me.

— Tenho uma triste notícia a dar-vos: o comandante da base militar de Tebas morreu há quatro dias.

— Que aborrecido para ele! E quem o substitui?

— Isso é o que a Divina Adoradora, preocupada com a segurança de Tebas, gostaria de saber o mais rapidamente possível. Tendo sido anunciada a vossa vinda, a cidade espera para saber qual de vós dois assume o comando das tropas.

Lamerskény e Puarma entreolharam-se, interditos.

— Temos o mesmo posto...

— A infantaria é a arma mais antiga e a mais tradicional — especificou Lamerskény. — Portanto...

— O corpo de arqueiros apenas reúne soldados de elite — objetou Puarma. — Assim...

A discussão irritou Alfazema.

— A Divina Adoradora quer saber quais foram as ordens que o Faraó vos deu.

— Devíamos colaborar e colocarmo-nos sob a autoridade do comandante — revelou Puarma.

Lamerskény e Puarma discutiram durante mais de uma hora, lançando ao rosto um do outro ladainhas de falsos argumentos.

— E se executássemos simplesmente as ordens de Piankhi? — propôs o capitão dos arqueiros.
— Ele exige que partilhemos o comando, pois façamo-lo!

— Impossível.

— Não temos outra alternativa.

Lamerskény apreciava a ação, não as palavras.

— Entendido, mas falaremos juntos aos homens, em rigoroso pé de igualdade e não tentarás impor a tua autoridade à custa da minha, sob o pretexto de que sabes manejar o arco.

— Remediemos a ausência momentânea de comandante e cumpramos a nossa missão. O Faraó agradecer-nos-á. Caso contrário, a sua cólera será terrível.

— Até que enfim um argumento interessante... No fundo, tens razão, Puarma. Unamos os nossos esforços para vencer. Mas deixa-me tomar a iniciativa; tu não és capaz.

Os soldados aquartelados em Tebas não foram fáceis de convencer.

Em primeiro lugar, lamentavam o seu comandante cujo luto exigiram cumprir ainda durante mais alguns dias, com um bônus reforçado; depois, apenas conheciam Lamerskény e Puarma de reputação e desconfiavam daqueles novos chefes; por fim, estavam habituados a gozar de uma paz bastante confortável e não tinham o menor desejo de combater, tanto mais que Tefnakht não ameaçava Tebas. Em suma, a melhor solução consistia em esperar por novas ordens de Napata. Como porta-voz das tropas, um oficial apresentou mesmo uma lista de reclamações relativas à qualidade da alimentação, à dos uniformes e ao número de dias de folga.

Puarma receou que Lamerskény lhe rebentasse o crânio com o braço de madeira, mas o capitão de infantaria permaneceu silencioso.

Tefnakht acariciou muito lentamente os seios nus de Aurora.

— És uma feiticeira... Como fizeste para me enfeitiçar?

— Foste tu que me enfeitiçaste, visto que partilho o teu ideal. Reconquistar este país, torná-lo poderoso como outrora, haverá tarefa mais exaltante?

Tefnakht tinha-se apaixonado por um corpo de moça de formas perfeitas, de ingênuo ardor, e não se cansava de o explorar. Aurora correspondia às suas carícias, mas não cessava de falar do grande projeto dele que também fizera seu com uma paixão devoradora.

— Tens filhos? — perguntou-lhe ela.

— Em Sais tinha várias mulheres à minha disposição, mas não amava nenhuma. Deram-me filhos... As moças ficaram no Norte e dois dos meus filhos com idade de combater são oficiais no meu exército. Nenhum deles será capaz de me suceder. Depois de mim, será o nosso filho que subirá ao trono.

Aurora tomou-lhe o rosto entre as mãos.

— Amo-te, Tefnakht. Amo-te porque o teu coração está animado por uma grande visão. Mas não quero filhos antes de seres Faraó e de as Duas Terras curvarem a cabeça perante ti.

A determinação de Aurora impressionou Tefnakht. Não era talhada na mesma madeira das outras mulheres que tinha conhecido e, por momentos, quase lhe fazia medo.

— Como quiseres...

Para lhe agradecer pela sua aquiescência, cobriu-o de beijos com o ardor de uma leoa decidida a devorar a sua presa. Pouco inclinado a desempenhar o papel de vítima, Tefnakht obrigou Aurora a deitar-se de costas e retomou a iniciativa.

Bateram à porta do quarto.

— Quem se atreve? — trovejou Tefnakht.

— Yegeb, senhor. Uma notícia importante, muito importante.

— Não pode esperar?

— Não creio.

O general abriu a porta. Yegeb curvou-se.

A nossa rede de espionagem acaba de informar-nos que o comandante da guarnição de Tebas morreu. O corpo expedicionário chegou, mas está imobilizado pela confusão. Os oficiais de Piankhi digladiam-se, ninguém é capaz de dar uma ordem clara e nenhum movimento de tropas será desencadeado antes de chegarem novas instruções de Napata. Não é uma ocasião soberba?

Os olhos de Tefnakht relampejaram.

— Atacar Tebas pelo Nilo e causar pesadas baixas à guarnição... Sim, é o momento perfeito!

— Tínhamos definido outra estratégia — lembrou Aurora, indiferente à presença de Yegeb, que fixou o corpo da jovem com um interesse misturado com desagrado.

— É preciso saber adaptar-se às circunstâncias; podemos obter uma vantagem decisiva! Manda embarcar imediatamente uma primeira vaga de assalto comandada por um chefe de clã.

A guarnição estava profundamente adormecida. Desde a morte do comandante, o treino fora suprimido e todos se levantavam tarde.

Sofrendo de insônias desde que assistira à morte do seu melhor amigo num combate sangrento contra os “corredores da areia”, os beduínos ladrões do deserto, o soldado Ricin não apreciava tanto como os seus camaradas esse repouso prolongado. Preferia o exercício. Fatigar-se fisicamente afastava as suas más recordações.

Com os olhos abertos, Ricin contemplava o teto de madeira da caserna.

De repente, como se fosse serrada a meio, uma viga do teto soltou-se e caiu no dormitório. Dois troncos de palmeira tiveram a mesma sorte, espalhando o pânico entre os soldados acordados em sobressalto.

— Ouçam-me! — rugiu Lamerskény, empoleirado no telhado em companhia de Puarma e de uma vintena de arqueiros. — Equipem-se imediatamente e saiam do vosso buraco. Reúnam-se na praça de armas. Os que recusarem obedecer serão executados por insubmissão.

Repetiu-se a mesma cena em todos os aquartelamentos e, no fim da manhã, a guarnição de Tebas estava em pé de guerra.

— Como vês — disse Lamerskény a Puarma — basta saber falar-lhes. Estes rapazes precisavam de ser despertados, é tudo. Agora, trata tu de lhes deitar a mão. Eu sigo para norte com uma pequena flotilha bem equipada.

— O perigo...

— De que outra forma podemos detectar eventuais emboscadas organizadas por elementos avançados do exército de Tefnakht?

Puarma roía-se interiormente.

Lamentava ter aceito a proposta de Lamerskény, que não deveria ter deixado partir só à frente de algumas centenas de marinheiros. Um comandante de infantaria comandando uma expedição naval! A catástrofe era previsível.

Mas era preciso agir... Piankhi tinha ordenado aos dois capitães que avançassem em linha de batalha, iniciassem o combate contra Tefnakht, o cercassem e o capturassem, começando por destruir os seus barcos, tudo sem deixar de garantir a segurança de Tebas.

Sob a proteção de Puarma, a cidade santa do deus Amon não corria qualquer perigo. Quanto ao resto... tudo dependeria da sorte de Lamerskény.

O responsável pelo correio apresentou-se perante Puarma.

— Às vossas ordens, capitão.

— A mensagem partiu para Napata?

— Logo de manhã, com uma escolta de arqueiros. Podeis estar certo que chegará ao seu destino.

Puarma redigira um longo relatório no qual não omitia qualquer pormenor. Competia a Piankhi tomar as decisões em função do evoluir da situação e transmitir-lhe as suas ordens tão rapidamente quanto possível.

— Que outro mensageiro esteja preparado para partir. A partir de hoje, as idas e vindas entre Tebas e Napata serão constantes.

— Entendido, meu capitão.

A Divina Adoradora estava a morrer, Puarma era o único senhor de Tebas e essa responsabilidade inesperada assustava-o. Mas defenderia a cidade santa até à última gota do seu sangue.

— Mais depressa! — exasperou-se o chefe de clã líbio, exortando pessoalmente os remadores. — Parece que estão a dormir, seus paspalhões! Em breve estaremos em Tebas e terão as mais belas moças do Egito e vinho em quantidade!

Tais perspectivas aliciantes não sortiram qualquer efeito. Os civis de Heracleopólis e Hermopólis, alistados à força, não tinham pressa em enfrentar as tropas de Piankhi e morrer numa batalha na qual não sentiam qualquer desejo de participar.

Desta forma, a frota de assalto enviada por Tefnakht tinha avançado muito mais lentamente do que estava previsto. Matar os remadores egípcios não era uma solução, pois nenhum soldado líbio aceitaria substituí-los.

Quando se levantou o vento do norte, puderam finalmente içar as velas e avançar mais rapidamente. O chefe de clã, um antigo corredor da areia conquistado pela boa mesa e a doçura da terra egípcia, reencontrava os seus instintos de assassino. Imaginava-se já a incendiar o templo de Amon, a violar a Divina Adoradora e as suas sacerdotisas e a esvaziar a cidade santa dos seus tesouros.

Tefnakht era um bom general. Ao ordenar aquele ataque de surpresa que desorganizaria a defesa adversária, e ao confirmar a vitória com o afluir do grosso das suas tropas, ganharia a guerra em poucas semanas.

Lamerskény saboreava a sua nova posição. Instalado numa confortável cabina, estendido num leito de qualidade, saboreava cachos de uvas e bebia pequenos goles de cerveja doce, um pouco gasosa e deliciosamente fresca.

A marinha tinha coisas boas e a guerra era realmente o melhor para o homem. Enquanto o infeliz Puarma vivia horas de angústia para organizar a defesa de Tebas, ele, o guerreiro do braço de acácia, vogava no Nilo.

Ao aproximar-se de Hermopólis, seria então altura de se preocupar com Tefnakht, esse líbio cobarde que nunca se atreveria a aventurar-se para além do Médio Egito.

O soldado Ricin, que Lamerskény escolhera como o ordenança, entrou na cabina.

— Capitão, parecem... barcos.

— Barcos de mercadores?

— Não... de guerra! E vêm na nossa direção.

— Deves estar enganado, Ricin.

— O vigia assinalou bem uns vinte.

— Intrigado, Lamerskény saiu da cabina e avançou até à proa. Ricin não tinha mentido. Não se tratava de barcaças nem de lanchões, mas dos líbios que subiam o Nilo em direção a Tebas.

— Este Tefnakht é mais perigoso do que eu tinha suposto...

— Batemos em retirada, chefe? Lamerskény olhou Ricin com olhar indulgente.

— Há quanto tempo não te bates, soldado?

— Alguns anos... Aquilo em Tebas era sossegado.

— Conheces a reputação de Piankhi?

— Diz-se que basta pronunciar o seu nome para pôr o inimigo em fuga.

— Excelente! E sabes também que Piankhi me ordenou que repelisse Tefnakht e os seus revoltados para o norte.

— Sim, chefe, mas esses revoltados são numerosos, muito mais numerosos do que nós.

— Vamos bater-nos a um contra dez, mas em nome de Piankhi! Os líbios não têm qualquer chance.

— Acreditais realmente?

— Lamerskény nunca mente, soldado! Toque de combate: transmite a ordem a todos os barcos.

— Que tática vamos adotar?

— A mais simples: atacamos em força.

O chefe de clã líbio nem queria crer nos seus olhos.

Colocados a toda a largura do Nilo, os barcos egípcios avançavam diretos a ele. Como Lamerskény mandara instalar na proa verdadeiras muralhas de escudos, os tiros dos arqueiros líbios foram inoperantes. Em contrapartida, muitos morreram sob as pedras, tanto redondas como pontiagudas, lançadas pelas fundas dos adversários.

Estes espalharam igualmente o pânico entre os bois e cavalos embarcados por ordem de Tefnakht, uns para servir de alimento, os outros para puxar os carros cujas peças separadas seriam reunidas logo a seguir à acostagem. Assustados, os animais rebentaram os laços que os prendiam, espezinharam grande quantidade de soldados e provocaram mesmo o virar de um dos barcos.

O chefe de clã líbio já não sabia como havia de manobrar. Alguns dos seus subordinados aconselhavam o confronto, outros a retirada. Os remadores escapavam dos seus bancos para mergulharem no rio.

Antes mesmo da proa do seu barco se encaixar na do líbio, Lamerskény, de espada na mão, saltou berrando para a embarcação adversária e cortou o pescoço de todos os que foi encontrando à sua passagem. Galvanizados pelo exemplo, os soldados do corpo expedicionário seguiram o caminho aberto pelo seu capitão.

— Primeiro objetivo atingido — declarou Lamerskény com orgulho. — Todos os barcos líbios que se dirigiam para Tebas foram destruídos. Não há sobreviventes e as minhas perdas são ínfimas. Os nortistas acabam de sofrer a sua primeira derrota.

— És um valente — reconheceu Puarma, que acabava de reunir-se ao capitão de infantaria mas foi apenas um confronto pequeno. Os despojos?

— Armas, víveres, jarros...

— Enviaremos tudo para Tebas.

— A nossa parte...

—Piankhi proibiu.

Os dois oficiais tinham-se reencontrado no sul da província de Lièvre, a boa distância da sua capital, Hermopólis. Logo que recebera a mensagem de Lamerskény, Puarma metera-se a caminho com o resto do corpo expedicionário para continuar a aplicar as diretivas do faraó negro.

—Olha lá, colega, — avançou Lamerskény com um tom adocicado que não condizia nada com ele — poderia tomar outra iniciativa...

— Qual?

— Atacar Hermopólis e apoderar-me dela. Um ataque surpresa, com a totalidade das nossas tropas, destruirá as defesas da cidade.

— As tuas excentricidades no Nilo, ainda vá... Mas quanto a Hermopólis, nada de improvisações. Devemos pôr em prática o plano do faraó e cingir-nos-emos a ele.

Lamerskény compreendeu que não conseguiria nada. Como se tornavam aborrecidas aquele gênero de guerras táticas!

Na sala de audiências do palácio de Hermopólis, os membros do conselho de guerra de Tefnakht não dissimulavam a sua decepção.

— As informações são de confiança? — perguntou o príncipe Akanosh.

— Os nossos barcos foram afundados — confirmou Tefnakht — e nenhum dos marinheiros da nossa vaga de assalto sobreviveu.

— Ninguém podia prever que esbarraríamos com uma flotilha adversária — protestou Yegeb.

— Tinha-vos prevenido de que esta estratégia era perigosa — lembrou Aurora.

Yegeb e Nartreb lançaram um olhar de ódio à jovem.

— Não falemos mais do passado — exigiu Tefnakht. — Não passa de uma escaramuça que vem provar, se tal fosse necessário, a determinação dos nossos inimigos.

— Talvez ainda estejamos a tempo de negociar — propôs o príncipe Pefteu.

— Nunca negociarei! Vamos perder a confiança ao primeiro fracasso? Sabíamos perfeitamente que a tomada de Tebas seria difícil e exigiria numerosos combates. Piankhi julgarnos-á mais fracos do que somos na realidade e cometerá erros irreparáveis. O primeiro será cair na armadilha de Hermopólis.

— Com uma condição — precisou Aurora. — Que o conselho de guerra se instale mais a norte, em Heracleopólis. Quando as tropas núbias caírem sobre Hermopólis, considerando a cidade à sua mercê, os combates serão de extrema violência. Tefnakht só deverá intervir depois do aniquilamento do corpo expedicionário para retomar a marcha rumo ao sul.

Nemrod empalideceu.

— Como príncipe de Hermopólis, devo permanecer na minha cidade?

— Não será necessário — considerou Tefnakht — visto que fazes parte do meu estado-maior. Regressarás depois da vitória.

Mais descansado, Nemrod aprovou o plano do general.

— No futuro — disse Aurora a Yegeb — deveis abster-vos de dar qualquer conselho de ordem militar e contentai-vos com a gestão das nossas cidades.

A jovem exprimira-se com a autoridade de uma rainha. Yegeb ficou de boca aberta.

Embora um pouco baixa demais, a cheia podia ser considerada satisfatória. A água já se retirava das terras altas e o velho camponês que geria uma quinta onde trabalhavam vinte agricultores, acabava de ordenar ao seu pessoal que preparasse os arados para trabalhar a terra antes de os bois nela enterrarem as sementes.

O neto, um garoto de oito anos, puxou-o por um braço.

— Avô... quem são aquelas pessoas com lanças, no caminho da colina?

— Volta para casa, meu filho.

Os soldados aproximaram-se da quinta. À frente, um homem barbudo de crânio rapado e rosto inquietante.

— Trêmulos, os trabalhadores juntaram-se atrás do patrão.

— O que quereis?

— Sou o capitão Lamerskény e dou-vos ordem de parar imediatamente o trabalho.

— Mas... estamos no início da faina!

— Não haverá faina, nem sementeiras, nem colheitas na província de Lièvre enquanto ela estiver ocupada pelo exército nortista. São essas as ordens do faraó Piankhi.

— Tendes intenção de matar os nortistas à fome, não é?

— Hão de render-se e isso provocará menos mortes.

— E nós, o que comeremos?

— Foi previsto pelo Faraó: das reservas de Tebas. Acima de tudo, não penses fazer-te esperto. Quem infringir as ordens será imediatamente preso.

— Esta guerra vai demorar muito tempo? Desde que os líbios se apoderaram de Hermopólis, saqueiam tudo! Na aldeia vizinha chegaram mesmo a queimar duas quintas e obrigaram os seus proprietários a tornar-se remadores. Se o faraó negro é um homem justo, pois que restabeleça a paz.

— Estamos a tratar disso, avozinho.

Vindos de Hermopólis, os soldados líbios penetraram de madrugada na aldeia. Tinham marchado durante toda a noite, à frente de um comboio formado por burros e transportadores de cestos. As reservas de alimentos começavam a escassear na cidade do deus Thot e os notáveis

queixavam-se da medíocre qualidade dos seus últimos banquetes.

Por isso, o comandante da guarnição, por ordem de Nemrod, enviara diversos comboios como aquele para se reabastecerem de fruta e legumes frescos. Os camponeses protestariam, mas bastaria dar umas bastonadas nos mais veementes para acalmar os outros. A província de Lièvre tinha que aceitar a necessidade de esforços de guerra em favor da sua capital.

Os soldados de Nemrod passaram em frente das enormes ânforas que continham água para as necessidades da aldeia, contornaram o forno de pão e detiveram-se em frente da casa do chefe da aldeia, caiada com cal e decorada com grinaldas de ocianos delicadamente pintados.

Um soldado bateu à porta.

— Abre imediatamente!

Um gato cinzento escondeu-se na erva densa da beira do caminho. O miliciano continuou a bater.

Alguns minutos mais tarde, a porta abriu-se chiando.

— Estava a dormir a sono solto... O que se passa?

— Acorda os camponeses. Requisitamos produtos comestíveis.

— Ah... Não é possível.

— Obedece!

— Aqui, sou eu quem dá as ordens — respondeu Lamerskény, desfazendo a cabeça do miliciano com o seu braço de madeira.

Das outras casas saíram arqueiros que dissuadiram os milicianos de Nemrod de lutar.

Nenhum dos comboios de reabastecimento do príncipe traidor regressaria a Hermopólis.

— Ei-los! — exclamou um vigia.

O comandante da praça forte de Hermopólis colocou imediatamente em ação o dispositivo previsto por Tefnakht.

Os civis meteram-se em suas casas, cujas portas e janelas fecharam, enquanto que os soldados de infantaria e os arqueiros se ocultavam em todos os recantos da cidade, parte de cuja muralha fora deitada abaixo.

O corpo expedicionário núbio seria irresistivelmente atraído pela cidade abandonada. Era preciso ter a paciência de esperar que o grosso das tropas fosse apanhado na armadilha para as exterminar.

Depois de semelhante derrota, o faraó negro não voltaria a tentar reconquistar a província de Lièvre, que se tornaria a base avançada de Tefnakht.

— Aproximam-se?

— Sim — respondeu o vigia. — Ah!... O cavaleiro que vem à frente imobilizou-se.

Puarma contemplava Hermopólis.

À primeira vista, a cidade tinha sido muito maltratada. Nem um arqueiro nas muralhas. Os soldados de Nemrod tinham certamente fugido para o norte.

Lamerskény, que preferia andar a montar no dorso de um quadrúpede de reações imprevisíveis, estava de mau humor. Para respeitar as ordens de Piankhi, não deviam atacar de noite nem lançar todas as forças disponíveis na batalha e, no entanto, tinham que exterminar o exército de Tefnakht e apoderar-se do general revoltado! Nessas condições, que equivaliam a andar sobre fruta madura sem a esmagar, como travar uma guerra em condições? E depois havia aquele Puarma, oficial obediente e zeloso, que o impedia de agir como muito bem lhe dava na gana. O capitão de infantaria veio até junto do seu colega.

— Uma bela presa, não achas? Conhecendo-te como te conheço — disse Puarma — tenho a certeza que só tens um desejo: cair sobre Hermopólis e apoderar-te dela.

— Conheces-me mal, manejador de arco! O meu faro indica-me que se trata de uma soberba emboscada. Não se deixa assim ao abandono uma cidade tão importante como esta. Tefnakht ordenou a várias centenas de veteranos que se escondessem para nos surpreenderem. Mas foram longe demais: não sequer há um único arqueiro nas muralhas.

— Quer tenhas razão ou não, pouco importa. O faraó ordenou-nos que passássemos de largo e atacássemos Heracleopólis.

— Tanto melhor para nós.

Deixando de parte Hermopólis, o corpo expedicionário continuou para norte. Lamerskény sentia picadas nas costas. Não duvidava que centenas de pares de olhos viam afastar-se as suas vítimas.

Aldeias devastadas, casas queimadas, cadáveres de cães, de gatos e de pequenos macacos jaziam nas ruelas, crianças perdidas que chamavam pelas mães, velhos que tinham morrido de fome encostados aos restos de um muro de quinta... Nunca Lamerskény, que estava no entanto habituado às crueldades da guerra, contemplara espetáculo tão terrível. Incapaz de o suportar,

Puarma isolara-se para chorar. Soldados experientes estavam acobrunhados.

Lamerskény bateu no ombro do capitão de arqueiros.

— Vem, não podemos ficar aqui. Temos que reunir os sobreviventes e mandá-los para o sul.

— Desculpa, mas...

— Não vale a pena desculpare-te. Um bom soldado não pode gostar deste gênero de massacre.

Puarma cerrou os punhos.

— Se Tefnakht e os seus aliados estiverem realmente em Heracleopólis, matá-los-emos! E o faraó orgulhar-se-á de nós.

Pelas estradas que conduziam à cidade, a mesma desolação. Junto à margem ardiavam barcaças que os homens de Tefnakht tinham incendiado. Um homem que costumava realizar as passagens do rio, explicou aos dois capitães que os nortistas praticavam a estratégia da terra queimada para impedirem o corpo expedicionário núbio de se reabastecer e de se deslocar com facilidade.

— Não teremos uma tarefa fácil — considerou Lamerskény. — Se as forças adversárias se concentraram em Heracleopólis, não teremos peso para elas.

— Piankhi confiou-nos uma missão e cumpriremos essa missão!

Dava prazer ver a fúria guerreira de Puarma.

— Entendido, arqueiro! Mas deixa-me tomar a iniciativa. Não me divertiria nada morrer.

Quando saiu da sala onde acabava de desenrolar-se o conselho de guerra, o príncipe Akanosh estava absorto. Tinha esperado que o revés sofrido por Tefnakht bastaria para o persuadir a renunciar aos seus projetos de conquista, mas enganara-se redondamente.

Tefnakht não parecia nada enfraquecido pela perda da sua primeira vaga de assalto e fizera vir como reforço as tropas do Delta mantidas de reserva. Concentrando-se em Heracleopólis, o general adotava uma tática engenhosa que consistia em atrair para si o adversário para o aniquilar se, por milagre, este tivesse escapado à emboscada de Hermopólis.

Tefnakht tinha razão: era necessário reunificar o Egito. Mas não daquela maneira! Uma população conquistada pela força não podia amar o tirano que a tinha martirizado e, mais cedo ou mais tarde, revoltar-se-ia contra ele. Mas o general só dava ouvidos aos seus dois conselheiros, Yegeb e Nartreb, porque lhe tinham permitido, usando a corrupção, formar uma coligação e colocar-se à frente dela.

Quando ia a entrar nos seus aposentos privados, um homem idoso, de pele queimada pelo sol e cabelos crespos, fez cair junto dele um cântaro vazio que se partiu em mil pedaços.

— Perdão, senhor, podia ter-vos ferido!

De repente, o homem exprimiu-se em voz baixa.

— Devo falar-vos, senhor. Ordenai que vos traga água fresca.

Intrigado, Akanosh fez como ele lhe sugeria.

Quando o homem regressou, trazendo um belo cântaro decorado com flores-de-lis, o príncipe recebeu-o na companhia da sua esposa núbia.

— Senhor, devo falar-vos a sós.

— Nada escondo à minha mulher. Fala ou vai-te embora!

— Alguém nos pode ouvir?

A esposa de Akanosh assegurou-se que nenhum ouvido estranho surpreenderia aquele encontro.

— Fiz-me contratar como transportador de água — revelou o homem — mas sou enviado por Piankhi. Se corri tantos riscos para vos encontrar é porque se torna necessário agir e depressa. Com o vosso auxílio, príncipe Akanosh, tenho por missão incendiar o arsenal onde estão guardados os carros de Tefnakht. Privado dessa arma, sentir-se-á tão vulnerável que abandonará o combate e regressará a Saís.

— Não sou um traidor nem um aliado de Piankhi!

— Eu sei, príncipe. Mas, tal como o Faraó, desejais evitar o massacre da população. Nesta mesma noite, colocar-me-ei na proximidade do arsenal com uma dezena de homens. Se fizerdes render a guarda por soldados do vosso clã, poderemos disfarçar este incêndio como um acidente e a paz regressará à região. Agi, suplico-vos!

— Não pertences à tribo dos Baksim, a mais próxima da de Piankhi? — interrogou a esposa núbia do príncipe Akanosh.

— É verdade...Gozamos da sua confiança e tentamos mostrar-nos dignos dela. Tenho de partir... Até esta noite, príncipe!

Akanosh mirou os arcos e os punhais tatuados nos seus braços.

— Não posso permanecer inativo — decidiu.

— Esta noite dormirás nos meus braços — objetou a esposa.

— Não, eu...

— É uma armadilha, meu querido. Esse homem é um provocador que tenta saber se tens intenção de trair Tefnakht.

— Como podes ter a certeza?

— Porque a tribo dos Baksim não existe.

— Que desilusão — considerou Yegeb, que massageava os tornozelos inchados com um unguento composto por farinha de trigo candial, carne gorda, junca odorífica e mel. — Tens a certeza que o nosso homem manobrou bem?

— Absoluta — respondeu Nartreb, irritado. — Sentiu que Akanosh estava pronto para trair, mas esta noite não veio ao arsenal.

— Como compreendeu que lhe armamos uma cilada, está reduzido à impotência! Sabendo-se espiado noite e dia, não poderá comunicar de forma alguma com o inimigo. No fundo, o resultado não é assim tão mau.

Um soldado de sentinela entrou de rompante no quarto dos dois conselheiros.

— O inimigo... O inimigo está às portas de Heracleopólis!

Com os olhos fixos na fortaleza, Lamerskény comeu a sua quinta cebola crua.

— Bela presa — concluiu — mas demasiado gorda para nós.

— Piankhi deu-nos ordem para nos apoderarmos dela, Puarma.

Não conhecia o lugar... À esquerda, o canal controlado pelo adversário; à direita, o rio bloqueado pelos seus barcos... No centro, esta praça forte cujas muralhas estão guarnecidas por centenas de arqueiros líbios! Quantos membros da coligação há lá dentro? Se Tefnakht está presente, as suas tropas sentir-se-ão invencíveis.

Oitenta quilômetros a sul de Mênfis, Heracleopólis reinava sobre uma região próspera. Uma escavação nas colinas, na orla do deserto, tinha permitido a abertura de um canal que ligava o Nilo à rica província do Fayum. No seu principal santuário, protegido por um deus carneiro, encontrava-se preservado um lago que continha a água primordial onde tinha surgido a vida.

A doçura do campo e a leve brisa que fazia cintilar as águas do Nilo não incitava de forma alguma ao combate.

— Terás perdido a tua lendária bravura, Lamerskény?

— Tenho prazer em ser um herói vivo. E quando tenho comichão no meu braço de madeira como se ainda fosse de carne, sei que estou a meter-me por mau caminho.

— Seja como for, não vamos recuar agora!

— Há várias formas de atacar, Puarma.

— Explica-te.

— Como Tefnakht está convencido que nos vamos lançar ao assalto da cidade, colocou ali os seus melhores homens. Do lado do Nilo, não temos barcos suficientes para quebrar o bloqueio. Em contrapartida, podemos apoderar-nos do canal.

— É o objetivo menos interessante.

— Estou de acordo, mas esta conquista menor deve provocar uma reação e é essa que eu quero explorar.

Do topo da torre central de Heracleopólis, protegido por painéis de madeira perfurados que protegiam das flechas inimigas, o príncipe Pefteu exibia um amplo sorriso.

— Não são as fortificações da minha cidade notáveis, general?

— Trabalhaste bem — reconheceu, Tefnakht.

— Piankhi pensava que elas impediriam que vos apoderásseis da minha cidade! Hoje, essa precaução volta-se contra ele. Os núbios estão perturbados... O seu miserável corpo expedicionário não sabe o que há-de fazer.

— Estão a retirar — constatou Aurora, de uma dignidade quase austera no seu longo vestido vermelho desprovido de qualquer ornamento.

O riso agudo e nervoso de Pefteu agrediu os ouvidos da jovem.

— Têm medo, os famosos guerreiros núbios estão mortos de medo!

— É preciso espalhar esta notícia por todo o Egito. Acabará com a reputação de invencibilidade de Piankhi e o seu nome nunca mais assustará ninguém!

— Olhai — disse Aurora. — Dirijem-se para leste.

— É uma estupidez — considerou Pefteu. — Por que hão de dirigir-se para as colinas?

— Tu és que és estúpido! — enfureceu-se Tefnakht. — Vão atacar o canal.

O velho dignitário gaguejou.

— Mesmo assim, senhor... A sua perda não terá qualquer importância.

“Já que os núbios se contentam com tão magra presa”, pensou Tefnakht, “chegou o momento de desferir um rude golpe no corpo expedicionário.”

— Vamos fazer uma incursão — decidiu.

Os arqueiros de Puarma revelaram-se de notável eficácia. Mais do que uma flecha em cada duas feriu o adversário, quer na cabeça, quer no peito. Bastou uma única salva para dispersar a guarda líbia composta por jovens recrutas inexperientes que o pânico rapidamente assaltou.

O próprio Puarma se encarregou de cortar o pescoço do oficial que tentava reunir os seus soldados, prontos para debandar.

Enquanto os seus soldados eliminavam à lança os últimos líbios, cujos cadáveres caíram no canal, Lamerskény tinha permanecido impassível, pois considerava inútil misturar-se àquela mediocre escaramuça.

De repente, aguçou o ouvido.

— Ora aí está! Acabam de abrir a porta grande da cidade e tentam uma incursão para nos fazerem em pedaços.

Puarma olhou na direção de Heracleopólis.

— Parece que não trazem carros... Apenas infantaria.

— Tens os teus arqueiros em posição?

— Nas moitas, dos dois lados da planície.

— Eu trato do choque frontal. Logo que eu bater em retirada, é a tua vez de agir.

Com o penteado tripartido e a longa trança central enrolada na extremidade inferior, as duas altas plumas curvas presas nos cabelos, as tatuagens no peito, abdômen, braços e pulsos, o cinturão cruzado sobre os peitorais e a proteção fálica, os líbios eram bem capazes de assustar qualquer adversário mas não Lamerskény e os seus guerreiros núbios.

Manejando uma curta acha leve de lâmina dupla, o capitão do braço de acácia cortou os

pescoços e os braços a tal velocidade que travou, quase sozinho, o forte impulso do regimento que saía de Heracleópolis. Com a parte de trás escavada, feita com três cavilhas cravadas no cabo e solidamente presas, a arma de Lamerskény fazia uma razia, ao mesmo tempo que o seu braço articulado ia esmagando crânios.

Passado o efeito de surpresa, os líbios, comandados por um chefe de clã que se embriagara com álcool de palma antes de passar à ofensiva, retomaram o avanço.

— Retirar! — berrou Lamerskény.

O capitão protegeu durante alguns instantes os seus homens que corriam para a parte mais estreita da planície e depois imitou-os.

Soltando gritos de vitória, os líbios perseguiram-nos.

Foram presas fáceis para os arqueiros de Puarma. O resto do corpo expedicionário atacou o flanco esquerdo do regimento nortista, partindo-o em dois, enquanto Lamerskény, passando a toda a velocidade em sentido contrário ao da coluna inimiga com os seus melhores elementos, lhe cortava qualquer tentativa de retirada.

A incursão dos líbios saldava-se por um estrondoso fracasso. Mas Lamerskény não queria ficar por ali e forçou a vantagem obtida.

— Para o Nilo! — ordenou.

Arqueiros e soldados de infantaria lançaram-se ao assalto dos barcos nortistas, atacados ao mesmo tempo pela frota núbia. Superiores em número, entusiasmados pelo seu êxito, os homens de Piankhi venceram facilmente e queimaram os barcos de Tefnakht.

— Agora, Heracleópolis! — decidiu Puarma.

— Não — objetou Lamerskény — olha!

As muralhas intactas, os arqueiros em grande número e os relinchos dos cavalos preparados para puxar os carros reunidos no norte da cidade... O grande exército de Tefnakht estava intacto.

— Não lhes fizemos mais do que um arranhão — considerou Lamerskény.

À sombra de um palanque de colunas de madeira dourada, próximo de um espelho de água onde se banhavam quando o calor se tornava muito forte, Piankhi e a sua esposa Abilé divertiam-se com o jogo do cão e do chacal. Sobre a superfície plana de uma pequena tábua de madeira de sicômoro tinham sido escavados trinta buracos nos quais os adversários colocavam pauzinhos pontiagudos cuja extremidade superior tinha a forma quer de uma cabeça de cão, quer de uma cabeça de chacal.

Nem o rei nem a rainha usavam vestuário, mas tinham a pele untada com óleo de moringa e perfumada com kyphi, a obra-prima fabricada pela filha. Depois de terem feito amor na água deliciosa do lago, enfrentavam-se muito sérios.

Na seqüência de uma brilhante manobra, Piankhi estava convencido que os seus chacais iam vencer os cães da esposa. Mas o monarca, perturbado com a beleza selvagem de Abilé, sentia cada vez mais dificuldade em concentrar-se. Sentindo o seu olhar deslizar sobre ela como uma mão acariciadora, a maravilhosa núbia começou a mover-se de forma quase imperceptível para perturbar ainda mais o jogador.

Avançou a mão muito lentamente para a mesa de madeira de sicômoro, deslocou um cão de cabeça esguia e agressiva e apoderou-se de cinco chacais.

— Ganhaste — reconheceu Piankhi. — Mas fizeste batota.

— Eu, fiz batota?

— Enfeitiçaste-me.

— A regra deste jogo proíbe-o?

O faraó negro enlaçou a esposa como se lhe demonstrasse o seu amor pela primeira vez.

— Como todas as rainhas do Egito, és uma grande feiticeira. O teu olhar conhece o segredo de mundos que não consigo atingir.

— Estás muito modesto, Majestade... Não te pertence o poder?

— Possa ele servir-me para proteger a Núbia de todo o perigo!

— Que temos a recear?

O olhar de Piankhi ensombrou-se.

— Este sol tão generoso não dissimulará as trevas?

Um pequeno macaco trepou ao cimo de uma palmeira, um gato branco e fulvo, de ventre rotundo, deslizou para debaixo de um maciço de hibiscos.

Aproximava-se alguém.

— Sou eu, Majestade! — anunciou Cabeça-fria, que trazia um pesado cofre cheio de papiros. — Tenho relatórios de Puarma!

Na presença do faraó e da grande esposa real, e obedecendo a uma ordem sua, Cabeça-fria revelou aos membros do grande conselho o conteúdo dos relatórios.

— Os capitães Puarma e Lamerskény encontraram uma forte oposição no Médio Egito. De acordo com as ordens de Sua Majestade, salvaram e protegeram Tebas, não atacaram a cidade sagrada de Thot, Hermopólis, cujo príncipe, Nemrod, traiu a confiança do Faraó, mas tentaram

apoderar-se de Heracleopólis, cidade igualmente dominada pelo inimigo por causa da derrota de Pefteu. A cidade foi transformada em fortaleza e os nossos peritos consideram-na Atualmente inexpugnável.

— A missão do corpo expedicionário é então um fracasso! — constatou o decano Kapa, estupefato.

— A situação é mais grave do que podíamos supor — confessou o escriba. — Tefnakht é um verdadeiro chefe de guerra e reuniu um grande número de soldados a norte de Heracleopólis, cujas muralhas são defendidas por arqueiros de elite. Os comandantes Lamerskény e Puarma devem portanto limitar-se a ir castigando o inimigo e barrar-lhe a passagem para sul.

— Tefnakht pode atacar Tebas?

— A cidade santa não corre qualquer perigo. As nossas tropas fecharam a fronteira meridional e a província de Liévre e a guarnição da cidade de Amon está em alerta permanente. Na realidade, Tefnakht não pode avançar mais.

— E nós — constatou o decano com amargura — não podemos avançar para o norte. O prestígio do faraó está manchado, já não reina sobre o seu próprio país!

— Os oficiais do corpo expedicionário não regateiam esforços, mas têm a preocupação de poupar os seus homens e de não cortar a ligação com as bases lançando-se numa aventura excessivamente arriscada. Segundo o capitão Lamerskény, cuja bravura e experiência não podem ser postas em dúvida, é impossível aniquilar as forças de Tefnakht.

Um pesado silêncio sucedeu-se a esta declaração. Foi a rainha Abilé que o quebrou.

— Como é tratada a população do Médio Egito? O escriba sentiu-se pouco à vontade.

— Majestade, eu...

— A verdade, Cabeça-fria!

— Os nortistas estão em guerra e não se preocupam com o bem-estar daqueles que consideram como seus súditos. As nossas tropas tentam auxiliar os mais necessitados, mas várias aldeias foram destruídas e muitos inocentes pereceram.

— O Egito está a mergulhar na anarquia — considerou o decano. — Nem justiça, nem segurança, nem respeito pelos outros, mas apenas a violência odiosa e a infelicidade que rasteja como uma serpente.

— Cessemos de colocar inutilmente em perigo os nossos soldados — recomendou o obeso Otokou — e construamos uma barreira de fortins a norte de Tebas. Visto que o Médio Egito está perdido, aceitemos isso. Não devemos tirar lições de uma derrota?

— Piankhi é o faraó do Alto e do Baixo Egito! — protestou o velho Kapa. — Não deve abandonar mais de metade do território a um criador de complicações que esmaga o povo sob o jugo de uma impiedosa tirania.

— É uma visão de grande nobreza, mas está ultrapassada e sou o primeiro a deplorá-lo — disse Otokou com gravidade. — A idade de ouro terminou e ninguém a ressuscitará. Deixemos de sonhar e constatemos os fatos: Piankhi reina sobre um reino composto pela Núbia e o Alto Egito; Tefnakht deitou a mão ao resto do país e não o abandonará nunca mais. Temos apenas um único objetivo: preservar os nossos valores sagrados, a nossa alegria de viver e a paz. Para tal, negociemos e reconheçamos a fronteira surgida desses combates.

Piankhi ergueu-se.

Pelo seu olhar e atitude, Abilé compreendeu que estava tão furioso como uma pantera enraivecida.

A voz do rei encheu a sala de audiências.

— Recuso a injustiça e as exigências bárbaras daquele que se considera o mais forte. Tefnakht violou a lei de Maât e continuará a violar se eu não intervier. Atribuindo a dois capitães a missão de aniquilar o exército nortista, esperava que eles conseguissem pôr rapidamente fim a essa sublevação. Como se comportaram os nossos soldados? Deixaram o inimigo quase incólume e fortaleceram a sua decisão de nos atacar! Tão certo como eu viver e ser amado por Ra, tão certo como meu pai Amon me guiar, irei eu próprio ao Egito e acabarei com as manobras perniciosas de Tefnakht. Fá-lo-ei renunciar para sempre à luta e os nortistas sentirão a firmeza do meu pulso!

Ninguém se atreveu a usar da palavra depois do rei. A esposa seguiu-o até ao terraço do palácio.

— Sei que não me aprovas, Abilé, mas não tenho já o direito de gozar de uma felicidade egoísta quando o Egito está dominado pelo sofrimento. Esperava realmente que Lamerskény e Puarma me dispensassem de deixar Napata e me empenhar pessoalmente nesta batalha. Enganei-me profundamente ao subestimar o adversário. Atualmente, o meu coração está cheio de fúria contra mim próprio, contra a minha imprevidência e falta de lucidez. Foi por causa das minhas fraquezas que Tefnakht se convenceu que era capaz de conquistar as Duas Terras. Compete-me a mim libertá-las do fardo que sobre elas pesa e de que me considero responsável.

— Enganas-te, Piankhi. O desejo de conquistar e destruir para saciar a sua sede de poder pessoal é a única razão de viver de Tefnakht e nada nem ninguém o teriam feito recuar.

— Recuará, juro que recuará.

— Piankhi...

— Não, Abilé. Devo partir para fazer viver a lei de Maât. Se o faraó não cumpre o primeiro dos seus deveres, a felicidade desaparecerá desta terra.

— Não te peço que fiques. Quero partir contigo.

Os dois exércitos estavam misturados, a violência do embate fora terrível, uma multidão de jovens tinha sucumbido e essa atroz visão assombrava as noites do príncipe Nemrod. O desencadear da violência fazia-o descobrir um mundo de cuja existência não desconfiava, um mundo onde se libertavam incontroláveis instintos que a sua educação de notável não o preparara para enfrentar.

Invadira-o um estranho sentimento: sentia a falta da sua cidade. Ele, que sonhava trocá-la por Mênfis, sentia-se órfão dos seus monumentos, das suas ruelas, das suas casas. Encerrado em Heracleópolis, abandonava os seus entre as mãos de uma soldadesca que apenas pensava em derramar sangue e que, amanhã, talvez destruísse a antiga cidade de Thot.

Nemrod apresentou-se no quartel-general de Tefnakht. Yegeb impediu-lhe a entrada.

— Lamento, príncipe, o general está muito ocupado e...

— Afasta-te.

— Garanto-vos...

Com uma firmeza que não era habitual nele, Nemrod empurrou o semita e abriu a porta do gabinete onde o general tinha estendido um mapa da região no qual marcava, a vermelho, as localidades que controlava e a negro as que ainda obedeciam a Piankhi.

— Podes escutar-me?

— Príncipe Nemrod! Entra e fecha a porta atrás de ti. Este mapa é o mais precioso dos meus segredos militares.

— Por que não tenho o direito de o examinar?

Nos olhos negros de Tefnakht perpassou um fulgor de surpresa.

— Interessas-te pela arte da guerra, príncipe Nemrod?

— Quero defender pessoalmente a minha cidade contra Piankhi. Quem melhor do que eu conhece Hermopólis na perfeição? Visto que a nossa cilada não funcionou, reconstruirei a parte das muralhas que destruimos e reforçá-las-ei.

Tefnakht pareceu pouco convencido.

— Uma atitude inesperada, Nemrod.

— Implicaste-me nesta guerra, general, e o sangue das vítimas sujou o meu olhar. No meio desta tormenta, uma verdade se me impôs: a minha cidade é o meu bem mais querido.

— Se Piankhi contra-atacar, estarás na primeira linha.

— Conheço bem o faraó negro: nunca abandonará a sua capital. Os seus homens continuarão a marcar passo e acabarão por estabelecer uma espécie de fronteira a sul da minha província.

— Destruí-la-ei — prometeu Tefnakht.

— Podes contar com a minha cidade e com o meu auxílio, general.

— Parte para Hermopólis, Nemrod, e transforma-a numa cidadela impossível de conquistar.

O capitão Lamerskény dormia ao ar livre, ladeado por dois cães de um tom amarelo areia que o alertariam ao menor perigo. Durante o seu sono, leve como o de um animal selvagem, o

oficial sonhava com a Núbia e com os seus longos passeios solitários pela savana. Ele, que tinha partido para travar uma guerra franca e alegre, estava envolvido num conflito cruel e sem saída.

Privado de qualquer reforço proveniente de Tebas, cujas defesas não deviam ser desguarnecidas, o corpo expedicionário só tinha uma solução: poupar-se, restringindo os ataques a escaramuças que deixavam intacto o grosso das tropas de Tefnakht. Os núbios retomavam uma aldeia que tinham libertado quinze dias antes e depois abandonavam-na, deixando-a exposta a um contra-ataque nortista. E este vaivém traduzia-se por um imobilismo que corroía o íntimo de Lamerskény. Mergulhavam numa cloaca, numa espécie de nem guerra nem paz, sem esperança nem futuro, onde os mais pobres se tornavam ainda mais pobres.

De que servia combater para obter um resultado daqueles? Lamerskény sentia desejo de se demitir e entregar a sua espada ao faraó negro. Deixava a soldados mais jovens e mais convictos a tarefa de tomarem o testemunho e acreditarem que o mesmo sol se ergueria amanhã.

Os dois cães rosnaram ao mesmo tempo. Lamerskény ergueu-se de imediato, com a espada na mão.

— Sou eu, Puarma.

— Porque me despertas a meio da noite?

— Os homens de Tefnakht tentam forçar a passagem e ultrapassar a fronteira da província de Lièvre.

— Ah, é só isso...

— Se conseguirem, avançarão para Tebas!

— Da próxima vez, deixa-me dormir. O dispositivo que instalei não lhes dá qualquer hipótese de passar.

— E se estivesses enganado?

— Dorme em paz, Puarma.

Nartreb estava vermelho de cólera.

— Uns incapazes e uns cobardes! É necessário impor sanções, senhor!

O rosto desgracioso e ossudo de Tefnakht não evidenciava qualquer sinal de contrariedade.

— Quais, Nartreb? Todos os membros do comando que tu próprio tinhas escolhido estão mortos. Não terão nem rituais fúnebres nem sepultura. Que outro castigo poderia infligir-lhes? Desejavas verificar a eficácia da defesa adversária... Agora já sabemos. A fronteira da província de Lièvre não pode ser franqueada.

Uma expressão de contrariedade deformou o rosto lunar de Nartreb.

— Pelo menos, estamos informados... Piankhi compreendeu que era inútil atacar-vos. Mantém-se na defensiva.

— Se continua a considerar-se o faraó do Alto e do Baixo Egito, não tolerará durante muito mais tempo uma situação que nega a sua soberania de forma tão gritante.

Os olhos minúsculos do semita tornaram-se interrogativos.

— Pensais... que vai intervir pessoalmente?

— O faraó negro é demasiado vaidoso para deixar a sua capital núbia onde passa dias felizes, adulado por cortesãos pródigos em lisonjas.

— Então... qual é a vossa idéia?

— A manifestação da sua cólera, ou seja, uma ofensiva contra Hermopólis.

Nartreb esfregou os dedos gorduchos uns de encontro aos outros.

— Yegeb não crê na fidelidade do príncipe Nemrod... E eu também não.

— Tomas-me por um ingênuo? A fidelidade é um sentimento inventado pelos moralistas que ignoram os imperativos da ação. Como qualquer outra pessoa, Nemrod está pronto a trair para salvar os seus interesses. Mas um amor orienta a sua conduta: o que sente pela sua cidade. E sabe que Piankhi não lhe perdoará a sua deserção. Portanto, não lhe resta senão uma solução: fazer dela uma fortaleza capaz de repelir todos os assaltos e defendê-la até ao limite das suas energias. Nemrod o indeciso tornou-se um dos pilares da minha estratégia.

— Senhor... desejais que ordene a um novo comando que franqueie a fronteira da província de Liévre?

— Essas iniciativas brutais não conduzirão a nada. Aurora tem razão: Yegeb e tu devem preocupar-se exclusivamente com a gestão dos territórios que controlamos.

Trêmulo de raiva, o semita retirou-se.

Descalça, a amante do general aproximou-se sem fazer ruído e pôs as mãos perfumadas sobre o seu peito.

— Livra-te deste homem e do seu cúmplice, Yegeb. Não querem saber do teu destino e só lhes interessa o seu enriquecimento pessoal.

Tefnakht beijou os dedos de excepcional delicadeza.

— Achas que não sei? Todo o chefe de Estado tem necessidade deste gênero de insetos que persegue os hesitantes e suprime os recalcitrantes. Para manterem o seu lugar e os seus privilégios, Yegeb e Nartreb não hesitarão em corromper e matar. É por isso que são os meus mais preciosos auxiliares.

Envergando uma pele de pantera, o ritualista dirigiu-se a Piankhi em tom firme.

— Impossível, Majestade.

— No entanto, tenho que partir.

— Impossível, enquanto os astros não forem favoráveis. Se não fizerdes caso, o vosso empreendimento será votado ao fracasso. Somos os filhos das estrelas e temos de respeitar a sua mensagem.

— Quanto tempo terei que esperar?

— Alguns dias, Majestade, até à próxima luação. Quando a lua, o olho esquerdo de Hórus, estiver em harmonia com a vossa viagem, Seth o destruidor nada poderá fazer para a quebrar em vários pedaços e a luta cósmica dos dois irmãos acalmar-se-á. O seu vigor tornar-se-á o vosso e a vossa força crescerá com a lua crescente. Lembrai-vos, Majestade: a lua completa, reconstituída, é a imagem do Egito feliz, possuidor de todas as suas províncias.

O próprio Piankhi verificou o equipamento dos seus soldados. Examinou saiotas, sandálias, cinturões, capas, espadas, arcos, escudos e flechas, recusando os objetos medíocres. Depois, o rei preocupou-se com o alimento preferido dos núbios, peixe seco e conservado em vasos sob a forma de enormes enchidos. Tendo em consideração o tempo de viagem e o número de guerreiros que conduziria até ao Egito, os pescadores e fabricantes de conservas trabalhavam dia e noite. Abilê não estava inativa. Tendo conseguido o acordo do esposo, preocupava-se com as indispensáveis medidas de higiene e, particularmente, com a reserva de sabões, cuja matéria-prima era extraída da casca e da madeira da balanite, árvore rica em saponina.

Napata inteira se afadigava com a aproximação da partida de Piankhi, cuja iminência tirava o apetite a Otokou. Quando o faraó ia a entrar na oficina de um fabricante de rodas, o obeso atreveu-se a abordar o soberano.

— Majestade... Refleti!

Piankhi ficou admirado.

— Que tormento te aflige, meu amigo?

— Essa partida é uma loucura! Napata tem necessidade de ti.

— Esta cidade é rica e calma. O que tem ela a temer?

— Ou serás morto por Tefnakht que invadirá a Núbia, ou residirás em Tebas para governar o Egito e a Núbia, evitando uma nova revolta dos nortistas. Tanto num caso como no outro, Napata ficará órfã.

— És lúcido, Otokou, mas o meu destino não me pertence. Amon escolheu-me como faraó e concedeu-me muita felicidade. Hoje, na hora em que o meu país sofre e se arrisca a desaparecer, tenho o direito de me mostrar ingrato?

— Poderias contentar-te em enviar outro corpo expedicionário...

— O bom nome do Faraó foi maculado. Nem tu nem o mais humilde dos meus súbditos podeis tolerar esta afronta.

— Como sobreviverá Napata sem ti?

— Confio a minha capital a um responsável que a ama e saberá preservá-la de qualquer ataque: a ti, Otokou.

— Mas, Majestade...

— Serás um excelente governador, na condição de consultares de vez em quando o velho Kapa e de ter as suas opiniões em consideração. Graças aos mensageiros que irão constantemente de Tebas a Napata e de Napata a Tebas, orientarei as tuas decisões. Estás mais descansado?

— Não, Majestade.

— Ainda bem; assim, permanecerás vigilante.

Abandonando o obeso, Piankhi entrou na oficina onde trabalhava o especialista na fabricação de rodas de carro. O rei sabia que a sorte da guerra talvez fosse decidida por um pormenor: a solidez das rodas que seriam submetidas a rude prova durante os confrontos.

O artesão aperfeiçoara a sua própria técnica e guardava ciosamente o segredo. O ajustar dos raios, em especial, era de precisão extraordinária e a escolha dos diâmetros atingia a perfeição. Piankhi experimentara diversos carros em terrenos difíceis e o material revelara-se de notável resistência.

— O teu trabalho está terminado?

— Mais dois ou três dias, Majestade, e entregar-vos-ei a totalidade das rodas exigidas.

— Podes garantir-me a sua qualidade?

— Pela minha própria vida, Majestade! Pedras, areia, solo lodoso, declives... Sereis vencedor em qualquer terreno. As rodas dos nortistas quebrar-se-ão antes das nossas, garanto-vos!

Comovido, o artesão contemplou a obra que acabava de concluir.

— Como uma roda é bela! Parece fixa, imóvel e, no entanto, contém o segredo do movimento. Nela nascem todos os caminhos e, quando se detém, guarda a recordação dos caminhos percorridos. Mas mais valeria que nunca girasse, visto que só é utilizada para a guerra.

— Se não combater os nortistas, estes descerão até Napata e destruirão aquilo que construímos. Graças a ti, impedirei esse desastre.

— Estás pronta, Chépéna? — perguntou Piankhi à filha que, no seu laboratório, terminava a preparação de um perfume fresco como uma madrugada primaveril.

— Queria esquecer que um dia teria que deixar a minha terra natal, a minha cidade e este lugar onde tantas alegrias vivi. Não renunciaste ao teu projeto, pai?

— Bem sabes que não.

— Terei de residir em Tebas até ao fim dos meus dias?

— É a regra que se aplica à Divina Adoradora. Chépéna estava quase a chorar.

— Destroças-me o coração!

Piankhi apertou ternamente a filha de encontro a si. Tenho consciência disso, Chépéna, mas foi a tua própria maneira de ser que me levou a designar-te como a futura soberana de Tebas. Reinarás sobre Karnak, o templo dos templos, e preservarás o caráter sagrado da nossa civilização.

— Esta missão é... aterradora!

— Não, minha filha: é exaltante. Logo que envergares o teu vestido ritual de Divina Adoradora, a sabedoria das que te precederam será o teu mais precioso auxílio. Não receies, Chépéna: és depositária de uma força cuja verdadeira natureza ignoras. Revelar-se-á quando exerces a função para a qual foste feita.

— Até à partida, meditarei no templo. Chépéna beijou as mãos do pai.

Piankhi saiu da cidade para contemplar de longe a Montanha Pura e o seu cume à luz do poente.

O trabalho dos escultores estava concluído. O Gebel Barkal imprimiria para sempre o selo da instituição faraônica no coração da Núbia.

O coração de Piankhi contraiu-se. Tornaria alguma vez a ver aquela montanha à sombra da qual tinha sido construído o templo de Amon, distante eco do de Karnak? Esperara não se afastar dele e envelhecer em paz sob a sua proteção.

Mas o destino assumia rapidamente outro rosto e apresentava as suas exigências às quais o faraó negro não podia escusar-se. A sua felicidade, o decurso regular e tranqüilo dos dias, o esplendor do seu palácio... nada disso contava face à tragédia que mergulhava o povo do Egito no desespero.

A menos de um metro de Piankhi, as moitas agitaram-se.

Surgiu delas uma cobra de pescoço negro, agressiva e pronta para morder.

O faraó não teve tempo de reagir, mas um mangusto⁶, mais rápido que o réptil, lançou-se sobre ele e fechou as mandíbulas sobre a sua nuca.

Com os pêlos eriçados de cólera, o pequeno carnívoro de focinho triangular e cauda longa e flexível sabia encontrar as posições de combate adequadas para evitar a mordedura do réptil. Não era o mangusto uma das manifestações de Áton, o criador? Aceitando por vezes ser domesticado, livrava o seu proprietário de lagartos, ratazanas e ratos. Em reconhecimento disso, mumificavam-no e depositavam o seu corpo de eternidade num sarcófago do seu tamanho.

A luta tinha sido breve e violenta. Recuperando o fôlego, o mangusto fitava o cadáver da cobra.

Piankhi pegou-lhe e ele não tentou escapar.

Mostraste-me o exemplo; levar-te-ei comigo.

A semana tinha sido satisfatória, pois o corpo expedicionário núbio perdera o controle de duas aldeias e não atacara nenhuma patrulha líbia. Tefnakht recebia do Norte um reabastecimento regular e abundante e reforçava constantemente as defesas de Heracleópolis.

Sentado num assento baixo com patas de leão, via Aurora alisar os cabelos antes de os cobrir com uma luxuosa peruca.

— Esta situação já durou o suficiente... É preciso descobrir um meio de provocar o assalto do corpo expedicionário, exterminá-lo e fazer vir em seu socorro parte das tropas estacionadas em Tebas. Depois, a via estará livre.

— Não há melhor estratégia, meu querido.

— Vamos então pô-la em ação! Tentemos convencer o inimigo que Heracleópolis é fácil de dominar.

— Por que não afirmar alto e bom som que deixaste a cidade e que o príncipe Pefteu tornou a ser vassalo de Piankhi? Os núbios não desconfiarão do seu aliado e a armadilha fechar-se-á sobre eles.

Tefnakht beijou Aurora no pescoço.

— Tu sozinha substituis um conselho de guerra.

— Quero vencer... por ti, pelo Egito!

O ajudante de campo de Tefnakht — anunciou Yegeb.

— Mais tarde!

— O vosso conselheiro afirma que é urgente.

— Então que entre...

Havia medo no olhar de Yegeb.

— Senhor, uma terrível notícia!

— De onde a recebeste?

Da nossa rede de informações tebana. Piankhi acaba de enviar uma mensagem: sai de Napata e anuncia a sua chegada à cidade de Amon.

Aurora cobriu o corpo perfeito com um véu branco.

— Nunca teria acreditado em tal — admitiu Tefnakht.

— Isso modifica tudo — considerou a jovem. — Em breve nos bateremos contra o chefe dos núbios. Tefnakht e Piankhi frente a frente... Após a morte do faraó negro, os seus partidários deporão as armas.

— Justamente disse — Yegeb com voz sibilante — seria bom que Piankhi nunca chegasse ao Médio Egito.

— Excelente idéia — considerou Tefnakht — mas como temos de organizar uma emboscada? O Sul é-lhe dedicado!

— A viagem será longa e difícil... Tentemos infiltrar alguns homens decididos pelo deserto de

Leste. Se fracassarem, Piankhi chegará a Tebas e a cidade de Amon será o seu túmulo.

Graças a uma jovem camponesa pouco arisca e desejosa de se aperfeiçoar nos jogos do amor, o capitão Lamerskény passara uma noite divertida. Durante algumas horas, esquecera os fracassos das últimas semanas. Nem uma única patrulha líbia caíra nas suas redes, nenhum confronto digno desse nome, e aquele marasmo cada dia mais acentuado.

Lamerskény tentara por diversas vezes convencer Puarma a apelar para as tropas estacionadas em Tebas, não para atacar o fortíssimo ferrolho de Heracleópolis mas para recuperar de forma definitiva várias localidades da província de Lièvre e torná-la mais segura. Mas o capitão dos arqueiros recusava enfraquecer o sistema defensivo da cidade de Amon.

Desta vez, estava decidido: Lamerskény apresentava a sua demissão a Puarma e entregava-lhe o comando. Ignorava ainda o que faria da sua existência; o homem do braço de acácia apenas sabia ser soldado e qualquer outra atividade lhe parecia incongruente.

Ceder assim perante aquele arqueiro que nunca saberia conduzir uma ofensiva capaz afligia Lamerskény, mas embulhar-se nesta guerra de posições ainda lhe era mais insuportável. Privado do grande vento da aventura, estiolava.

Quando Puarma se aproximou com um grande sorriso nos lábios, Lamerskény compreendeu que ele adivinhara as suas intenções e se alegrava de antemão por ficar com as mãos livres. Um militar de carreira preparado para qualquer compromisso... eis o que era aquele manejador de flechas.

— Uma mensagem proveniente de Tebas — revelou.

— Novas ordens?

— Melhor, Lamerskény. Muito melhor.

O capitão de infantaria franziu o sobrolho.

— Não compreendo...

— Piankhi está a chegar.

Desde o seu regresso a Hermopólis, o príncipe Nemrod revivia. Reencontrara os seus hábitos, os seus cortesãos, o seu palácio, o seu cozinheiro preferido e passava a maior parte do tempo a passear pelas ruas daquela cidade que por pouco não perdera.

As mulheres e os banquetes não passavam de distrações secundárias; a sua única amante era Hermopólis e havia de embelezá-la, estação após estação, para fazer dela a cidade mais atraente da região. Ao seu mordomo, que lhe recordara com tacto que a guerra continuava a existir, Nemrod contentara-se em responder que essa situação estacionária iria com certeza durar dezenas de anos e que o melhor era esquecê-la. Sim, esquecer, como a sua traição.

O príncipe bebia vinho branco fresco enquanto ouvia o canto de um harpista no vale das Tamargueiras, não longe do grande templo de Thot, à sombra de um caramanchão ao longo do qual trepavam clematites.

O chefe da sua milícia atreveu-se a interromper aquele momento de requinte.

— Algum problema da administração?

— Não, príncipe. Um mensageiro acaba de trazer um papiro com o selo de Tefnakht.

Nemrod quebrou o selo do general e desenrolou o papiro.

Releu diversas vezes as poucas linhas escritas pessoalmente pelo general e tentou convencer-

se que se tratava de um mau sonho. Não, o faraó negro não podia ter deixado Napata em direção a Tebas. Não, não atacaria Hermopólis. Desde a sua designação como governador de Napata, Otokou recusava-se sempre a pôr o pé no chão em frente de um inferior e os seus servidores transportavam os seus cento e sessenta quilos de um lado para outro da capital.

O obeso afligia-se a ponto de saltar por vezes uma das cinco refeições do dia. Confiara a responsabilidade da sua tribo a um primo cuja cabeça cortaria se desviasse a mais pequena porção de ouro e ele, Otokou, iniciava-se nos mistérios da administração central.

Quando o obeso assumia um compromisso, não agia como diletante. Mesmo que deitasse a sua saúde a perder, preservaria a prosperidade de Napata. O necessário era fazer-se respeitar pelos escribas e demonstrar-lhes que não era um homem de palha.

Para alcançar isso, só havia um meio: conseguir o auxílio incondicional de Cabeça-fria. Era essa a razão pela qual Otokou se fazia transportar a toda a velocidade na direção de sua casa, uma linda villa de quinze divisões oculta no centro de um jardim luxuriante onde predominavam as palmeiras mediterrâneas.

A esposa do anão era uma bela núbia de seios generosos que dera à luz um rapaz e uma moça. Com catorze e doze anos, destinavam-se à carreira de escriba e ouviam atentamente os ensinamentos do pai.

O porteiro saudou com uma profunda vênia o senhor Otokou e os transportadores seguiram pela álea arenosa que ia dar à entrada principal da morada de Cabeça-fria.

No limiar, a esposa do anão chorava.

— Senhora Cabeça-fria, não desejaria importunar-vos, mas preciso de consultar o vosso marido o mais rapidamente possível.

— Ai, é impossível.

— Um calafrio percorreu o corpo maciço de Otokou.

— Não pretendeis dizer que...

— Não, não, senhor... Cabeça-fria está bem vivo, mas Piankhi levou-o consigo.

O golpe era rude. Otokou desembaraçar-se-ia sozinho e o faraó negro havia de ficar orgulhoso dele.

O ar transparente dava realce às ondulações amarelas do deserto depois de o véu de bruma da manhã se ter dissipado. A frota de Piankhi avançava numa paisagem que o seu exército descobria maravilhado: as planícies de cor fulva, o alaranjado dos grés, as inúmeras palmeiras, uma faixa de terra irrigada de razoável largura, os cambiantes dos trigos e das cevadas formavam um enquadramento mais ameno do que o da quarta catarata. Com impressionante vigor, o Nilo corria para norte; desafiava vitoriosamente um deserto menos agressivo e atravessava pequenas aldeias de casas brancas cujos habitantes, amontoados nas margens, aclamavam o par real, visível à proa do navio almirante.

A mão de Piankhi apertava a de Abilé. Inundava o olhar com a beleza luminosa da terra núbica cujo fogo alimentava a sua alma. Empoleirados no topo das palmeiras, riam macacos; dançando no céu azul, andorinhas desenhavam curvas em redor do vôo regular e majestoso dos íbis brancos.

Cabeça-fria trouxe taças de sumo de alfarroba fresco.

— Majestade... Permitti-me que vos faça notar que estais demasiado exposto. Aqui, à proa, proporcionais um alvo ideal para um arqueiro experiente.

— Não sejas tão pessimista: ainda não estamos em território ocupado por Tefnakht.

— E se ele tivesse sido informado da vossa partida, se tivesse enviado assassinos para vos impedir de chegar a Tebas?

— Impossível.

— Assim o espero, Majestade, mas não devemos reear o pior de um inimigo como Tefnakht?

— O que pensariam os núbios se eu me encerrasse na minha cabina? Chamariam cobarde ao Faraó e deixariam de ter confiança nele! Não é a tua opinião, Abilé?

— Cabeça-fria tem razão e tu também.

O rei e a rainha permaneceram à proa com o olhar fixo no Norte, onde os esperava a violência e a morte.

— Majestade — disse o capitão — aproximamo-nos da ilha de Argo. A navegação parece rápida e fácil, mas receio este local. A ilha tem o comprimento de trinta quilómetros e temos de escolher um dos dois braços que a rodeiam. Se nos enganarmos, arriscamo-nos a encontrar uma corrente desfavorável.

— Poderia colocar a frota em perigo?

— Os barcos de carga, com certeza.

— Nos lanchões com vinte metros de comprimento havia cereais, jarros com óleo, vinho e cerveja, aves, gado, legumes, sal, queijo, conservas de carne e de peixe e o arsenal necessário para um exército, sem esquecer os transportes de cavalos tratados com o maior cuidado.

— Em que vais basear a tua decisão?

— Na sorte, Majestade.

— Mostra-me um mapa.

Piankhi não o examinou com os olhos mas com as mãos. O tacto era um sentido muito mais subtil do que a maior parte dos homens supunha. A mão era capaz de ver e mesmo de discernir o invisível se se soubesse educá-la com conhecimento de causa. Fora colocando-lhe a mão sobre o pescoço que Piankhi escolhera o seu cavalo, seria com ela que optaria pelo caminho a seguir.

Passemos pela direita da ilha.

O capitão teria preferido adotar outra solução, mas não tinha nenhum argumento válido para opor ao rei.

O longo comboio enveredou por uma espécie de canal onde foi atacado por uma nuvem de moscas que impediram os pilotos de sondar corretamente o rio com as suas longas varas. Tentando enxotá-las, um deles caiu à água. Imediatamente dois marinheiros correram em seu socorro lançando-lhe uma corda à qual se agarrou para subir de novo para bordo.

— Gordura de verdelhão para todas as tripulações! — ordenou Piankhi.

Todos se untaram com o precioso produto e as moscas deixaram de os atacar. Mas o rei detectou outro perigo: embora o vento estivesse fraco, formavam-se ligeiras ondulações na superfície do rio.

Um sinal que não enganava. Um sinal que anunciava bancos de areia imersos, à flor da água.

— Mandem parar! — concluiu um piloto.

Tarde demais para o barco da frente e para o navio almirante que chocaram com um banco e encalharam. O resto da frota conseguiu evitar o obstáculo.

Uma única solução: o reboque à sirga. Piankhi saltou para o banco de areia e comandou pessoalmente a manobra, sem hesitar em puxar o cabo com tal força que decuplicou a dos seus marinheiros.

E a passagem pela ilha de Argo em breve não foi mais do que uma má recordação.

A travessia da terceira catarata efetuou-se sem dificuldade. A frota núbica passou entre maciços de granito e de pórfiro antes de descobrir uma paisagem estranha onde a areia era cinzenta e os rochedos quase negros. Alguns antílopes fugiram em sucessivos saltos graciosos por sobre os raros arbustos de uma savana desolada.

Depois, de novo, o ocre das areias, o verde tenro das palmeiras, as margens cobertas do lodo avermelhado que possuía o segredo da fertilidade. Foi imensa a emoção de Piankhi quando o seu percurso passou junto dos locais onde estavam construídos os templos de Soleb e de Sedeinga. Celebravam o amor que Amenófis tinha dedicado à sua esposa. Teye e o carácter sagrado do par real⁷.

O rei abraçou Abilé.

— Se conseguirmos vencer Tefnakht, porque não há-de ressuscitar essa época feliz?

— Nunca travámos uma guerra desta envergadura, Abilé. Bastará a coragem dos núbios?

— Não és homem para duvidar.

— Não duvido, visto que não tenho outra opção. Mas quantos mortos haverá antes que possamos depor as armas? Tefnakht cometeu um grave erro ao perturbar a frágil harmonia do Norte, mas fez-me sair da minha letargia. Estava errado, Abilé, ao acreditar que os príncipes se contentariam com os seus territórios respectivos e calariam as suas ambições insensatas. Estava errado... Nunca se deve confiar nos homens ávidos de poder. E os cobardes, como os príncipes

Pefteu e Nemrod, não são menos perigosos, pois traem na primeira ocasião. Enganei-me ao pensar que o receio bastaria para os manter no caminho reto. Talvez devesse regressar a Napata, Abilé.

— Quero viver esta provação contigo. Se for necessário morrer para defender a nossa causa, estarei a teu lado.

O mangusto trepou para o ombro de Piankhi, como para lhe provar que também estava pronto para o combate.

A chegada precipitada de Cabeça-fria, que corria pela ponte escorregadia com perigo de partir o pescoço, não pressagiava nada de bom.

— Uma catástrofe, Majestade! E é tudo por minha culpa...

— Que erro cometeste?

— Não verifiquei todas as caixas de amuletos... E uma delas apenas continha loiças! Vários marinheiros vão ficar sem proteção mágica e recusar-se-ão a continuar!

— Acalma-te — recomendou a rainha Abilé. — Distribuirei os das minhas servas, que os possuem em quantidade.

Amuletos em faiança, em quartzito, em cornalina, em jaspe vermelho ou em serpentina com a forma de uma mão, de um pilar, de uma esfinge, de um olho de falcão, de uma cabeça de hipopótamo... Cabeça-fria sentiu-se descansado. Visto que cada membro da expedição ficaria ao abrigo das forças hostis, esta chegaria inevitavelmente a bom porto.

Muitos cavalos tinham morrido de fadiga, mas a mensagem chegara a uma tribo do extremo sul da Líbia. Em troca de uma dezena de barras de prata, de unguentos de primeira qualidade e de cem burros, cinqüenta jovens caçadores tinham aceitado atravessar clandestinamente a fronteira egípcia e atacar Piankhi por alturas da segunda catarata. O local era particularmente propício a uma emboscada. Demasiado seguro de si, o faraó negro não esperaria esse gênero de agressão no território por si controlado.

Apesar da importância do prêmio, os voluntários não tinham sido muitos. Piankhi tinha a reputação de um guerreiro invencível que os homens com experiência não desejavam enfrentar. Apenas rapazolas trasbordantes de saúde tinham aceite tentar essa louca aventura, com a esperança de trazer para a sua aldeia a cabeça cortada do faraó negro. Kafy, o filho mais jovem da tribo, desempenhara o papel de organizador. Sabendo que tinha poucas hipóteses de alcançar o poder devido ao ódio que por ele sentia o irmão mais velho, Kafy encontrava assim a ocasião de demonstrar o seu verdadeiro valor.

A expedição anunciava-se perigosa. Durante o dia, não seria possível navegar a não ser nas zonas do Nilo que não fossem vigiadas pelos soldados de Piankhi; durante a noite, havia que correr o risco de encalhar num rochedo. Mas era preciso não pensar no fracasso e avançar o mais depressa possível para surpreender Piankhi no local previsto. O rei admirou a vela de linho retangular que partia da extremidade superior do mastro duplo e vinha até à borda. Utilizando sobretudo a forte corrente para avançar, os seus marinheiros entregavam-se no entanto a delicadas manobras a fim de não desperdiçarem a força do vento. Quando este caía, enrolavam a vela em torno das vergas, desmontavam o mastro e deitavam-no sobre dois barrotes de extremidade bifurcada.

No navio almirante, ao lado da cabina do par real, uma cerca ao ar livre estava reservada para Valoroso, o cavalo de Piankhi. O quadrúpede dispunha de duas estalas e o monarca ordenava paragens regulares para lhe permitir galopar. Tal como o dos soldados, o comportamento de Valoroso era exemplar; também ele tinha consciência da importância da missão a cumprir.

Piankhi falava com freqüência ao cavalo, que lhe respondia com olhares e relinchos, traduzindo aprovação ou descontentamento. O rei tinha em consideração as suas opiniões para melhorar o seu dia a dia e o manter de excelente saúde. Além disso, Valoroso possuía uma qualidade rara: previa o perigo e manifestava os seus receios com uma ruidosa cólera.

Uma cólera que acabava de desencadear-se à aproximação da segunda catarata do Nilo.

Nenhum marinheiro se atreveu a intervir, com receio de ser vítima de um coice; e ninguém, à exceção de Piankhi, tinha o direito de se aproximar de Valoroso.

— Calma, amigo, calma — recomendou o rei com a sua voz grave e pausada.

Mas Valoroso não se acalmava.

Quando Cabeça-fria viu o rei entrar na cerca, sentiu medo. O animal estava tão furioso que nem a vista do dono o acalmava. Mas Piankhi conseguiu cravar o seu olhar no de Valoroso e avançou para ele sem hesitar.

A fúria do animal esfumou-se.

— O Valoroso está a avisar-nos de um perigo — disse Piankhi à esposa, estendida num leito

com a cabeceira decorada por incrustações em marfim e pés em forma de patas de touro.

No olhar de Abilé pairava uma inquietação pouco habitual.

— Tive uma espécie de pesadelo — revelou ela. — Do Nilo saíam gigantescos crocodilos, da terra movediça das margens avançavam hipopótamos gigantescos. Começaram por se desafiar e julguei que se iam aniquilar uns aos outros. Mas mantiveram-se mutuamente em respeito e acabaram mesmo por fazer uma espécie de aliança contra um monstro surgido do deserto, um monstro que não identifiquei... O combate iniciou-se e eu acordei.

— Um sonho... ou uma visão?

— Não te sei dizer... Não deveríamos ter em conta estes avisos? Piankhi sentou-se na borda do leito e a esposa aninhou-se de encontro a ele.

— Por outras palavras, regressar a Napata, esquecer Tefnakht e a guerra....

— Por que to hei-de ocultar? Tenho medo. Quem negar o seu medo não tem qualquer coragem. Mas não temos o direito de renunciar. Vou prevenir os marinheiros e os soldados que certamente teremos de combater muito mais cedo do que estava previsto.

A informação provocou perturbação. Que risco podia correr um exército núbio no seu próprio território, tão longe do inimigo? No entanto, os capitães dos barcos colocaram as tripulações em estado de alerta e os arqueiros vigiaram as margens dia e noite.

Kafy e os seus homens haviam conseguido.

Tinham franqueado todos os obstáculos para chegarem às proximidades da segunda catarata, depois de terem seguido pistas difíceis, felizmente ladeadas de nascentes de água.

A paisagem era angustiante: volumosos rochedos emergindo do Nilo, turbilhões que traduziam a sua cólera, rápidos lançando-se ao assalto das ilhotas de granito, falésias que pareciam guardar a passagem para melhor a proibir... Vários líbios estremeceram de pavor, convencidos que aqueles lugares eram assombrados por gênios maus.

Um deles tentou mesmo fugir, mas Kafy retesou tranquilamente o arco e abateu o timorato com uma flecha nas costas. Os cobardes não merecem outra sorte.

Kafy era mais assustador do que os gênios maus e os jovens líbios engoliram os seus receios.

— Vai ser aqui que vamos matar Piankhi. Quando estiver morto, com o corpo trespassado pelas nossas flechas, os seus soldados dispersar-se-ão como animais assustados. Apoderar-nos-emos do cadáver e levaremos a sua cabeça a Tefnakht, exigindo o dobro da recompensa prometida. Em breve seremos homens ricos!

Esta perspectiva tornou a encorajá-los para o empreendimento.

— Estas falésias são nossas aliadas — afirmou Kafy. — Lá do alto, estaremos fora do alcance dos arqueiros núbios mas atingiremos com facilidade o nosso alvo!

Só faltava ao pequeno grupo atravessar o Nilo, saltando de ilhota em ilhota, e depois trepar para a falésia adequada para não terem o sol a bater-lhes nos olhos e o vento na cara.

Quando Kafy, que ia à frente, estava a meio caminho, um berro fê-lo voltar-se.

Um dos rochedos acabava de erguer-se, provocando a queda de um líbio no rio. Não era um bloco de granito mas sim um enorme hipopótamo com mais de quatro toneladas, perturbado na sua sesta. Uma dezena dos seus congêneres, igualmente monstruosos, emitiram terríveis urros abrindo assustadoramente os maxilares.

Em pânico, o líbio cometeu o erro de cravar o punhal na pele frágil do cavalo do rio. Louco de raiva e de dor, o hipopótamo espetou o nadador entre os seus dois acerados caninos com o comprimento de sessenta centímetros. Os outros imitaram-no, trespassando os corpos dos líbios que em vão tentavam escapar-lhes.

Na margem, Kafy viu mover-se o que julgava serem troncos de árvores enterradas no lodo. Uma cabeça alongada, escamas, uma cauda de réptil e patas curtas mas rápidas, tão rápidas...

— Crocodilos! Estamos salvos, vão atacar os hipopótamos!

Uma guerra sem misericórdia travava-se desde sempre entre as duas espécies.

Embora pesasse mais de uma tonelada, o crocodilo do Nilo era de uma espantosa agilidade. Aterrorizado, um dos líbios bateu na superfície da água com a sua lança para provocar fortes vibrações que afastariam o predador. Ao proceder assim, conseguiu o contrário do resultado pretendido e atraiu-o para si. E como a presa era de bom tamanho, o sáurio emitiu uma série de sopros para chamar os seus aliados ao confronto.

Kafy estava estupefato. Nenhum crocodilo se preocupava com os hipopótamos, nenhum hipopótamo queria saber dos crocodilos. Tanto uns como outros massacravam os membros do seu comando.

Kafy nem teve tempo de disparar uma flecha na goela aberta de um macho que se lançava sobre ele, porque uma fêmea fechou as mandíbulas sobre a sua perna direita e apertou com tanta força que as lágrimas correram das suas glândulas lacrimais. E todos os crocodilos verteram lágrimas de alegria por ocasião daquele excepcional festim.

Direito sobre o ombro de Piankhi, com o focinho ao vento, o mangusto olhava ao longe, tal como o rei e a esposa. Em plena segunda catarata, que tinham começado a atravessar lentamente com a máxima prudência, distinguiram uma efervescência e ouviram gritos roucos.

— É com certeza uma luta de crocodilos e hipopótamos — admitiu Piankhi. — Sim, estou a vê-los! Os sáurios parecem afastar-se.

— A água está tingida de vermelho fez notar Abilé.

— Tens razão! Mas, então...

— O meu sonho não me enganava. Havia monstros à nossa espera, mas não eram nem os hipopótamos nem os crocodilos.

A frota avançou.

Os sáurios não tinham deixado um único pedaço de carne e, graças à força da corrente, o sangue das suas vítimas rapidamente se diluiu no azul sombrio das águas.

Pela primeira vez desde a partida de Napata, Chépéna saiu da sua cabina e veio colocar-se ao lado do pai.

— Orei a Amon, — disse ela — invoquei a sua invisível presença para que o seu olhar seja o piloto do teu barco. Terríveis provações nos esperam e não deixarei de implorar o seu auxílio.

O mangusto adormeceu sobre o ombro de Piankhi e a frota franqueou sem dificuldade o ventre de pedra da segunda catarata.

A pedicura acabava de cuidar dos pés finos e delicados de Aurora; sucedeu-lhe uma massagista que untou o corpo nacarado da jovem com um unguento à base de incenso e junco perfumado. Desta forma, manteria a pele macia e odorífera durante todo o dia.

Os cuidados da manhã estavam quase terminados. Só faltava a intervenção da cabeleireira, completada pela escolha de uma peruca. Aurora pensava ainda na noite ardente que passara com Tefnakht. Quanto mais o general era um homem frio, austero, de palavras rudes na sua existência pública, tanto mais com ela se transformava em amante apaixonado com inesperadas iniciativas. E mesmo na intensidade do prazer, ela sentia-o possuído pelo seu grande projeto. Se a amava, não era nem por causa da sua beleza nem da sua juventude, mas porque ela estava animada pela mesma ambição.

A cabeleireira chorava.

— O que se passa?

— Senhora, é esse monstro do Nartreb...

— Violentou-te?

— A mim, não se atreveria porque estou ao vosso serviço... Mas violou a minha irmã mais nova, que tem dezoito anos e é linda como um lírio!

— Envolta num manto de linho transparente, com os cabelos soltos, descalça, Aurora saiu do quarto em passos apressados, passou em frente dos guardas colocados nas esquinas de cada corredor do palácio, empurrou o camareiro que se inclinava para a saudar e entrou como um turbilhão na sala do conselho onde Tefnakht ouvia o relatório de Yegeb sobre a situação econômica da região.

— O teu conselheiro Nartreb é um bruto e um criminoso!

— Porquê tanta excitação, Aurora?

— Porque ele violou a irmã da minha cabeleireira!

— Impossível — protestou Yegeb. — Tomo a responsabilidade por ele.

— Ele que venha cá e se explique — exigiu a jovem.

O rosto de Yegeb endureceu.

— Não compete ao general dar ordens?

— Vai buscar o teu amigo — disse Tefnakht a Yegeb. O semita curvou-se e desapareceu.

— Desembaraça-te deles — aconselhou Aurora. — Acabarão por fazer com que a população te odeie. E, de acordo com as nossas leis, a violação é punida com a morte.

— A eficácia dos meus conselheiros é incontestável — objetou Tefnakht. — Mesmo que os seus métodos possam por vezes parecer brutais, conseguem excelentes resultados porque lhes permito que enriqueçam. Graças a eles, o povo receia-me e sabe que me deve obedecer.

— Vais ilibar um violador?

— Ouçamos primeiro a sua versão dos fatos.

Quando Nartreb se apresentou em frente de Tefnakht, Aurora repetiu as suas acusações com veemência.

— Trata-se de um simples mal-entendido... Na realidade, eu é que fui em socorro dessa infeliz que acabava de ser atacada por um camponês. Compreendi imediatamente que tinha sido vítima de terríveis sevícias e ordenei que a tratassem, à minha custa.

— É a ti que ela acusa, não a um camponês!

— Estava quase desmaiada e a emoção deve tê-la feito divagar... É perfeitamente compreensível e perdoo-lhe.

— Perante um tribunal, — insistiu Aurora — será a sua palavra contra a tua.

— Com certeza que não, pois tenho três testemunhas. Três milicianos que me escoltavam e que viram o camponês fugir. O seu testemunho será decisivo.

Yegeb sorriu.

— Estais a ver, meu general. Nartreb é um homem acima de qualquer suspeita.

— O assunto está encerrado — declarou Tefnakht.

Acompanhando-se à lira, a esposa núbia do príncipe Akanosh cantava-lhe uma canção do Grande Sul, simultaneamente ensolarada e melancólica. Evocava a água fresca que a mulher e o amante partilhavam nas margens do rio, na cumplicidade de uma madrugada amorosa; ela falava da juventude que se esvaía com a corrente e se afogava nas escoadas de areia ocre que desciam para o Nilo.

Comovido até às lágrimas, o intendente esperou pelo final da melodia antes de se dirigir ao seu senhor. Era o único servidor que tinha acesso aos aposentos do casal; um rápido inquérito permitira à esposa de Akanosh descobrir que os outros estavam a soldo de Yegeb e procuravam comprometer o marido.

— Tefnakht está furioso — revelou o intendente.

— Contra mim?

— Não, príncipe, sossegai. Acaba de saber que os líbios pagos para matar Piankhi durante a viagem falharam. O faraó negro ultrapassou a segunda catarata e já não deve tardar a chegar à ilha de Elefantina.

— Piankhi no Egito... Esse sonho louco vai realizar-se efetivamente?

O mangusto passava a maior parte do tempo a dormir, Valoroso estava perfeitamente calmo, a navegação era agradável, Piankhi e Abilé saboreavam momentos maravilhosos. Em Napata, as suas respectivas obrigações privavam-nos muitas vezes da intimidade a que aspiravam; aqui, nesta cabina espaçosa e bem arejada, saboreavam cada instante de felicidade com tanto maior intensidade quanto uma sombria realidade se aproximava inexoravelmente.

Abilé possuía o encanto misterioso de uma água profunda e o ascendente mágico de um felino. Nenhuma das suas atitudes, mesmo no momento em que o desejo se desencadeava, era desprovida de nobreza.

Aventura cada dia recomeçada que fascinava Piankhi. Sem ela, não teria tido qualquer hipótese de vencer.

O mangusto acordou e ergueu-se de encontro à porta de madeira da cabina. Instantes depois, Cabeça-fria bateu.

— Entra.

O anão entreabriu a porta.

— Majestade, o capitão está inquieto. Levantou-se o vento do sul e já está a provocar vagas no rio e a ficar cada vez mais forte, a uma velocidade anormal. A sua violência pode vir a ser terrível! Era necessário que parássemos o mais rapidamente possível e amarrássemos os barcos. Caso contrário, naufragaremos.

— Estamos a aproximar-nos da primeira catarata, não é verdade?

— Sim, Majestade.

— Vamos à biblioteca, depressa!

— Cabeça-fria não se separara de um certo número de papiros, na primeira linha dos quais figuravam os rituais ordinários e extraordinários, o calendário das festas, a lista dos templos e uma centena de outros assuntos essenciais sem o conhecimento dos quais era impossível governar.

— Piankhi desenrolou mais de dez antes de encontrar aquele que procurava, convocou logo os oficiais encarregados da administração e dirigiu-se para a proa do navio almirante onde lhe trouxeram imediatamente os objetos que pediu.

Com a coroa azul na cabeça, o faraó ofereceu ao gênio do Nilo um saio de linho real, um papiro virgem de primeira qualidade, óleo de festa, um jarro de vinho datado do ano do seu reinado, um bolo de mel e um lingote de ouro. Envergando um longo vestido vermelho, a rainha Abilé fazia soar dois sistros de ouro para afastar as forças nocivas e restabelecer a harmonia entre o rio e os humanos.

Pouco a pouco, o vento do sul caiu, os turbilhões desapareceram e a corrente acalmou.

— Fazer oferenda — murmurou Piankhi — é o que ensinam os velhos escritos. Só ela pode repelir o mal e abrir o caminho. Nunca mais o esqueçamos, Abilé: todo o Egito é uma oferenda ao princípio criador. Será sobre ele que estabalecerei a minha estratégia.

O caos granítico da primeira catarata impressionou os núbios. Muitos perguntaram a si mesmos como fazer para ultrapassar aquela barreira de rochedos entre os quais o rio manifestava acessos de fúria.

Utilizando mapas exatos, Piankhi não teve qualquer dificuldade em encontrar o canal aberto pelos faraós da XII dinastia. Mesmo durante os períodos mais perigosos, permanecia livre de escolhos e continuava navegável. A fim de facilitar as trocas com a Núbia, os monarcas da XVIII dinastia tinham aumentado a passagem para fazer dela um verdadeiro canal onde circulavam até os barcos de carga.

E foi a entrada na terra amada pelos deuses, na primeira província do Alto Egito, a cabeça do Duplo País, simbolizada por um elefante cujo nome significava também “a cessação”, visto que a fronteira marcava o fim do Egito propriamente dito.

Nas muralhas da fortaleza de Elefantina, outrora barragem impossível de franquear para os núbios e agora muralha destinada a deter o invasor vindo do Norte, a guarnição em peso aclamava o faraó negro. Todos esperavam que desembarcasse na fortaleza para estabelecer a primeira ligação entre os dois corpos do exército, mas Piankhi tinha algo mais urgente a fazer.

Foi no desembarcadouro do templo do deus Khnum que o rei fez parar o navio almirante. Desceu só, sob o olhar dos marinheiros da sua frota e dos soldados da guarnição, estupefatos por descobrirem a impressionante estatura do faraó negro.

Piankhi franqueou a porta do primeiro pilone e foi acolhido pelo grande sacerdote de Khnum, o deus carneiro que criava os seres na sua roda de oleiro e libertava a cheia erguendo a sandália pousada sobre o rio. No interior do esplêndido edifício de grés, cujas soleiras e portais eram de granito, pairava o odor do incenso.

— Este santuário é vosso, Majestade.

— Conduz-me à capela de meu pai.

Um pequeno compartimento em cujas paredes estavam esculpidas cenas figurando Kashta, o pai de Piankhi, em atitude de apresentar as oferendas a Khnum. Junto da estátua do fundador da dinastia núbia, uma Estela recordava que se deslocara a Elefantina e dotara ricamente o seu principal santuário.

Piankhi leu as colunas de hieróglifos que evocavam a perpétua ressurreição da alma de seu pai, na eternidade luminosa, em companhia dos justos.

E o pai falou-lhe por intermédio desses sinais capazes de atravessar as eras sem perder a sua força de transmissão. Alimentados pela existência permanente da pedra, os hieróglifos preservavam as palavras dos deuses pronunciadas na alvorada da vida.

E seu pai pediu-lhe que continuasse a sua obra como Ramsés tinha continuado a de Seti, como qualquer faraó devia continuar a do seu antecessor, pela felicidade das Duas Terras.

Piankhi teria podido explicar-lhe que a situação mudara, que a invasão de Tefnakht o deveria ter incitado a permanecer em Napata para proteger melhor a Núbia, que já não era possível reunir o Alto e o Baixo Egito... Mas, por respeito, um filho não discute as diretivas de um pai que se tornou eterno.

Eram três, dois grandes e um pequeno. O pequeno comandava. Ordens secas e precisas, visto

que conhecia perfeitamente o terreno. Antes da invasão de Tefnakht, morava na aldeia situada no extremo sul da província de Lièvre, na fronteira imposta pelo corpo expedicionário de Piankhi.

A intervalos regulares e próximos, acampamentos de soldados formavam uma linha de defesa impossível de franquear.

Impossível de franquear, exceto para os três homens treinados a rastejar como serpentes. Faltava ainda descobrir uma passagem que permitisse ao trio sair daquela ratoeira para se dirigir a Tebas a fim de estabelecer contacto com a rede de espionagem líbia e preparar o assassinato de Piankhi.

Já por quatro vezes o pequeno fora impedido de passar graças a uma vigilância mais meticulosa do que supusera. Os camaradas propuseram-lhe que voltassem para trás, mas ele tinha uma última idéia: o cemitério abandonado, no limite entre os campos cultivados e o deserto. Os egípcios eram supersticiosos, nenhum soldado estaria de guarda àquele lugar onde podiam circular os que regressavam do além. Deslizando entre os túmulos, o trio escaparia à vigilância do inimigo.

Logo que penetrou na necrópole, o pequeno teve a certeza que tinha encontrado a falha. No entanto, não abrandou a atenção, exigindo a mesma prudência dos dois outros. Logo que tivessem saído da província de Lièvre, atravessariam um canal a nado, roubariam um barco de pescador e navegariam até aos arrabaldes de Tebas onde os esperava o chefe da rede de espionagem líbia.

Organizar um atentado contra Piankhi não seria fácil, mas certamente que se proporcionariam ocasiões. A chegada do faraó negro era um acontecimento tão excepcional que no decurso das festividades ou das recepções oficiais a segurança do soberano não poderia ser garantida de forma constante.

O trio passou ao lado de uma capela em ruínas, a última da necrópole. Um dos dois grandes tomara a dianteira. Voltava-se para anunciar alegremente que o obstáculo fora franqueado quando o braço de madeira do capitão Lamerskény lhe quebrou a nuca. O outro grande brandiu a espada curta, mas a acha do capitão cortou-lhe o pescoço. Quanto ao pequeno, tentou escapar-se pela necrópole, mas um soldado pregou-o ao solo com a sua lança.

— Tinha a certeza que tentariam uma estupidez deste gênero — disse Lamerskény aos seus homens. — Foi por isso que deixei uma única passagem possível... Estes imbecis julgavam sem dúvida que eu tinha medo dos fantasmas! Algum sobrevivente?

— Não, meu capitão.

— É pena, teríamos podido interrogá-los... Mas teriam mentido com certeza.

De regresso ao acampamento, Lamerskény matou a sede com cerveja forte e depois entrou na tenda de Puarma.

— Detive um trio de líbios que tentavam sair da província de Lièvre. Estás a ver o que isto significa?

— Desertores?

— Para o sul? Claro que não! Dirigiam-se para Tebas.

— Tens alguma prova?

— Basta-me o meu instinto. E se se dirigiam para Tebas é porque tinham a certeza de serem bem acolhidos.

— Divagas, Lamerskény! Tebas é fiel a Piankhi.

— Estás convencido que Tefnakht não tem lá nenhum partidário? Mesmo sendo pouco numerosos, alguns tebanos devem certamente ter apostado na vitória dos nortistas.

O capitão dos arqueiros ficou perturbado.

— Que conclusões tiras disso?

— Que aqueles três patifórios iam levar diretivas aos seus aliados tebanos para preparar um golpe traiçoeiro contra o faraó negro.

— Um atentado...

— Se Piankhi for morto, regressaremos a Napata para proteger a nossa capital e Tefnakht terá o campo livre.

— Infelizmente, tens razão.

O galope de um cavalo ressoou na noite. O oficial encarregado do correio desmontou e apresentou-se perante os dois capitães. Entregou a Puarma duas finas tabuinhas de madeira, uma proveniente de Tebas e a outra da Falésia-das-grandes-vitórias, uma aldeia da província de Lièvre.

O rosto de Puarma iluminou-se.

— Piankhi acaba de pisar o solo egípcio! Dirigiu-se ao templo de Khnum, em Elephantina, prestou honras à memória de seu pai e embarcou de novo para Tebas.

— Piankhi no Egito — murmurou Lamerskény estupefato. — Incrível...

O júbilo de Puarma extinguiu-se.

— A outra notícia não é tão boa: sob o comando de um dos filhos de Tefnakht, os nortistas reconquistaram de surpresa a aldeia fortificada da Falésia-das-grandes-vitórias, que nos corta o caminho de Hermopólis.

— Desta vez, basta! — rugiu Lamerskény, fazendo sobressaltar Puarma. — Vamos retomar essa posição e provar ao faraó negro que não somos uns incapazes.

Reinava a discórdia no seio do conselho de guerra reunido por Tefnakht. Alguns desejavam partir para o Norte, outros reforçar as defesas das cidades de Heracleópolis e Hermópolis, outros ainda travar uma batalha frontal contra Piankhi.

O príncipe Akanosh tomou a palavra.

— Sou um chefe de clã e um guerreiro, como vós. Provei no passado o meu valor e a minha coragem. Hoje, devemos fazer um balanço da nossa ação e mostrarmo-nos lúcidos. Nem nós nem Piankhi conseguiremos vencer porque as forças em presença se equilibram. Graças ao impulso dado por Tefnakht, ao qual prometemos obediência, apoderámo-nos de uma região próspera: saibamos contentar-nos com isso e proclamemos Tefnakht faraó deste vasto território que vai da extremidade do Delta até ao sul da província de Lièvre!

— Esqueces Tebas! insurgiu-se Aurora. Sem a cidade de Amon, o deus das vitórias, o Egito não passa de corpo truncado e doente. Esse balanço que solicitas, não será motivo de esperança? As nossas posições estão solidamente estabelecidas e conseguimos atrair Piankhi ao Egito! O que significa essa viagem que ninguém esperava? Que o corpo expedicionário enviado pelo faraó negro fracassou e que ele receia Tefnakht a ponto de ser obrigado a combatê-lo pessoalmente! É a primeira confissão de fraqueza desse usurpador que já não mete medo a nenhum dos nossos soldados.

A eloquência de Aurora surpreendeu os orgulhosos chefes de clã líbios e nem sequer Akanosh ousou replicar.

— Desde que se encontra em solo egípcio,— precisou Tefnakht — Piankhi deixou de estar em segurança. Embora Tebas se encontre ainda sob o jugo do inimigo, não nos faltam lá partidários que não hesitarão em lutar pela nossa vitória.

O príncipe Peftu ficou intrigado.

— Queres dizer, general, que Piankhi poderia ser... eliminado?

— Temos de vencer e todos os meios serão bons para o conseguir. O faraó negro faz mal em acreditar no caráter sagrado da sua própria pessoa e na sua invencibilidade por se encontrar na cidade santa de Amon. Ignora que ele é o passado e eu sou o futuro.

Em Tebas, o chefe da rede de espionagem líbia tomou conhecimento com despeito da morte dos três soldados mandatados por Tefnakht para o auxiliarem. Apesar de experiente, o trio não tinha conseguido franquear a fronteira da província de Lièvre.

Com eles, a coisa teria sido mais fácil... Mas era preciso ultrapassar o mais rapidamente possível a decepção e saber correr os riscos necessários para suprimir Piankhi. Há meses que o chefe da rede informava regularmente Tefnakht da situação em Tebas e do avanço do exército vindo da Núbia. E a sua última mensagem tinha apenas algumas palavras: “Amanhã, Piankhi chega a Karnak”

Era apenas o faraó negro que impedia Tefnakht de conquistar o Egito e lhe impor a sua lei. Entre os núbios, não havia ninguém capaz de lhe suceder. Quando Piankhi estivesse morto, as suas tropas bateriam em retirada e voltariam para Napata. A fortaleza de Elefantina barrar-lhes-ia para sempre a passagem.

Mas não se devia vender a pele da pantera antes de a ter morto. Piankhi era uma fera

temível, de instinto muito apurado, e seria necessário surpreendê-lo num momento de fraqueza em que não tivesse qualquer motivo para se mostrar desconfiado.

O chefe da rede sentia-se capaz dessa tarefa.

— Há muito que a deveria ter estrangulado! — protestou Nartreb, massageando os tornozelos doridos. — Essa Aurora é perigosa... Estende o seu domínio sobre esses estúpidos chefes de clã que só têm olhos para ela e a escutam deliciados.

Yegeb, que alinhava números numa velha tabuinha de madeira, era da mesma opinião do seu cúmplice.

— Poderíamos facilmente utilizar o veneno, mas a morte brutal dessa moça retiraria toda a força a Tefnakht durante várias semanas, talvez mesmo vários meses, e ele não pode perder nada das suas qualidades de guerreiro no momento em que Piankhi se aproxima.

— Então o que propões?

— É preciso desacreditá-la, provar a Tefnakht que não passa de uma intrigante de que ele se deve desembaraçar e não da futura rainha do Egito.

— Há novidades sobre o príncipe Akanosh?

— Nada — respondeu Yegeb — mas mantenho-o sob apertada vigilância. Há-de trair-nos, tenho a certeza... A menos que se tenha tornado demasiado covarde e continue a encerrar-se nos seus aposentos com a esposa. Em todo o caso, não nos incomodará.

— Acreditas no êxito da conspiração tebana contra Piankhi?

— Se se tratasse de uma conspiração, não. Mas a manobra é muito mais subtil e a mordedura da serpente será tão rápida como inesperada. Piankhi está condenado.

— Muito bem... E se tratássemos de Aurora?

“Chamam-na a orbe do mundo inteiro, cantava um hino, porque as suas pedras angulares correspondem aos quatro pilares do céu: Tebas é a rainha das cidades, a divina, o olho do princípio criador, todas as cidades exaltam o seu nome! Na origem dos tempos, formou-se uma colina de areia e emergiu da água: sobre ela nasceu o mundo, sobre ela foi construída Tebas, o olho da luz.” Piankhi e Abilé choraram de alegria ao descobrirem a cidade das cem portas e dos inumeráveis templos. Soubera resistir à triste degradação do poder faraônico para preservar as tradições que o Norte, dominado pelo invasor líbio, tinha esquecido. Tebas, o santuário de Amon, o deus oculto que não tinha pai nem mãe, Tebas, a grande obra alquímica que Deus criara cozendo-a com a chama do seu olhar, Tebas onde o invisível revelava a sua mensagem para iluminar as Duas Terras no meio da obscuridade, Tebas que segurava os dois extremos da eternidade!

O olhar de Piankhi abriu-se como se nascesse para um mundo cujo mínimo pormenor sonhara com exatidão mas do qual só agora descobria a sublime realidade. E Tebas falou-lhe, pronunciando as palavras que pronunciava desde a sua fundação: é aqui, e apenas aqui, que um faraó é coroado, porque esta cidade celeste implantada na terra oferece ao rei um país e proporciona-lhe a capacidade de fazer viver, entre os homens, a harmonia dos deuses.

— Vem ter com o Faraó, Amon — salmodiou a rainha — tu que és corajoso como um pastor, e permite-lhe que alcance a margem da vitória; vem ter com ele, Amon, salvador do náufrago, e permite-lhe que alcance a terra da felicidade; vem ter com ele, Amon, o passador, e permite-lhe que alcance o Ocidente da paz.

O par real deixou o navio almirante descendo para uma barca que avançou lentamente pelo canal que ligava o Nilo ao templo de Karnak. Dois “sacerdotes puros” de crânio rapado remavam cadenciadamente, sob um sol esmagador coado pelos salgueiros.

O faraó e a esposa esperavam ser acolhidos pela Divina Adoradora, a irmã mais velha de Piankhi, apesar do seu estado de saúde. Mas foi um idoso sacerdote que se inclinou perante eles.

— Possa Amon conceder-vos a sua proteção, Vossas Majestades. Em nome dos sacerdotes e das sacerdotisas de Tebas, permiti-me que vos apresente as boas-vindas.

— Porque está a minha irmã ausente?

— Infelizmente, Majestade, a Divina Adoradora está moribunda.

Piankhi sentiu vontade de se precipitar para a cabeceira da irmã, mas o ritual impunha-lhe que cumprisse um primeiro dever a partir do momento em que penetrava no domínio sagrado de Amon: fazer-lhe uma oferenda.

O faraó negro deu pois ordem aos seus marinheiros para trazerem para o templo vasos de ouro maciço com cerca de vinte quilos cada, jarros de prata, placas de ouro que seriam colocadas na base das colunas, mesas de oferenda em granito e diorito pesando de quatro a seis quintais, e várias toneladas de ouro que os ourives de Karnak utilizariam para executar objetos rituais e recobrir as estátuas divinas.

Apesar da angústia que lhe roia o coração, Piankhi voltou o seu espírito para o dom daquelas riquezas, sinal concreto da sua confiança em Amon. Sem o braço do deus oculto, a sua ação não seria irrisória?

Alfazema, a assistente da Divina Adoradora, pousou na testa da soberana de Tebas um pano úmido perfumado.

— Aperta-me a mão suplicou ela.

Alfazema tentou dissimular a sua angústia.

— Pareceis menos enfraquecida...

— Não mintas, sei que vou morrer... Piankhi já chegou!

— Os vigias anunciam a sua frota.

— Possa Amon dar-me forças para o esperar... Gostaria tanto de revê-lo!

— Vivereis, tenho a certeza... Se pudesse dar-vos um pouco da minha juventude!

— Guarda-a preciosamente, Alfazema... O meu tempo de vida termina e agradeço a Deus por me ter concedido tantos dias felizes neste templo, longe das torpezas humanas. Dá-me de beber, suplico-te...

Alfazema escondeu-se para chorar.

Enquanto deitava água fresca numa taça, um colosso de pele negra de ébano, vestido com um saiote orlado de ouro e acompanhado por uma jovem núbia de traços delicados, entrou nos aposentos da Divina Adoradora.

— Sois...

— A minha irmã está viva?

Alfazema curvou-se.

— Sim, Majestade! Desejava tanto a vossa vinda...

Quando a Divina Adoradora viu Piankhi, conseguiu soerguer-se e vencer durante alguns instantes o seu esgotamento. Irmão e irmã abraçaram-se longamente, sem necessitarem de dizer uma palavra.

Depois, o olhar da soberana de Karnak pousou em Chépéna.

— A tua filha... Como é bela! E como o seu olhar é profundo... Foi ela que escolheste para me suceder, não é verdade? Não te enganaste... Aproxima-te, Chépéna. As minhas últimas palavras são-te dirigidas. Vou transmitir-te os segredos da tua função para que cumpras sem falhas os teus deveres de Divina Adoradora.

Nessa mesma noite, uma hora depois da morte da irmã de Piankhi, a quem o faraó proporcionaria funerais dignos de uma rainha, Chépéna foi elevada à dignidade de Divina Adoradora e soberana de todos os templos de Tebas. Depois de se ter purificado numa lagoa, recebeu tecidos sagrados, foi vestida com um longo vestido cingido e calçada com sandálias douradas. Na cabeça, uma coifa em forma de cabeça de abutre evocava a mãe cósmica, a deusa Mut; na testa, a cobra fêmea, o uraeus em ouro; no pescoço, um longo colar de ouro simbolizava a fecundidade espiritual.

Tal como as Divinas Adoradoras que a tinham precedido, Chépéna comprometeu-se a não casar nem ter filhos. O seu único esposo seria o deus Amon, nos mistérios do qual foi iniciada durante uma “subida real” para o templo, à semelhança de um faraó.

Depois, a nova Divina Adoradora enfiou num espeto a estatueta em cera de um inimigo, mergulhando-a num braseiro para afastar de Tebas as forças más e reduzi-las à impotência. Por fim, como representante terrestre da deusa Tefenet, fogo secreto da criação, fez a oferenda de uma estatueta de Maât, símbolo da harmonia eterna do que era vivo.

Face aos dignitários religiosos e civis da cidade de Amon, Piankhi reconheceu a filha como Divina Adoradora, colocada à frente de um verdadeiro governo que compreendia um administrador, um chefe dos celeiros, escribas e diretores de oficinas. Chépéna poderia mandar edificar uma capela no recinto de Karnak onde, depois da sua morte, lhe seria prestado culto.

A madrugada despontava.

No termo de uma noite de ritual, Chépéna não sentia qualquer fadiga. No entanto, em poucas horas, perdera a sua juventude e a sua terra natal. A partir de agora, nunca mais sairia do recinto de Karnak exceto para se dirigir à margem oeste, ao templo de Medinet Habu, onde seria enterrada ao lado de outras Divinas Adoradoras, próximo da colina onde dormiam os deuses primordiais.

Enquanto Chépéna contemplava o lago sagrado, a rainha Abilé veio até junto dela, iluminada pelos primeiros alvares do dia.

— Mãe...

— Eis o teu primeiro dia de reinado sobre este domínio sagrado, Chépéna. Celebrando todos os dias a invisível presença de Amon, manterás a ligação do Egito com o além. Estou tão feliz por ti e tão triste por saber que nunca mais regressarás a Napata! Perdoa que te sobrecarregue com os meus sentimentos... Precisas de força e depósito em ti a minha confiança.

As duas mulheres caíram nos braços uma da outra.

— Mostrar-me-ei digna da tarefa que o meu pai me atribui, mesmo que esse destino seja maior do que eu.

— O teu pai, tu e eu já não nos pertencemos. Desde a invasão de Tefnakht, a alma do Egito dita-nos a nossa conduta e devemos servi-la com fervor para que as futuras gerações conheçam a felicidade que nós conhecemos.

— Aceita a rainha do Egito ser assistente da Divina Adoradora para celebrar os rituais da madrugada?

Com passo igual, mãe e filha dirigiram-se para o santuário do templo de Amon.

Tebas estava em efervescência.

A presença do faraó negro rejuvenescia a velha cidade e devolvevia-lhe uma esperança que julgava perdida. De repente, via-se a sonhar com um Egito reunificado, colocado sob o governo de um monarca que seguiria os passos dos seus antepassados e restabeleceria, mesmo no Norte, a lei de Maât. Mas quem podia ignorar que esse improvável futuro passava por uma guerra implacável contra Tefnakht, um conflito demorado e sangrento durante o qual morreriam milhares de homens?

Enquanto Piankhi não lançasse a grande ofensiva, ainda haveria oportunidade para organizarem banquetes e para se divertirem como se o amanhã devesse ser um dia feliz; assim, cada notável de Tebas convidou o faraó para a sua mesa com a esperança de passar um serão inesquecível. Mas o rei declinou todas as propostas e os nobres compreenderam que não sairia da caserna onde inspecionava as tropas estacionadas em Tebas desde o início do seu reinado.

E a cidade mergulhou pouco a pouco na tristeza, esperando que o faraó negro desse o sinal de partida. Desta vez, para esmagar Tefnakht, não se contentaria em enviar um corpo expedicionário ao Médio Egito, mas envolveria sim a totalidade das suas tropas.

Quando Piankhi convocou o conjunto das personalidades tebanas para o grande pátio a céu aberto do templo de Karnak, nenhuma duvidou que iria anunciar a data da ofensiva geral. Há já vários dias que os núbios eram submetidos a um treino intensivo e não tinham licenças.

Os que não conheciam o faraó ficaram espantados com a sua força e magnetismo. Perante um guerreiro daquela estatura, o exército nortista não teria outra alternativa senão a fuga ou a derrota. E o sonho de vitória ressurgiu com vigor. E se esse núbio vindo das profundezas do Grande Sul tivesse a coragem de ir até ao fim da sua missão?

— Reuni-vos para vos anunciar uma importante notícia.

Todos sustiveram a respiração. Era o destino do país e da sua cidade santa que estava em jogo.

— Antes de continuar os combates contra Tefnakht e os nortistas, desejo devolver às festas do Ano Novo e à de Opet a sua grandeza passada. Haverá tarefa mais essencial o que a celebração desses momentos rituais que, desde a origem da nossa civilização, nos permitem comungar com os nossos antepassados?

A estupefação foi total.

Em vez de atacar imediatamente Tefnakht, Piankhi pensava em fazer reviver uma festa tradicional à qual os próprios tebanos, tendo em conta as circunstâncias, davam cada vez menos importância.

Teria o faraó negro perdido a razão?

A cidade de Heracleopólis cantava os louvores a Tefnakht. Quem poderia duvidar da vitória final, quando todos os seus planos se concretizavam sem dificuldade?

Aurora estava cada dia mais entusiasta com a idéia de enfrentar o faraó negro e de o vencer. Ia freqüentemente à caserna para encorajar os soldados, encantados por poderem contemplar uma mulher tão bonita que, graças à sua determinação, em breve seria a sua rainha.

Saboreando a sua crescente popularidade, Tefnakht assistia ao treino dos arqueiros quando Yegeb lhe trouxe uma mensagem proveniente de Tebas.

— Qual a razão desse ar triste, Yegeb?

— É incompreensível, senhor... No entanto, esta mensagem é autêntica! Tem exatamente o código do chefe da nossa rede de espionagem.

— Ele desiste de suprimir Piankhi?

— Com certeza que não, mas o comportamento do faraó negro é aberrante! Em vez de preparar as suas tropas para o combate e dar o sinal de partida para o Médio Egito, só se preocupa em celebrar a velha festa de Opet! Muitos pensam que endoideceu e que os deuses de Tebas o enfeitiçaram a ponto de o fazerem esquecer o sentido das realidades.

— Piankhi não é louco — afirmou Tefnakht. — É uma artimanha destinada a fazer-nos baixar as guardas. Confiará a direção dos rituais à Divina Adoradora e lançará um ataque de surpresa no meio da festa. Redobremos de vigilância e intensifiquemos os nossos preparativos.

Estupefato, o capitão Lamerskény largou a taça de cerveja forte.

— O quê, a festa de Opet?

— O faraó decidiu conferir-lhe um brilho excepcional — declarou o capitão Puarma em tom sereno.

— Não finjas, arqueiro, porque estás tão admirado como eu! Como pode um faraó pensar em divertir-se quando o seu país está dominado pela anarquia e pela guerra?

— Esta festa não é apenas um simples divertimento, bem o sabes, mas uma indispensável homenagem aos deuses.

— Ah, os deuses! Não serão eles que irão manejar a espada e a lança.

— A lenda afirma que foi Amon que permitiu a Ramsés o Grande vencer sozinho milhares de hititas, durante a batalha de Kadesh. E Piankhi é igualmente um protegido de Amon.

— Já passei da idade de acreditar em lendas! Os teus arqueiros estão preparados?

— Continuas a querer...

— Vou fazer a festa à minha maneira.

O chefe da rede de espionagem líbia implantada em Tebas interrogava-se sobre a estratégia a adotar. De princípio, julgara que o discurso de Piankhi não passava de uma fábula destinada a atrair a benevolência do clero local e iludir Tefnakht; a seguir, tivera que admitir que o faraó negro tinha realmente a intenção de celebrar a festa de Opet com o maior esplendor possível, restaurando as antigas tradições que pouco a pouco tinham caído no esquecimento. Piankhi considerava que a comunhão com os deuses e o respeito pelos rituais eram indispensáveis para

iluminar o futuro do país.

O amontoado dos cortesãos, a multidão em folgado, a exaltação popular... outras tantas excelentes condições reunidas para desferir um golpe decisivo. Mas não se trataria de uma armadilha? Não seria fácil aproximar-se de Piankhi. A sua guarda pessoal estava vigilante e havia a rainha, essa escultural núbia tão atenta como uma tigresa e capaz, por si só, de fazer abortar uma tentativa de atentado.

Seria portanto necessário agir de forma mais subtil... E uma idéia germinou na cabeça do assassino.

O comandante líbio que se tinha apoderado da aldeia fortificada da Falésia-das-grandes-vitórias tivera a sorte inaudita de cair sobre um verdadeiro tesouro: na cave do governador havia ânforas de vinho tinto dos oásis com dez anos ou mais! Assim, todas as noites era organizado um banquete com os oficiais e algumas beldades locais a quem a desenvoltura militar não desagradava.

Segundo as informações provenientes do quartel-general de Heracleopólis, a situação mantinha-se estacionária e não evoluiria antes de várias semanas, talvez mesmo vários meses. Pela sua parte, o comandante estava convencido que Piankhi se instalaria em Tebas e renunciaria a meter-se numa luta de resultado incerto.

O conquistador dormia um sono sereno que uma ordenança veio desastradamente perturbar.

— Depressa, comandante, depressa!

— O que é?... Ainda é muito cedo para alguém se levantar.

— Estamos a ser atacados! O despertar foi brutal.

— Piankhi?

— Não sei... Os núbios não parecem muito numerosos.

— Então, é o corpo expedicionário!

Um terrível estrondo rasgou os tímpanos do comandante. Utilizando um ariete, os soldados de Lamerskény acabavam de arrombar a porta principal da aldeia fortificada, enquanto os arqueiros de Puarma, empoleirados numa torre móvel, eliminavam um a um os defensores colocados nas muralhas.

O comandante equipava-se à pressa com a sua couraça quando o filho de Tefnakht, um jovem longilíneo de rosto desagradável, irrompeu no seu quarto.

— Os núbios... São os núbios! Havieis afirmado que eles não nos atacariam!

— Vou organizar a vossa fuga.

— Eles... eles não se vão apoderar desta praça forte?

— Se Lamerskény está à cabeça dos seus homens, não passa de uma questão de minutos. Diante de um demônio daqueles, não temos qualquer hipótese.

— Devemos resistir! Tefnakht não poderá aceitar a cobardia.

— Despacha-te, rapaz, é a tua vida que está em jogo. Lamerskény não faz prisioneiros.

Debruçando-se da janela, o comandante constatou que a situação era desesperada. O assalto desencadeado pelo capitão núbio fora tão violento que metade da guarnição líbia tinha sido massacrada em menos de uma hora. Do alto da sua torre móvel, os arqueiros núbios, infatigáveis e precisos, provocavam a devastação e impediam os defensores de se organizarem.

Seguindo cegamente o seu chefe, os soldados de infantaria de Lamerskény irrompiam no interior da Falésia-das-grandes-vitórias com uma fúria que gelava de terror os seus adversários. Com a sua acha de lâmina dupla, o capitão cortava o pescoço dos mais corajosos e, com o braço de acácia onde se tinham cravado duas flechas, derrubava os cobardes que imploravam piedade.

Os arqueiros de Puarma apoderaram-se das muralhas e abateram os últimos líbios suficientemente insensatos para resistirem.

O comandante e o filho de Tefnakht teriam tido uma oportunidade de fugir se os seus cavalos não tivessem sido vítimas de um princípio de pânico provocado pelos berros dos soldados mortalmente feridos. Relinchando e escoucinhando, os quadrúpedes estavam incontroláveis.

— Segue-me, rapaz. Temos que correr muito depressa.

— Combater... Eu quero combater!

Com o olhar esgazeado, o filho de Tefnakht já só ouvia os estertores dos moribundos e o silvo das flechas. O comandante puxou-o pelo braço, mas a acha de Lamerskény enterrou-se no seu ombro e obrigou-o a largá-lo.

— Não... o mateis... É o filho de Tefnakht!

Julgando Lamerskény em dificuldades, Puarma disparou uma seta precisa e forte. O jovem, com a garganta trespassada, abateu-se sobre o cadáver do comandante.

O filho de Tefnakht foi o último morto do breve e violento assalto da Falésia-das-grandes-vitórias.

— A festa começa bem — declarou Lamerskény, com a respiração apenas ligeiramente acelerada.

Ao entregar a Piankhi o relatório redigido pelo capitão Puarma, Cabeça-fria esperava que o faraó ficasse satisfeito com o comportamento do seu corpo expedicionário. Ficou portanto espantado com a reação do soberano.

— Tinha-lhes ordenado que aniquilassem as tropas de Tefnakht o revoltado e que se apoderassem desse ente desprezível... Em vez disso, contentam-se em reconquistar uma pequena praça forte e julgam que realizaram uma grande façanha!

— Majestade... O filho de Tefnakht foi morto.

— Um dos filhos de Tefnakht retificou Piankhi e essa morte não vai convencer o líbio a renunciar ao combate. Mesmo que todos os seus filhos fossem executados diante dos seus olhos, continuaria a perseguir o seu sonho de poder absoluto. É ele que se torna necessário abater e não qualquer outro. E os meus oficiais são incapazes disso.

— Quais são as vossas ordens, Majestade?

— Que Puarma e Lamerskény mantenham a sua posição e esperem. Chegou a hora de viver as festas sagradas e celebrar os deuses.

O sacerdote-leitor chefe, encarregado de verificar o bom andamento dos rituais, não podia acreditar naquilo que os seus olhos viam. Graças ao trabalho dedicado da nova Divina Adoradora, assistida eficazmente por Alfazema, tinha sido possível exumar um texto muito antigo da cerimônia do Ano Novo, que decorria em pleno Verão, e pô-lo em prática. O faraó negro oferecera inestimáveis tesouros, entre os quais vasos em bronze decorados com cavalos e ramos de papiros e, obras-primas ainda mais extraordinárias, cálices de vidro colorido de azul, com pé cônico, adornados com uma figura de Osiris e com um texto de convite para o banquete do além: “Bebe e viverás”.

O faraó e a Divina Adoradora tinham repellido os demônios, os miasmas, as doenças e os outros mensageiros de morte enviados pela leoa Sakhmet durante os cinco últimos dias do ano que terminava, o período mais temível para o futuro do país. Tinham-na magicamente convencido a transformar a sua ira em energia positiva depositando oferendas diante das duas séries de trezentos e sessenta e cinco estátuas de Sakhmet dispostas no interior do recinto da deusa Mut.

Levada a cabo esta tarefa, os dignitários reunidos em Karnak num grande pátio a céu aberto, sob um sol escaldante, tinham apresentado ao faraó os presentes de Ano Novo: colares, cofres com tecidos, cadeirões, uma cadeira de transportadores, vasos cuja tampa tinha a forma de uma cabeça de carneiro, arcos, flechas e aljavas e até mesmo estátuas de divindades que passariam daí em diante a residir no templo. Os escultores tinham criado um baixo-relevo mostrando Thot preparado para inscrever o nome de Piankhi na “haste dos milhões de anos”.

A rainha Abilé sentia um profundo sentimento de orgulho. Naquelas horas felizes, tomava consciência da mais alta missão do faraó: fazer viver as Duas Terras à imagem do céu e transformar o quotidiano numa festa do espírito.

Com o seu fluxo fertilizante, a cheia do Nilo saudava a vinda de Piankhi. Em cada aldeia eram postas mesas adornadas com abundância graças à generosidade do rei e o seu prestígio era celebrado no decurso de banquetes bem regados.

Nos vasos de ouro, prata e cobre, o monarca e a esposa recolheram a água do ano novo,

quando o sol fazia brilhar as ondas e transformava o país em luz.

Perante o público, Piankhi bebeu o líquido contido num vaso de ouro e de prata, uma mistura de vinho, cerveja e joio e depois pronunciou a antiga fórmula: “Eis para ti, Deus oculto, a planície misteriosa, dotada de todas as virtudes! Sobre ela crescem os cabelos da terra, o trigo e a cevada que dão a vida, apesar de estarem rodeados pelo joio.”

Por instantes, Abilé sentiu-se angustiada. E se uma mão assassina tivesse envenenado a mistura? Mas imediatamente serenou: fora a sua própria filha, a Divina Adoradora, a dosar a beberagem pessoalmente. Em Tebas, Piankhi não corria qualquer perigo porque estava sob a proteção do deus Amon.

E chegou a hora dos rituais secretos, no interior do templo onde apenas eram admitidos os iniciados nos mistérios de Amon e de Osíris que formaram uma procissão de cerca de sessenta sacerdotes e sacerdotisas, transportando cada um objetos utilizados durante a celebração do culto quotidiano: um turíbulo, um vaso de purificação, um cetro de consagração. Esgotada a energia dos símbolos, competia ao par real regenerá-los apresentando ao poderoso sol do ano novo, no telhado do templo.

Em pleno meio dia, a luz divina realizou a sua obra.

Um pouco antes da madrugada, no naos do templo, Piankhi abriu a boca e os olhos da estátua do deus Amon, vestiu-a com tecidos novos, perfumou-a e apresentou-lhe o ka dos alimentos sólidos e líquidos. Depois o rei abriu a boca de cada estátua, de cada baixo-relevo e de cada sala do templo de Karnak para devolver força e vigor a esse imenso ser vivo no qual circulava assim uma energia nova de que o santuário se alimentaria.

Enquanto os harpistas e flautistas faziam uma oferenda musical a Amon, Abilé viu que Piankhi estava prestes a ser absorvido por aquele universo sagrado ao qual acabava de devolver a sua intensidade plena. Como rainha com um título muito antigo, “A que vê Hórus e Seth”, ou seja, os dois aspectos inconciliáveis da realidade, a força de construção e de destruição, constantemente em luta no universo e miraculosamente harmonizadas no ser do Faraó, tinha o dever de intervir.

— Esqueceste a guerra, Majestade?

— Tebas está em festa, Abilé.

— Não estás a deixar o teu pensamento errar nestes locais divinos a ponto de esquecer o amanhã?

— Porque te mostras tão cruel, tu que eu amo tanto?

— É esse o meu dever de rainha. Este Egito de que és o esposo, como todos os faraós que te precederam, este Egito sofre e está em risco de morrer, enquanto tu sonhas em permanecer aqui, em Karnak, sem te preocupares senão com o sagrado. Porque é esse o teu projeto, não é verdade?

O coração de Piankhi apertou-se. Abilé lera nele.

É verdade, sonhava em retirar-se para o domínio de Amon, contentar-se em celebrar aí diariamente os rituais e viver como um sacerdote de reclusão, longe das exigências e das torpezas do mundo exterior. Permanecendo ali, não seria o garante de uma paz, certamente relativa mas no entanto verdadeira e que consolidava pela força dos hinos e das orações? Se escolhesse aquela via, a situação militar estacionaria durante longos anos.

Mas Abilé tentava quebrar tal sonho forçando Piankhi a acusar-se a si próprio de egoísmo e a

recordar a sorte cruel dos egípcios do Norte, dominados pela tirania de Tefnakht.

Um país novamente unificado, uma terra liberta do mal que a corroía, um povo finalmente livre da guerra... Mas teria o faraó negro a capacidade de conseguir uma vitória de tal dimensão? Em vez de se embalar com ilusões e de derramar sangue, mais valia contentar-se em embelezar Tebas e contemplar a divindade.

Sentindo que o marido estava dominado por um conflito terrível, Abilé manteve-se em silêncio.

Da decisão que o faraó negro tomasse dependeria o destino de um país e de um povo.

Com as costas apoiadas num bloco de calcário sobre o qual tinha poisado as armas, o capitão Lamerskény comia cebolas ao mesmo tempo que untava com óleo de linhaça o braço de acácia. Outrora, tinha pensado em fazer tantos entalhes quantos inimigos ia matando, mas o seu número aumentara demasiado rapidamente.

Puarma sentou-se ao lado do colega.

— Então, vamos atacar outra praça forte? — perguntou Lamerskény.

— Piankhi está furioso — confessou o capitão dos arqueiros.

— Ah, essa é a melhor! Reconquistamos a Falésia-das-grandes-vitórias, matamos um dos rebentos de Tefnakht, provamos que o adversário não pode avançar uma polegada, e o chefe fica descontente!

— O faraó ordena que mantenhamos as nossas posições.

— E o que fazemos nós há meses? Espero pelo menos que Piankhi chegue e nos mostre como devemos agir.

— Não sei nada.

— Como não sabes? Recebeste novas ordens!

— Sim, mas nada dizem sobre esse ponto. Piankhi vai celebrar a festa de Opet e...

— A festa, outra vez a festa! — exclamou Lamerskény, que agarrou numa pedra e a atirou para longe. — Mas para que servimos nós aqui? Aposto que o rei decidiu instalar-se em Tebas e que não irá mais longe.

— Queres dizer...

— Piankhi não tem qualquer intenção de desencadear uma guerra total contra Tefnakht: é esta a verdade. E ficaremos aqui presos até ao fim dos nossos dias para guardar esta maldita fronteira.

Aurora não falhava qualquer treino dos arqueiros de elite cuja precisão era por vezes espantosa. Um jovem oficial acabava de cravar três flechas no centro de um alvo à distância de uma centena de metros, um pequeno escudo que vários veteranos tinham falhado. A postura do jovem guerreiro era elegante e o seu rosto ainda juvenil. Os gestos pareciam naturais, realizados sem esforço.

— Notável comentou Aurora, cujos olhos verdes tinham brilhado de excitação.

— Intimamente, dediquei-vos a terceira flecha... Perdoais-me esta insolência?

A jovem sorriu.

— Considero-a como uma delicada atenção... mesmo que se trate de um ato de guerra.

— Ainda não, princesa! De momento, não passa de um jogo. Em breve, espero, haverá um núbio no lugar daquele alvo, depois outro e outro ainda...

O olhar profundo do arqueiro perturbou Aurora.

— Tens assim tanta vontade de te bater contra Piankhi?

— É o meu mais profundo desejo, mas saberei ser paciente. Todos sabem que esta guerra

será decisiva.

— E se não se verificar?

— Não é possível... O general Tefnakht espera a sua hora. Há-de ser gloriosa, tenho a certeza!

A frescura e o entusiasmo do jovem encantaram Aurora. Era da sua idade, acreditava que o mundo podia pertencer-lhe e não tinha qualquer dúvida sobre o seu empenhamento.

— Tens razão: a vitória do general será espantosa. Aurora afastou-se e ele seguiu-a com o olhar.

A festa da deusa Opet, que possuía o segredo da fecundidade espiritual, era o ponto culminante da estação da cheia. Durara pelo menos vinte e quatro dias e em breve o Nilo se retiraria depois de ter depositado sobre as terras o lodo fertilizador.

Durante esse período fasto, o ka do faraó tinha sido regenerado para lhe permitir exercer a sua função com o máximo de energia, uma energia que ele comunicava ao seu povo e à sua terra.

Piankhi tinha escoltado a estátua de Amon que saíra de Karnak para se dirigir a Luxor, onde o mistério da revelação divina se verificara. O visível tinha comunicado com o invisível no momento em que o rei e a rainha do Egito se tinham unido de novo, sob a proteção de Amon cuja grande barca de cedro, coberta de ouro e adornada de pedras preciosas, surgira aos olhos de uma multidão rejubilante. Mas nunca se levantaria o véu que cobria a cabina da barca onde se encontrava a efígie do deus e nunca a sua verdadeira forma seria conhecida pelos homens.

Ao longo do rio, como nas bordas da via que ligava os templos de Karnak e de Luxor, tinham sido edificadas pequenas capelas de madeira que constituiriam outras tantas etapas para a procissão acompanhada por cantores, cantoras, instrumentistas e dançarinas, enquanto as pessoas do povo se atafulhavam com vitualhas generosamente distribuídas pelos sacerdotes. Não ordenavam os deuses que os locais de restauração fossem preparados tanto para a equipagem que navegava como para aqueles que seguiam pelos caminhos de terra?

Celebrando a presença de Amon, o pai, da sua esposa Mut, a mãe, e do filho Khonsu, “o que atravessa o céu”, Piankhi afirmava o caráter todo poderoso da divina trindade graças à qual renasceria um novo sol.

Piankhi compreendia que o segredo do governo do Egito residia na perfeita aplicação do calendário das festas, tal como fora revelado na origem. Viu, em paz, a realidade de Amon quando transportou a sua estátua ao naos do templo, durante a noite iluminada por uma luz que olhos humanos não podiam ver. Ao fazer penetrar a divindade na sua morada e ao colocá-la sobre o seu trono, o faraó privilegiava o animador da criação e recolocava todas as coisas no seu lugar correto.

Tebas saía dificilmente de várias semanas de folguedos aos quais Piankhi dera uma dimensão fora do vulgar. Qual o objetivo visado pelo faraó negro a não ser afirmar de forma bem evidente o seu domínio sobre o sul do Egito? Os notáveis estavam convencidos que o espectro da guerra se afastava e que o rei trocava Napata por Tebas com a intenção de embelezar a cidade de Amon e de cobrir de ouro os seus templos.

Todos sentiam que Piankhi fora conquistado pela cidade santa onde celebrava os rituais quotidianos com fervor. Graças a ele, alguns sacerdotes haviam reencontrado o caminho da fé, e os salmos cantados no templo de Amon tinham brotado com a mesma grandeza que possuíam na

época de Ramsés.

Quanto à Divina Adoradora, agradecia ao céu conceder-lhe a presença tão preciosa do pai. Sem ele, Chépéna ter-se-ia sentido abandonada a uma solidão que a teria esmagado, de tal forma a sua nova função lhe parecia pesada e múltipla. Gerir com eficácia o conjunto dos templos de Karnak parecia ultrapassar as possibilidades de uma jovem que, até então, se tinha consagrado à arte dos perfumes. Mas os conselhos da precedente Divina Adoradora, do rei e da rainha e o auxílio de Alfazema e de um intendente dedicado tinham permitido a Chépéna assumir o mais rapidamente possível as suas responsabilidades, esquecendo os seus receios. Como a maior parte dos membros do clero tebano, esperava que Piankhi escolhesse Tebas como residência definitiva e que a violência fosse abolida.

Quando a rainha Abilé despertou, o seu primeiro olhar foi para Piankhi que nessa noite a amara com o entusiasmo de um jovem amante partindo à descoberta de um país maravilhoso e inexplorado. Mas o rei abandonara o leito.

Abilé saiu do quarto do palácio para se dirigir ao terraço de onde se dominava um dos pátios do templo de Karnak. Estava convencida que o encontraria ali, com os olhos fixos no domínio sagrado de Amon.

Colocou-se a seu lado e enlaçou-o com um braço, no gesto de proteção mágica que os escultores encarnavam na pedra quando criavam as estátuas de um casal feliz para a eternidade.

— O Faraó tomou a sua decisão?

— Hoje iremos ao templo de Mut para cumprir os rituais de impreciação dos inimigos visíveis e invisíveis. Amanhã, colocar-me-ei à frente do meu exército para esmagar a desordem e restabelecer a harmonia.

Enraivecida, Aurora rasgou um delicado xale de linho que Tefnakht lhe oferecera e dos seus olhos brotaram lágrimas de cólera. Durante alguns minutos, o seu passado invadira-a como o curso imperioso do Nilo durante a cheia. A morte do pai, a violação que lhe fora imposta por Nartreb, a arrogância do general nortista, a traição de que alguns não deixariam de a acusar... Abandonar Heracleópolis, fugir, desaparecer, não seria a melhor solução?

Não, encontrara o seu destino.

Mesmo que tivesse que espezinhar as recordações, admitir o olhar venenoso de Nartreb e a hipocrisia de Yegeb, lutar contra a cobardia de certos príncipes líbios, não abandonaria Tefnakht e participaria com todas as suas forças na necessária reconquista do Egito.

Trazendo uma bandeja sobre a qual tinham sido dispostas uvas, romãs e tâmaras, um homem entrou no seu quarto.

Ela reconheceu-o imediatamente: era o jovem oficial do corpo dos arqueiros.

— Perdoai-me esta intrusão, princesa. Pensei que gostaríeis de saborear estes frutos frescos.

— Quem te deixou entrar?

— Os guardas conhecem-me... E desejava tanto fazer-vos esta surpresa!

Aurora apercebeu-se que estava quase nua. Um simples véu caindo até meio das coxas nada ocultava das suas formas opulentas.

— Poisa a bandeja e vai-te embora.

— Até hoje, o tiro ao arco era a minha única paixão... Autorizais-me a abandonar o exército para me tornar vosso servidor?

A voz do jovem tremia. Comovida, Aurora voltou-lhe as costas.

— Não cometas essa loucura! És um arqueiro de elite.

— O que me interessa, se não posso continuar a ver-vos, a falar-vos, a respirar o vosso perfume, a vos... a vos tocar.

A sua mão hesitante pousou sobre o ombro da jovem. Ela deveria ter-se afastado, ordenado que se retirasse, mas a sua carícia era tão doce...

— Amo-vos — murmurou ele, beijando-lhe a face com delicadeza. — O coração de Aurora bateu com mais força e um estranho calor invadiu-lhe o corpo.

— Não... aqui não...

Como se não tivesse ouvido, o oficial acariciou os cabelos de Aurora. Se o deixasse continuar, não conseguiria opor-lhe a mínima resistência.

— Se Tefnakht nos surpreender, será a morte, tanto para ti como para mim.

Aurora voltou-se e encarou o jovem cujos olhos estavam plenos de desejo.

— Quando... quando voltarei a ver-vos?

— Amanhã, ao princípio da tarde, na sala do palácio onde se arrumam os tecidos. Tefnakht estará na caserna principal para inspecionar o material de infantaria... Não, é uma loucura!

Ele beijou-lhe as mãos.

— Amo-vos, Aurora. Amo-vos como um louco! E juro-vos que guardarei este segredo, porque é a chave da nossa felicidade...

— Vai-te... Vai-te embora depressa!

Ele deu-lhe um beijo tão febril que ela sentiu o desejo de o reter e de se lhe oferecer, mas o perigo era demasiado grande. Logo que ele desapareceu, a jovem sentiu apenas uma urgência: desfrutar aquele corpo apaixonado e partilhar o seu fogo.

O oficial saiu do palácio e meteu por uma ruela que conduzia à caserna. Ali o esperava Yegeb.

— Satisfeito, meu jovem?

— Nem uma só mulher me resiste, já vos tinha dito. Aurora não constitui exceção à regra.

— Tendes a certeza de a ter seduzido?

— Conheço as mulheres, Yegeb. Podem disfarçar até um certo ponto mas, no caso presente, Aurora é sincera. Aliás, é uma potra soberba! E se eu tivesse insistido um pouco, teríamos dormido juntos já esta noite.

— Teria sido prematuro... É preciso que Tefnakht vos surpreenda e não tenha qualquer dúvida sobre a infidelidade crônica daquela que ele considerava como a futura rainha do Egito.

— Ela arrisca muito...

— O problema não é vosso.

— Garantis-me a impunidade?

— Direi toda a verdade a Tefnakht: fui eu que vos paguei para seduzir esta prostituta e provar ao general que se enganava concedendo-lhe a sua confiança. Sereis considerado como um servidor fiel e elevado a um posto superior.

— Entretanto, pagai-me o que me deveis.

Yegeb entregou ao oficial uma pequena bolsa de cabedal contendo pepitas de ouro. O jovem verificou o conteúdo.

— Eis-vos um homem rico.

— É normal, Yegeb, corro grandes riscos! E isto é apenas a primeira parte da soma.

— Recebereis o resto quando Tefnakht se tiver desembaraçado dessa mulher mentirosa e viciosa.

— Porque a odiais desta forma?

— Fazei corretamente o vosso trabalho, senhor oficial, e não façais perguntas inúteis.

Tomando o peso ao seu tesouro, o oficial seguiu a caminho da caserna.

É evidente que Yegeb recuperaria o seu ouro do cadáver daquele imbecil que seria executado por ofensa ao general, em companhia da mulher adúltera.

E Tefnakht nunca saberia a verdade.

Ao cair da noite, os astrólogos de Karnak subiam lentamente a escada que conduzia ao telhado do templo. Cada um ocupava um lugar exato para observar o percurso dos planetas, “as estrelas infatigáveis”, e a ronda dos trinta e seis decanos, as trinta e seis candeias que brilhavam no firmamento. Os especialistas questionavam constantemente os seus conhecimentos dos fenômenos celestes e tentavam ler neles a mensagem dos deuses.

Antes de iniciar o seu trabalho, o astrónomo-chefe encheu uma taça de água límpida e colocou-a sobre uma laje achatada e lisa. Habitualmente, a superfície líquida formava um espelho perfeito, símbolo de Hâtor, senhora das estrelas, e ligava o espírito do observador ao da deusa.

O astrónomo-chefe julgou que os seus olhos o traíam. Um fenómeno assim, na ausência de vento... Olhou de mais perto teve que admitir a terrível realidade: a água estava turva!

Assustado, o sábio desceu a correr a escada de pedra e dirigiu-se ao palácio real cuja porta estava guardada por dois soldados núbios que lhe barraram a passagem.

— Tenho de falar ao rei... Vão preveni-lo!

Piankhi aceitou receber o astrónomo, que dominava com dificuldade a sua emoção.

— Majestade, acabo de ser testemunha de um grave acontecimento: o espelho de água que utilizamos no telhado do templo turvou-se.

— Como interpretas esse sinal?

— Como o anúncio de uma grande desgraça, Majestade! Um fenómeno tão inexplicável é a tradução de uma desgraça iminente que ferirá o coração do reino. Era por isso que tinha de vos alertar sem perder um momento.

— Que precauções aconselhas?

— Que os mágicos recitem durante toda a noite fórmulas de esconjuro para impedir a morte raptora de se apoderar da sua presa.

— Podes precisar os teus receios? O astrónomo-chefe hesitou.

— A vossa vida está ameaçada, Majestade.

A simples visão do rosto grave de Tefnakht fez os membros do seu conselho de guerra compreenderem que a situação havia evoluído bruscamente e que o general, acompanhado por Aurora, tinha informações capitais a comunicar-lhes.

— Piankhi vai sair de Tebas — revelou Tefnakht.

— Regressa à Núbia? — interrogou o príncipe Akanosh.

— Não, prepara-se para nos atacar.

Tefnakht omitiu a informação de que o chefe da rede de espionagem tebana não conseguira eliminar o faraó negro e que esse fracasso não o entristecia. É verdade que teria sido mais fácil vencer o exército sulista privado do seu chefe, mas o confronto não assustava de forma alguma o general nortista. Derrotando pessoalmente o seu adversário, provaria de forma definitiva a sua supremacia.

— Vamos esperar pelo ataque ou tomar a iniciativa? inquietou-se o príncipe Pefteu.

Não há qualquer razão para modificarmos a nossa estratégia: deixemos Piankhi quebrar os dentes na fortaleza de Heracleópolis. Quando tiver perdido suficientes homens, lançaremos uma série de ataques que culminarão com a destruição total do inimigo.

— Concederás o perdão aos eventuais sobreviventes?

— Não, — respondeu Tefnakht. — É necessário exterminar essa gentilha núbia sem qualquer piedade. Esse é o preço do futuro do país.

Piankhi tinha retirado água do lago sagrado do templo de Mut, em forma de crescente lunar. Conservada em jarros, serviria de proteção mágica para o exército sulista que terminava os seus preparativos de partida. Oferecida pelo rio celeste, essa energia vinda do além tornaria inesgotáveis as forças dos combatentes decididos a reconquistar o Norte.

Soberba no seu longo vestido vermelho deixando os seios nus, a rainha Abilé não conseguia dominar a sua angústia.

— O astrónomo constatou que os astros não te eram favoráveis, não é verdade?

— O espelho turvou-se — lembrou-lhe Piankhi. — Isso anuncia portanto uma morte. Talvez a minha... Mas porque não se referirá ao fim de uma época?

Abilé encarou o marido.

— Desejei esta guerra, depois ela horrorizou-me, senti-a de novo como uma necessidade para fazer reflorir a felicidade e afastei-a do meu pensamento... Atualmente, sinto-me perdida. Tudo o que sei é que tenho medo por ti. Se renunciasses para permanecer neste templo, compreender-te-ia, fossem quais fossem as críticas. Tu és a vida com que eu sonhava e no entanto, meu amor, és bem real. Quero guardar-te a meu lado.

Piankhi apertou Abilé a si com força.

— Talvez a morte se encontre no fim da aventura... Mas temos uma hipótese de vencer. Se eu não cumprir a minha função, se não tentar fazer respeitar a lei de Maât em todo o país, será a segunda morte e o aniquilamento que me serão justamente infligidos pelo tribunal do outro mundo. Não temos opção, Abilé; é por isso que temos liberdade de agir.

Convencida que não conseguiria modificar a decisão de Piankhi, Abilé acompanhou-o até ao

templo da temível Sekhet, onde seriam realizados os indispensáveis rituais de encantamento destinados a reduzir a capacidade de fazer mal dos inimigos. Durante toda a noite, os mágicos de Karnak tinham salmodiado as fórmulas de proteção do rei, na esperança de que a morte raptora não tivesse inventado uma nova artimanha para se apoderar da alma de Piankhi.

Como estava combinado, a Divina Adoradora celebraria o nascimento do novo sol enquanto o par real, assistido por Alfazema e pelas sacerdotisas de Serket, a deusa-escorpião, travaria a primeira grande batalha mágica contra Tefnakht e os seus aliados, simbolizados por grosseiras estatuetas de alabastro e calcário.

“Alguns decênios antes”, pensou Piankhi, “os núbios é que eram assim amaldiçoados; mas hoje, vindos das profundezas do Grande Sul, lutarão e morrerão para salvar o país detentor dos valores essenciais da civilização e da espiritualidade. Estranha reviravolta da chama, na realidade: esquecendo agravos e legítimos rancores, os perseguidos de ontem tornam-se os libertadores de hoje.”

Sobre as estatuetas, os escribas tinham escrito com tinta vermelha um curto texto descrevendo o caráter destruidor dos rebeldes e dos criadores de perturbações, os inimigos de Maât, ajoelhados ou deitados de barriga para baixo, com as mãos atadas atrás das costas. Alfazema dirigiu-se a Piankhi.

— Faraó do Alto e do Baixo Egito, possam os deuses proteger-te contra aqueles que pronunciam más palavras e executam gestos perniciosos! Que o teu poder seja mais forte do que o deles, que fiquem aterrorizados pela tua força, que sejam pisados pelas tuas sandálias! Que aqueles que tentam travar a viagem do sol sejam para sempre privados de luz, que os seus lábios sejam selados e os seus braços cortados.

Uma sacerdotisa fechou a boca das estatuetas com o selo de Piankhi e quebrou-lhes os membros. Depois, Alfazema lançou-os num braseiro de onde pareceram brotar gemidos que impressionaram os participantes na cerimônia.

Até mesmo o mangusto ficou nervoso e se refugiou aos pés do seu dono. A rainha Abilé sentiu que aquela antiga magia de Estado não era uma ilusão mas desencadeava realmente ondas de força que atuariam simultaneamente sobre o Faraó e sobre os inimigos de Maât. E compreendeu por que razão, desde a primeira dinastia, nenhum rei do Egito se eximira às suas obrigações rituais antes de partir para a guerra.

Enquanto o fogo crepitava, Alfazema apresentou a Piankhi um soberbo vaso de alabastro com o seu nome inscrito.

— Majestade, antes que este vaso seja depositado no tesouro do templo para comemorar o vosso nome, bebei esta cerveja criada pelo deus Ra para fazer brilhar a vossa valentia em todas as províncias do reino.

No instante em que o faraó estendia os braços para receber o vaso, o mangusto trepou pelo seu corpo, imobilizou-se um breve instante e saltou sobre o pulso de Alfazema, que mordeu até fazer sangue.

Dando um grito de dor, a assistente da Divina Adoradora largou o recipiente que caiu no pavimento. Dele saiu um líquido amarelado que provocou o furor do mangusto. Com os pêlos eriçados, os bigodes espetados, girou em redor dele como se se tratasse de um réptil.

— Matem esse animal, enlouqueceu! — exigiu Alfazema. Observando o comportamento do animal, a rainha Abilé compreendeu imediatamente.

— Tu, Alfazema, tentaste envenenar o rei com o veneno de serpente que te forneceu a tua cúmplice, uma das sacerdotisas de Serket! És uma partidária de Tefnakht, não é verdade?

Segurando com a mão esquerda o pulso ensangüentado, incapaz de suportar o olhar acusador da rainha, Alfazema recuou.

Preparava-se para negar quando duas sacerdotisas de Serket, assustadas, tentaram em vão fugir. Os soldados de Piankhi detiveram-nas com rudeza.

— Porque agiste assim, tu que tão fielmente tinhas servido a minha irmã, a Divina Adoradora falecida? — interrogou o rei com uma voz tão severa que fez tremer Alfazema.

— A nova Divina Adoradora é núbia, como a anterior... Não vos basta governar Tebas por seu intermédio? A causa de Tefnakht é justa! A sua vitória devolver-nos-á a unidade perdida.

A jovem ajoelhou e lambeu o líquido mortal.

— Falhei, mas o Norte vencerá!

Os olhos de Alfazema tornaram-se fixos, os seus membros inteiriçaram-se, vomitou bilis e morreu com as mãos crispadas na garganta.

Com a sua morte e a detenção das suas cúmplices, desaparecia a rede de informações de Tefnakht em Tebas.

Nas fileiras líbias, o entusiasmo misturava-se com o receio. Por um lado, sonhavam vencer; por outro, receavam a ferocidade do faraó negro. Mas Tefnakht sabia infundir confiança e manter acesa uma chama por vezes vacilante; obrigando os seus homens a treinar durante todo o dia, evitava que se perdessem em divagações mais ou menos angustiantes.

Uma coisa era certa: Piankhi não conseguiria apoderar-se de Heracleópolis. Restava saber como iria reagir: ou insistiria, perdendo milhares de homens, ou bateria em retirada. Competia a Tefnakht descobrir o momento certo para lançar uma poderosa ofensiva que quebrasse a coluna vertebral dos núbios.

A inspeção do arsenal sossegou o general. As armas eram numerosas e em bom estado, as reservas de alimentos permitiam suportar um longo cerco, tanto mais que as províncias do Norte enviavam mantimentos sem dificuldade.

— Senhor...

— O que é, Yegeb?

— Tenho duas dolorosas notícias a dar-vos. Mas talvez o momento seja mal escolhido.

— Fala — ordenou Tefnakht.

— Alfazema morreu e os membros da sua rede foram presos. Já não temos mais ninguém para nos informar sobre as decisões de Piankhi.

— Não é assim tão grave, pois já não temos necessidade desse gênero de informações. Conhecemos as forças do faraó negro e não precisaremos de alterar a nossa estratégia. Qual é a outra má notícia?

Yegeb assumiu um ar contristado.

— É delicado, senhor, de tal forma delicado...

— Não me faças impacientar.

— Trata-se de Aurora...

— Alguém tentou fazer-lhe mal?

— Na verdade, senhor, ela é que pode vir a prejudicar-vos gravemente.

— Mede as tuas palavras, Yegeb!

— Senhor, imploro-vos que me escuteis! Foi por acaso que os nossos serviços de segurança julgaram surpreender uma... uma ligação de Aurora com um oficial dos arqueiros.

Os olhos negros de Tefnakht ensombraram-se.

— Tens provas daquilo que afirmas?

— Infelizmente, tenho. Se me quiserdes seguir...

Aurora continuava a achar extremamente sedutor o arqueiro que ia tornar-se seu amante. Na sala dos tecidos onde flutuavam deliciosos perfumes e um agradável aroma de roupa lavada, o jovem avançava para ela, louco de desejo.

— Vieste... É um sonho, um sonho tão maravilhoso!

Ela sorriu.

— Não, não sou um sonho. Ele fechou os olhos.

— Deixa-me imaginar-te para depois te contemplar tal como tu és... Serás a minha mais bela conquista!

— Foram assim tão numerosas?

— Perante ti, nenhuma mulher existe!

Fez deslizar lentamente a alça esquerda do vestido e depois, ainda mais lentamente, a alça direita, descobrindo o busto maravilhoso de Aurora.

Trêmula, a jovem baixou os olhos enquanto ele lhe beijava os bicos dos seios. Inebriada, fixou o olhar no dele.

O que descobriu aterrorizou-a.

Havia nele o mesmo desprezo, a mesma arrogância, a mesma brutalidade do seu violador Nartreb. O oficial não a amava, desejava apenas possuí-la da forma mais bestial.

De repente, compreendeu.

— Volta-te disse-lhe para eu tirar o vestido.

— Não te julgava tão pudica.

— Por favor...

Divertido, obedeceu.

Aurora apoderou-se de uma tira de cabedal que atava os tecidos e, com essa arma improvisada, estrangulou o arqueiro.

O rapaz debateu-se, mas o pulso de Aurora foi implacável. E a sua força aumentou ainda mais quando viu Tefnakht que, de braços cruzados, observava a cena.

Com a laringe esmagada, o arqueiro deixou de resistir e morreu sufocado.

— Este homem ameaçou-me, trouxe-me até aqui e tentou violar-me. Humilhando-me, era a ti que queria atingir, pois este traidor confessou-me que estava a soldo de Piankhi.

Aurora cuspiu sobre o cadáver antes de desfalecer em lágrimas nos braços de Tefnakht.

Com a cabeça envolta numa toalha úmida e o torso coberto por um unguento que descontraía os seus músculos tensos, Yegeb sofria de uma crise de fígado que o fazia produzir uma bilis dolorosa.

— Aquela peste da Aurora obrigou-me a apresentar-lhe desculpas e o general ordenou-me que verificasse melhor as minhas informações antes de macular a reputação da futura rainha do Egito! Receei mesmo cair em desgraça...

Nartreb encolheu os ombros e continuou a massagear os tornozelos doridos.

— Tefnakht não pode passar sem nós, porque nos confia o trabalho sujo... Mas como consegui essa moça voltar a situação em seu favor?

— Aurora é uma assassina.

— Terás medo dela?

— Não estou habituado a falhar... Atualmente, Aurora odeia-nos.

— Mas que novidade! Se julga que Tefnakht levará realmente em consideração as suas opiniões, engana-se redondamente. A única amante do general é a sua ambição. E nós estamos a

seu lado para o satisfazer. O grande confronto aproxima-se, Yegeb, e vamos tirar dele o máximo de benefícios!

Otokou perdera pelo menos dois quilos e as iguarias já não tinham o mesmo sabor. Consciosos, o obeso geria a capital da Núbia com uma atenção de todos os instantes. Notáveis e funcionários sentiam a falta de Piankhi que, apesar da sua severidade, se mostrava menos exigente do que Otokou.

Não seriam as notícias provenientes de Tebas que devolveriam ao obeso o apetite de outrora. E não era a visita do velho Kapa que iria torná-lo mais otimista.

Otokou pôs o prato de alabastro no qual o desafiava uma coxa de pato assada.

— Se tens censuras a fazer-me, Kapa, o momento é mal escolhido! Estou esmagado de trabalho.

— Porque está o governador de Napata tão nervoso? Tanto a tua administração como eu podemos estar orgulhosos de ti. Vinha simplesmente felicitar-te.

Otokou não queria acreditar nos seus ouvidos. Não se trataria de uma provocação? No entanto, o velho tinha posto de parte a sua ironia habitual. Não, não estava a fazer troça do novo governador e, além disso, estava tão triste como ele.

— Também tu, Kapa, pensas que Piankhi não voltará.

— Por que nos temos de iludir? Ou perde a guerra e será morto, ou reinará em Tebas de onde nunca mais partirá.

— Nunca mais...

— É verdade, Otokou, eis-te governador de Napata até ao fim dos teus dias! Confiando-te essa tarefa, Piankhi teve uma mão certa.

— Ainda haverá felicidade para esta cidade? Sem o faraó negro, não passa de um amontoado de casas perdido num oásis.

— Faz como eu, Otokou: envelhece e aceitarás o inaceitável.

À proa do navio almirante, em forma de serpente com cabeça de carneiro coberta de ouro e fazendo lembrar o pico da Montanha Pura, o faraó e a sua grande esposa real olhavam para norte, para o Médio Egito e para a província de Lièvre que atingiriam dentro de cerca de dez dias.

O rei tinha a sua coroa branca, símbolo do Alto Egito, encastrada na coroa vermelha, símbolo do Baixo Egito; nelas estavam presas duas cobras fêmeas, os uraeus, cuja fúria dispersaria os adversários do monarca, vestido com um colete de plumas com alças atadas nos ombros e um saiote de linho. Nos pulsos, pulseiras de ouro e de pasta de vidro, tendo na charneira uma representação de Nut, a deusa do céu. Por baixo do seu colar de ouro, formado por uraeus em miniatura, um amuleto de faiança azul-verde, com cerca de dez centímetros de altura, representava uma cabeça de carneiro encimada por um disco solar. Assim eram evocados o segredo do divino e a sua luminosa revelação.

Ao lado do esposo, cujo braço esquerdo enlaçava com dignidade, a rainha Abilé envergava um longo vestido vermelho preso na cintura por um cinto branco com longas pontas. Nas orelhas, brincos de ouro em forma de chave da vida, recordando que o nome hieroglífico das orelhas era “as vivas”; adornando o pescoço, um colar de pérolas de vidro, faiança e cornalina, entre as quais tinham sido dispostos pequenos escaravinhos encarnado a idéia da mutação e pilares a da estabilidade. Quanto ao seu pingente, era um lótus enquadrado por dois olhos de falcão contendo todas as medidas do universo.

— Amon vem no vento — disse Piankhi — mas os olhos não o vêem. A noite está cheia da sua presença e o dia glorifica-o. O que está no alto é como o que está em baixo e é ele que o faz funcionar.

— Tu, a grande alma do Egito, suplicou a rainha Abilé — dá o sopro da vida a todos os que vão combater para que as Duas Terras sejam reunidas.

De um estojo de prata dourada, Piankhi tirou uma adaga. No punho da lâmina, um leão devorava um núbio! Mas a arma datava da gloriosa XVIII dinastia e fora piedosamente conservada no templo de Amon de Napata.

E o sol fez cintilar a longa e grossa lâmina, dando o sinal de partida.

Os campos de cevada dourados, as garças-reais sobrevoando os maciços de papiros, os falcões deixando-se planar ao vento, a doçura das margens... A beleza da paisagem incitava ao sonho, mas nenhum dos soldados núbios sentia disposição para se entregar a ele. Cada um deles tinha em mente o terrível confronto que se aproximava, cada um pensava numa esposa, numa mãe, num pai, num filho que talvez nunca mais voltasse a ver.

Antes do desembarque, Piankhi falou longamente com o seu cavalo, cujos olhos brilhantes de inteligência estavam nublados de inquietação. Não lhe escondeu a verdade e preveniu-o que ia enfrentar terríveis perigos. Valoroso acalmou-se e ergueu a cabeça com orgulho. Também ele estava preparado para combater.

Na margem, na fronteira sul da província de Lièvre, os capitães Lamerskény e Puarma estavam simultaneamente emocionados e inquietos. Emocionados por verem aparecer o faraó negro que tinha pessoalmente arreado o seu cavalo; inquietos por terem de escutar as suas censuras.

— Tefnakht continua a ser um homem livre? — perguntou este, visivelmente enraivecido.

— Sim, Majestade — respondeu Puarma.

— Não vos tinha já conferido uma missão e ordenado que acabassem com esta revolta? Confiava em vós porque tinha a certeza que haveríeis de dispersar esses nortistas! Mas hoje, as cidades de Hermopólis e Heracleopólis estão ocupadas pelo inimigo e a fama do Faraó ofuscada por causa da vossa incapacidade!

Puarma baixou a cabeça, mas Lamerskény — protestou.

— Não poupamos esforços, Majestade. Mas Tefnakht não é um insignificante chefe de clã à frente de um bando de rebeldes desorganizados. Trata-se de um verdadeiro exército que temos perante nós.

— Achas que não tenho consciência disso?

— O cerco de Heracleopólis será longo e difícil — afirmou o capitão de infantaria. — Perderemos muitos homens, mas espero descobrir a forma de vergar essa cidade rebelde. Quando nos apoderarmos dela, Tefnakht será obrigado a render-se.

— Pesadas perdas em perspectiva...

— Sim, Majestade! As muralhas de Heracleopólis são grossas e os arqueiros líbios hábeis.

— Manda imediatamente batedores. Acima de tudo, eles que se mostrem bem para que os vigias notem a sua presença.

Lamerskény ficou espantado.

— Mas, Majestade, era preferível...

— Amanhã, quero que um pequeno batalhão ruidoso se instale a boa distância da cidade.

— Um pequeno batalhão... Para nos apoderarmos de Heracleopólis vamos precisar de todas as nossas forças!

— Os soldados de infantaria que ergam muitas tendas criando um amplo acampamento, como se a totalidade do meu exército se preparasse para atacar.

— Nós... nós não atacamos?

— Claro que sim, capitão Lamerskény. Mas não no lugar onde o inimigo nos espera.

Nervoso, irritável, Nartreb passeava pelas muralhas de Heracleopólis quando um vigia detectou dois batedores núbios que se dissimulavam desajeitadamente por trás de um maciço de espinheiros. Avisou imediatamente o conselheiro de Tefnakht.

— Há mais dois, lá em baixo... E mais dois, na orla dos campos.

Nartreb desceu das muralhas e correu até à caserna principal onde Tefnakht e Aurora faziam preleções aos soldados.

— Ei-los! — anunciou o semita. — Um grande número de batedores... Por outras palavras, o exército de Piankhi estará aqui a partir de amanhã ou nos próximos dias.

Aurora sorriu, Tefnakht controlou a sua alegria.

— Esta noite — declarou o general — carne e vinho tinto para todos, tanto oficiais como simples soldados! Piankhi caiu na nossa armadilha. A vaidade do faraó negro fá-lo-á lançar-se contra esta fortaleza inexpugnável. Massacraremos milhares de núbios e o Norte será vencedor!

Depois de ter sido aclamado pelos seus homens, Tefnakht retirou-se para os seus aposentos

com Aurora. Ambos estavam no auge da excitação e a jovem tremia apesar do calor.

— O teu sonho vai realizar-se, Tefnakht, esse sonho que se tornou meu também...

Aurora despiu o general, desatou as alças do seu próprio vestido e fez amor apaixonadamente com o homem que ia vencer Piankhi e impor a sua lei ao Egito reunificado.

Yegeb dava os últimos ajustes ao projeto de governo desejado por Tefnakht: coroação do faraó em Tebas e em Mênfis, eliminação da totalidade dos núbios, incluindo os civis, destruição de Napata, reapropriação das minas de ouro, desenvolvimento do exército e da polícia, estabelecimento de um estado civil rigoroso que permitiria controlar bem a população, supressão das liberdades individuais e do direito de propriedade, abolição dos privilégios concedidos a demasiados templos, a maior parte dos quais seriam transformados em casernas, proibição de sair do Egito exceto para os militares devidamente mandatados por Tefnakht, aumento dos impostos e das taxas para facilitar a existência dos funcionários inteiramente dedicados ao rei, intensificação da produção de armas defensivas e ofensivas, construção de fortalezas e prisões, condenação imediata de qualquer contestatário.

Ao realizar este programa, Yegeb, futuro ministro da Economia e Nartreb, futuro chefe da Segurança do Estado, ficaram satisfeitos com o seu trabalho.

Um último pormenor, no entanto, perturbava ainda Yegeb: era necessário meter na ordem certos chefes de clã líbios que prezavam demasiado a sua independência e acreditavam ingenuamente que Tefnakht tinha intenções de a respeitar. A maior parte dos casos seriam resolvidos quer pela autoridade do novo senhor do Egito, quer pela distribuição de presentes susceptíveis de fechar a boca aos recalcitrantes.

Restava o príncipe Akanosh, nem corrupto nem corruptível, e suficientemente teimoso para protestar abertamente contra a nova política. Em vez de pensar na sua eliminação súbita, que provocaria desagradáveis agitações no momento em que Tefnakht instalaria ao seu poder, talvez fosse possível detectar uma falha nos que o rodeavam e desacreditá-lo definitivamente.

Nemrod, príncipe de Hermopólis, estava de excelente humor. Como tivera razão em traír Piankhi e apostar em Tefnakht! De acordo com as previsões do general nortista, o faraó negro ia quebrar os dentes na praça forte de Heracleopólis e compreenderia tarde demais que tinha enfraquecido o seu exército a ponto de lhe retirar qualquer possibilidade de vencer.

Mais sedutor do que nunca, com os cabelos perfumados, manicurado com extremo cuidado, Nemrod estava tão contente consigo próprio que se recordara da existência da sua esposa Nézéta, esquecida há muito em benefício de uma corte de amantes mais ou menos hábeis nos jogos do amor.

Tendo ultrapassado os cinqüenta, não faltavam a Nézéta nem elegância nem encanto, mas não podia rivalizar com belas intriguistas de vinte anos que, erradamente, esperavam conquistar o senhor de Hermopólis. Sobriamente vestida, com uma peruca à antiga, Nézéta não manifestava qualquer indício de revolta.

— Porque me chamaste, Nemrod?

— Tefnakht em breve será coroado Faraó e oferecer-me-á um lugar de destaque no seu governo. Para não chocar os cortesãos, deveria levar pelo braço uma esposa submissa e discreta. Aceitas desempenhar esse papel?

— E se eu recusar?

— Repudiar-te-ei com um pretexto qualquer, mas legal, e outra tomará o teu lugar. É evidente que perderás todos os teus privilégios e terás de viver de forma muito mais modesta.

— Quais serão as minhas obrigações?

— Simplesmente aparecer a meu lado, demonstrar ser feliz e falar apenas de banalidades. Há empregos mais desagradáveis, Nézéta. Contigo, pelo menos, não terei de suportar dramas nem censuras. Para exercer as nossas futuras responsabilidades tenho necessidade de calma. Estás de acordo?

— Estou.

— Perfeito!

Tudo sorria a Nemrod. Graças à intuição que o arrastara para o campo de Tefnakht, a sua cidade tornar-se-ia uma das mais ricas do Egito e ele um dos personagens mais em evidência na corte do novo faraó.

Quando o príncipe, todo animado, se dirigia para o quarto de uma das suas últimas amantes, uma tocadora de alaúde síria com dedos de agilidade incomparável, o chefe da sua guarda barrou-lhe a passagem.

— Príncipe Nemrod...

— Mais tarde, tenho pressa.

— Príncipe Nemrod, estamos cercados!

— Cercados... Mas por quem?

— Por núbios... Milhares de núbios!

— Estás a divagar; o exército de Piankhi avança sobre Heracleopólis!

— Não, príncipe Nemrod! O faraó negro está aqui, com os seus soldados!

Correndo o perigo de ficar sem fôlego, Nemrod trepou até ao cimo da mais alta torre das fortificações.

E o que viu aterrou-o.

Cavalgando um magnífico corcel baio de crina fulva, o faraó negro avançava à cabeça das suas tropas.

De pele muito negra, faces escarificadas, pequenas argolas de ouro nas orelhas, a parte anterior do crânio rapada, cabelos curtos e encarapinhados, envergando saiotos curtos presos por um cinto vermelho, os guerreiros do Grande Sul pareciam invulneráveis. Esses que os nortistas designavam por “portadores de tranças” e por “caras queimadas”, avançavam sem pressa para Hermopólis. Os príncipes eram identificáveis pela túnica branca e colar de pérolas multicores na peruca vermelha.

— São tantos, príncipe, tantos! gemeu o chefe da guarda. Petrificado, Nemrod tentou manter a aparência de calma.

— As nossas fortificações são sólidas.

Dizem que os núbios arrancam as entranhas das suas vítimas para as dar aos crocodilos, dizem que os seus assaltos são acompanhados por uma chuva de sangue, dizem que...

— Basta! Que cada um esteja no seu posto e defenda esta cidade como o seu bem mais precioso. Repeliremos os sulistas.

Então, Piankhi fizera crer que cairia sobre Heracleopólis como uma ave de rapina para melhor concentrar os seus esforços em Hermopólis, a cidade do deus Thot. Era a proteção deste que o faraó negro queria garantir. Inserindo-se na tradição, como poderia Piankhi avançar sem o auxílio do senhor do conhecimento? Nem Tefnakht nem Nemrod tinham detectado essa faceta da personalidade do núbio. Rebaixando-o ao nível de um simples conquistador, tinham esquecido a dimensão sagrada da sua função.

Mas não eram horas para recriminações. Nemrod tinha que salvar a sua cidade e salvá-la-ia: as suas fortificações não eram tão dissuasivas como as de Heracleopólis?

Mais mal arranjado do que os soldados colocados sob as suas ordens, o capitão Lamerskény tinha-se esquecido de fazer a barba. O seu único luxo era uma tira de linho grosseiro ocultando o braço de acácia.

Há longos minutos que o oficial fixava com atenção uma zona determinada das muralhas.

— Na tua opinião, devemos concentrar o nosso ataque naquele ponto? — perguntou Piankhi.

— Pelo contrário, Majestade. É a parte das fortificações que foi voluntariamente destruída por Nemrod para atrair o corpo expedicionário a uma emboscada. Estou convencido que o príncipe de Hermopólis, constatando o fracasso da sua artimanha, fez consolidar aquele muro com um cuidado muito particular.

— Que estratégia preconizas?

— Se fizesse o que me apetecia, avançaria a direito à minha frente... Mas não se trata de uma pequena praça forte como a Falésia-das-grandes-vitórias! Reparai na altura das muralhas e na sua espessura! Lançarmo-nos de cabeça sobre Hermopólis traduzir-se-ia por um desastre. Perderíamos muitos homens sem termos a certeza de pôr o pé nas muralhas. Sinceramente, Majestade, estou pronto para combater, mas porque hei-de morrer no fim de uma carga tão

heróica como estúpida?

— Não há mais nenhuma solução?

Despeitado, Lamerskény abanou a cabeça negativamente. Puarma teria gostado de lhe passar a perna e brilhar perante o soberano, mas também ele estava sem idéias. Apesar do seu número, os núbios não tinham qualquer hipótese de se apoderarem de Hermopólis. Com certeza que lhe infligiriam severos golpes, mas a que preço?

— Mandem erguer as tendas — ordenou Piankhi. Lamerskény vigiou pessoalmente o trabalho dos cabouqueiros: molharam o chão para fazer baixar a poeira, traçaram áleas e instalaram as tendas de tamanhos diversos, desde a mais vasta moradia reservada ao casal real até ao pequeno abrigo dos oficiais de categoria inferior. Deram de comer aos cavalos, aos burros e aos bois, montaram os carros que tinham sido transportados em peças separadas nos barcos de carga, os médicos trataram dos doentes e jogaram aos dados com muitas discussões para esquecer os combates sangrentos do dia seguinte.

A rainha Abilé não ficou inativa. Na tenda real, espalhou taças de faiança, frascos de vidro com perfumes, vasos com a tampa em forma de cabeça de carneiro e pequenos leques lotiformes, sem esquecer os cofres de maquiagem contendo potes com cremes e unguentos. Um corpo de baile de servas trouxe os indispensáveis cofres de roupa e de serviços de mesa de ouro e de alabastro.

Quando Piankhi entrou nos seus domínios privados, ficou deslumbrado.

— Recriaste o nosso palácio de Napata, Abilé!

— Apenas alguns compartimentos, e de forma muito imperfeita. Esta campanha militar contra a injustiça não implica que nos deixemos soçobrar na barbárie. Mas... pareces muito preocupado!

As doces mãos de Abilé pousaram nas faces de Piankhi.

— Como poderei ajudar-te?

— Hermopólis parece inexpugnável. Até mesmo Lamerskény está prestes a renunciar.

— Mas tu não!

— Assaltos repetidos teriam como único resultado pesadas perdas. Para nos apoderarmos de Hermopólis é necessário descobrir outra solução.

— Quando um obstáculo infranqueável se ergue, não é conveniente ou contorná-lo ou suprimir a própria natureza desse obstáculo?

— Fazer com que as muralhas deixem de ser muralhas... Sim, tens razão!

Os carpinteiros núbios tinham trabalhado dia e noite para montar catapultas gigantes, enquanto os soldados de infantaria erguiam plataformas elevadas montadas sobre rodas e os condutores de burros faziam com que os seus animais transportassem pesados cestos cheios de terra.

Encostado a uma palmeira e mastigando uma haste de papiro, o capitão Lamerskény assistia àquela agitação com cepticismo.

— Tem confiança — recomendou Puarma. — São ordens de Piankhi.

— Conquistar uma fortaleza com burros... Acreditas realmente nisso?

— Esqueces as catapultas!

— Não conheço o funcionamento desses engenhos.

— Entre os soldados vindos de Napata, há uma unidade especializada na utilização dessas máquinas de guerra.

— Poeira nos olhos, nada mais.

— Estás a ruminar porque os teus homens, uma vez mais, não estão na primeira linha!

Lamerskény resmungou como um urso sírio.

Do cimo da sua torre de vigia, Nemrod observava os preparativos dos núbios, dos quais não compreendia nada. O comandante da guarnição estava igualmente perplexo.

— Porque não se lançam ao assalto?

— É realmente surpreendente... No entanto, os hábitos dos guerreiros núbios são bem conhecidos!

— Para que servem essas estranhas máquinas?

— Nunca tinha visto outras semelhantes, príncipe Nemrod. Na minha opinião, não sabem como nos hão de atacar e procuram impressionar-nos.

Lançada por uma catapulta, uma enorme pedra destruiu várias ameias de tijolos crus, matou dois arqueiros líbios e feriu uma dezena. Desde o primeiro tiro, os atiradores núbios tinham conseguido a pontaria correta.

Vinte catapultas entraram então em ação e causaram graves estragos nas muralhas.

Piankhi fez sinal aos condutores de burros para avançarem, seguidos pelos bois que puxavam carroças carregadas de toneladas de terra. Para proteger o comboio e a descarga, os arqueiros de Puarma, em pé sobre as plataformas elevadas, abateram os líbios, dos quais muito poucos tiveram a possibilidade de se servir dos seus arcos. Apanhados sob o tiro intenso e exato das catapultas e dos arcos, muitos defensores de Hermopólis foram abatidos enquanto os cabouqueiros edificavam um talude que rodearia as muralhas e chegaria a três quartos da sua altura.

A muralha de Hermopólis já não era um obstáculo.

Sem perderem um único dos seus, os arqueiros de Puarma tomaram posição nas muralhas. Quando Piankhi se lhes juntou, constatou que os defensores da cidade não estavam totalmente aniquilados. Os sobreviventes detinham ainda o palácio, o arsenal, a caserna e os celeiros. Mas

um cheiro pútrido se elevava já das ruelas e das pracetas onde os cadáveres se tinham acumulado. Em breve Hermopólis não poderia respirar.

Lamerskény impacientava-se.

— Agora, Majestade, é comigo! Os meus soldados não demorarão muito tempo a desalojar esses medrosos!

— Desilude-te, capitão. Defenderão a sua vida com afínco... Porque havemos de arriscar a dos nossos?

— Então... quais são as vossas ordens?

— Esperar pela reação de Nemrod, o nosso antigo aliado.

— Vamos morrer todos previu o comandante da fortaleza. Poderemos resistir um mês, talvez dois, mas em seguida., .

Todos os oficiais partilhavam a opinião do seu superior. Quanto aos notáveis, gemiam prevendo a sorte que lhes reservaria o faraó negro.

— É preciso resistir — considerou Nemrod, cujo rosto se enchera de rugas. — Melhor, é preciso contra-atacar! Visto que Piankhi já se considera vencedor, provemos-lhe que se engana!

— Hermopólis está cercada — objetou o comandante — e perdemos metade dos nossos homens, enquanto que o exército de Piankhi continua intacto. Se tentarmos uma saída, seremos aniquilados.

— O que propões?

O comandante baixou a cabeça.

— Negociemos, príncipe Nemrod.

— Queres dizer... rendermo-nos?

— É a melhor solução.

— Enlouqueceste? Piankhi massacrar-nos-á a todos.

Um notável tomou a palavra.

— Eras seu aliado, Nemrod, e traíste-o. É a ti que o faraó negro considerará responsável, não esta cidade. Não tem qualquer razão para atacar os seus habitantes se estes se submeterem humildemente à sua vontade.

— Sou o vosso príncipe e é a mim que deveis obedecer!

— O comandante tem razão: é preciso negociar.

Com os cabelos entrançados, a barba fina e talhada em ponta, envergando túnicas decoradas com motivos florais, os notáveis mais ricos de Hermopólis franquearam a porta da cerca do palácio de Nemrod.

Imediatamente os arcos núbios se retesaram.

— Não atirem — ordenou Puarma. — Não estão armados.

Com os braços carregados de cofres contendo ouro, pedras preciosas e tecidos de grande valor, os embaixadores atravessaram um largo juncado de cadáveres líbios e apresentaram-se à poterna onde se encontrava Lamerskény. O mais idoso dirigiu-se ao capitão.

— Concedei-nos o privilégio de depositar estes presentes aos pés de Piankhi.

— Primeiro vou revistar-vos.

Os notáveis sofreram a humilhação sem protestar. Depois, Lamerskény conduziu-os até ao centro do acampamento.

Piankhi estava sentado num trono de madeira dourada e os manejadores de leques proporcionavam-lhe um pouco de ar fresco.

O porta-voz dos notáveis inclinou-se perante o faraó negro.

— Majestade, aceitai os presentes da cidade de Hermopólis. Eis as riquezas que reunimos para vos oferecer. A nossa cidade deita-se de bruços para venerar a vossa grandeza e implorar a vossa clemência.

— É Nemrod que vos envia?

— Nós próprios tomamos a decisão que o príncipe aprovou.

— Porque não vos acompanha?

— Receia a vossa cólera e...

— Tem razão — cortou Piankhi. — Quando me abrirá as portas desta cidade que é minha e ele me roubou?

— Majestade, há que compreender os receios de Nemrod.

— O teu príncipe não passa de um revoltado e, pior ainda, um traidor! Que rei seria suficientemente fraco para lhe conceder o perdão que ele não merece?

O porta-voz dos embaixadores estava aterrado, mas tentou mesmo assim defender a causa da sua cidade.

— Nemrod cometeu uma falta grave, Majestade, e nós lamentamos que isso tenha acontecido. Mas deve Hermopólis sofrer as consequências da vossa justa cólera? As suas muralhas foram destruídas, metade da sua guarnição foi exterminada. Hoje, as nossas famílias têm medo e ninguém sabe o que lhe reserva o amanhã.

O faraó negro ergueu-se.

— Nemrod e Hermopólis violaram a lei de Maât e esqueceram o juramento de fidelidade que me fizeram. Semelhante traição não exige o mais severo dos castigos?

A amante de Nemrod massageava-lhe as costas com o raro e precioso óleo de moringa, mas não conseguia descontraír o príncipe de Hermopólis. Ternas carícias eram igualmente ineficazes e a jovem sentiu-se despeitada quando Nemrod a afastou com brusquidão.

No limiar da porta encontrava-se a sua esposa legítima, Nézéta.

— O que vens aqui fazer?

— Voltarei mais tarde, se perturbo os teus amores.

— Vai-te embora — ordenou Nemrod à amante. Vexada, esta desapareceu.

— Vamos morrer todos — disse o príncipe a Nézéta. — Piankhi não terá piedade, nem de mim nem dos habitantes desta cidade. Lamento, minha querida. Nunca serás uma grande dama na corte de Tefnakht.

— Visto que não há qualquer esperança de escapar à fúria do faraó negro, autorizas-me a tentar uma última negociação?

Nemrod ficou espantado.

— Como?

— Considerando que sou tua esposa, encabeçarei um cortejo de mulheres e crianças e implorarei a piedade de Piankhi.

— Não tens a mínima hipótese de conseguir qualquer coisa.

— Pelo menos, terei tentado.

Incrédulo, Lamerskény viu passar o estranho cortejo guiado por uma mulher orgulhosa, de cabeça erguida, vestida com simplicidade. O capitão de infantaria não ousou revistá-la, mas recomendou a Puarma que se mantivesse preparado para a abater com uma flecha se se mostrasse ameaçadora. Após de Nézéta marchavam cerca de cinquenta mulheres e crianças, umas chorosas, outras quase satisfeitas por verem tão de perto os impressionantes guerreiros núbios. Uma garotinha tocou no escudo de um soldado de infantaria, que lhe pegou ao colo e se juntou à procissão contando-lhe uma história da sua longínqua Núbia.

Foi a rainha Abilé que recebeu a surpreendente embaixada.

Nézéta ajoelhou.

— Sou a esposa de Nemrod e vim suplicar-vos que nos concedeis a salvação da nossa vida.

— Levanta-te.

— Não antes de ter obtido a palavra do faraó.

— Achas que ele é acessível à clemência?

— Um rei do Egito não governa com o coração?

— Segue-me.

A rainha Abilé introduziu Nézéta na tenda onde Piankhi, sentado num banco de sicômoro cujos pés tinham a forma de cascos de touro, se refrescava bebendo uma taça de leite fresco.

A nobreza da sua visitante impressionou-o.

— O meu nome é Nézéta, Majestade. Por minha desgraça, casei com Nemrod porque o

amava. Tornou-me tão infeliz que perdi o gosto pela vida... Hoje, quero defender a causa da minha cidade e dos seus habitantes. Foram colocados sob o jugo de um traidor e obrigados a obedecer-lhe. Porque não de sofrer um injusto castigo? Nemrod, e só ele, deve responder pelos seus atos.

— Nesse caso — considerou Piankhi — que ele compareça perante mim.

— Nemrod ouvira a esposa com atenção, sem se atrever a interrompê-la. O que ela lhe propunha não era uma condenação à morte? Comparecer perante Piankhi equivalia a um suicídio. Sem a sombra de um sorriso, Nézéta fizera apelo à coragem do príncipe graças à qual salvaria milhares de vidas, pouparia horríveis sofrimentos à sua cidade e provaria a dedicação aos seus súbditos.

Nunca uma mulher tinha troçado dele como aquela, nunca ninguém o tinha colocado em semelhante posição de inferioridade sem sequer elevar o tom de voz.

Nézéta eclipsara-se para deixar Nemrod frente a frente consigo próprio e face às suas responsabilidades.

Nemrod amava a sua cidade, mas não tanto como a si próprio. Só lhe restava portanto uma única saída: tentar fugir e reunir-se a Tefnakht.

O render da guarda realizava-se logo ao raiar da aurora. Durante alguns minutos, o acesso a uma porta baixa estaria livre. Vestido como um camponês, Nemrod seguiria rente aos celeiros, passaria pelo campo de manobras, franquearia a muralha exterior e atravessaria as linhas inimigas. Um empreendimento arriscado, mas já nada tinha a perder.

Nemrod abriu a porta do quarto.

Esperavam-no a esposa e vários guardas.

— Os notáveis, os oficiais e a população são unânimes — disse Nézéta —: o príncipe de Hermopólis deve comparecer perante o seu rei.

O medo.

Um medo terrível que colava a pele à túnica de cerimônia e libertava suores acres, um medo contra o qual a vontade de Nemrod nada podia... Se, pelo menos, tivesse desmaiado e mergulhado no nada! Mas continuava a avançar como um homem embriagado que, infelizmente, mantinha plena consciência ao penetrar no campo núbio sob os olhares de ódio de milhares de guerreiros.

Se Lamerskény não tivesse recebido ordem para conduzir até junto do faraó um Nemrod são e salvo, ter-lhe-ia de boa vontade esmagado a cabeça com o seu braço de acácia. Mas o capitão tinha que aceitar que Piankhi desejasse dar pessoalmente largas à sua cólera... Talvez o monarca oferecesse às suas tropas um soberbo suplício que faria lembrar a Nemrod que a palavra tinha um valor sagrado.

Puarma ergueu um pano da tenda real para deixar passar o príncipe de Hermopólis, que estacou no limiar.

— Entra! — disse Lamerskény empurrando o prisioneiro pelas costas.

Nemrod fechou os olhos, na esperança de que aquele pesadelo se dissipasse. Quando os reabriu, o faraó negro estava na sua frente e dominava-o com toda a sua estatura de atleta.

— Continuas sempre elegante, Nemrod. A tua reputação é justificada.

— Majestade... Podeis admitir que o coração é um leme que por vezes faz naufragar o seu

possuidor, porque está nas mãos de Deus? É ele que decide o nosso destino e faz de nós aquilo que somos. O meu coração traiu-me, arrastou-me por um mau caminho... Graças a vós, tomo consciência das minhas faltas e venho implorar o vosso perdão.

Piankhi tirou a adaga da bainha e contemplou a lâmina.

— Tens razão, Nemrod. O coração concebe, pensa, dá ordens aos membros, comanda a língua e cria a capacidade de conhecer. “Segue o teu desejo durante a tua existência, escrevia o sábio Ptahotep, nada faças de excessivo mas não reduzas o tempo de seguir o coração, porque o ka, o poder criador, detesta que seja destruído um instante.” Aquele cujo coração é poderoso e estável, o que não é escravo das exigências do seu ventre, esse pode esperar acolher o divino e ouvir a sua voz. Trata-se do teu caso, Nemrod?

— Não, Majestade.

— Os anciãos afirmam que os nossos quatro inimigos são a avidez, a surdez, a negligência e a teimosia. Não foste vencido por todos eles, um a seguir ao outro?

— Sois hoje o único vencedor e desejo voltar a ser vosso súbdito.

— A vida é comparável a um tabuleiro de xadrez formado por casas brancas e pretas. Um são-nos favoráveis, as outras não. E depois surge a morte... Não é ela que é importante, mas o estado de espírito no qual nos surpreende. Estás preparado para morrer, Nemrod?

Com os olhos fixos na lâmina da adaga, o príncipe de Hermopólis ajoelhou.

— Não, Majestade, não estou preparado! A morte aterra-me e nem mesmo a velhice me tirará o gosto de viver.

— O que pode oferecer-me um traidor?

— Todos os tesouros de Hermopólis vos pertencem, o ouro, a prata, o lápis-lazúli, a turquesa, o bronze... Os impostos ser-vos-ão pagos com regularidade e todos vos obedecerão cegamente, comigo à frente!

— Já escolhi o teu sucessor, Nemrod.

Lentamente, o príncipe ergueu-se, hipnotizado pela adaga. Queria pelo menos morrer de pé e, apesar do seu terror, fez a pergunta que lhe queimava os lábios.

— Quem... quem é, Majestade?

— Tu próprio, Nemrod. Quem melhor do que tu saberia governar Hermopólis com prudência?

Cabeça-fria estava de mau humor enquanto redigia o relatório que entraria nos arquivos reais.

— Qual a razão desse descontentamento? — perguntou Piankhi.

— Não me obrigueis a criticar as vossas decisões, Majestade. Sempre vos servi com fidelidade e continuarei a fazê-lo.

— Deixa-me adivinhar, Cabeça-fria: desejavas que Nemrod fosse supliciado perante todo o exército, não é verdade?

— Não tenho qualquer gosto pela crueldade... Mas deveis compreender que confirmar um traidor no seu posto pode ferir muitas consciências!

— A minha verdadeira decisão ainda não foi apreciada na sua justa medida. A rainha está pronta?

— Espera-vos, Majestade.

Sentados no seu trono, Piankhi e Abilé viram dirigir-se para eles Nemrod, o príncipe de Hermopólis, e a sua esposa Nézéta, que segurava um sistro de ouro na mão direita e outro de lápis-lazúli na esquerda. As hastes metálicas desses dois instrumentos de música vibravam docemente e espalhavam ondas que afastavam as influências nocivas.

Por trás dos soldados núbios comprimia-se a população de Hermopólis, ansiosa por ouvir as palavras do faraó negro.

— Esta cidade sofreu graves ferimentos por causa da atitude de Nemrod — declarou Piankhi. — É portanto a ele que compete tratá-los e tornar Hermopólis próspera graças à paz que acabo de restabelecer. Todo o homem que reconhece as suas faltas pode emendar-se, desde que não mais saia do caminho de Maât. Comprometes-te finalmente a cumprir os teus deveres, Nemrod?

Comprometo-me pelo nome do faraó e pela minha vida!

— Tendo em consideração os graves erros que cometeste, não é conveniente que governes sozinho. Por isso a tua esposa será a tua delegada particular e prestar-me-á contas das tuas ações e gestos. Em caso de litígio, será a sua opinião que prevalecerá. À cabeça do conselho dos anciãos, gerirá as riquezas da cidade e velará pelo bem-estar dos seus habitantes que, a partir de agora, será a tua única preocupação.

Nenhuma emoção transpareceu no nobre rosto de Nézéta. Como se tivesse sido vergastado pelo cetro do faraó, Nemrod cambaleou.

— Controla-te — recomendou-lhe a esposa em voz baixa. — Não esqueças que o príncipe de Hermopólis deve dar o exemplo.

Um cântico brotou do peito dos cidadãos: “Como a tua ação é perfeita, Piankhi, Filho da Luz! Tu que nos ofereces a paz, protege a província de Liévre e a nossa cidade e permite-nos celebrar uma festa!”

Sob a vigilância de Cabeça-fria, um sacrificador abateu ritualmente um boi considerado puro pelo veterinário. Cortou-lhe a pata anterior direita, símbolo da força, depois mergulhou a sua mão no sangue do animal e estendeu-a a um sacerdote da deusa Sekhet, que a cheirou e deu imediatamente o seu veredicto: a energia do animal estava sã e forneceria-la aos comedores de

carne.

Tranqüilizada, liberta e feliz, Hermópolis abriu as suas portas de par em par ao faraó negro, que seguiu por uma álea de tamarqueiras para se dirigir ao templo de Amon. Em frente do pilone de acesso, dois colossos de Ramsés o Grande.

Depois de ali ter venerado o deus oculto, Piankhi avançou até ao grande templo de Thot. Junto de um babuíno de pedra com a altura de cinco metros, foi acolhido pelo grande sacerdote, um velho sorridente iniciado aos dezoito anos nos mistérios do deus do conhecimento. Viu que a sombra de Deus protegia o faraó negro e que o la celeste guiava as suas ações.

Maravilhado, Piankhi descobriu o parque onde se encontrava o lago dos lótus, local de nascimento do primeiro sol, a ilha do clarão e o lago das duas facas, locais do seu combate vitorioso contra as trevas, e o santuário do ovo primordial que continha todos os elementos da criação.

Nemrod tentava ser razoável.

Embora tivesse sido humilhado diante de todos os habitantes de Hermópolis, tinha a vida salva e conservava certos privilégios nada negligenciáveis. É verdade que teria de obedecer à esposa, mas conservava o título de príncipe de Hermópolis. Não teria ainda uma hipótese de convencer Piankhi de que só ele, Nemrod, seria um bom governante como no passado e que Nézéta não teria nem força nem competência para governar uma cidade tão grande?

Para isso era preciso que o faraó negro sasse do templo de Thot onde, há vários dias, estudava os antigos textos mitológicos e conversava durante longas horas com os sacerdotes para apreciar a vastidão da sua ciência.

Finalmente, o rei reapareceu e consentiu em visitar o palácio.

— Majestade — declarou Nemrod com entusiasmo — vou mostrar-vos maravilhas! Se vos conseguir deslumbrar, permitis que defenda melhor a minha causa?

O rosto de Piankhi permaneceu indecifrável.

Efervescente, Nemrod precedeu-o em cada uma das cento e cinquenta divisões do palácio, todas floridas e perfumadas. Na sala de audiências, nos salões de recepção, nos quartos, tinham sido colocados cofres abertos contendo ouro, jóias, tecidos e ungüentos.

Mas Piankhi não manifestava qualquer sinal de admiração. Passava, indiferente, como se aqueles esplendores não lhe interessassem.

Desiludido, Nemrod não se desencorajava. Talvez o monarca ocultasse os seus verdadeiros sentimentos... E depois, faltava um último tesouro que enfeitiçaria o mais austero dos homens.

— Com ostentação, o príncipe de Hermópolis ergueu um reposteiro.

— Majestade, eis o meu bem mais precioso... Pertence-vos.

Dez deslumbrantes mulheres, nuas e maquiadas com esmero, recostavam-se em almofadas multicores. Umam liam poemas e outras tocavam doces melodias em alaúdes e pequenas harpas.

— Conduz-me aos estábulos, Nemrod.

— Aos estábulos... Se desejais um cavalo, mando trazê-lo imediatamente!

— Detesto repetir as minhas ordens.

— Muito bem, muito bem...

Nem uma só vez Nemrod se aventurara naquele lugar mal-cheiroso reservado aos

palafreiros. Com certeza que Piankhi o queria pôr à prova... E lá o guiou, jovial e volúvel.

O faraó imobilizou-se em frente das reservas de forragem e de cereais. Agarrou num punhado e deixou-o cair sobre uma laje.

— Ficam pegados — constatou.

— Isso é... importante?

— Se os grãos estivessem perfeitamente secos, como deve ser, teriam saltado. Este alimento é de má qualidade.

— Tratarei disso, Majestade.

Piankhi aproximou-se de um cavalo com um olho inchado por um edema. Na cabeça e nas patas tinha manchas escuras. De início receoso, o animal deixou-se acariciar.

— Tem febre... Porque não está tratado?

— Vai ser, garanto-vos!

O rei entrou num estábulo onde descobriu um cavalo que sofria de uma entorse da anca e cujos músculos estavam magoados.

— Tragam-me unguento!

O rei massageou pessoalmente o quadrúpede cujo dorso era tão frágil que não deveria ter sido montado. Os olhos reconhecidos do doente comoveram Piankhi.

— Cavalos feridos, esfomeados, mal tratados... Tão certo como eu estar vivo e o deus Ra me amar, é-me mais doloroso ver maltratar estes animais do que enumerar os crimes que cometeste! Todos os teus tesouros, Nemrod, serão levados para o templo de Karnak. E tu, príncipe indigno, congratula-te com a minha clemência.

Os núbios tinham festejado até alta noite, empanturrando-se com as suas iguarias preferidas: ovos, leite coalhado e cabrito. Razoavelmente embriagado, Lamerskény mantinha no entanto a lucidez suficiente para arengar aos seus soldados semi-adormecidos e prometer-lhes um fabuloso combate por altura da tomada de Heracleopólis. Dessa vez, provariam a sua coragem realizando façanhas de que as futuras gerações guardariam memória.

Do terraço do palácio de Hermopólis, Piankhi contemplava a cidade em festa. A sua esposa, Abilé, pendurou-se-lhe ternamente do braço esquerdo.

— Evitaste um massacre, Piankhi.

— E os cavalos foram tratados... Mas tivemos sorte. Nemrod gosta tanto de si próprio e tem um tal gosto pelos compromissos que não se atreveu a arriscar a destruição desta cidade magnífica. Não é esse o caso de Tefnakht: tem em mente um verdadeiro objetivo e preferirá sacrificar todos os seus homens a renunciar.

— Pensei muito em Nemrod...

— Censuras-me por não lhe ter infligido um castigo suficientemente severo?

— A sua evidente propensão para a traição poderia ser útil à causa da paz, não achas?

— O que queres dizer, Abilé?

— À medida que a rainha expunha o seu plano, Piankhi agradecia aos deuses por lhe terem permitido casar com uma mulher tão excepcional.

Tefnakht estava furioso.

— Graças a mim — disse ele a Nartreb — e Yegeb vocês tornaram-se homens ricos e influentes e aumentais constantemente a vossa fortuna por meios que prefiro ignorar! Mas exijo ser informado sobre os movimentos do exército de Piankhi.

A voz de Yegeb tornou-se melosa.

— Senhor, não temos o direito de vos iludir... Não dispomos de nenhuma certeza, de tal forma são contraditórias as indicações que chegam até nós! Segundo uns, o faraó negro já teria regressado à Núbia; mas segundo outros, cerca Hermopólis há vários dias.

— Esta incerteza é-me insuportável! Arranjem-se como quiserem, mas quero saber!

Radiosa, Aurora entrou no gabinete do general e lançou um olhar desdenhoso aos dois conselheiros.

— Em vez de dares ouvidos a discursos inúteis, meu querido, desejas conhecer a sorte de Hermopólis?

As narinas de Nartreb contraíram-se.

— Salvo o devido respeito, estamos a tratar de assuntos sérios e...

— O pedido de audiência do príncipe Nemrod parece-vos suficientemente sério?

A notícia circulou em Heracleopólis à velocidade de um chacal em plena corrida. Tefnakht considerou portanto conveniente convocar a sua corte para a grande sala de colunas do palácio onde surgiu um Nemrod elegante e descontraído, cuja atitude tranqüilizou a assistência.

— Que alegria rever-vos, general Tefnakht!

— A tua presença enche-nos de júbilo, príncipe Nemrod. Significa que Hermopólis está livre e que Piankhi levantou o cerco?

— O faraó negro fez uma grande demonstração de força, os seus homens lançaram-se ao assalto das minhas muralhas e fracassaram de forma lamentável. Face à dimensão das suas perdas, o núbio bateu em retirada. A partir de agora, é de Tebas que será necessário expulsá-lo!

Fortes aclamações saudaram o discurso marcial do príncipe de Hermopólis. Tefnakht avançou para ele, cumprimentou-o e prometeu-lhe um banquete inesquecível.

Numa Heracleopólis em festa, rapazes e moças, coroados com grinaldas de flores, perseguiam-se, encontravam-se e voltavam a fugir uns dos outros sob o olhar divertido dos que esvaziavam sem interrupção ânforas de cerveja generosamente distribuídas pela população.

Enquanto Tefnakht e Aurora, triunfantes, se iam desembaraçando uma a uma das inúmeras pessoas que os abordavam com pedidos, Nemrod gozava o fresco sob uma grande palmeira em companhia de Akanosh e de Pefteu, o príncipe de Heracleopólis.

Pefteu tinha engordado e o seu rosto vermelhusco exprimia intensa satisfação.

— Que maravilhosa noite, meus amigos! E como tivemos razão em seguir Tefnakht que nos conduziu a esta bela vitória! Que será seguida por muitas outras. Hoje, tenho a certeza que muito em breve entraremos em Tebas e que ali seremos acolhidos como libertadores.

— Esta campanha militar cansa-me — confessou Akanosh. — Apetece-me voltar para minha casa, para o Delta, e esquecer este conflito.

— Não fales assim — objetou Pefteu. — Nenhum de nós pode abandonar Tefnakht no momento em que as nossas tropas se preparam para infligir uma pesada derrota ao faraó negro!

— Não te entusiasmes — recomendou Nemrod.

— Sinto que a minha atitude te causa espanto, mas receava tanto que as muralhas de Hermopólis fossem insuficientes para deter os soldados de Piankhi! Agora estou descansado e...

— Fazes mal.

O rosto de Pefteu congestionou-se.

— Não compreendo.

— Ouve-me bem, príncipe de Heracleopólis, e tu também, Akanosh. O vosso bem mais precioso não é a vida?

— Com certeza, Nemrod, mas qual a razão dessa pergunta?

— Porque ireis perdê-la em breve se tomardes a decisão errada.

— É Tefnakht que toma as decisões — lembrou Akanosh — não somos nós.

— Nas presentes circunstâncias, enganas-te.

— Vais finalmente aceder a dar-nos explicações?

— Menti.

— Akanosh e Pefteu entreolharam-se, interditos.

— Mentiste... A respeito de quê?

— O faraó negro apoderou-se de Hermopólis.

— Estás a fazer troça de nós, Nemrod!

—Tentei resistir, mas Piankhi dispõe de um armamento contra o qual as nossas defesas são inoperantes, em especial catapultas que lançam pedras enormes e destroem as muralhas ao mesmo tempo que matam os soldados que se encontram nas ameias. E o que dizer então da intervenção da engenharia e dos arqueiros?

— Isso significa que nenhuma praça forte poderá resistir a Piankhi? inquietou-se o príncipe Pefteu.

— Nenhuma das nossas praças fortes, podes ter a certeza. As muralhas da tua cidade, Pefteu, não serão mais eficazes do que as minhas.

— O que... o que se passará quando o faraó negro atacar?

— Milhares de líbios e de homens da tua província morrerão; Heracleópolis sofrerá graves danos e cairá nas mãos de Piankhi.

— Temos que evitar esse desastre!

— Foi essa a razão pela qual vim revelar-vos uma verdade que Tefnakht não seria capaz de admitir. Esta mesma noite regresso a Hermópolis a fim de prestar contas da minha missão a Piankhi, o único senhor do Egito.

O príncipe Pefteu estava desnortado.

— Mas... o que devemos fazer?

— Tu mesmo o disseste: evitar um desastre.

Depois de uma noite de amor durante a qual Aurora tocara todos os registros do desejo, Tefnakht tomara uma decisão: atacar Tebas com o grosso das suas tropas, às quais se juntariam as guarnições das cidades de Heracleopólis e Hermopólis. Em plena retirada, Piankhi não esperaria uma ofensiva brutal e massiva. Ou continuaria a fugir, deixando o campo livre aos nortistas, ou o choque seria de uma extrema violência e causaria numerosas vítimas. Mas a derrota dos sulistas era inevitável, desde que a ofensiva fosse organizada a partir de Mênfis.

— Vou contigo — disse Aurora. — Lá, tratarei dos preparativos para a coroação.

O general acariciou-lhe um seio.

— Desejas realmente ser rainha do Egito?

— Faz de mim o que quiseres, mas ganha esta guerra!

— És muito mais nova do que eu, Aurora... Supõe que te apaixonas por outro homem?

Os olhos verdes brilharam de cólera.

— Achas que uma rainha do Egito possa ser suficientemente estúpida para se tornar escrava dos seus sentidos? Apenas pensará em reconstruir este país e uma longa vida talvez não baste para isso.

Tefnakht afastou-se e contemplou-a.

— Sei o que quero fazer de ti, Aurora, e sei também que desempenharás o teu lugar melhor do que qualquer outra mulher.

Nartreb e Yegeb tinham dois inimigos fundamentais, particularmente difíceis de combater: as mulheres e o calor. Este último fazia inchar os tornozelos e os dedos dos pés e tornava mesmo o seu pensamento mais lento. Partir para o Norte, mesmo apenas por alguns dias, parecia-lhes um presente maravilhoso, embora ainda não tivessem conseguido desembaraçar-se de Aurora, cuja influência continuava a ser incomodativa.

Nartreb e Yegeb arrumavam pessoalmente os potes com unguentos refrescantes numa caixa de madeira quando um homenzinho com cara de rato lhes trouxe o seu relatório.

— Descobriste finalmente elementos susceptíveis de comprometer o príncipe Akanosh? — perguntou Nartreb, enervado.

— Infelizmente não, mas...

— Partimos daqui a uma hora e não temos tempo para discutir. Continua e trata de te mostrar mais eficaz!

O investigador insistiu.

— A existência do príncipe Akanosh parece sem mácula, mas há um pormenor que me intriga.

— Qual? — perguntou Yegeb.

— É a propósito da mulher... Ninguém me consegue falar das suas atividades antes do casamento.

— Isso não tem interesse — considerou Nartreb.

— Talvez não, — interveio Yegeb. — Suponhamos que a esposa de Akanosh tenha qualquer

coisa a ocultar... Continua a investigar — ordenou ao homem com cara de rato. — Quando voltarmos do Norte, vê se tens um resultado em condições, se queres uma boa recompensa.

Tefnakht e a sua corte, à qual pertencia Akanosh, abandonaram Heracleópolis às primeiras horas do dia com uma escolta formada por carros e arqueiros. Dentro em pouco, o poderoso exército líbio sairia da sua base recuada para atravessar o Médio Egito e conquistar o Sul.

Piankhi deixara em Hermopólis apenas uma centena de soldados colocados sob o comando da esposa de Nemrod que, desde que assumira as suas funções, demonstrara autoridade e rigor. Entre as suas mãos, o marido não pesaria mais do que um pincel de escriba, mesmo continuando a ser o árbitro das elegâncias.

De regresso de Heracleópolis, Nemrod mostrara-se duvidoso. É um fato que tinha cumprido a sua missão mentindo a Tefnakht e revelando a verdade a Akanosh e ao príncipe Pefteu; mas como reagiria este último? Pefteu estava fascinado por Tefnakht e acreditava na vitória final dos nortistas. Segundo Nemrod, o general fingiria sair da cidade para melhor preparar uma emboscada.

Apesar do desprezo que sentia pelo príncipe de Hermopólis, o capitão Lamerskény partilhava a sua opinião. Pefteu, outro traidor, era obrigado a prevenir Tefnakht que, como é evidente, deixara partir Nemrod para o fazer crer no êxito da sua missão.

Quando os núbios fizessem o cerco a Heracleópolis com as suas catapultas e as suas plataformas elevadas, os carros de Tefnakht atravessariam os flancos das tropas de Piankhi e tentariam destruir as máquinas de guerra. Lamerskény imaginara portanto uma grande atuação.

Abilé recusara permanecer em Hermopólis e Piankhi não tentara convencê-la. Uma vez mais, a esposa confirmara a sua intenção de permanecer a seu lado durante toda aquela perigosa viagem para norte. E há muito que o faraó sabia que a magia da grande esposa real era uma das armas mais eficazes.

A estadia em Hermopólis dera a Cabeça-fria tempo para pôr em dia o seu diário de campanha e os seus relatórios. Um Estado cujos arquivos não estavam corretamente organizados não tinha qualquer hipótese de perdurar. Infelizmente, era já preciso partir para Heracleópolis e verificar os mil e um pormenores de administração aos quais, erradamente, os guerreiros não davam a mínima atenção. E Cabeça-fria sentia saudades da família que ficara em Napata. Quantos dias ainda passariam antes de beijar a mulher e os filhos?

Piankhi cavalgava Valoroso, o seu magnífico cavalo baio, feliz por devorar grandes espaços. A boca sorridente e os olhos brilhantes exprimiam uma alegria de viver comunicativa. Quem via passar a sua brilhante crina fulva sentia-se cheio de uma nova energia.

Heracleópolis estava à vista.

As muralhas não pareciam menos sólidas do que as de Hermopólis, mas não impressionavam os soldados de Piankhi. A técnica utilizada durante o cerco anterior não daria os mesmos resultados? O fato de o faraó tomar a seu cargo a vida dos seus homens tranquilizava todos. Nas fileiras sulistas, a confiança era elevada.

— Não avancemos mais, Majestade — recomendou o capitão Lamerskény. — Temos de primeiro assegurar-nos do controle do canal e da planície e depois barrar o caminho aos carros de Tefnakht, que só podem surgir do oeste. Só depois instalaremos as catapultas e as plataformas móveis.

Piankhi admirava Heracleópolis, “a cidade do filho real”, construída no seio de uma região

próspera, compreendendo vastas zonas agrícolas mas também milhares de quintas de diferentes tamanhos que pequenos proprietários cultivavam há várias gerações. O monarca apreciava a doçura daquela paisagem que ia ter de transformar em campo de batalha.

— Os meus homens estão prontos — afirmou o capitão Puarma.

— Os meus também reforçou Lamerskény.

— Ergam as tendas e organizem o acampamento.

Lamerskény lamentava aquela perda de tempo. Uma “limpeza” imediata, do lado das colinas onde deviam estar emboscados os carros de Tefnakht, teria sido um excelente aperitivo para a tomada de Heracleopólis. Mas o rei preocupava-se com o bem-estar dos seus homens.

— Majestade — exclamou Puarma, estupefato a grande porta da cidade acaba de abrir-se!

A rainha Abilé sorriu. Estava convencida que o seu plano resultaria e que Heracleopólis se ofereceria a Piankhi sem que fosse vertida uma gota de sangue.

O príncipe Pefteu, cujo nome significava “o Ventoso”, optara abertamente por mudar de ares. Foi o primeiro a sair da sua cidade, à cabeça de uma procissão de notáveis e de soldados sem armas, com os braços carregados de ouro, prata e pedras preciosas. Traziam também dez magníficos cavalos jovens e de perfeita saúde.

— E se fosse uma artimanha? sugeriu Lamerskény, desconfiado.

Em passo regular, com uma rara nobreza, Valoroso avançou pela zona plana que precedia a cidade e imobilizou-se a dois metros de Pefteu que, imediatamente, se prostrou por terra.

— Saudações a vós, poderoso soberano! — disse o mais forte que lhe permitia a sua voz, sufocada e trêmula. — As trevas tinham-se apoderado do meu coração, a obscuridade invadira-me, mas compreendi o meu erro! Possa o fulgor do vosso rosto conceder-me a luz de que tanto necessito! A partir de agora, serei o vosso fiel servidor, pois vós sois o deus longínquo à frente das estrelas imortais.

Desdenhando os presentes, o faraó negro penetrou numa Heracleopólis reconquistada onde os habitantes lhe tinham preparado um tapete de irís.

A guarnição de Heracleopólis tinha confraternizado com os núbios. Durante o banquete, a que assistiam todos os dignitários da cidade, vestidos com túnicas de mangas largas e as suas encantadoras esposas com um lótus nos cabelos, Pefteu não cessara de entoar louvores a Piankhi. Apesar de estar com a barriga cheia, o mangusto do faraó dormia com um olho entreaberto.

Quando Abilé e Piankhi ficaram finalmente sós no quarto mais luxuoso do palácio, reservado permanentemente ao casal real, o faraó estendeu-se sobre o leito de madeira dourada cujos pés tinham a forma de patas de leão. Não eram dois leões, Ontem e Amanhã, que protegiam o sono do que dormia para o fazer morrer ontem e renascer amanhã?

Abilé sentou-se à altura das ancas do marido a acariciou-lhe docemente o peito. Quanto mais os anos passavam, mais ele encarnava uma força serena contra a qual a maldade vinha esbarrar.

— Porque estás tão preocupado? — perguntou ela. — Acabamos de reconquistar Hermopólis e Heracleopólis. A partir de agora, graças às medidas por ti tomadas, estas duas cidades permanecer-te-ão fiéis e o Médio Egito será de novo um baluarte contra a invasão nortista.

— Nem todo o Médio Egito, Abilé.

— Queres dizer... que sonhas prosseguir para norte? Piankhi não respondeu e Abilé exaltou-se.

— Reconquistamos as nossas posições, Tefnakht não ameaça Tebas... Continuar esta guerra porquê?

— Porque fui egoísta e cobarde. O meu pai Amon quis que eu fosse Faraó do Alto e do Baixo Egito mas, no remanso da minha felicidade, esqueci metade do meu país. Foi por isso que surgiu um demónio vindo das trevas: Tefnakht vem recordar-nos brutalmente os nossos deveres, Abilé.

A tristeza inundou o belo rosto da rainha.

— Esperava que residiríamos em Tebas, perto da nossa filha, a Divina Adoradora, e que passaríamos o resto da nossa existência a venerar os deuses.

— e não reduzirmos Tefnakht à impotência, como a serpente Apopis que tenta enterrar a circulação da barca do sol, recuperará forças e semeará a perturbação em todo o país e mesmo na Núbia. Não se trata de uma simples revolta, como eu tinha suposto, mas de uma verdadeira guerra. O exército de Tefnakht está intato, reunido mais a norte.

— Estás a pensar em... Mênfis?

— Sim, em Mênfis, a capital da idade do ouro, a cidade de paredes brancas fundada por Djoser, a cidade luminosa do tempo das pirâmides, a que é chamada “a balança das Duas Terras”, no ponto de equilíbrio e de junção entre o Delta e o vale do Nilo.

Abilé sentiu a garganta apertada.

— Entre Mênfis e nós, há ainda várias praças fortes nas mãos dos nortistas... E todos sabem que a fortaleza menfita é inexpugnável! Há muito que a nossa linhagem renunciou a ela.

— Tempo demais, Abilé.

— Piankhi...

— Tens medo, rainha do Egito? Ela aninhou-se de encontro a ele.

— Sim, tenho medo... medo de te perder num combate, medo dos sofrimentos infligidos ao

nosso exército e ao nosso povo, medo das consequências terríveis de uma derrota!

— Também eu tenho medo, medo de uma tarefa que ultrapasse as nossas capacidades em homens e em material, mas recuso-me a tomar em consideração esses receios.

— Porquê, meu amor?

— Porque trairíamos Maât se não seguíssemos até ao limite o caminho por ela traçado. E esse limite é o aniquilamento de Tefnakht e o regresso do Baixo Egito e das províncias do Norte à harmonia de um país reunificado.

De faces encostadas, com o braço poisado sobre o peito de Piankhi, a esplêndida núbia deixou de lutar.

— Nem mesmo eu conseguirei fazer-te mudar de opinião...

— Não, porque aprovas a minha decisão. Tu, que és depositária da magia de Ísis, sabes que a renúncia dos brandos conduz ao fracasso e à desgraça. Empenharemos todas as nossas forças neste combate, Abilé. Se tivermos de morrer, morreremos juntos agradecendo aos deuses por nos terem concedido tanta felicidade.

O homem com cara de rato não tivera tempo de terminar a sua investigação sobre a esposa de Akanosh, pois havia algo muito mais urgente: deixar o mais rapidamente possível Heracleopólis e reunir-se a Yegeb para lhe contar a verdade sobre os trágicos acontecimentos que acabavam de verificar-se. A tarefa era difícil e arriscada, mas conseguiu franquear a linha da frente sob o pretexto de visitar a família, que residia numa aldeia situada a menos de um quilómetro a norte da cidade e que era de supor que estivesse de novo submetida à autoridade de Piankhi. Com cinismo, o oficial que deixou passar o viajante considerou que se tratava da melhor forma de verificar isso: se fosse abatido, conviria cercar a aldeia.

Franqueada esta primeira etapa, o homem com cara de rato atravessou os campos cultivados, roubou cebolas e figos, e alcançou a margem do Nilo numa zona que os sulistas não controlavam. Entre os condutores de barcos circulavam notícias alarmantes: falava-se de bandidos núbios que não tardariam a incendiar as aldeias, a violar as mulheres e a massacrar a população. O fugitivo conseguiu convencer um deles a levá-lo a toda a pressa a Mênfis para alertar o general Tefnakht e pedir-lhe para intervir sem demora.

O barco foi detido numerosas vezes por patrulhas fluviais que obrigaram o homem com cara de rato a justificar-se, por vezes durante várias horas. Perdeu assim um tempo precioso que o faraó negro aproveitaria com certeza para avançar no Médio Egito. A interminável viagem não terminou às portas de Mênfis, porque ainda aí foi submetido a um interrogatório e depois a uma pena de prisão de quinze dias.

Finalmente, o informador foi recebido por um oficial que levou o seu relato a sério e o conduziu até Yegeb, instalado num gabinete de escriba, nas proximidades do templo de Ptah.

— Porque não esperaste pelo meu regresso a Heracleopólis? Boas notícias, espero!

— Oh, não, meu senhor! O príncipe Pefteu abriu as portas da cidade a Piankhi. Antes, o faraó negro apoderara-se de Hermopólis.

— O que me contas? O príncipe Nemrod...

— Nemrod mentiu! Obedece novamente a Piankhi, tal como Pefteu.

Yegeb sentiu os tornozelos inchar e teve vontade de vomitar. Mas a hora era tão grave que não tinha tempo para pensar em si. Depois de ter alertado Nartreb que se embriagava numa

taberna, levou o informador ao quartel-general de Tefnakht.

O general ouviu com atenção o homem com cara de rato.

— Paguem-lhe — ordenou ele — e dêem-lhe um alojamento na cidade.

— Corremos muitos riscos — declarou Yegeb — logo a seguir à partida do seu sicário mas conseguimos informar-vos com exatidão.

— Tens a certeza?

— General, estou convencido que este homem disse a verdade!

— Eu também, mas quais são os projetos de Piankhi?

— Reconquistou as duas cidades que considerava suas e restabeleceu a sua antiga fronteira, com a certeza que não podereis franqueá-la de novo.

— Se compreende bem a minha vontade, sabe que nunca me contentarei com este status quo e que recomeçarei os meus ataques.

— Piankhi prosseguir mais para norte? Seria loucura!

— Esse núbio considera-se como o rei do duplo país, tanto do Baixo como do Alto Egito!

— Queimará algumas aldeias — admitiu Nartreb — e depois irá rezar aos deuses na sua querida cidade santa de Tebas. Quando se convencer que a situação acalmou, far-lhe-emos uma bela surpresa!

Tefnakht imaginou Piankhi apoderando-se do Médio Egito e depois dirigindo o olhar para Mênfis... No seu lugar, seria assim que teria agido. Mas ele, Tefnakht, era um verdadeiro chefe de guerra e Piankhi um homem do Sul apegado à paz, ao passado e ao sagrado.

A frota de Piankhi desceu o Nilo até à cidade de el-Lahun, à entrada da rica província do Fayum. No bordo, a atmosfera era das mais alegres. Embora lamentasse a capitulação de Heracleopólis que impedira os seus soldados de provar a sua valentia, o capitão Lamerskény fazia boa cara à má sorte e jogava contra Puarma encarniçadas partidas de damas que acabava sempre por ganhar.

O prestígio de Piankhi crescia cada vez mais. Não só conseguia incríveis vitórias, como poupava a vida dos seus soldados! Lamerskény reavivara o entusiasmo prometendo duros combates: se Nemrod de Hermopólis e Pefteu de Heracleopólis, renegados arrependidos, apenas tinham oferecido medíocre resistência, o mesmo não aconteceria com os reinhos que regiam as outras grandes cidades do Médio Egito. Esses sempre tinham sido fiéis aos líbios e tinham tudo a temer do exército sulista. Defenderiam portanto furiosamente as suas posições.

O discurso de Piankhi não era diferente. Em vez de tranquilizar as suas tropas, anunciava-lhes que o mais difícil ia começar. Pois não se aventuravam numa região desconhecida onde nenhum núbio tinha penetrado há decênios? Mas esta severa advertência apenas servira para reforçar a convicção dos sulistas: lutariam pela liberdade e pela alegria das Duas Terras, mesmo com o preço da própria vida. Servir sob as ordens do faraó negro era uma honra que fazia inveja às futuras gerações.

À vista da cidadela de el-Lahun, no entanto, caiu um pesado silêncio sobre os navios de guerra. Todos sabiam que a cidade fortificada estava cheia de soldados nortistas que se bateriam até à morte. Como as muralhas eram mais altas do que as de Hermopólis, não havia a certeza da utilização das catapultas ser tão eficaz. Restava esperar que o faraó negro descobrisse a forma de vencer.

— O que preconizas, capitão Lamerskény? — interrogou o rei.

— Podemos experimentar as nossas máquinas... Mas não devemos esperar um milagre!

— Sou da tua opinião. E que mais?

— As flechas dos nossos arqueiros não farão muitas vítimas... Reparai na cobertura do caminho de ronda!

— Bem observado, Lamerskény.

— Vai ser necessário passar por um cerco que pode vir a ser demorado... Por outras palavras, Tefnakht terá tempo para enviar reforços.

— Se a engenharia erguer contrafortes de terra junto das muralhas — propôs Puarma — as nossas dificuldades ficarão resolvidas.

— Os trabalhadores serão abatidos pelos arqueiros líbios — objetou Lamerskény. — Esqueces-te que, desta vez, não beneficiarão de nenhuma proteção!

— Deixem-me só — cortou Piankhi. — Tenho de refletir. el-Lahun... Perto dali o faraó Amenemhat tinha feito construir o famoso labirinto, um imenso palácio com centenas de compartimentos. E, sob o seu impulso, o Fayum fora transformado num imenso jardim de lendária fertilidade. Reserva de caça e de pesca, estava colocado sob a proteção do deus-crocodilo Sobek que fazia erguer do lago primordial um sol regenerado para o colocar no topo do céu. Devido a isso, não merecia o seu cognome de “Belo Rosto”?

A reflexão do faraó negro foi de curta duração. Quando saiu da tenda do conselho, Abilé interpelou-o.

— Quais são as tuas intenções?

— Não me aprovarias.

— Piankhi... Tu és o rei, o chefe deste exército, e não tens o direito de arriscar a tua vida!

— Que a tua magia me proteja, Abilé.

Cavalgando o seu cavalo baio, tão rápido como um chacal de orelhas vermelhas e semelhante à tempestade quando esta rebenta, Piankhi partiu só em direção a el-Lahun, sob o olhar estupefato dos seus soldados. Excitado pela velocidade, Valoroso dava largas a toda a potência das suas patas longas e musculadas.

Para o fazer parar perto da grande porta de acesso da fortaleza, bastou Piankhi dar-lhe uma pequena palmada no pescoço.

Pelo aprumo, pela envergadura, pela cota de malha dourada e o luxo da túnica de linho real, os arqueiros colocados nas muralhas de el-Lahun tinham identificado o faraó negro e não se atreviam a disparar as suas flechas.

A potente voz de Piankhi encheu os ouvidos dos defensores de el-Lahun.

— Vós, que sois mortos-vivos sem o saberdes, infelizes e homens perdidos, escutai-me, escutai o vosso rei! Se um só minuto mais passar sem que essa porta se abra e vós me jureis fidelidade, sereis exterminados. Não fecheis as portas da vossa existência recusando obedecer-me, não coloqueis a vossa cabeça no cepo da execução! Se oferecerdes a vossa cidade ao faraó do Alto e do Baixo Egito respeitando a lei de Maât, ninguém será morto, ninguém será espoliado e reinará a paz. Espero a vossa resposta, mas a minha paciência já se esgotou.

Nas muralhas houve correrias em todas as direções. Oficiais e notáveis precipitaram-se para a sala de audiências de Osorkon, o príncipe de el-Lahun, um líbio de velha cepa, a quem foram relatadas as palavras de Piankhi.

— Então ele veio... e veio só!

— Podemos abatê-lo facilmente — considerou o comandante da fortaleza. — Com ele morto, os núbios fugirão em desordem.

— Imbecil! Nunca ouviste falar do poder sobrenatural que o faraó possui e que lhe permite ser a unidade vencedora da multiplicidade? Foi graças a ele que Ramsés o Grande venceu os hititas em Kadesh e é por estar investido dele que Piankhi nos desafia desta maneira. Nenhuma flecha o atingirá, nenhuma lança trespassará a sua couraça porque ele é como um fogo devorador que nenhum humano pode apagar.

— Então... o que decidis?

O príncipe Osorkon saiu do seu palácio, ordenou a abertura da grande porta da fortaleza e prostrou-se perante o faraó negro.

— Que a sombra de Deus nos proteja disse. É o céu que vos confere o vosso poder e o que o vosso coração concebe de imediato se realiza. Se somos capazes de ver a realidade tal como ela é, é porque vós assim o ordenais. Esta cidadela, esta cidade, os seus tesouros e o seus habitantes pertencem-vos. Entrai em paz, Majestade.

Valoroso galopou até à acrópole de el-Lahun de onde Piankhi dominou uma cidade cujas principais artérias, traçadas com geométrico cuidado, se cruzavam em ângulo reto. Grandes

villas de setenta compartimentos misturavam-se com modestas casas de pouco mais de cem metros quadrados. Saindo do seu estupor e do seu receio, os habitantes da cidade aclamaram o seu libertador, enquanto que os soldados da guarnição, que tinham substituído as armas por folhas de palmeira, abraçavam os núbios.

Em menos de uma hora, a festa espalhou-se por toda a cidade. Das caves do palácio vieram centenas de jarros de vinho e de cerveja, carne e peixe seco foram dispostos sobre mesas baixas, espalharam-se no chão figos, tâmaras e uvas e todos cantaram a felicidade de viver sob o reinado de Piankhi.

— O que tens tu? — perguntou Puarma a Lamerskény. — Pareces embriagado mas ainda não bebeste nada!

— És realmente o último dos idiotas, arqueiro. A ti, nada te espanta. Eu, nunca vi um homem como este.

— Tu é que és um pobre de espírito, Lamerskény. De quantos anos precisarás para compreender que ele é o Faraó?

— El-Lahun caiu — disse Tefnakht a Aurora.

— Essa má notícia não parece entristecer-te nada.

— O príncipe Osorkon é um homem já gasto que tem medo do futuro... Piankhi não deve ter tido qualquer dificuldade em convencê-lo a abrir-lhe as portas da cidade.

— Esse maldito núbio controla Atualmente o Fayum!

— Apenas em parte... Se quer continuar, será a fortaleza de Meidum que se erguerá no seu caminho. Nomeei para lá um dos meus oficiais mais aguerridos. Dirige pessoalmente os exercícios todos os dias e já matou por suas mãos recrutas que considerava demasiado fracos. Meidum talvez não detenha o avanço de Piankhi, mas imobilizá-lo-á durante longas semanas e fá-lo-á perder muitos homens.

— Porque não lhe envias reforços?

— Creio que um sonho insensato domina o espírito do núbio: conquistar Mênfis.

— Piankhi não é louco! — objetou a jovem. — Sabe perfeitamente que isso é impossível.

— As suas mediócras vitórias embriagaram-no... Prefiro que se desgaste em objectivos menores e que continue a acreditar na sua invencibilidade. Aqui, em Mênfis, esbarrará com paredes intransponíveis e com um exército repousado e melhor equipado do que o seu. Esta velha capital será o seu túmulo.

O Vermelho comandava a guarnição de Meidum há já cinco anos. Pouco lhe interessava que a antiga cidade fosse “a morada de Áton”, o princípio criador; o seu único centro de interesse era a caserna onde treinava soldados para o combate que se aproximava. Vinte por cento de perdas não o incomodavam, pois formava verdadeiros combatentes, de extrema dureza. Desde a sua nomeação, nem sequer lhe passara pela cabeça ir ao local onde tinha sido erigida uma grandiosa pirâmide, a primeira de faces lisas, na qual se inspirara o arquiteto de Kéops. O Vermelho só sonhava com conflitos sangrentos e, desta vez, a ocasião era soberba!

Desde o momento em que os seus vigias lhe tinham anunciado a chegada iminente do exército de Piankhi, o comandante da fortaleza de Meidum não parava no mesmo sítio. Corria de uma ameaça para outra, verificava o equipamento dos seus homens e berrava ordens, incitando cada homem a mostrar-se mais vigilante do que o seu vizinho.

Primeiro, julgou estar enganado; depois, observou o mesmo fenómeno na quase totalidade dos defensores: tremiam.

O Vermelho tê-los-ia abatido de boa vontade para lhes apagar o sabor do medo, mas precisava de todos. Clamou que a sua fortaleza nada tinha a recear das catapultas e das flechas núbias, mas sentiu que ninguém lhe dava ouvidos.

Quando Piankhi, cavalgando o seu cavalo baio, se apresentou só em frente da grande porta, um arqueiro líbio ajoelhou. Sob o olhar horrorizado dos seus camaradas, o Vermelho cortou-lhe o pescoço.

— Abrem-se perante vós dois caminhos — declarou o faraó negro —: ou abris as portas de Meidum e vivereis; ou persistis em mantê-las fechadas e morrereis. Como rei do Alto e do Baixo Egito, não posso permitir que uma cidade me proíba o livre acesso.

O Vermelho retesou o arco do homem que acabara de matar e visou Piankhi.

Mas a flecha não partiu porque três arqueiros se precipitaram sobre o líbio, espancaram-no até à morte e lançaram o seu cadáver por sobre as muralhas.

De imediato, os soldados abriram a grande porta da fortaleza para deixar entrar Piankhi, cujo cavalo soltou um relincho de alegria.

— Meidum caiu sem combater — confessou lastimosamente Yegeb, seguido como uma sombra por um Nartreb cada vez mais nervoso.

— O que aconteceu? — perguntou Tefnakht, furioso.

— O Vermelho foi traído pelos seus próprios soldados! Piankhi aterroriza-os... Correm as lendas mais loucas a respeito desse colosso negro! Afirmam que o deus Amon arma o seu braço, que lê no pensamento dos seus adversários, que...

— Poupa-me a essas criancices! Antes que Piankhi tome o caminho de Mênfis, já só resta um obstáculo: el-Lisht.

— Não tenhamos ilusões, meu general. — Angustiada, Aurora interveio.

— Não estás a ser derrotista?

— Apenas realista... A cidadela de el-Lisht é menos importante do que a de Meidum e...

— A sua guarnição talvez se mostre mais corajosa!

— Esperemos, Aurora, esperemos...

— Não me trates assim pelo meu nome, Yegeb. Não és um dos meus familiares. Tenho um título: Alteza.

Yegeb engoliu saliva.

— Muito bem, Alteza. Mas mantenho que el-Lisht não resistirá muito tempo ao faraó negro.

— Essa falta de otimismo poderia alterar o moral das nossas tropas, não te parece? Por vezes, pergunto a mim mesmo se tu e Nartreb não fazem o jogo do nosso inimigo.

— Alteza, essas afirmações...

— Basta! — cortou Tefnakht. — No momento em que precisamos de unir esforços, não nos ataquemos mutuamente. Que os meus conselheiros velem pela prosperidade do país. Eu ocupar-me-ei dos problemas militares.

Yegeb e Nartreb, de mãos dadas, retiraram-se. Tefnakht agarrou Aurora pelos ombros.

— Nunca mais faças isto! Não é a ti que compete criticar os meus colaboradores.

— Estes dois hão de trair-te!

— São-me dedicados como cães ao seu dono. Sem mim, não existiriam.

A jovem libertou-se.

— Um dia, terás de escolher entre eles e eu. Amo-te, Tefnakht. Eles, servem-se de ti.

— Pensas que ignoro isso? O poder não se exerce sem aliados e estes são eficazes.

El-Lisht, “A que se apodera das Duas Terras”, tinha sido a capital de Amenemhat I, faraó da XII dinastia. Perto da cidade, mandara edificar a sua pirâmide, tal como Sesóstris I, o qual marcara com o seu selo a época clássica do Império Médio, durante a qual tinham sido redigidas diversas obras-primas literárias, entre as quais o célebre Conto de Sinuhe. Depois de ter sido

destituída do seu papel, el-Lisht transformara-se numa simples etapa entre o Fayum e Mênfis, um povoado cada vez mais abandonado às suas recordações.

— A sua cidadela, no entanto, não deixava de ter um ar digno. Inspirou mesmo a cobiça do capitão Lamerskény.

— Deixais-me esta, Majestade? Alguns lançamentos de catapulta e eu trato do resto!

— Não, Lamerskény. Porque hei-de modificar a estratégia que tão bem tem resultado?

— Salvo o devido respeito, não deveis desafiar demasiado a vossa sorte... Sem vós, ficaríamos desamparados.

— Porque há-de o comandante desta fortaleza ser mais insensato do que os de el-Lahun e de Meidum?

— Antes mesmo do faraó negro montar a cavalo, a porta da cidadela de el-Lisht abriu-se e o seu comandante, seguido pelos soldados e por boa parte da população, submeteu-se a Piankhi.

— As Duas Terras pertencem-vos — declarou ele. — O Sul e o Norte são vossos, as riquezas que contêm são propriedade vossa, a terra inteira se prostra perante vós.

Logo depois de ter franqueado a entrada da cidade, o faraó negro ofereceu um sacrifício aos seus deuses protetores e prestou homenagem a Amon.

Todo o Médio Egito se tinha submetido, o caminho para Mênfis estava livre.

O batedor entrou a galope no pátio da caserna, imobilizou o carro em frente do edifício do quartel-general e saltou para o chão.

— Tenho uma mensagem para o capitão Lamerskény — anunciou à sentinela.

— Está a descansar... Mas o capitão Puarma está aqui.

— Serve.

Puarma praguejava precisamente contra Lamerskény que, em vez de se ocupar das tarefas administrativas às quais era teoricamente obrigado, se dedicava ao prazer com as empregadas da casa da cerveja próxima da caserna. E ele, Puarma, nem sequer tinha tempo para fazer assiduamente a corte à filha do chefe de uma povoação vizinha que ficava embasbacada perante o seu aprumo.

— Eis informações recentes e pormenorizadas — disse o batedor, entregando a Puarma um espesso papiro selado.

— Até que enfim... Estávamos à espera delas há várias semanas! Na posse do precioso documento, o capitão dos arqueiros correu até ao palácio.

Abilé nadava nua, sem esforço, com a graça incomparável das mulheres do Grande Sul que, desde a infância, aprendiam a divertir-se com as correntes do rio. No lago do palácio de el-Lisht, quando o calor se tornava sufocante, a rainha esquecia as preocupações.

E Piankhi tentava esquecer as suas admirando aquela esposa sublime, cuja alma e corpo revelavam uma beleza inalterável.

Há perto de um ano que a guerra entre o Sul e o Norte tinha começado. Depois de ter conquistado o Médio Egito, o faraó negro instalara administradores oriundos de velhas famílias locais e bem decididos a impedir príncipes como Pefteu e os seus semelhantes de saírem do caminho de Maât. Piankhi pusera cobro a demasiados longos anos de corrupção, de poder pessoal sem limites e de exploração dos mais humildes. A sua estadia no Médio Egito fizera compreender aos notáveis que o faraó governaria a partir de agora com autoridade e rigor, sem dar ouvidos à voz dos clãs, preocupados apenas com os seus próprios interesses. Durante esse período de reconstrução do Estado, o exército núbio gozara de uma existência agradável da qual, no entanto, não estava ausente o exercício quotidiano. Os feridos e os doentes tinham tido tempo para recuperar a saúde enquanto os seus camaradas, embora permanecendo mobilizados, saboreavam a doçura da região.

Se Piankhi não tinha atacado Mênfis imediatamente depois da tomada das praças fortes do Médio Egito, fora porque queria ter a certeza da estabilidade da região. Hoje, esta era um fato e o monarca podia sonhar com a etapa mais perigosa da sua missão: a batalha de Mênfis.

Seria ainda necessário obter informações válidas sobre as fortificações e as capacidades defensivas da maior cidade do país. Os batedores contradiziam-se, os relatórios tinham falta de precisão e o rei não se meteria naquela temível aventura antes de ter compreendido a amplitude das dificuldades.

— Majestade — disse Cabeça-fria — o capitão Puarma pede para vos ver com urgência.

— Ele que venha.

O escriba estava de excelente humor porque Piankhi o tinha autorizado a ir a Napata, onde

passara alguns dias demasiado breves em companhia da mulher e dos filhos. Recebido como um herói, Cabeça-fria não se fizera rogado para narrar as proezas do faraó negro. Não ocultara, no entanto, que o mais difícil estava para vir e que, tendo em vista os acontecimentos, Napata já não era para Piankhi mais do que uma longínqua capital provincial. Lutando contra a tristeza, Otokou engordara alguns quilos num copioso banquete e continuava a administrar a cidade com uma competência com que o velho Kapa se congratulava.

Puarma estava excitadíssimo.

— Majestade, aqui está finalmente o relatório que tanto esperávamos!

— Senta-te e bebe uma taça de cerveja fresca. O anão reapareceu.

— O capitão Lamerskény deseja igualmente ver-vos, Majestade. Com o rosto crispado, mal barbeado, um velho saiote de cabedal mal atado, o homem do braço de acácia avançava com um andar hesitante.

— Tive um sonho, Puarma... Ias ter com o rei e mostravas-lhe o mapa da fortaleza de Mênfis na minha ausência, quando foram os meus batedores que obtiveram essas informações fundamentais, com risco da própria vida e por indicação minha.

— Senta-te imediatamente — recomendou Piankhi — senão arriscas-te a cair.

Às vossas ordens, Majestade aquiesceu Lamerskény, deixando-se tombar num cadeirão de vime de costas curvas.

— Não deveríeis banhar-vos? sugeriu a rainha saindo do lago e envolvendo-se num manto de linho transparente.

A água é má para os meus reumatismos, Majestade. Na véspera de partir em campanha, o chefe dos soldados da infantaria do rei não tem o direito de correr o mínimo risco.

Acho que já bebeste demais.

— Enganas-vos, Majestade! Com este calor cada vez mais intenso, convém lutar sem desfalecimento contra a desidratação, esse mal matreiro que nos espreita a cada instante.

— Vejamos esse documento — exigiu Piankhi.

Puarma quebrou o selo de lama seca e desenrolou o papiro.

— O mapa de Mênfis — constatou Lamerskény com avidez.

Essa cidade é imensa — observou a rainha, quase assustada pelo tamanho da primeira capital dos faraós, que continuara a ser o centro da vida econômica das Duas Terras.

Igualmente impressionado, Puarma leu as inscrições em hieróglifos cursivos inscritas no papiro.

— A sul, uma linha de fortificações que impede o acesso às docas do porto de Peru-Nefer, “Boa Viagem”, por via terrestre. A oeste, um canal entre os bairros residenciais e o deserto.

— Um ponto fraco fez notar Lamerskény.

— Só aparentemente, pois é vigiado por uma guarnição próxima. E a sua ligação com o pequeno canal que rodeia o bairro sul está bloqueada por barcos de carga onde se encontram permanentemente arqueiros. Ataque impossível.

O homem do braço de acácia fez uma careta.

— Se bem compreendo, apenas nos resta o Nilo, a este.

— Três canais partem daí: o primeiro vai dar às docas, o segundo ao palácio e o terceiro à antiga cidadela de paredes brancas, no bairro norte. Mas os habitantes de Mênfis edificaram fortes muralhas que impedem qualquer invasão pelo rio.

— Contornaremos então a cidade pelo deserto de Leste, passando pela necrópole de Saqqara para cairmos sobre o norte de Mênfis, onde ninguém nos espera.

— Enganas-te, Lamerskény. Em primeiro lugar, teremos de atravessar o canal sob os disparos do inimigo; depois, as fortificações do norte, embora mais antigas do que as do sul, não são menos sólidas.

Lamerskény esvaziou nervosamente a sua taça de cerveja.

— Não haverá então nenhuma solução?

— Ao estudar este mapa, é a conclusão a que temos que chegar. Lamerskény gostaria de encontrar um argumento para demonstrar que Mênfis não passava de uma fortaleza semelhante às outras. Mas permaneceu calado.

Desta vez, tinha que render-se à evidência: o exército sulista não ultrapassaria aquela fronteira.

— Aguardamos as vossas ordens — disse Puarma, exasperado.

Os dois capitães retiraram-se e Piankhi debruçou-se demoradamente sobre o mapa de Mênfis.

— Puarma e Lamerskény não hesitariam em dar as suas vidas se tivéssemos uma única hipótese de vencer — disse Abilé.

— Enquanto Mênfis estiver nas mãos de Tefnakht, a paz e a justiça não reinarão sobre o Egito. Graças às riquezas dessa cidade, ele equipa e alimenta o seu exército.

— Recusas-te a renunciar... Mas qual o caminho que vais seguir?

— Se o caminho não existe, Abilé, criá-lo-ei.

Ao chegar a noite, Yegeb e Nartreb deitavam contas aos seus ganhos do dia. Com um sorriso nos lábios, viam a sua fortuna aumentar a um ritmo acelerado desde que residiam em Mênfis. Tinham inventado um novo imposto, a contribuição geral para o esforço de guerra, variável de acordo com a sua vontade e sem limite, que lhes permitia extorquir com toda a legalidade a ricos e pobres. Como os notáveis e comerciantes menfitas desejavam conservar a estima e a confiança de Tefnakht, o seu único protetor contra a invasão núbia, tinham que satisfazer as exigências dos seus dois conselheiros, cuja seriedade e competência todos gabavam.

— Durante quanto tempo vamos suportar a presença desta Aurora? inquietou-se Nartreb, massageando os tornozelos inchados com um precioso unguento que lhe tinha oferecido o perfumista do templo de Ptah.

— Essa mulher é mais coriácea do que eu tinha imaginado — confessou Yegeb — mas o general colocou-a no seu lugar.

— Amanhã, será rainha!

— Tens razão em inquietar-te... Tentar apanhá-la com um novo apaixonado seria inútil, porque desconfiaria.

— Não podemos aceitar esta situação irritou-se Nartreb, cujo rosto lunar intumescia de cólera. Essa moça odeia-nos e tentará destruir-nos!

— Está descansado que não subestimo o perigo.

— O homem com cara de rato bateu à porta do quarto dos dois conselheiros, que se apressaram a enrolar o papiro no qual se encontrava a lista dos seus bens. Nartreb abriu.

— Ah, és tu... O que queres?

Uma espécie de careta pôs a descoberto os dentes pequenos e pontiagudos.

— Se me pagarem bem, terei coisas interessantes a contar-vos. Nartreb agarrou o informador pela gola da túnica e atirou-o pelo quarto fora como um embrulho qualquer. O homem levantou-se com a testa a sangrar.

— Vais falar e imediatamente! Depois, nós próprios decidiremos do montante da tua eventual retribuição. Fixa bem isto: quem tentar chantagear-nos não viverá o suficiente para se gabar disso.

Aterrado, o ferido refugiou-se num canto do compartimento.

— Pronto, senhor, pronto... Sabendo que eu andava à procura de informações sobre o passado da esposa de Akanosh, um homem que aluga burros contactou-me. Fiz despesas...

— Fala!

— Sim, está bem... Esse homem conheceu os pais dela, que morreram quando era adolescente. Um casal muito unido...

— Foi tudo o que conseguiste saber? Nartreb ergueu o punho.

— Não, não, meu senhor! A esposa de Akanosh tem a pele bronzeada como vós e eu, mas o seu pai era originário da Núbia.

— O pai dela é um núbio? Espantou-se Yegeb. Tens a certeza?

— Há essa testemunha e poderá haver outras...

— Paga-lhe — ordenou Yegeb a Nartreb. — Creio que encontramos a solução para todas as nossas preocupações.

A mão de Tefnakht acariciou a curva dos rins de Aurora, subiu docemente ao longo das costas e depois agarrou-a pelos cabelos e obrigou-a a voltar-se.

— És um selvagem! — exclamou ela, divertida, abrindo-se ao amante cuja fogueira a encantava.

O general estava louco por Aurora. Com ela, cada confronto amoroso era diferente. Via-se obrigado a reconquistá-la constantemente e aquela guerra rejuvenescia-o.

— O que faz Piankhi? — interrogou a moça, quando repousavam lado a lado num vasto aposento do palácio dos Tutmósis cuja janela dava para o Nilo.

Afunda-se no marasmo, pois compreendeu que o seu exército era incapaz de se apoderar de Mênfis. Vai com certeza precisar de muito tempo para admitir a derrota, devido ao seu desmedido orgulho.

— E se se contentasse com a conquista do Médio Egito?

— Conquista momentânea, Aurora! Piankhi não permanecerá nessa região; retirará para Tebas. Nessa altura, contra-atacarei e os traidores trairão de novo, desta vez em meu favor. Mas não cometerei o mesmo erro desse mau estratega. Mandá-los-ei executar a todos e poremos em ação o modo de governo previsto pelos meus conselheiros.

Beijou-lhe os seios, semelhantes a maçãs doiradas pelo sol.

— Não conheces Saís, a minha cidade natal, da qual farei a capital do Egito. Amanhã levo-te lá!

Aurora surpreendeu-se.

— A tua presença aqui não é indispensável?

— Esta viagem estava prevista há muito tempo e reveste-se de um carácter estratégico.

— E se Piankhi atacasse?

— Descansa. Ou renunciou ou enlouqueceu. Nesse caso, o seu assalto terminará num desastre.

— Ver o Delta e Saís... Nunca imaginei...

— Uma região magnífica, cem vezes mais bela do que o vale do Nilo! Desta forma, apresentarei a minha rainha aos meus súbditos.

— Queres dizer...

— Sim, Aurora: vamos casar em Saís.

Piankhi passava horas a galopar no deserto e a conversar com o cavalo, a quem deixava a iniciativa do itinerário. Valoroso divertia-se com as dunas, evitava as zonas de areias movediças, parecia saltar até ao sol e conquistar as extensões sem fim onde, na luminosidade absoluta do ar, a voz dos deuses pronunciava palavras de eternidade.

Dez vezes, vinte vezes, Piankhi tinha desenrolado o mapa de Mênfis e consultado Lamerskény e Puarma. Apesar do seu desejo de se lançar ao assalto da cidade, os dois capitães não tinham qualquer estratégia a propor.

Abilé permanecia silenciosa. Também ela, apesar da sua magia, era incapaz de detectar a falha que permitiria a esperança de uma vitória. No acampamento núbio, a atmosfera tornava-se cada vez mais pesada. Ficariam acampados naquelas posições ainda durante meses, mesmo anos? Todos aguardavam um discurso do faraó negro, sabendo que uma retirada seria sinônimo de derrota. A brilhante campanha do Médio Egito parecia apenas um logro, visto que o exército nortista, sob o comando de um Tefnakht firme, permanecia intacto.

Com o tempo, o balanço era quase negativo: é verdade que Tebas estava livre; é verdade que o Médio Egito fora reconquistado. Mas não se trataria de uma ilusão que uma invasão nortista dissiparia rapidamente? Detendo Mênfis, Tefnakht possuía a chave das Duas Terras, o pólo de riqueza e equilíbrio cujo controle era indispensável para governar o país.

Sem ouvir a opinião de ninguém, Piankhi avançou para norte, para Mênfis. Valoroso, por si, adotou um passo moderado que lhe permitiu percorrer sem fadiga cerca de quarenta quilômetros.

Mênfis! Como era bela e imponente a rainha do Império Antigo, precedida por um palmar que atenuava a austeridade das suas muralhas, fora do alcance das catapultas e dos arqueiros! O “muro branco” que fora edificado por Djoser o Magnífico preservava templos prestigiados onde Piankhi teria gostado de venerar os deuses ancestrais, mas erguia-se à sua frente como uma barreira intransponível.

O faraó negro avançou até ao primeiro posto de guarda.

Assustados, convencidos que os dois uraeus que se erguiam da frente do monarca os aniquilariam, as sentinelas avisaram o seu superior, que solicitou imediatamente a intervenção do comandante da fortaleza, um escriba ambicioso que optara por fazer carreira na administração militar.

Saiu da sua residência e dirigiu-se às muralhas. Na ausência de Tefnakht, competia-lhe tomar as decisões.

A visão do faraó negro tetanizou o escriba.

— Sou o teu rei — afirmou Piankhi — e deves-me obediência! Ouve-me, Mênfis! Não te feches, não combatas, morada da luz do tempo primordial. Que aquele que desejar entrar, entre, que aquele que desejar sair, saia, que ninguém restrinja a liberdade daquele que quiser andar de um lado para outro. Tenho um único objetivo: oferecer um sacrifício ao deus Ptah, o senhor de Mênfis, e aos deuses que residem na sua cidade. Nas províncias do Sul, nenhum habitante foi morto, com exceção dos que se revoltaram contra Maât. Que as portas sejam abertas!

O escriba saiu do seu torpor. Por sua ordem, as portas do posto de guarda abriram-se, mas para deixar passar um grupo de cavaleiros decididos a apoderar-se do faraó negro.

Eram cerca de cinquenta, dispostos a cumprir a façanha: dominar o atleta núbio que os desafiava, impassível.

Piankhi tirou lentamente a sua espada curta da bainha e, com um gesto rápido e preciso, cortou o pescoço do primeiro assaltante. O segundo julgou atingir o faraó negro com a ponta da sua lança, mas o rei desviou-se no último instante para melhor desferir sobre ele um golpe fatal antes de atravessar com a espada um terceiro líbio.

Apesar da sua rapidez e da do seu cavalo, Piankhi sabia que sucumbiria ao número se o seu pai Amon não viesse em seu auxílio. Este manifestou-se sob duas formas estranhas: a do capitão Lamerskény, à frente dos seus soldados de elite cujas fundas dizimaram o inimigo, e a do capitão Puarma, cujos melhores arqueiros exterminaram o que restava dos cavaleiros menfitas.

Quando uma nuvem de flechas partiu das muralhas, os núbios recuaram para se colocarem fora de alcance.

— Como não tínhamos recebido ordens, Majestade — explicou Lamerskény — consideramos aconselhável seguir-vos. Certamente não teríeis tido necessidade da nossa ajuda para exterminar esses cobardes, mas por que haveis de fatigar-vos inutilmente?

Piankhi sorriu. No entanto, o seu coração estava triste porque Mênfis recusava a paz.

A exaltação estava no auge em todo o Delta. Tefnakht fazia-se aclamar como o futuro senhor do Egito e anunciava o seu casamento com Aurora, cuja elegância deslumbrava os chefes de clã.

Com o ardor de um vencedor, o general pregava a luta total contra Piankhi, incapaz de se apoderar de Mênfis. Para o desencorajar definitivamente, bastava aumentar o número de soldados acantonados na grande cidade. A força de convicção de Tefnakht varreu as hesitações e conseguiu sem dificuldade criar um exército de reserva enquanto Aurora, deslumbrada, descobria a cidade de Saís onde a deusa Neith criara o mundo com sete palavras. Uma legião de servidores dedicados satisfazia os mínimos desejos da futura rainha.

Tefnakht reuniu-se-lhe na sala de recepções do palácio cuja decoração ela mandava modificar. Aurora queria substituir os habituais frisos de papiros e aves migratórias por representações do marido, de pé no seu carro e esmagando o exército núbio em debandada.

— Essas cenas não são excessivamente... guerreiras? inquietou-se ele, irônico.

— A confiança animará o braço de cada um dos nossos soldados. É aqui, no nosso palácio, que deve ter as suas raízes.

— Como quiseses... Amanhã, parto para Mênfis.

— Deixas-me aqui só?

— És ou não uma futura rainha? Na minha ausência, governarás a minha capital.

Aurora sustentou o olhar do amante.

— Dá-me as tuas instruções e fá-las-ei respeitar.

O escriba comandante da guarnição de Mênfis tentou demonstrar um otimismo decidido.

— General Tefnakht, rechaçamos sem qualquer dificuldade o primeiro assalto do faraó negro.

— Quantos homens mandou? O escriba pigarreou.

— Na verdade... bastante poucos.

— Sê mais preciso!

— Bem... no princípio ele estava só, mas depois...

— Piankhi ousou apresentar-se pessoalmente às portas de Mênfis?

— Um desafio insensato, general!

— Como reagiste?

— Quando me ordenou que abrisse as portas, fi-lo mas para deixar passar os nossos cavaleiros. Se os núbios não tivessem acorrido em socorro de Piankhi, tê-lo-íamos detido. Perante a firmeza e a rapidez da nossa intervenção, fugiram e nunca mais voltarão.

— Não poupemos precauções: arranjo-te um reforço de oito mil homens. Desta forma, as forças reunidas em Mênfis dissuadirão Piankhi de tentar um ataque, inevitavelmente votado ao fracasso.

— Devo compreender que deveríamos... informá-lo disso?

— Com certeza. Que os arautos revelem à população a importância das nossas tropas e deixemos partir para sul duas ou três caravanas. Os núbios não deixarão de as interceptar e interrogar os mercadores. Pela sua boca ficarão a saber uma verdade que os aterrorizará.

Com as suas grandes extensões cultivadas, os imensos palmares e os inúmeros canais, os campos de Sais encantavam Aurora. Passeava com as servas durante longas horas naquela risonha paisagem que proporcionava inúmeros abrigos contra os ardores do sol e depois percorria as salas do palácio para apressar os trabalhos de decoração. Estucadores e pintores restauravam as velhas instalações e arquitetos e talhadores de pedra ampliavam o templo da deusa Neith.

À noite, antes do jantar, Aurora saboreava o prazer de um duche tépido correndo sobre o corpo ambarino. Recebia à sua mesa os dignitários fascinados e enaltecia perante eles os méritos da política de Tefnakht.

Quando se preparava para escolher uma ementa, ficou indignada por encontrar na sua antecâmara um Yegeb de sorriso ambíguo.

— Sai imediatamente dos meus aposentos!

— Alteza, deveríeis ouvir-me.

— Vai ter com o teu amigo Nartreb, deve aborrecer-se sem ti.

— O assunto diz-vos diretamente respeito, Alteza.

— Ah sim... De que forma?

— Confesso que Nartreb me tinha aconselhado a não tomar esta iniciativa. Como não vos quero qualquer mal, considere preferível avisar-vos dos graves perigos que vos espreitam. Mais vale deixar de sonhar antes que a catástrofe desabe.

— A que perigos te referes?

— Não sois feita para reinar. Deixai Tefnakht e desaparecei.

— Enlouqueceste!

— Segui o meu conselho. Caso contrário, arrepende-vos-eis.

Vendo Aurora agarrar num pesado vaso de prata, Yegeb fugiu. Sabia que a jovem não levaria em consideração as suas ameaças e que não podia impedi-lo de pôr o seu plano em execução: era por isso que proporcionava a si próprio o inestimável prazer de a torturar antes de triunfar.

Com a aproximação do fim do ano, o calor ainda aumentara mais. O Nilo encontrava-se no seu nível mais baixo e as terras mais elevadas estavam secas e fendidas.

Embora tivesse aumentado o seu habitual consumo de cerveja, Lamerskény estava sempre com sede. E a detenção e interrogatório de um mercador ambulante vindo de Mênfis não tinham contribuído para melhorar o seu humor.

— Majestade — disse a Piankhi — a guarnição de Mênfis acaba de receber o reforço de oito mil homens, libios originários das províncias do Delta e bem treinados.

— Tens a certeza?

— Receio que sim e há outra coisa: os celeiros da cidade estão cheios de trigo, cevada e espelta, os estábulos de vacas e os arsenais de armas.

— Portanto, um cerco, mesmo de longa duração, não daria qualquer resultado.

— Não conseguiremos nem pôr Mênfis à fome nem privá-la dos seus meios de defesa.

O faraó negro contemplava o Nilo.

Quando um faraó não encontra qualquer solução para as suas dificuldades, porque não há-de fazer descer o céu à terra?

Ao entrar em Saís, Tefnakht pensava na sua união com Aurora. Esse casamento seria grandioso, milhares de convidados participariam na festa cuja recordação perduraria durante séculos. Apesar da atração que sentia pela jovem, o general não se deixava guiar apenas pelo desejo: sabia que Aurora era tão ambiciosa como ele e que saberia conquistar o coração dos egípcios dando-lhe um herdeiro.

No final do período de festa, Tefnakht regressaria a Mênfis para falar à guarnição e lhe prometer uma vitória que esta considerava já como adquirida. Piankhi não tentaria nada porque a fortaleza de Mênfis era inexpugnável. A dúvida e o cansaço corroíam já a moral das tropas do faraó negro. Quando batessem em retirada, a sua capacidade de combate diminuiria rapidamente.

Apesar do desejo de se bater, Tefnakht soubera mostrar-se paciente e utilizar o tempo a seu favor. Em breve seria recompensado por tal lucidez.

Visto que o cerco de Mênfis duraria tanto tempo quanto Piankhi quisesse acreditar na possibilidade de se apoderar da cidade, o príncipe Akanosh decidira passar alguns dias com a mulher na sua província de Sebennytos. Para eles, afastava-se o espectro da guerra: logo que, despeitado, o faraó negro desse meia volta para regressar ao Sul, Akanosh não se juntaria ao exército de conquista nortista e permaneceria no Delta. O velho guerreiro perdera definitivamente o gosto pelas armas e apenas desejava o seu sossego, longe de qualquer conflito.

Enquanto os servidores do príncipe acabavam de preparar as suas bagagens, Nartreb irrompeu nos aposentos de Akanosh à frente de uns vinte policiais armados com bastões.

— Perdeste a cabeça? Sai daqui imediatamente!

— Estamos em guerra, príncipe, e a fidelidade absoluta ao general Tefnakht é a lei de todos nós.

— Atreves-te a acusar-me de a não respeitar?

— Vós, não... Mas a vossa esposa...

O príncipe Akanosh esbofeteou Nartreb.

— Sai daqui, ratazana!

Os grossos lábios do conselheiro de Tefnakht entumeceram de cólera.

— Tenho a prova de que a vossa esposa é uma núbia, portanto uma aliada de Piankhi. O general exige que ela compareça imediatamente perante ele.

— Recuso!

Nartreb esboçou um sorriso feroz.

— Se persistirdes nessa atitude, utilizarei a força.

— Com que direito?

— São as ordens de Tefnakht.

Apesar das cruéis recordações que ainda lhe perturbavam o sono, Aurora era feliz. Amanhã, tornar-se-ia esposa de Tefnakht e seria associada à reconquista do seu país. Essa guerra provocaria sem sombra de dúvida muitos sofrimentos, mas não havia outro meio de eliminar o

faraó negro. Mesmo condenado à derrota, Piankhi bater-se-ia até ao fim, com o orgulho insensato de um chefe derrotado. Seria no momento de desferir o golpe final que Aurora seria útil a Tefnakht para que o seu braço não fraquejasse.

A cabeleireira ajustava na cabeça de Aurora uma magnífica peruca entrançada, formada por cabelos humanos quase louros: uma peça de valor inestimável que adoçava o rosto da jovem e lhe dava o aspecto de uma grande dama.

— Alteza, estais pronta para a prova?

As tecelãs de Saís, as melhores do Egito, tinham criado um vestido de linho real que moldaria perfeitamente as formas de Aurora e a tornaria deslumbrante.

— A prova esperará — decretou a voz melosa de Yegeb. Como se tivesse sido picada por um inseto, Aurora voltou-se.

— Quando vais deixar de me importunar?

— O general Tefnakht deseja ver-vos imediatamente.

— Ainda não acabei de me vestir.

— O general insistiu no termo “imediatamente”.

— Ter-se-á verificado algum incidente grave?

— Ignoro, Alteza.

Aurora ficou perturbada. Teria Piankhi lançado um ataque suicida contra Mênfis? Nervosa, envergando apenas uma camisa e uma saia curta, correu para a sala de audiências, precedendo um Yegeb trotador que tinha dificuldade em segui-la.

Logo que entrou no compartimento fracamente iluminado por causa dos espessos cortinados que tapavam as janelas, Aurora detectou uma forte tensão.

Tefnakht andava de um lado para outro. Sentado à maneira dos escribas, Nartreb fixava o príncipe Akanosh, em pé e com os braços cruzados.

— Finalmente, apareces!

— Estava ocupada... O que se passa ?

Tefnakht apontou o indicador a Akanosh.

— Conheces este homem?

— Sim, claro...

— Tens a certeza, minha querida Aurora?

— Não compreendo.

— Também eu julgava conhecê-lo! Pensava mesmo que fosse um aliado fiel e que nunca me traíria.

A jovem estava aterrada.

— Vós não, príncipe Akanosh...

— Oh não, ele não! — interveio Tefnakht. — Ele não, mas a mulher... A mulher que é uma núbia! Uma núbia, compreendes? Uma aliada de Piankhi aqui, no meu próprio palácio!

— Compete-me a mim e apenas a mim defender a minha esposa contra estas inadmissíveis acusações. O fato de ter ascendência núbia não faz dela uma traidora. A sua palavra e a minha

não valem as de dois miseráveis conselheiros que apenas sonham enriquecer?

— Infelizmente para a vossa esposa — lamentou Yegeb — possuímos a prova da sua culpabilidade.

O príncipe Akanosh cerrou os punhos.

— Mentos!

— Os nossos serviços de segurança interceptaram uma carta que acusa formalmente a vossa mulher... O texto demonstra que ela servia de agente de ligação, evidentemente sem o vosso conhecimento.

— De ligação... com quem? — interrogou Aurora. Tefnakht trespassou-a com o olhar.

— Não achas que era preferível deixares de representar?

— Representar... O que queres dizer?

Tefnakht apertou os pulsos de Aurora até quase os partir.

— És tu a autora dessa carta... Traíste-me porque me odeias! Querias matar-me e utilizaste esse meio para te vingares.

— Enganas-te... Juro que te enganas!

Reconheci a tua escrita, Aurora.

Tefnakht afastou-se da jovem e ameaçou-a com um punhal cuja ponta penetrou no seu pescoço, fazendo aflorar uma gota de sangue.

— Devia matar-te, vadia... Mas uma morte lenta numa masmorra será castigo melhor. Hora a hora, ali perderás a juventude e a beleza.

Por um instante, Aurora sentiu desejo de se lançar aos pés de Tefnakht e implorar a sua piedade. Mas optou por enfrentá-lo.

— Se me amasses, verias a verdade.

— Levem-na — ordenou Tefnakht aos seus conselheiros, que sentiram grande prazer em agarrar na alteza desacreditada para a entregarem aos guardas.

Depois de ter ficado só com o perturbado príncipe Akanosh, o general adotou um tom conciliador.

— Tal como eu, também foste ludibriado... Desembaraça-te da tua mulher e depressa!

— Tenho confiança nela, sei que não me traiu.

— Rende-te à evidência, Akanosh, mesmo que te faça sofrer. A carta interceptada prova que Aurora, com o auxílio da tua núbia, recomendou aos comandantes das fortalezas que abrissem as portas a Piankhi. Age rapidamente: esse é o preço da tua vida.

Cabeça-fria não parava quieto no mesmo lugar. Perguntava dez vezes por dia aos seus ajudantes se o mensageiro proveniente do Sul já tinha chegado. Piankhi nada mais fazia do que contemplar o rio, perdido na sua meditação a ponto de esquecer Mênfis, cuja fortaleza branca brilhava ao sol.

E o mensageiro chegou, trazendo uma tabuinha de madeira redigida pelos especialistas de Assuão.

Piankhi examinou o documento coberto de números.

— Então, Majestade?

— Perfeito, Cabeça-fria. Amon respondeu ao meu apelo.

— Durante quanto tempo teremos ainda que esperar?

— Alguns dias.

Bastaria aquele breve espaço de tempo. Piankhi reuniria Lamerskény, Puarma e os oficiais de engenharia para lhes transmitir as suas ordens: construir plataformas, erguer mastros e requisitar todos os barcos, do mais pequeno ao maior, não sem ter feito a lista dos proprietários a fim de que fossem indenizados.

Sob os olhos deslumbrados do faraó negro, o rio cresceu e lançou-se ao assalto das margens com a fúria do ano novo. Graças aos controles efetuados no nilómetro de Assuã, os especialistas tinham previsto uma cheia magnífica que transformaria o Egito num lago imenso, depositando nas terras o lodo fertilizante. Atingiria a altura excepcional de vinte e dois côvados⁸.

A terra bebia com avidez. A água enchia os canais e formavam-se remoinhos nas margens. O fluxo purificador afogava os parasitas e as cobras e escorpiões fugiam para o deserto. Em breve, apenas restariam ilhotas e colinas sobre as quais tinham sido construídas as aldeias. Hápi, o dinamismo da cheia, realizava a sua obra com entusiasmo porque a estrela Sothis surgira no topo do céu, significando que ísis tinha ressuscitado Osiris.

Piankhi pediu à esposa que dirigisse o ritual de oferendas ao Nilo, sem o qual o rio não lhe seria favorável.

— Pela última vez disse-lhe ele vou tentar evitar milhares de mortos.

— Tanto os teus capitães como eu própria nos opomos a essa iniciativa — disse Abilé, inquieta.

Piankhi apertou-a nos braços.

— Por vezes, os homens renunciam à sua loucura. Bem sabes que tenho de tentar.

A estatura do faraó negro era tão impressionante como a nobreza do seu cavalo. Os olhos do homem e do animal fitavam as muralhas onde acabava de surgir o escriba-comandante da fortaleza.

Abre imediatamente as portas desta cidade que é minha e os habitantes de Mênfis serão poupados. Quanto aos soldados, jurar-me-ão fidelidade e esquecerei a sua desobediência.

— Retira-te, núbio! Os meus homens são mais numerosos do que os teus e nem sequer és capaz de arranhar os nossos muros.

Uma flecha voou e raspou a cabeça de Piankhi. Subitamente enraivecido como uma pantera, este exprimiu-se com uma cólera que tetanizou a guarnição menfita.

— De acordo com a ordem do meu pai Amon, apoderar-me-ei desta cidade como uma tromba de água.

O faraó negro deu meia volta.

Quando os nortistas voltaram a si e lançaram as suas flechas, estava fora do seu alcance.

Quando a terra se iluminou, na madrugada de um novo dia, imensos pontões formados por barcos de todos os tamanhos foram arrastados pela corrente até às muralhas de Mênfis. O nível do Nilo tinha subido de tal forma que as muralhas não passavam de uma barreira sem importância, poucos metros acima dos guerreiros núbios. Os especialistas de engenharia colocaram mastros, paliçadas e escadas de encontro ao que ainda restava, fora de água, dos muros da imponente fortaleza, ao mesmo tempo que começava a luta dos arqueiros.

Os homens de Puarma mostraram-se mais rápidos e mais precisos do que os nortistas. Logo que disparavam e abatiam um adversário, recomeçavam. Havia assistentes carregando constantemente os arcos.

— Entremos em Mênfis! — ordenou Piankhi, cuja fúria se transmitia a todo o exército sulista. — Franqueemos essas muralhas vencidas pelo Nilo e que nenhum inimigo nos detenha!

Em vagas de assalto ininterruptas, formando a tromba de água que Piankhi tinha anunciado, os soldados de infantaria de Lamerskény apoderaram-se das muralhas ao mesmo tempo que a frota núbia, comandada pelo faraó negro em pessoa, atacava o porto.

Submersos, os defensores tentaram em vão repelir os sulistas que prendiam já a corda da proa dos seus barcos às casas construídas perto do rio e cujo limiar se encontrava mesmo rente ao nível da água.

Lamerskény estava dominado por tal entusiasmo que um ferimento que recebera na perna nem sequer lhe doía. Apesar disso, enquanto retomava fôlego, um enfermeiro colocou-lhe sobre a ferida uma compressa com mel.

— É o mais belo dia da minha vida, enfermeiro! Quem poderia acreditar que conseguiríamos um dia conquistar a cidade de Mênfis?

— Não façais movimentos, capitão... Senão, o penso não se aguenta.

— Despacha-te! Quero ser o primeiro a franquear o “muro branco”. Não vou deixar essa honra para Puarma.

Incansáveis, os arqueiros núbios continuaram a disparar até ao momento em que cessou qualquer resposta. No seu foro íntimo, Lamerskény teve que reconhecer que Puarma comandara os seus homens com um rigor perfeito.

Os dois capitães fizeram um ao outro um sinal com a mão e, do alto das muralhas juncadas de cadáveres, contemplaram Mênfis. Viram Piankhi acostar e penetrar na cidade pela dupla porta que dava para a álea que conduzia ao templo de Ptah. Assustados, os habitantes da cidade corriam em todas as direções e dificultavam as manobras dos soldados que já não sabiam a que ordens deviam obedecer.

Considerando que já tinha repousado o suficiente, Lamerskény arrastou os seus soldados para a confusão de forma a libertar a passagem ao faraó negro. Dos bastiões, dos caminhos de ronda, do topo das portas monumentais, das torres desceu uma multidão de guerreiros núbios, gritando a

alegria da conquista. Lançaram-se sobre a caserna, os gabinetes dos escribas, as reservas de papiros e a casa do comandante. Os que tentaram travar o seu avanço foram massacrados com golpes de machado, de maça ou de espada.

Lamerskény viu tarde demais o arqueiro que o visava e o seu desvio não foi suficientemente rápido. A flecha cravou-se-lhe na coxa esquerda e obrigou-o a parar. Os seus homens rodearam-no imediatamente.

— Mirra — exigiu o capitão.

O próprio Lamerskény rasgou a carne com o seu punhal, retirou a flecha, lavou a ferida com água morna que um soldado lhe trouxe e colocou sobre o ferimento uma raiz de chicória amarga dada pelo enfermeiro e depois uma camada de mirra. A dor atenuou-se; o ferimento em breve sararia.

O capitão retomou o avanço, não sem ter lançado um olhar satisfeito ao cadáver do arqueiro que fora abatido por Puarma.

— Estás a envelhecer, Lamerskény. Para a próxima vez...

— Para a próxima vez será a vitória, como hoje! Que temos a recear, visto que servimos sob as ordens de um rei que sabe fazer do rio seu aliado?

Receando um massacre geral, a população obrigava os últimos nortistas a renderem-se.

Quando Piankhi, ladeado pelos seus dois capitães, se apresentou diante do último núcleo de resistência, a antiga cidadela de muros brancos, o escriba-comandante encarregado da defesa de Mênfis apresentou-se perante ele.

— Aceitas finalmente render-te?

— Sim, Majestade. Permite que me curve perante vós.

— O escriba aproximou-se muito do rei. Torcendo o busto, tirou da manga da túnica um punhal de lâmina dupla para o cravar no peito de Piankhi.

— Mas a lâmina espetou-se no braço de acácia de Lamerskény, que o estendera para salvar o faraó.

Aterrorizado, o escriba não esboçou o mínimo gesto de defesa quando o capitão lhe esmagou o crânio com uma pancada brutal desferida com o mesmo braço.

— Consideras-me realmente demasiado velho para defender a vida do Faraó? — perguntou Lamerskény a Puarma.

Das ruas e ruelas ergueram-se clamores, clamores que se transformaram rapidamente em aclamações à glória de Piankhi, o novo senhor de Mênfis.

O príncipe Akanosh recebeu Yegeb nos seus aposentos privados do palácio de Saís. O conselheiro de Tefnakht, de rosto todo em comprimento e braços intermináveis, interrogava-se gulosamente sobre a solução que o líbio tinha adotado para se desembaraçar da sua querida mulher. Ele, que escrevera a carta decisiva imitando na perfeição a escrita de Aurora, não deixava de se sentir orgulhoso por atemorizar ao mesmo tempo vários adversários.

— Desejais ver-me, príncipe Akanosh?

Queria agradecer-te por me teres aberto os olhos. Conhecia as origens da minha mulher, mas tinha decidido, erradamente, esquecê-las. Esta guerra é uma prova de verdade e tiveste razão em desmascará-la.

Yegeb curvou-se.

— Apenas cumpro o meu dever.

— Amei sinceramente a minha esposa, Yegeb. Hoje, não sei como devo agir. Aceitas ajudar-me?

— De que forma?

— Sou incapaz de a suprimir pessoalmente, como Tefnakht me solicitou. Em troca de uma avultada soma, encarregar-te-ias dessa tarefa?

— Qual é a vossa proposta, príncipe Akanosh?

— Um saco de ouro e uma villa no meu principado. Yegeb refletiu.

— Digamos... dois sacos de ouro, a villa e uma percentagem nas colheitas.

— Exiges muito.

— Não será uma retribuição justa?

— Vem, Yegeb.

— Desejais que atue... imediatamente?

— Não percamos mais tempo.

Akanosh guiou Yegeb e abriu a porta do quarto onde se encontrava a núbia, sentada e resignada.

Yegeb decidira estrangulá-la. Seria uma morte lenta e dolorosa.

Ao dar um passo na direção da sua vítima, foi brutalmente puxado para trás por uma tira de cabedal que se lhe enterrou nas carnes flácidas do pescoço.

— Como me sinto feliz por te matar — murmurou o príncipe Akanosh. — Graças à cheia, os parasitas desaparecem... Graças a mim, Tefnakht será libertado de um bicho-de-conta.

Com a laringe esmagada e uma língua tumefacta saindo da boca, Yegeb morreu num estertor.

— Senhor, é horrível, abominável!

— Qual a razão dessa excitação? — perguntou Tefnakht a Nartreb.

— É Yegeb...

— Mas fala de uma vez!

— Está morto, senhor! Acabam de encontrar o seu cadáver numa ruela, perto do palácio. Alguém o estrangulou.

— São os riscos da profissão — considerou o general. — Yegeb tinha muitos inimigos.

— É preciso prender o culpado o mais rapidamente possível!

— De quem suspeitas?

— Do príncipe Akanosh! Partiu esta manhã para a sua província de Sebennytos na companhia da esposa.

— Excelente iniciativa. Fechada no seu palácio, a núbia não poderá voltar a prejudicar-nos. Os chefes de clã líbios estimam muito Akanosh e não tenho intenção de o condenar mas antes de lhe oferecer um posto de responsabilidade no meu governo. Os homens honestos não andam por aí aos trambolhões.

— Mas... é um criminoso!

— Preocupa-te com a tua sorte, Nartreb, e deixa-me decidir da dos meus súditos.

Tefnakht nunca se sobrecarregaria com uma grande esposa real. Contrariamente às exigências da tradição, reinaria só e contentar-se-ia com concubinas para responderem às exigências dos seus desejos. A traição de Aurora abriu-lhe definitivamente os olhos: não devia conceder a sua confiança a ninguém. O verdadeiro poder não se partilha.

O desaparecimento de Yegeb convinha-lhe: formava com Nartreb um duo temível que, mais cedo ou mais tarde, teria conspirado contra ele. Manipular Nartreb, um ser perverso e violento, não apresentaria qualquer dificuldade: Tefnakht servir-se-ia dele como executor das ações mais baixas. No momento adequado, substituí-lo-ia por outro mais ávido do que ele.

— Senhor...

— O que há mais, Nartreb? Já te disse que Akanosh era um aliado precioso. Não percas mais o teu tempo a tentar comprometê-lo.

— Senhor... Mênfis caiu!

Apesar do esmagador calor do Verão, uma sensação de frio invadiu Tefnakht.

— Um assalto de Piankhi...

— Não, não foi um assalto. Tornou-se senhor da cidade.

— Mas a guarnição, as muralhas, o exército de reforço...

— O faraó negro utilizou a cheia para reduzir a nada as defesas de Mênfis. Milhares de nortistas foram mortos, os sobreviventes renderam-se e foram alistados pelos núbios.

— Mênfis... Mênfis era inexpugnável!

— Exceto durante este período em que o rio se transformou em aliado de Piankhi.

— As perdas devem ter sido enormes!

— Não, senhor. Foi um cerco fácil, uma vitória rápida.

— A população vai revoltar-se!

— Seria massacrada. Mas ainda não estamos vencidos: o exército líbio dispõe da força de um grande número de soldados prontos para combater. O Delta nunca se renderá.

— Tens razão Nartreb: é preciso continuar a luta.

A terra iluminou-se e foi verdadeiramente um novo dia. O faraó designado por Amon reinava finalmente sobre Mênfis, a “Balança das Duas Terras”, que reencontrava assim o seu pólo de equilíbrio. No entanto, muitos menfitas recebiam a vingança do faraó negro. Tendo por duas vezes recusado abrir-lhe as portas, não se exporiam a atrozes represálias?

Muitos notáveis tinham já implorado a clemência da rainha Abilé, mas esta nada prometera. Instalado no palácio de Tutmósis I, próximo da cidadela de muros brancos, Piankhi avaliava a grande cidade antes de adotar uma linha de conduta. As tropas núbias, em estado de alerta, patrulhavam a cidade.

Quase curado dos ferimentos, Lamerskény interrogara um a um os líbios que queriam entrar para o exército do faraó negro. Os que lhe pareciam duvidosos tinham sido desarmados e colocados no serviço de reparação dos diques. Quanto aos soldados vitoriosos, apreciavam o conforto da grande caserna de Mênfis e a qualidade da alimentação que os habitantes de Mênfis lhes ofereciam para os lisonjear.

A madrugada assinalava o triunfo da luz sobre as trevas e Piankhi anunciou a sua decisão.

— É preciso limpar Mênfis.

A rainha Abilé, Lamerskény, Puarma e Cabeça-fria estremeceram. Porquê tanta crueldade, quando a população não esboçara o mínimo movimento de revolta?

— Majestade, será realmente necessário?... — interveio Puarma.

— Indispensável — cortou Piankhi. — Este conflito conspurcou a cidade de Ptah. Vou portanto purificar-me na “morada da manhã”, no interior do seu templo, oferecer-lhe bois, gado sem cornos, aves, fazer uma libação à assembléia das divindades e por fim purificar o santuário e toda a cidade com natrão e incenso. Depois e só depois nos preocuparemos com os problemas materiais.

No templo de Ptah foram realizados por Piankhi os rituais de coroação que faziam dele, aos olhos de todos os habitantes das Duas Terras, o rei do Alto e do Baixo Egito. O faraó e a esposa mostraram-se à “janela da aparição” do palácio ligado ao templo, sob as aclamações dos principais dignitários. Convencida de que se abria uma nova era de prosperidade, a cidade estava em reboço.

Adornado com vários colares de ouro como os capitães Lamerskény e Puarma, Cabeça-fria recebeu uma mensagem cujo teor comunicou imediatamente ao soberano.

— Majestade, todas as guarnições da província de Mênfis abandonaram as suas cidadelas e se puseram em fuga!

— A novidade não pareceu alegrar Piankhi.

— Sonhas com a conquista do Delta, não é verdade? — interrogou Abilé.

— A fortaleza da Babilônia⁹, barra o caminho do Delta ocidental.

— Espera-nos um duro combate.

Nas fileiras líbias, todos se iam recompondo pouco a pouco da queda de Mênfis. É evidente que a derrota era importante, mas Tefnakht conseguira manter a esperança reunindo os governadores de província do Delta que continuavam a ser-lhe fiéis. De Piankhi não podiam esperar mais do que o castigo reservado aos rebeldes; de Tefnakht, uma vontade intacta de vencer e reconquistar o terreno perdido. Visto que Mênfis não era inexpugnável, porque não haviam de seguir o exemplo dado pelo faraó negro? Quando chegasse o momento propício, a cidade tornaria a cair nas mãos dos líbios.

— Apesar das adversidades, — declarou o general com um entusiasmo que transmitiu segurança aos seus aliados — as nossas forças ainda são consideráveis e perfeitamente capazes de impedir Piankhi de invadir o Delta. Eis a estratégia que vos proponho: bloquear o avanço dos núbios em duas etapas, imobilizá-los num determinado ponto e surpreendê-los com um contra-ataque. Primeira etapa: a fortaleza de Babilônia. É uma das mais antigas e das mais fortes do território. Como está edificada sobre uma colina, a cheia não terá qualquer utilidade para o assaltante.

Tendo completado há pouco os sessenta anos, rico e um tanto gordo demais, o príncipe Petísis, senhor da cidade de Athribis, tomou a palavra.

— Esse Piankhi tornou-se Faraó e já ninguém duvida de que é realmente o protegido do deus Amon... Não se apoderará dessa fortaleza como de todas as outras?

— Para ser sincero — respondeu Tefnakht — penso que o conseguirá. Mas essa nova vitória enfraquecê-lo-á, porque o cerco será longo e difícil.

— É um fato... E a segunda etapa?

— Um cerco ainda mais difícil!

— Qual, general?

— Uma vez Babilônia conquistada, Piankhi quererá tornar-se senhor da grande cidade mais próxima: Athribis. É por isso que o teu papel será decisivo, Petísis.

— Agüentarei o máximo de tempo possível, mas...

E eu intervirei com a totalidade das minhas tropas, arqueiros, soldados de infantaria e marinheiros que vou começar a reunir desde já em Mostai, a sessenta quilômetros a sudeste de Sais, a minha capital. Atacaremos o acampamento de Piankhi com a rapidez do falcão e faremos em pedaços o seu exército imobilizado em frente da tua fortaleza.

— Esse plano é hábil e deverá resultar, — admitiu o príncipe Petísis, aprovado pelos outros governadores de província.

Piankhi deu sal a Valoroso. Durante os períodos de intenso calor que provocavam uma transpiração abundante, o cavalo tinha necessidade desse complemento alimentar. A fim de evitar perturbações digestivas, Valoroso bebia cerca de cinquenta litros de água por dia, comia grãos de cevada bem seca, frutos e legumes variados. À noite, Piankhi esfregava-o com um punhado de erva fresca que absorvia a umidade e o suor e conversava com ele para fazer um balanço do dia. Até então, os olhos do animal não tinham deixado de estar risonhos. Naquela noite, o seu olhar pareceu quase grave.

— Está ansioso? — perguntou Abilé.

— Não, mas receia o Delta, como todos nós. É uma região que nenhum dos nossos soldados conhece e que está certamente cheia de armadilhas.

— Hesitas em conquistá-la?

— A hesitação já não pode existir, Abilé. O Baixo Egito faz parte do reino que Amon me confiou e não pode portanto permanecer nas mãos dos rebeldes. Mas a tarefa arrisca-se a ser dura... Vamos combater Tefnakht no seu próprio terreno, depois de termos perdido muitos homens no cerco da fortaleza de Babilônia.

— Seguir-te-ão para onde quer que os conduzas, Majestade. Sabem que és o filho da luz, o irmão do rio e o servidor de Maât.

Piankhi acariciou docemente o rosto de Abilé.

— Sem ti, poderia um único dos meus atos ser coroado de êxito?

Nartreb recompunha-se rapidamente da morte de Yegeb e tinha abandonado as investigações. Afinal, desembaraçava-se muito bem sem o seu cúmplice que, muitas vezes, o olhara com profundo desprezo por ser mais instruído do que ele. Os conhecimentos de matemática de Yegeb tinham-lhe permitido fazer a contabilidade exata da sua fortuna, mas Atualmente era Nartreb que dispunha dela! E como se sentia com alma de tesoureiro, não perderia uma migalha dos seus haveres.

Em Sais, a maior e a mais rica cidade do Delta, Nartreb não corria qualquer risco. Nunca o faraó negro conseguiria aventurar-se até lá, sobretudo depois dos rudes golpes que Tefnakht infligia ao exército núbio amontoado em frente de Athribis. O plano do general era realmente excelente e as tropas líbias reunidas em Mostai tinham sede de vingança.

Refletindo bem, Yegeb estava a envelhecer e tinha falta de ambição. Ter-se-ia contentado em contemplar os seus bens enquanto que ele, Nartreb, se sentia com um destino político. A guerra duraria muito tempo, pois Tefnakht, depois da vitória de Athribis, tentaria reconquistar as posições perdidas.

Teria então necessidade de um primeiro-ministro que permanecesse na retaguarda e se ocupasse exclusivamente da gestão. Como o programa de governo de Nartreb estava pronto, o lugar pertencia-lhe de direito.

— A prisioneira deseja ver-vos avisou-o o carcereiro-chefe.

— Aurora? Mas esta prisão é suja e mal cheirosa...

— É por isso que, se aceitardes essa entrevista, mandarei transferir a prisioneira para um lugar digno de vós.

— Hummm... Que ela seja lavada e perfumada.

— Às vossas ordens.

Uma distração inesperada... Quando tentara violá-la, a cabra defendera-se. Desta vez, estaria à sua mercê. Mas o que teria ela a dizer-lhe?

Encantadora apesar do rosto revelar traços de cansaço, envergando um curto vestido amarelo pálido que deixava os ombros a descoberto, descalça, Aurora parecia uma rapariguinha acabada de sair da infância.

Nartreb sentiu crescer dentro de si um desejo violento. Os espessos lábios ficaram tumefactos, o pescoço engrossou e os dedos gorduchos fremiram como serpentes.

— O que me querias dizer, pequena? Aurora evitou o olhar ávido de Nartreb.

— Tu e Yegeb têm razão... Queria vingar o meu pai, como lhe tinha prometido.

— Muito bem, muito bem... Mas esse arrependimento é demasiado tardio, não achas?

— O meu castigo é horrível! Não suporto aquela cela, aquela sujidade, aquela umidade... Sabe perdoar, Nartreb!

— É impossível, pequena. Trata-se de uma condenação pronunciada por Tefnakht e não tenho qualquer possibilidade de a modificar.

— Suplico-te... Fecha-me noutra cela, limpa e sem parasitas!

— O que tens para me oferecer, em troca de semelhante privilégio? Aurora fez deslizar o vestido ao longo do corpo juvenil.

— Nartreb engoliu em seco.

— Tens de me deixar fazer tudo o que eu quiser...

— Aceito.

— E terás também de participar... Detesto as mulheres passivas.

— Farei o melhor que puder.

Nartreb não tinha a mínima intenção de transferir Aurora para outra prisão. Se Tefnakht viesse a saber, ficaria furioso com o seu conselheiro. Como mentir era um dos seus talentos, Nartreb dispunha de ótimas horas de prazer à sua frente.

— Vem cá, pequena, e beija-me — ordenou.

— Aurora agiu com a rapidez de um réptil. Cravou profundamente os dentes no pescoço de Nartreb, fazendo brotar o sangue.

— Louco de dor, ele repeliu-a a soco e a pontapé. Desmaiada, Aurora não sentiu chegar a morte que Nartreb lhe infligiu espezinhando-a com uma raiva que era quase loucura.

— Em que estado se encontra Nartreb? — perguntou Tefnakht.

— A infecção está espalhada e será difícil combatê-la — considerou o cirurgião. — Ser-me-ia necessária uma grande quantidade de produtos raros e dispendiosos.

— Não os desperdices, pois o meu exército terá necessidade deles.

— Devo compreender...

— Deixa-o morrer e não atenues o seu sofrimento. Quando um homem atinge tal ponto de ignomínia e barbaria é porque já não tem alma há muito tempo.

— Tefnakht vira o cadáver de Aurora. Em nome do amor que tinham partilhado, devia-lhe esta última vingança.

Quando acariciou o pescoço do cavalo, ao aproximarem-se da fortaleza de Babilônia, Piankhi pensou na cidade santa, Heliópolis, cujo acesso esta guardava.

Heliópolis, a cidade de Ra, a luz divina, onde nascera a espiritualidade egípcia. Heliópolis, onde tinham sido concebidos e redigidos os Textos das Pirâmides, consagrados às incessantes transmutações da alma real no além. Fora ali que, pela primeira vez, a voz do divino se fizera ouvir sobre a terra do Egito.

O coração do faraó negro contraiu-se, como se se aproximasse do ponto culminante da sua existência. Como poderia ele, o filho da longínqua Núbia, imaginar que estaria um dia tão próximo da fonte dessa civilização, seu modelo e razão de viver?

Não conseguiu dissipar a tristeza que o invadia. Para atingir Heliópolis, quantos cadáveres de soldados seriam necessários?

Abilé tomou docemente a mão de Piankhi entre as suas.

— Tem confiança — murmurou.

Ei-los! — anunciou um vigia ao oficial encarregado de distribuir as sentinelas nas muralhas de Babilônia.

O oficial dirigiu-se imediatamente a casa do comandante da fortaleza, um quadragenário líbio de pele muito fina e maneiras de aristocrata. Filho de uma rica família do Delta, pai de três crianças, tivera uma carreira fácil e sem sobressaltos.

— Quantos são?

— Na minha opinião, a totalidade do exército núbio.

— O faraó negro?

— Cavalga à frente.

— Os nossos homens estão preparados?

— Bater-se-ão até ao fim, meu comandante. E matarão muitos núbios, até ao momento em que os reforços de Saís acabarem de destroçar os assaltantes.

— Não haverá reforços.

— Não haverá reforços, mas...

— Recebemos ordem para agüentar o máximo de tempo que pudermos e causar o maior número de baixas ao adversário. Mas apenas poderemos contar com nós próprios.

— Entendido, meu comandante. Temos víveres e água para vários meses.

— O que pensas da eficácia das catapultas núbias?

— Temível.

— Do seu armamento?

— De primeira qualidade.

— O moral da guarnição? O oficial hesitou.

— Quero saber a verdade.

— Não é lá muito elevado... Os nossos homens conhecem a coragem dos guerreiros núbios e a obstinação do faraó negro. Não se diz que o céu o protege e que a magia da sua esposa lhe permite sempre encontrar o caminho que conduz à vitória?

— Que cada um ocupe o seu posto sem fraquejar e que os deuses nos sejam favoráveis.

— Que belo animal! — exclamou Lamerskény ao ver a fortaleza de Babilônia. — Mênfis foi demasiado fácil... Desta vez, vamos bater-nos realmente.

Puarma fez uma careta.

— Para erguer uma única escada, sacrificaremos cinquenta homens, pelo menos... Os arqueiros de Babilônia ocupam uma posição ideal e os meus arriscam-se a ser ineficazes.

— Quando deixarás de ser pessimista? Esqueces que é Piankhi que comanda a manobra?

Com os olhos erguidos para as muralhas de Babilônia, Puarma não conseguia serenar.

— A engenharia vai sentir dificuldades talvez inultrapassáveis para formar os montes de terra de encontro aos muros... As nossas perdas arriscam-se a ser pesadas. Supondo que quebramos este ferrolho, com que exército atacaremos o Delta?

— Piankhi há-de descobrir a solução. O capitão dos arqueiros irritou-se.

— O que fizeste do teu cepticismo, Lamerskény?

— Se fosses meu superior, mergulharia no desespero. Mas um faraó reina e, amanhã, o sol brilhará.

A manhã estava esplêndida e uma brisa ligeira atenuava os ardores do sol. Milhares de núbios preparavam-se para dar a sua vida pela abertura do acesso ao Delta e às ricas províncias do Baixo Egito ocupado pelos líbios.

Os arqueiros de Puarma tentariam cobrir os técnicos de engenharia e os soldados de Lamerskény, mas Piankhi sabia que muitos dos seus companheiros de armas cairiam junto da fortaleza de Babilônia.

Antes do faraó dar o sinal de ataque, fez-se um profundo silêncio nas fileiras núbias.

Valoroso relinchou, empinou-se e depois ficou calmo, fitando a grande porta da fortaleza que se abriu lentamente, como num sonho. O comandante líbio saiu para o largo empedrado, lançou ao chão uma espada e um arco, avançou na direção de Piankhi e prostrou-se.

— O Faraó foi coroado em Mênfis — declarou o líbio. — Deus ordenou-lhe que governasse o Egito e o tornasse feliz. Por que hei-de espalhar a morte e a infelicidade, se me basta obedecer para evitar um desastre? Aceitai a rendição da fortaleza de Babilônia, Majestade.

O silêncio durou ainda alguns instantes, como se a totalidade do exército núbio tivesse ficado sem respiração. Depois, o receio dissipou-se, uma intensa alegria inflamou os peitos e, numa algazarra indescritível, os soldados de Babilônia e os de Piankhi precipitaram-se uns para os outros para se felicitem.

O faraó negro franqueou a colina fortificada de Babilônia e purificou-se no lago de Kebeh onde a luz divina lavou o seu rosto com a água proveniente da energia primordial. Assim regenerado, Piankhi dirigiu-se para a elevação arenosa de Heliópolis onde a vida surgira pela primeira vez. Voltado para o sol nascente, ofereceu ao princípio criador bois brancos, leite, mirra, incenso e perfumes antes de entrar no templo de Áton, sob as aclamações dos sacerdotes. Reconheceram-no como Faraó, irmão da corporação das nove divindades que criavam o mundo a cada instante.

O rei pronunciou as palavras rituais destinadas a afastar os inimigos visíveis e invisíveis, vestiu roupas purificadas na morada da manhã, atou na cabeça a tira que lhe proporcionava a visão do mundo dos deuses e subiu a escada que conduzia ao andar do templo de onde viu o obelisco de granito, a pedra primordial na qual se tinha materializado a luz da origem.

Devia agora penetrar sozinho no santuário secreto de Áton, cujo nome significava simultaneamente o “Ser” e o “Não-Ser”. Piankhi quebrou o selo que fechava o naos, abriu as suas portas de ouro e viu o mistério da criação, movimento eterno encarnando na incessante viagem da barca da manhã e da barca da noite.

Então o faraó soube porque razão empreendera a sua longa e perigosa viagem, porque razão tinha arriscado a sua vida e a dos seus, porque razão era necessário que as Duas Terras fossem unidas e governadas pelo amor.

Sob o encanto de Heliópolis a secreta, sombreada por acácias e tamargueiras, o casal real celebrara os rituais nos templos de Ramsés II e de Ramsés III, colocara flores nas moradas de eternidade do Antigo Império e prestara homenagem ao touro Mnevis, encarnação terrestre do poder da luz.

Piankhi apreciava particularmente o pavilhão de “Áton do sicômoro” e a capela da árvore sagrada, nas folhas da qual um sacerdote, usando a máscara de Thot, inscrevera os nomes de coroação do faraó negro. Bosques, pomares, olivais lagos faziam de Heliópolis um lugar agradável para viver onde a presença dos deuses era perceptível a cada passo.

Apenas o capitão Lamerskény estava de mau humor.

— Estamos a perder tempo lamentava-se ele a Puarma. Olha para os nossos soldados: andam com camisas de mangas largas, saíotes plissados adornados com motivos em forma de campainha e bordados representando gazelas saltando na savana e fazem-se até perfumar por donzelas apaixonadas durante todo o dia! E todos esses dignitários, do chefe dos escribas ao portador da coroa, que não cessam de entoar louvores a Piankhi! Estamos a adormecer sobre os nossos colares de ouro e perdemos o gosto pela luta. Não será assim que nos apoderaremos de Athribis.

Puarma sorriu.

— Tem confiança, capitão. O Faraó não encontrará a solução?

Athribis, simbolizada por um touro negro, era uma cidade rica e poderosa na qual reinava com orgulho o príncipe Petisis, cujo nome significava “o dom de ísis”. Apesar da anarquia econômica que acompanhava a ocupação líbia, podia gabar-se de ter alimentado a totalidade dos habitantes da sua capital provincial cuja guarnição lhe era fiel.

Depois de saborear o prazer de um duche tépido, o príncipe Petisis tinha o hábito de se sentar à mesa bem fornecida do pequeno-almoço que os egípcios chamavam a “lavagem da boca”, porque, antes de comer, era conveniente purificá-la com natrão. Apreciava particularmente queijo de cabra e peixe seco.

Mas a notícia que o seu secretário particular acabava de dar-lhe tirara o apetite a Petisis.

— A fortaleza de Babilônia rendeu-se sem combater... É impossível!

— O comandante reconheceu a soberania do faraó negro. Não tinha portanto razão nenhuma para sacrificar a sua guarnição.

— Tefnakht ordenara-lhe que resistisse e ele sabia o preço dessa coragem! Onde está Piankhi?

— Reside em Heliópolis.

— Não tardará a atacar-nos... Convoca todos os oficiais da guarnição.

— O príncipe Akanosh acaba de chegar de Sebennytos e deseja falar-vos.

— Manda-o entrar.

Os dois homens cumprimentaram-se amigavelmente. Há muito que se apreciavam um ao outro.

— Viajaste de noite, Akanosh?

— Pus-me a caminho logo que soube da queda de Babilônia. Confirma-se a notícia?

— O comandante da fortaleza abriu as suas portas ao faraó negro. Piankhi nem sequer foi obrigado a fazer o assalto e não perdeu nenhum soldado.

— A primeira parte do plano de Tefnakht saldou-se portanto por um fracasso retumbante.

— E o exército de Piankhi vai apresentar-se intacto diante dos muros da minha cidade...

— É necessário pôr cobro a esta guerra — declarou Akanosh.

— Sugeres-me que...?

— Abras também as portas da tua cidade e te submetas ao faraó legítimo.

— Tens perfeita consciência do que esse conselho implica?

— Não é uma traição, Petísis. Sob o comando de Tefnakht, tentamos vencer Piankhi e fracassamos. Hoje, ele é o faraó e devemos-lhe obediência. Por que fazer sofrer em vão as nossas províncias?

Akanosh jogara tudo por tudo. Petísis podia ordenar a sua detenção e enviá-lo para Saís, onde seria executado.

— Tenho um segredo a confiar-te, Akanosh: não sou líbio mas sim egípcio. Que Athribis regresse ao domínio de um autêntico faraó é a alegria da minha velhice.

— Estás deslumbrante — disse o capitão Puarma ao seu colega Lamerskény. — Essa camisa de mangas curtas e largas fica-te muito bem.

— Basta, arqueiro! Odeio estas cerimônias mundanas.

— Esta não é banal! Ver o príncipe de Athribis entregar a sua cidade a Piankhi não é um espetáculo vulgar.

— Somos soldados, não somos cortesãos. Teria preferido conquistar essa fortaleza na ponta da espada.

— Guarda as tuas forças para Saís... Podes ter a certeza que Tefnakht não se renderá.

Foi a bordo do navio almirante que Piankhi e Abilé acostaram ao porto de Athribis. O príncipe Petísis mandara erigir um pavilhão de madeira dourada para receber o par real ao abrigo dos raios do sol.

— Entrai em vossa casa, Majestade. Os seus tesouros são-vos oferecidos: eis para vós os meus lingotes de ouro, grande quantidade de turquesas, colares, amuletos, serviços de mesa em ouro, vestuário de linho real, roupas de cama confeccionadas com linho fino, óleo de incenso, boiões com unguentos e os numerosos cavalos das minhas escudarias.

— Ofereces-me os melhores deles?

— Quem vos ocultar a elite dos seus cavalos, Majestade, que morra de imediato!

— Ergue-te, Petísis.

— Sou filho de egípcio, Majestade, e estou-vos grato por devolverdes a liberdade a Athribis. Quanto aos líbios filhos de líbios, submetem-se hoje à vossa autoridade.

O primeiro a avançar foi o príncipe Akanosh, na companhia da esposa. Piankhi admirou a sua nobreza desprovida de qualquer sentido de inferioridade.

— Estamos vencidos. A partir de agora, a província de Sebennytos pertence ao faraó do Egito. Possa ele mostrar-se indulgente para com os meus súbditos e a minha esposa, de origem

núbia mas fiel ao seu clã.

— Louvada seja a tua sabedoria — respondeu Piankhi. — Serve fielmente este país e o seu rei e continua a ser o governador de Sebenny tos.

— Confiais em mim, um libio?

— Confio num homem preocupado em salvar a sua província e os seus habitantes. Visto que colocas a sua existência à frente da tua, saberás torná-los felizes.

Governadores, administradores, conselheiros, juizes, oficiais, uns de origem egípcia e outros libia, vieram sucessivamente prestar juramento de fidelidade ao faraó negro. O príncipe da rica cidade de Letopólis imitou-os.

A cada um Piankhi determinou o lugar que devia ocupar, no respeito pela lei de Maât e para preservar a unidade das Duas Terras, de que seria o garante inflexível. A festa só começou tarde da noite, depois de o governo da maior parte do Delta ter sido estabelecido.

Mastigando uma coxa de pato assado regada com vinho branco doce, Lamerskény não pôde impedir-se de refletir em voz alta.

— Falta Saís, a capital de Tefnakht... A última batalha e a mais bela de todas!

O mangusto de Piankhi saltou-lhe para o braço de acácia.

— Ora aqui estás tu! Proteger-nos-ás até ao fim, não é verdade?

O pequeno carnívoro subiu até ao ombro e lambeu a face do herói.

— O faraó tem razão: é necessário levar a obra até ao fim. Era pena morrer na última etapa.

Os últimos fiéis a Tefnakht estavam reunidos em redor do general no seu palácio de Saís. Os irredutíveis defendiam a luta total contra os núbios.

— Athribis traiu-nos — revelou Tefnakht — e a maior parte dos chefes de clã líbios submeteram-se a Piankhi.

— Que importa! — exclamou um velho oficial. — Não devemos lamentar esses cobardes. Pelo menos, sabemos com o que contar. Vinde a Mostai onde estão reunidas as nossas tropas, general, e verificareis que estamos prontos a bater-nos!

— Sabei que nunca me renderei. O nosso exército ainda é suficientemente forte para impedir Piankhi de se apoderar de Saís, que ele sonha pôr a ferro e fogo.

Um jovem oficial indignou-se.

— Estais errado, general! Piankhi não mandou matar nenhum civil e todos os que reconheceram a sua soberania não tiveram razão para se queixar.

— Quem está enganado és tu. O núbio tem apenas um objetivo: destruir-me e fazer desaparecer comigo todos os líbios. Até agora, dissimulou fingindo clemência. Amanhã, revelará a sua verdadeira natureza: uma implacável crueldade.

— O vosso discurso não é convincente, general. Fatos são fatos.

— Queres abandonar o meu exército?

— Aceitemos a derrota, general. Piankhi conceder-nos-á o seu perdão.

— O velho oficial cravou o seu punhal no peito do jovem que caiu no chão com os olhos abertos de espanto.

— Bater-nos-emos e venceremos — afirmou o assassino.

No mapa do Delta existia apenas uma única província por submeter: a de Saís, onde reinava Tefnakht.

— A última etapa — disse Lamerskény.

— Tefnakht manteve junto de si os seus melhores homens — considerou Puarma. — Até agora, Majestade, haveis poupado muitas vidas. Este confronto será sangrento.

Com o mangusto empoleirado no ombro, Piankhi estava pensativo.

— Se estivésseis no lugar de Tefnakht, que estratégia adotaríeis? Lamerskény coçou o braço de madeira.

— Nem uma única fortaleza nos resistiu... Saís não será exceção à regra. Permanecer ali encerrado não lhe dará qualquer hipótese de sobrevivência.

— Portanto, continuou Puarma — reuniu os seus homens noutro lugar, certamente num dos caminhos que conduzem a Saís.

— Posso mesmo indicar-vos o lugar exato onde ele nos espera: Mostai.

— Majestade, como...

— Foram os príncipes líbios que me deram essa informação. Queria no entanto verificar as vossas capacidades de raciocínio.

Lamerskény insurgiu-se.

— Visto que sabe que os seus aliados o abandonaram, sabe também que revelaram o nome de Mostai! Tefnakht deve ter modificado o local da emboscada.

— Não é forçoso... Precisa de um terreno de manobra favorável à deslocação dos seus carros e deslocar simultaneamente soldados e barcos não é assim tão fácil.

— Permite que me certifique solicitou Lamerskény.

Cabeça-fria estava dividido entre a alegria e a tristeza. Alegria por ver triunfar o faraó negro, tristeza por ser para sempre afastado de Napata e da Núbia. Como Piankhi decidira que ele se encarregaria de um ministério importante, o escriba pensava mandar vir a família para o Egito.

Mas onde residiria o par real, em Tebas ou em Mênfis? Certamente no Norte durante o Verão e no Sul durante o Inverno, desejando mostrar que o Faraó não negligenciava nem o Baixo nem o Alto Egito. Era ainda necessário esvaziar o abscesso de Saís, o último que afetava o grande corpo da terra amada pelos deuses.

Apesar da atmosfera alegre e descontraída que reinava em Athribis, Cabeça-fria sentia que Piankhi não estava calmo. Embora Tefnakht estivesse muito enfraquecido, o rei receava uma reação violenta e imprevista da parte do general líbio, um gesto de loucura que ensanguentaria o Norte. E o monarca inquietava-se também por causa de Lamerskény, cuja missão estava a demorar mais tempo do que fora previsto.

Quanto a Puarma, batia os pés de impaciência. Se não fosse um soldado disciplinado, teria de boa vontade desobedecido às ordens de Piankhi e ido reunir-se ao seu colega, com certeza em dificuldades.

À força de desafiar a sorte, Lamerskény talvez tivesse perdido o jogo.

Estava coberto de pó, cansado, sedento e mal-humorado, mas vivo.

Lamerskény recusou-se a falar antes de ter bebido um jarro de cerveja fresca e limpo o braço de acácia no qual se encontravam cravados grande quantidade de espinhos.

— Tive que seguir pelas moitas — explicou — escapar às serpentes e aos escorpiões e depois meti por um pântano, próximo de Mostai. E vi-os: barcos num canal e um acampamento de soldados de infantaria.

— Muitos? — perguntou Piankhi.

— Não terão peso. Proponho que ataquemos simultaneamente o canal e o acampamento. Os nossos barcos forçarão com facilidade a passagem, os nossos arqueiros eliminarão os dois postos de guarda e os nossos carros utilizarão a pista do Norte para dizimar os soldados.

Puarma não opôs objeções.

De boa vontade tiraria um dia ou dois de repouso acrescentou Lamerskény mas é preferível agir com rapidez.

Piankhi teria podido exigir o auxílio dos príncipes líbios, mas preferiu, nesse último combate, contar apenas com o seu próprio exército, o que o tinha servido com total fidelidade desde a partida de Napata.

O capitão Puarma ousou formular a hipótese que o angustiava.

— Majestade... Se esta batalha se saldasse por uma derrota, toda a vossa obra ficaria reduzida a nada e a anarquia reinaria de novo.

Lamerskény indignou-se.

— Fui eu que observei as posições e os efetivos do inimigo, não um dos teus arqueiros. Nenhuma armadilha nos espera.

— E se um exército líbio de reserva, com carros e...

— Não existe, Puarma! São as últimas forças de Tefnakht e esmagá-las-emos.

Piankhi e Abilé passeavam de barco no lago de recreio do palácio de Athribis, com o próprio rei a manejar os remos. Envergando uma rede que revelava tanto como ocultava, a rainha protegia-se do sol com um guarda-sol portátil.

— É a última etapa, não é verdade?

— Creio que Lamerskény tem razão, com efeito.

— No entanto, os teus oficiais estão inquietos.

— É verdade, Abilé. Dir-se-ia que o espectro da derrota lhes rói a alma.

— O mau olhado... Ele é que tenta penetrar nas nossas fileiras. É necessário esconjurá-lo antes de lançar o ataque.

— O que propões?

— Celebremos o mais antigo dos nossos rituais: a quebra dos vasos vermelhos.

Durante a noite que precedeu a partida do exército núbio para Mostai, a rainha Abilé, agindo em nome da deusa Sekhet, quebrou nas lajes do templo vários vasos vermelhos cobertos com o nome de Tefnakht. Privava assim o líbio do dinamismo e da violência do deus Seth, expressos pela cor vermelha.

Pouco depois do fim do ritual, o capitão Puarma sentiu-se livre da opressão que há já alguns dias o impedia de respirar normalmente e vários soldados sentiram o mesmo alívio.

A magia da rainha Abilé era mais eficaz do que a de Tefnakht. O exército núbio partiu pois cantando à conquista do último bastião nortista.

Não conseguindo suportar mais o imobilismo, Tefnakht decidira atacar as tropas de Piankhi estacionadas em Athribis. Aproveitando o efeito de surpresa, infligir-lhes-ia pesadas perdas antes de se retirar e preparar outras operações de guerrilha.

Com um boldrié cruzado no peito, os cabelos entrançados, a fina barba cortada em bico, tatuagens guerreiras nos braços, peito e abdômen, só faltava aos soldados líbios fixarem duas plumas na cabeleira. Nem os doentes nem os idosos tinham consentido em ficar para trás e até o velho chefe dos carreiros Pisap, com setenta anos, saíra da sua reforma para participar no combate que devolveria a confiança à tropa de Tefnakht.

O general não conseguira conciliar o sono. Fora uma noite agitada, povoada de visões dolorosas mostrando os núbios caindo sobre ele como as vagas de um Nilo em fúria. Tefnakht passeou pelo acampamento adormecido, banhado pela luz da lua e, pela primeira vez, sentiu dúvidas.

Duvidou de si próprio, da justeza da sua ação e da utilidade do seu combate. Não tinham o céu e os deuses proporcionado numerosos sinais para lhe abrir os olhos? Enviado por Amon, reconhecido como Faraó, Piankhi avançara pelo caminho dos justos e espalhara a alegria e a paz, enquanto que ele, o revoltado e o perturbador, estava só e na beira do abismo.

A madrugada nascia, mas as aves não cantavam. Ao longe, um rugido assustara-os. Um rugido que aumentava a cada segundo... Os carros de Piankhi!

O general deu ordem às trombetas para tocarem a alarme. Despertados em sobressalto, os soldados equiparam-se à pressa, enquanto as guarnições dos carros atrelavam os cavalos.

Os arqueiros de Puarma já tinham eliminado as sentinelas ao mesmo tempo que a frota de Piankhi atacava os barcos de Tefnakht cujas guarnições, em pânico, esboçavam uma medíocre defesa.

Tefnakht compreendeu rapidamente que a sua única hipótese de fazer parar o ataque núbio era vencer os carros inimigos. À frente do seu corpo de elite, apenas restava ao general a hipótese do choque frontal.

— Avante! gritou.

A seu lado, o velho Pisap, solidamente amarrado à caixa do carro com uma tira de cabedal, segurava as rédeas com mão firme.

— Onde está o meu escudeiro?

— Está a vomitar... Tem medo de morrer. Não receie, general: saberei guiar os seus cavalos. Quanto a vós, matai o máximo de núbios!

Os líbios não tinham falta nem de coragem nem de destreza, mas o terreno acidentado rapidamente lhes foi desfavorável. Partiram-se várias rodas dos carros, enquanto que as do exército de Piankhi, como prometera o carpinteiro de Napata, resistiam à velocidade e às irregularidades do caminho.

Desequilibrados, os arqueiros e os lançadores de dardos falhavam a maior parte dos seus alvos, enquanto os núbios acertavam praticamente todos os disparos. E depois, o milagre: a menos de cinquenta metros de Tefnakht, Piankhi no seu cavalo baio! Piankhi ao alcance das suas flechas, inconsciente do perigo que corria.

O general retesou o arco, fez pontaria e disparou.

Valoroso deu um salto prodigioso para evitar um carro líbio que se voltara e a flecha raspou a nuca do faraó negro.

— General, — constatou Pisap, desesperado — temos de fugir. Tefnakht voltou-se. — Os seus carros estavam fora de combate.

— Segue para o canal!

Julgando que o general tinha concebido um projeto de contra-ataque, Pisap lançou-se a toda a velocidade para abrir passagem.

Tefnakht saltou para o chão, correu para o primeiro barco fundeado, apoderou-se de uma tocha e incendiou a vela. O vento do mar ateou o fogo, a popa pegou fogo e as chamas propagaram-se ao barco mais próximo.

Pisap estava aterrado.

— Porquê, general...?

— Piankhi não se apoderará da minha frota. Agora, vamos morrer. Regressemos ao combate.

— Não, fujamos-lhes!

— Impossível.

— Metamos pelo carreiro que segue ao longo do canal e atravessemos o campo de trigo em direção ao norte. Nos pântanos do Delta, estaremos protegidos. Conheço esconderijos que os soldados de Piankhi não descobrirão.

— O carro é grande demais.

— Vamos, meus lindos! — berrou Pisap. — Vamos! Os cavalos partiram.

Do exército líbio restavam apenas raros sobreviventes, na sua maior parte mortalmente feridos. As forças de elite do general Tefnakht tinham sido aniquiladas. Piankhi ordenou aos médicos militares que se ocupassem dos infelizes e depois apresentou-se a cavalo em frente dos seus soldados que o aclamavam.

— Não haveis combatido pela glória de um homem — declarou-lhes — mas pelo Egito e pelo seu faraó, o representante na terra da lei celeste de Maât. Esta guerra terminou e a partir de hoje passais a ser os construtores da paz. Não cometeis qualquer excesso, sede os protetores dos fracos, garanti a segurança da população: assim conseguireis a vossa mais bela vitória.

Na companhia de Lamerskény e de Puarma, Piankhi percorreu o campo de batalha em busca do cadáver de Tefnakht. Os núbios cortavam a mão direita dos mortos para estabelecer uma contabilidade fúnebre que os escribas anotavam nas suas tabuinhas.

Por duas vezes, Puarma julgou identificar o general, de acordo com a descrição que lhe fizera um carreiro líbio ferido num ombro. Mas confrontado com os despojos, o carreiro desfez o engano do chefe dos arqueiros.

Reunindo vários testemunhos, Lamerskény chegou à conclusão que Tefnakht fugira num carro em direção ao norte. Com o auxílio de diversos batedores, descobriu a pista na qual estavam marcadas as rodas do carro.

Piankhi não dissimulou a sua contrariedade.

— Portanto, Tefnakht continua vivo...

— Vou lançar diversos esquadrões em sua busca, — decidiu Puarma.

Enrolado numa bola, o mangusto dormia nos joelhos de Piankhi, sentado num trono de madeira de sicômoro dourado, na obscuridade da sala de audiências de Saís onde, dantes, Tefnakht impunha a sua lei.

Submetida ao faraó negro, a cidade da deusa Neith mergulhara numa perfeita quietude, certa de que Piankhi pouparia os seus habitantes. Mas o faraó negro não conseguira adormecer e viera recolher-se naquele local onde o seu adversário concebera os seus projetos insensatos.

No silêncio do palácio abandonado, Piankhi pensou no inimigo vencido, privado de todo o apoio. Tefnakht seguira a sua quimera até ao extremo limite das suas forças com uma convicção que as sucessivas derrotas não tinham afetado, mas enganara-se acerca do seu próprio destino e do do Egito.

Descalça, a rainha Abilé avançou no escuro, sentou-se aos pés do trono e pousou a cabeça na perna do marido.

— Qual o resultado das buscas?

— Nenhum — respondeu, Piankhi. — Tefnakht conhece bem os pântanos e as ilhas do Delta e saltará de esconderijo em esconderijo.

— Porque não o abandonas à sua solidão?

— Porque ele próprio se não contentará com isso. Há-de reunir um bando de barqueiros e pescadores, pilhará as aldeias e espalhará a insegurança nas margens do país. Isso, não posso admitir.

Tefnakht não estava tão só como Piankhi supunha. Avançando pelo mundo estranho e perigoso dos pântanos do Delta, pensava nas pequenas comunidades de pescadores que saberia reunir para lutarem contra os núbios. O velho Pisap tinha família entre os barqueiros que percorriam os canais, a norte de Saís, e não deixariam de vir em seu auxílio.

Os dois líbios tinham abandonado o carro, que se tornara inútil, para se deslocarem com o auxílio de um barco de papiro, entre as sebes de juncos. Nenhum núbio os conseguiria seguir naquele Dédaló que era preciso conhecer na perfeição para chegar às ilhotas nas quais se encontravam construídas as cabanas dos pescadores.

Foi para uma dessas ilhotas que Tefnakht e Pisap se dirigiram. De bom tamanho, oculta por maciços de papiros onde se abrigavam dezenas de aves, fora nivelada para receber um santuário de pedra dedicado à deusa-serpente Uadjet, a que renovava a vida e a energia.

Ali ocultara ouro e pedras preciosas o tesoureiro do exército líbio, quando vinha caçar para aquela região. Graças a essa pequena fortuna, Tefnakht poderia pagar a mercenários e manter uma guerrilha permanente contra Piankhi.

Depois de terem comido peixe grelhado, os dois homens adormeceram.

A meio da noite, Tefnakht ouviu um ruído suspeito, semelhante a um bater de asas. Com a espada na mão, saiu da cabana.

Apesar da ausência de lua, oculta pelas nuvens, estava claro como em pleno dia.

Empoleirada no cimo de uma haste de papiro com a altura de seis metros, uma andorinha com cabeça humana fixava-o com olhar acusador.

— Então o mito dizia a verdade... Quando os antepassados regressavam do além, assumiam a forma de aves com rosto humano, sob o efeito da luz.

Os traços da andorinha transformaram-se e Tefnakht julgou distinguir os dos Tutmósis, de Amenhotep, de Ramsés o Grande... E todos esses faraós o censuravam.

Ergueu-se um vento violento, a escuridão devorou a claridade e a andorinha levantou vôo, deixando atrás de si um rasto turquesa.

— Vou encarregar-te de uma missão importante, Pisap: leva esta mensagem a Piankhi.

O ancião coçou a orelha.

— Devo ter ouvido mal, general.

— Compreendeste perfeitamente.

— Vós, Tefnakht, vós quereis... render-vos?

— Não, negociar. Como embaixador da província de Saís, nada tens a recear.

— Então... renunciais a lutar?

— Sim, Pisap. Esta noite, os meus antepassados apareceram-me e convenceram-me que enveredara por mau caminho. Existe hoje um rei legítimo, coroado em Heliópolis, em Mênfis e em Tebas, e é a ele que todos devemos obedecer. Foi o faraó negro que conseguiu realizar a unidade com que eu sonhava. Os meus olhos estavam fechados, acabam de abrir-se. Se o Egito conhece finalmente a paz, porque hei-de continuar a comportar-me como destruidor?

— Com negociações ou sem elas, sabeis o que vos espera.

— Como rebelde, serei condenado à morte. O Faraó é obrigado a tomar essa decisão. No lugar de Piankhi, agiria da mesma maneira. Mas quero morrer de pé, em frente dos meus juizes, não como um fugitivo abatido pelas costas com uma flecha. Quero também que a minha submissão acalme os últimos revoltados e que a guerra saia dos seus corações. Quero finalmente que o Faraó me conceda o seu perdão para que eu possa defender a minha causa perante o tribunal do outro mundo.

— Despacha-te, Lamerskény, vamos chegar atrasados! Já devias estar lavado, barbeado e vestido!

— Tenho sono, Puarma... Vai sozinho.

Delicadamente, Puarma obrigou a sair da cama a jovem de harmonioso peito e ancas delicadas que era a causa da fadiga de Lamerskény. Ela concedeu ao capitão dos arqueiros um sorriso maravilhoso, mas o núbio não tinha infelizmente tempo para homenagear os seus encantos.

Como Lamerskény se voltasse para o outro lado para mergulhar de novo numa recordação de beatitude, Puarma deitou-o abaixo da cama.

Ao cair no lajeado, Lamerskény ficou meio acordado.

— Odeio essas cerimônias militares resmungou esfregando os rins.

— Um pouco de água gelada decidir-te-ia?

— Ah não, isso não!

— Então, despacha-te!

— Imaginas as censuras que nos vão cair em cima porque ainda não conseguimos interceptar esse maldito Tefnakht?

— É preferível obedecermos às ordens do faraó e irmos a essa cerimônia. Ponho-te pelas costas uma túnica quase correta e segues-me sem discutir.

Com a mente embotada, Lamerskény saiu do quarto.

Misturado com a multidão de cortesãos, ele dormia em pé quando Piankhi começou a distribuição das moscas de ouro que recompensavam os soldados distinguidos pelos seus atos de bravura e freqüentes ataques ao inimigo.

— Chegou o momento de honrar os nossos oficiais superiores — declarou o faraó. — Penso em primeiro lugar naquele que não hesitou em arriscar a vida diversas vezes para conter o inimigo antes de o esmagar. Graças à sua eficácia e à dos seus arqueiros, o capitão Puarma merece ser elevado ao posto de general.

Lamerskény abriu os olhos, espantado. Viu Puarma destacar-se da multidão e apresentar-se perante o rei. Puarma general! Um arqueiro que não tinha qualquer sentido de estratégia e nem sequer seria capaz de tomar a mínima iniciativa!

Afinal, porque não? O arqueiro era jovem, não tinha falta de coragem. É certo que seria um mau general, mas não havia outro melhor do que ele.

— Os mesmos elogios e o mesmo posto devem ser concedidos a Lamerskény continuou Piankhi.

O homem do braço de acácia julgou ter ouvido mal. Imobilizado, sentia-se incapaz de

avançar. Puarma veio buscá-lo e conduziu-o perante o monarca, que o condecorou com a mosca de ouro.

— Sinto-me orgulhoso de vós, meus generais. Comandareis ambos o exército do Egito, onde Atualmente coabitam núbios, líbios e egípcios. Compete-vos garantir a coesão das nossas tropas.

— General Lamerskény, — disse Cabeça-fria, — visivelmente agitado um embaixador de Tefnakht pede para ver Sua Majestade!

— Estou em plena recepção oficial resmungou Lamerskény com voz pastosa.

— General, é sério!

Para festejar a sua promoção, Lamerskény tinha convidado os seus soldados para beberem vinho forte dos oásis sem o diluir com água. Como era evidente, o novo general dera o exemplo sem fraquejar.

— O homem chama-se Pisap, continuou Cabeça-fria — e traz um documento com o selo de Tefnakht.

Um segundo milagre no mesmo dia... Lamerskény despejou sobre a cabeça o conteúdo de um jarro de água, mas a miragem não se dissipou- o escriba era real.

— Tentando comportar-se com a dignidade que devia ter um general, Lamerskény ouviu as explicações do velho Pisap e concordou em conduzi-lo até junto do rei que estava a tratar do seu cavalo.

A estatura do faraó negro assustou o velho líbio, que ficou de repente incapaz de pronunciar uma única palavra.

— Este embaixador tem realmente algum pedido a fazer?

Lamerskény tirou o papiro das mãos de Pisap, quebrou o selo de lama, desenrolou o documento e leu o texto em voz alta.

“Do general Tefnakht para o faraó do Alto e do Baixo Egito, que viva, esteja próspero e de boa saúde. A paz seja contigo, Piankhi, visto que ninguém te pode olhar de frente, visto que ninguém pode suportar o fogo que te anima e que brilha nos teus olhos. És o touro de braço poderoso e vitorioso. Não deverá o teu coração serenar depois da derrota que me infligiste? Eu, Tefnakht, sou um homem perdido e arruinado. Julga-me com clemência, corta os ramos mortos da árvore mas não arranques as suas raízes. Sim, tenho medo de ti e esse receio rasga-me o ventre e torna os meus ossos dolorosos. Desde o dia em que me venceste, apenas comi o pão da fome, bebi a água da sede, o meu vestuário está rasgado, o meu corpo é apenas sofrimento. Poderá a própria deusa Neith, a patrona da minha cidade, perdoar o meu desnoiteamento? Tu continuas a perseguir-me, impões-me uma fuga interminável e eu estou no limite das minhas forças. É por isso que te suplico que me laves dos meus erros. Toma posse dos meus bens, dos meus cavalos, que eles vão enriquecer o teu tesouro, mas responde favoravelmente ao meu pedido para que a angústia abandone o meu coração.”

Piankhi observara o mangusto que, depois de ter farejado durante um bocado o velho Pisap, adormecera. Este não representava portanto qualquer perigo.

— Tens outra mensagem a transmitir-me? — perguntou o rei ao embaixador que não parava de tremer.

— Sim, sim, Majestade... Tefnakht gostaria de vos encontrar a sós, no templo da deusa Neith.

Sentados lado a lado no tronco de uma palmeira caída, o obeso Otokou e o rabugento Kapa, com as mãos nodosas apoiadas no castão da bengala, olhavam o deserto da Núbia.

— As notícias são excelentes — revelou Otokou. — A partir de agora, o Norte, o Sul, o Oeste e o Leste obedecem a Piankhi. Já não há uma única província não submetida e todas as cidades prestam homenagem ao senhor das Duas Terras.

— Muito bem, muito bem... comentou Kapa. De qualquer forma, eu teria cortado o pescoço a Pefteu e a Nemrod, esses príncipes tão propícios a trair!

— Pefteu está doente e não tardará a retirar-se. Quanto a Nemrod, tornou-se o mais inflamado partidário de Piankhi e... não tem qualquer liberdade de manobra!

— Onde se vai instalar o faraó?

— Em Mênfis, para controlar permanentemente o Delta.

— Uma sábia decisão.

— Mênfis fica tão longe...

— Resigna-te, Otokou: continuarás a ser um bom governador e envelhecemos tranquilamente juntos, na nossa boa e velha cidade de Napata. Piankhi deixou-nos tantas recordações boas que passaremos o tempo a saboreá-las. Atualmente, a sua tarefa tem a dimensão do Egito.

— É verdade que é um triunfo, mas priva-nos para sempre da presença do rei e da rainha.

— O seu destino não pode ser comparado ao nosso, pois eles não pertencem a si próprios. Face à felicidade e à prosperidade do país e do seu povo, os seus desejos não contam.

Com o coração triste, Otokou trincou várias panquecas quentes empilhadas umas em cima das outras. Por que havia aquele velho de ter sempre a última palavra?

Com a concordância do seu colega Puarma, o general Lamerskény manifestou a sua desaprovação.

— É excessivamente perigoso, Majestade! Não acredito nem por um instante no arrependimento de Tefnakht. Mentiu para vos comover e prepara uma última emboscada. Se quer encontrar-se convosco a sós é para vos matar.

— Consideras-me incapaz de me defender?

— Porque haveis de correr riscos inúteis, no momento em que o país tem tanta: necessidade de vós?

— Permite pelo menos que o reviste solicitou Puarma.

— Ei-lo! — anunciou um vigia.

Conduzido pelo velho Pisap, o carro do general vencido estava num estado deplorável: a direção rachada, a caixa de banda e as rodas prestes a quebrar-se. Piankhi apenas notou o deplorável estado dos esgotados cavalos.

Concededores das exigências de Piankhi, os palafreiros levaram imediatamente os animais para as estrebarias do palácio para tratarem deles. Lamerskény passou o braço pelos ombros do velho Pisap.

— O faraó negro vai matar Tefnakht, não é verdade?

— Conheces a lei da guerra, veterano. Vem refrescar-te para esquecer o que se vai passar.

Tefnakht estava hirsuto, barbudo e vestido com farrapos. A sua estadia nos pântanos transformara-o num miserável, mas mantinha o olhar orgulhoso.

O derrotado passou entre duas filas de soldados estupefatos e avançou até ao limiar do templo onde Puarma o esperava.

O núbio revistou-o. Tefnakht não trazia nenhuma arma escondida.

Empoleirado na cabeça de uma estátua e encarregado de afastar os profanos, o mangusto não manifestou qualquer animosidade.

— O faraó espera-te no interior do templo — disse Puarma. — Tefnakht franqueou o pórtico monumental, atravessou o grande pátio a céu aberto e penetrou na primeira sala de colunas, cuja porta tinha sido deixada entreaberta.

Com a dupla coroa simbolizando o Alto e o Baixo Egito, um largo colar de ouro, um saiote branco e sandálias brancas, o faraó negro estava imóvel sob um raio de luz.

Ao contemplá-lo tão de perto, Tefnakht compreendeu por que razão nunca teria conseguido vencê-lo. À sua compleição atlética correspondia uma alma indomável, capaz de se aventurar por caminhos desconhecidos e enfrentar o impossível sem fraquejar. Piankhi nem sequer pensava no triunfo; avançava, fosse quais fossem os obstáculos, e a vitória era-lhe oferecida por acréscimo.

— Estou nas tuas mãos, — declarou Tefnakht.

De uma bainha de prata dourada que uma representação do deus Amon com cabeça de carneiro adornava, Piankhi tirou uma adaga.

Tefnakht estremeceu mas não recuou. Tal como desejara, olhava a morte de frente.

— Exijo um juramento de fidelidade, — disse o monarca.

Movido por uma força que o dominava, Tefnakht prostrou-se pela primeira vez na sua vida.

— Não transgredirei a lei de Maât, — prometeu — obedecerei às ordens do faraó, farei aplicar os seus decretos, não atacarei os seus aliados e agirei de acordo com a sua vontade.

Quando Tefnakht se ergueu, a adaga regressara à bainha.

— Príncipe Tefnakht, confio-te o governo da cidade de Sais, que conheces melhor do que ninguém. Sabe tornar felizes os habitantes da tua província aplicando com rigor as diretivas que te transmitirei. Dirigir-te-ás todos os dias ao templo para seres purificado. Todos os meses lá residirás três dias, longe das preocupações e dos assuntos deste mundo, para ouvires a palavra dos deuses e fazer calar em ti qualquer veleidade de revolta contra Maât. Comprometes-te, pela tua vida e pela do Faraó, a respeitar estes deveres?

— Comprometo-me, Majestade.

Quando a frota núbica se aproximou de Napata, Otokou pensou no esgotante trabalho administrativo que o esperava. Tal como prometera, Piankhi tinha enviado ouro, prata, cobre, tecidos preciosos e essências raras destinadas ao templo de Amon. Seria necessário inventariar aquelas riquezas sob o olhar atento de Kapa e o obeso sabia que o decano do grande conselho não toleraria a mínima imprecisão. Se Cabeça-fria se tivesse podido ocupar daquelas formalidades... Otokou não tinha confiança em nenhum outro escriba e preferia encarregar-se pessoalmente da

pesada tarefa.

Toda a população de Napata se amontoara no cais para acolher os soldados que tinham a sorte de regressar à Núbia, enquanto os seus camaradas permaneceriam no Egito, quer em Mênfis quer em Tebas, sob as ordens dos generais Puarma e Lamerskény.

As pessoas cantavam, abraçavam-se, aclamavam o nome de Piankhi, cobriam de folhas de palmeira os marinheiros que, antes de desembarcar, tinham oferecido um sacrifício ao suave vento do norte.

— Kapa...

— O que é, Otokou? resmungou o velho, que se sentia importunado pelas suas manifestações ruidosas.

— É... é o Cabeça-fria!

— A minha vista já não é muito boa... Tens a certeza?

— Está a descer a passarela a correr!

— A multidão afastava-se à passagem do anão cuja reputação de grande dignitário era mais do que reconhecida.

Otokou deveria ter-se congratulado, mas a estupefação cortava-lhe a respiração.

— Olha, Kapa, olha bem!

— Acabo de te dizer que a minha vista está má.

— À proa do navio almirante, é Piankhi... Piankhi e a rainha Abilé!

— Estás a divagar, Otokou.

— O faraó está de regresso!

Os cento e sessenta quilos do obeso puseram-se em movimento e, com a agilidade de um elefante, lançou-se para a passarela de forma a ser o primeiro a inclinar-se perante o par real, não sem antes ter esmagado alguns pés.

— Majestade... Sois vós, sois bem vós?

— Mudei assim tanto?

— Vós... vós não haveis ficado em Mênfis?

— Cumpri a minha missão, Otokou. O Egito é de novo uno, as Duas Terras estão em paz, cada província tem o seu chefe e todos obedecem ao faraó. O meu lugar é aqui, em Napata, junto do meu pai Amon. Foi ele que me guiou, é ele que me protege, era para ele que deveria voltar. Atualmente, a lei de Maât reina tanto no Delta como no vale do Nilo e os dias felizes escoam-se ao ritmo das festas e dos rituais. Se, amanhã, o povo do Egito tiver necessidade do meu braço para impedir a ditadura da infelicidade e da injustiça, regressarei.

Enquanto era organizada a festa, Piankhi e a esposa dirigiram-se para a montanha santa. O sol dourava a areia do deserto e iluminava as portas do grande templo.

— Só tu conheces o meu segredo — disse o rei a Abilé. — Só tu sabes que o poder não é o objetivo da minha vida e que a única viagem que desejo realizar é a que foi traçada neste santuário pelos deuses e os antepassados. Nem o ruído das armas nem o concerto dos louvores dos cortesãos poderia constituir a harmonia da minha vida.

— Realizaste uma obra alquímica ao abrir os corações para os fazer descobrir os seus

verdadeiros deveres e colocando cada um no devido lugar. Não mudaste o nosso mundo, mas deste-lhe sentido. Todos os dias faremos oferendas aos deuses e rogar-lhes-emos que nos permitam enfrentar os inimigos que nos esperam no caminho da velhice.

— Também esse combate havemos de vencer — prometeu o monarca.

— Sim, Piankhi, porque a deusa do amor faz dançar de alegria as estrelas do céu, o nosso verdadeiro país.

Juntos, o Faraó e a grande esposa real franquearam a porta monumental do templo, “o céu na terra”, onde as trevas se transformavam em luz.

FIM.

Piankhi foi um dos faraós da XXV dinastia e reinou pouco mais de trinta anos (747-715). É difícil datar com exactidão a reconquista do Egito: cerca de 730 ou no fim do seu reinado?

A sua prodigiosa aventura é relatada por uma Estela de grandes dimensões (1, 80 metros de altura, 1, 84 metros de largura) conservada no Museu do Cairo (Registo de entrada 48862, completado pelos fragmentos JE 47086-47089). Foi descoberta em 1862, no lugar de Gebel Barkal, a “Montanha Pura”, e exposta por Mariette no seu Museu de Boulaq antes de ser transferida para o atual Museu das Antiguidades.

Essa Estela foi objeto de várias traduções e de numerosos estudos de conjunto ou de pormenor, entre os quais podemos citar alguns exemplos:

E. de Rougé, “Inscription historique du roi Pianchi-Meriamoun”, in *Revue archéologique*, tomo VIII, 1863, p. 94 sg; *Chrestomathie égyptienne*, fase. iv, 1876.

F. J. Lauth, “Die Pianchi-Stele”, in *Abhandlungen der königlichen Akademie der Wissenschaften*, XII (1871), pp. 241-314.

H. Schäfer, *Urkunden der älteren Aethiopenkönige*, (Urkunden, III), 1905, pp. 1-56.

J. H. Breasted, *Ancient Records of Egypt*, vol. IV, 1906, pp. 406-444.

N. C. Grimal, *La Stèle triomphale de Pi(ankh)y au musée du Caire*, Cairo, 1981.

[1] Os acontecimentos desenrolam-se cerca de 730 a 710 a.C

[2] Cursos de água temporários das regiões desérticas

[3] Representação da naja, símbolo, para os egípcios, da divindade e da realeza, bem como das divisões do céu, Oriente e Ocidente.

[4] Faraó da XVIII dinastia, Tutmósis reinou de 1504 a 1450, ou seja, sete séculos antes de Piankhi.

[5] O seu nome completo é Chép-en-Oupet, “o Dom da deusa Oupet (a fecundidade espiritual)”

[6] O icneumo, denominado “rato do Faraó”.

[7] Amenófis também mandou edificar o templo de Luxor, um dos brasões de Tebas, num período em que as Duas Terras eram unidas, ricas e felizes.

[8] 11, 44 metros.

[9] Babilónia é o nome posterior da antiga fortaleza de Kher-Âhâ.